



ALEXANDRE SANTOS

OUTRA GUERRA DO FIM DO MUNDO

OUTRA GUERRA DO FIM DO MUNDO

Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de Desenvolvimento Cultural

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Jacinto Almeida

José Kameniecki

Caio Porto

Carlos Newton Júnior

FICHA CATALOGRÁFICA

S237o

1.ed. Santos, Alexandre

Outra guerra do fim do mundo / Alexandre Santos. -

1.ed. - Recife, PE : Edições Moinho, 2026.

236 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-997630-3-8

1. Romance brasileiro. I. Título.

08-2026/08

CDD B869.3

OUTRA GUERRA DO FIM DO MUNDO

A José Kameniecki

Ninguém é tão insipiente que nada tenha a ensinar ou tão
sábio que nada tenha a aprender

Prefácio

Nos últimos cem anos, o mundo passara por muitas modificações.

Modificações radicais.

Modificações definitivas.

Embora os astrofísicos dissessem que as aparências geográfica, morfológica, geológica, topográfica e climática do planeta permanecessem as mesmas, a Humanidade mudara e, por isso, a Terra também mudara. Aliás, considerando a opinião de cientistas, artistas, políticos, infectologistas, economistas, sociólogos e paleontólogos de diversas naturezas, historiadores afirmavam que, desde a Era Glacial, a Terra nunca passara por modificações tão profundas. Seguindo, talvez, a dialética, os estudiosos diziam que, mesmo sendo o mesmo, o Planeta de hoje era diferente daquele [Planeta] de ontem. Não se tratava de uma questão filosófica. O Planeta estava diferente mesmo. De fato, dispensando lupa, uma observação qualquer mostrava que, estando sujeitos a novo *modus vivendi*, apesar de não aparentarem modificações externas e continuarem no topo da cadeia alimentar, os homens

estavam modificados, modificando, conseqüentemente o planeta. As observações mostravam, inclusive, que grande parte dos homens havia regredido na escala de evolução.

Estudos apontariam que, no curso da catástrofe, tinham surgido, pelo menos, duas espécies humanas - espécies que, apesar de idênticas do ponto de vista morfológico, além de desenvolver sistemas imunológicos peculiares, cultivavam e praticavam modos de organização comunitária muito diferentes, o que, por si só, era suficiente para torná-las díspares.

Talvez pela proximidade histórica, embora abundantes, os registros da calamidade e da metamorfose social subsequente eram incompletos e imprecisos. De qualquer forma, nos ambientes mais esclarecidos, sabia-se que, naqueles últimos tempos, o surgimento de novas linhagens da cepa original da nova mutação do coronavírus e os sucessivos desdobramentos da pandemia tinham provocado a morte de centenas de milhões de pessoas, transformando extensa parte da Terra num grande cemitério à céu aberto (naquilo que, poeticamente, Basílio da Gama chamou de 'pasto de corvos'), bafejado pelo cheiro nauseabundo, levemente adocicado, que os crematórios sanitários espalhados por todos os cantos das cidades vitimadas exalavam constantemente.

Uma hecatombe que, no dizer de muitos, significava o Juízo Final.

A tese do Juízo Final ganhava força especialmente porque, ao tempo que, em alguns lugares, cercadas pela morte, pelo medo e pelo sofrimento, populações miseráveis agonizavam a fome, a doença e os estertores próprios da Covid, experimentando o pior dos mundos, um mundo verdadeiramente infernal, em outros [lugares], comunidades tinham sobrevivido e superado a pandemia e, agora, já recuperadas, desfrutavam vida normal e começavam a dar passos rumo ao progresso, vivendo em óbvio Paraíso na Terra. Assim, nos termos da tese prevalecente, aqueles que habitavam o Paraíso eram os Escolhidos de Deus e aqueles que viviam a barbárie infernal eram os condenados ao fogo eterno.

Tudo muito lógico e muito bem explicado.

Por condenação de Deus ou infortúnio natural, dando um nítido indicador sobre o maior dos pecados, os países regidos pelo Egoísmo foram rapidamente levados à barbárie, experimentando a miséria generalizada e, sempre imersos em atmosfera contaminada, viviam constante ameaça de extinção. O caminho trilhado por estes países foi

marcado pela recusa de compreender a natureza das coisas e dos tempos. Com efeito, preocupados em manter o velho sistema baseado em disputas - um regime que, dando irrelevância ao conflito de desiguais, permitia e, mesmo, estimulava poderosos a aumentar a pobreza dos pobres, açambarcando nacos das suas parcas disponibilidades para ficarem mais ricos -, muitos governos desdenharam a segurança e o bem-estar das pessoas e, ao invés de enfrentar a pandemia com abordagens globais, preferiram tocar a vida como se nada estivesse acontecendo.

Assim, além de evocar princípios menores, como a 'importância de equilíbrios orçamentários' e a 'solidez da moeda', para repudiar projetos que exigissem a aplicação de recursos necessários para imunizar as pessoas e capazes de sustentá-las [as pessoas] durante longas quarentenas, os governos egoístas privatizaram a vacinação, excluindo os pobres da imunização, e forçaram as pessoas a manter as atividades econômicas como forma de obter o sustento do dia-a-dia. Em consequência, o vírus encontrou ambiente acolhedor, não só para se disseminar, mas, também, para desenvolver novas cepas - mutações que terminaram por também infectar as comunidades ricas (que se julgavam protegidas) e, ao final, contaminar a todos, levando aqueles países à debacle sanitária e falência econômica. Marcados pela pobreza generalizada e cercados pela morte, os países

regidos pelo Egoísmo se converteram em ambientes de anarquia e nascedouro de hordas que sobreviviam do saque, carcomendo o que restava de organização social.

Com a banda regida pela Solidariedade aconteceu coisa diferente.

De fato, estranhamente, sobre o mesmo planeta, em contraponto surreal como se representasse um enclave celestial no próprio inferno, significativos pedaços de terra pareceram imunes ao vendaval que dizimava o resto da Terra, deixando florescer abundância e, mesmo, alegria.

Um viajante estelar talvez não compreendesse como num mesmo planeta, podia, ao mesmo tempo, existir lugares tão díspares. Enquanto, no além do cinturão sanitário limítrofe das bandas politicamente antípodas, o coronavírus multiplicava mutações mortais, contaminando as multidões provocadas e permitidas pelo modo Egoísta de agir, no aquém [do cinturão limítrofe], o vírus tinha sido contido, restabelecendo o ambiente onde as pessoas puderam voltar à normalidade e prosperar.

Um olhar mais apurado deste viajante estelar mostraria que, na banda próspera, regidos pela Solidariedade e decididos a proteger a vida das pessoas, depois de recorrer às milenares técnicas de isolamento e

distanciamento [entre as pessoas] (e garantir a renda necessária para que, nestes períodos, elas pudessem manter o consumo dos bens necessários), os governos tinham investido em ciência e tecnologia para o desenvolvimento de vacinas e remédios contra a doença. Assim, guarnecidas por campanhas de vacinação em massa e dispensadas do trabalho para poder sobreviver, as pessoas puderam cumprir protocolos rigorosos de distanciamento e, sem ter por onde prosperar, a pandemia refluíu. Os habitantes desta banda saudável puderam, então, retomar a vida sem padecer as tristezas e torturas que afligiam a banda regida pelo Egoísmo, então duramente afetada pela pandemia.

Deste modo, criando o panorama descrito na literatura religiosa como Céu e Inferno, o Juízo Final dividiu o mundo em duas bandas: uma banda próspera e livre do vírus mortal, regida pela Solidariedade e chamada de 'Paraíso' pelos próprios moradores, e uma banda destruída pelo Egoísmo, chamada por todos de 'Profundezas', numa clara alusão ao inferno que encarnava.

Estava, pois, definida a essência do mais grave dos pecados: o Egoísmo.

Mais do que o vírus que tantos males trouxera à Humanidade, o modo de ser implícito e decorrente do Egoísmo era peça-chave do processo que dificultava, anulava ou impedia a realização bem-sucedida de esforços para conter a sua propagação [propagação do vírus] e para curar a doença por ele provocada, sendo, portanto, o elemento central da maldição. Além de mais grave, se visto no longo prazo, o Egoísmo era, também, o pecado mais dispendioso e prejudicial, inclusive para os egoístas, pois, tal como um bumerangue, cedo ou tarde, seus efeitos voltavam e os alcançavam [alcançavam os egoístas], cobrando-lhes pesadas prendas.

E, assim, com homens vivendo diferentes estágios de organização social espalhados pelo Céu e pelo Inferno, distribuídos no Paraíso ou nas Profundezas conforme o grau de afetação pela pandemia, a Humanidade experimentou recomeço, dando início a um novo período civilizatório. Surgiu, então, uma nova Civilização. Vinha marcada pelas diferenças e pelos desníveis que caracterizavam as bandas que compunham a nova Humanidade - o Paraíso, que oferecia a qualidade de vida desejada por todos, e as Profundezas, que negavam tudo a todos. Acirradas pelas vontades e pelas ambições decorrentes do Egoísmo característico da banda infernal, estavam postas as

condições para o despertar dos conflitos próprios das civilizações.

Dessa forma, reprisando o passado desde o nascedouro - fosse pela dificuldade de aprender com a história, [fosse] para atender vontades incontroláveis ou, ainda, [fosse] pela necessidade famélica -, as Profundezas protagonizaram os primeiros conflitos de sobrevivência e de rapina, dando início a mais uma longa história de disputas, as quais (aqueles homens não tinham como saber), pouco a pouco, se espalhariam por todo o planeta e, um dia, terminariam por provocar o fim daquele novo ciclo civilizatório, dando início a um outro.

A Terra continuava a girar.

PARTE I

Capítulo I

Os novos mundos

A dinâmica global decorrente da forma como os povos enfrentaram a pandemia terminou por dividir o mundo em duas bandas.

Numa delas, a banda oriental, estava o Paraíso, um polo de afluência e avanço social que passou a ser chamado Jardins - uma república democrática complexa, composta em esquemas participativos e representativos, que, impulsionada pela solidariedade e pela cooperação previstos no modelo Solieska de ação econômica, investira na pesquisa para produção de vacinas tão logo surgiram as primeiras infecções e casos de contágio e, por conta disso, rapidamente, conseguiu debelá-la [debelar a pandemia] para seguir a vida e alcançar padrões superiores de desenvolvimento. Segundo os novos livros de geopolítica, a banda oriental do Planeta, a República Democrática dos Jardins, era um país surgido do combate bem-sucedido contra a pandemia de coronavírus, que reunia sob um mesmo governo central, povos e etnias de diversas regiões do Planeta, em articulação geopolítica cujo ponto em comum fora a crença na ciência como arma contra o vírus mortal

Na banda ocidental, estavam as Profundezas, um polo de miséria, quase selvagem, que passou a ser chamado de PontoUm, a Federação das Terras do PontoUm ou, simplesmente, Federação - um amontoado de cidadelas e feudos derivados de comunidades que, no início dos tempos, com os olhos colocados no curtíssimo prazo, focados basicamente nos negócios e despreocupados com todo o resto, considerou o vírus como uma espécie de castigo divino menor e, confiando numa improvável 'imunidade de rebanho', em pouco tempo, assistiu a morte de dezenas de milhões de pessoas e a transformação da região num imenso cemitério, mergulhando-a na profunda crise econômica e social que terminou por leva-la ao limiar da barbárie.

Tendo regredido a patamar rudimentar de avanço científico e tecnológico e se convertido num mar de pobreza e de miséria, o PontoUm era uma federação primitiva, naturalmente instável, formada por pequenas comunidades marcadas por brutais desníveis econômicos e sociais, as quais, refletindo o modo egoísta de pensar e de agir das pessoas, estavam empenhadas permanentemente em conflagrações fratricidas, em constantes disputas em torno de terras, águas, safras, caças, minérios, remédios, rotas, ar puro e tudo o mais.

Ao tempo que exerciam rigoroso controle das comunicações, impedindo a circulação de informações e proibindo os contrerrâneos de tomar conhecimento sobre os milagres advindos do modo de pensar e de agir prevalecentes nos Jardins, movidas pelo Egoísmo de sempre, as elites ocidentais acirravam as disputas internas na sua área de atuação e, com isso, aprofundavam, ainda mais, os desníveis entre as castas que compunham o espectro social da banda. Aliás, se comparada com a situação dos habitantes dos Jardins - que dispunham de serviços públicos de excelente qualidade, atravessavam elevados estágios de desenvolvimento social, econômico, científico e tecnológico e tinham rendas elevadas -, o estado das elites do PontoUm era quase medieval, ocupando nichos cujos modernismos se limitavam a artefatos roubados ou contrabandeados da terra vizinha ou a arremedos tecnológicos construídos a partir da engenharia reversa aplicada nesse ou naquele produto.

Mesmo assim, nos termos do espírito competitivo que animava as elites ocidentais - embora vivessem condições de vida muito inferior àquelas desfrutadas pelos habitantes dos Jardins e apesar da penúria econômica, social, científica e tecnológica da região - excluída a insatisfação decorrente do 'quero mais' natural da ambição e da ganância próprias do Egoísmo, em certa medida, a

miséria vivida pela maioria dos seus conterrâneos as confortava [confortava as elites]. Além do mais, como todas as Xurebas, querendo acentuar os degraus que as separavam do populacho miserável, as elites do PontoUm criaram uma atmosfera artificial de prosperidade, preenchendo-a com uma ridícula nobiliarquia aristocrática composta por arquiduques, duques, marqueses, condes, viscondes, barões, morgados, lordes, miladies e outros títulos que eles próprios se concediam e, na visada imediata, [as elites] pareciam consoladas pelo fato de haver um número cada vez maior de pessoas relativamente 'mais pobres' [mais pobres do que elas], vivendo condições muito degradantes. Aliás, de tão egoístas e amorais, as elites ocidentais sugavam até recursos destinados às favelas periféricas. De fato, parte da 'riqueza' acumulada pela nobiliarquia da Federação das Terras do PontoUm era obtida através da pilhagem de donativos e doações feitas por associações humanitárias dos Jardins aos miseráveis locais. Assim, considerando a pobreza dos conterrâneos como fonte de renda e agindo de forma sub-reptícia à frente de mecanismos de esbulho e de usurpação, os aristocratas do PontoUm desviavam e se apropriavam de recursos dos miseráveis, impedindo a melhoria da sua qualidade de vida e contribuindo deliberadamente para fazê-los mais pobres.

De qualquer forma, a 'satisfação' das elites-xureba era aparente, pois, embora concretamente nada fizessem para alterar a situação da banda ocidental, impulsionadas pelo quero-mais inerente ao Egoísmo e submetidas a um esquema rígido liderado pelo arquiduque situado no topo da hierarquia aristocrática, no fundo, [as elites] ambicionavam as condições de vida dos habitantes dos Jardins (não para todos, claro, mas apenas para elas próprias).

De fato, em assunto nunca comentado com as castas inferiores, a nata das natas do PontoUm sonhava o dia no qual tivessem força suficiente para empreender uma guerra de conquista contra os Jardins e, quem sabe, mesmo sem alcançar a vitória (hipótese muito remota), pudessem, pelo menos, conquistar e anexar algum território e, com ele [com o território], [incorporar] algum naco da afluência da banda oriental.

Naturalmente, apesar de a guerra de conquista ser um panorama impensável - pois, mesmo se vencessem uma ou outra escaramuça, as poucas tropas do PontoUm não teriam como suportar um único dia de combate contra as poderosas tropas dos Jardins -, a história mostrava que, por ambição desenfreada ou desespero famélico, rejeitando o perigo inerente ao roubo de cargas nas estradas internas da

Federação - onde campeava um mundo sem lei, pleno de riscos e que reservava aos Raubritters caídos em desgraça a pena de morte -, eventualmente algum baronete se aventurava em incursões isoladas (e quase sempre malsucedidas) no território dos Jardins, em busca de alguma prenda valiosa ou de recursos capazes de garantir-lhe sobrevivência por algum tempo.

Capítulo II

A fronteira

Separando as duas bandas do planeta, não havia apenas as diferenças culturais advindas dos modos de pensar e de agir dos seus povos ou os abismos científico e tecnológico decorrentes das opções primais por eles adotadas.

Embora tivessem a mesma origem e, em linhas gerais, fosse a mesma, a língua e o linguajar também apresentavam diferenças. De fato, com o passar do tempo, como sempre acontece, as bases territoriais independentes manifestaram peculiaridades que se projetaram sobre o modo de falar das pessoas, inicialmente através de sotaques e gírias e, depois, como se ganhassem vida autônoma, [as línguas] incorporaram e desenvolveram neologismos e expressões idiomáticas próprias como se bifurcassem novos idiomas. De qualquer forma, desde que quisessem, falassem com vagar e usassem vocabulário básico e trivial, os habitantes dos Jardins e do PontoUm conseguiam conversar sem problemas, entendendo e se fazendo entender por todos.

Do ponto de vista físico, os Jardins e o PontoUm eram separados por algumas barreiras materiais, especialmente pelo extenso Rio das Almas, curso d'água que, de simples regato na região do nascedouro, ganhava caudal ao descer a Cordilheira do Grito Eterno - a cadeia de montanhas escarpadas e altiplanos suaves, cujo nome provavelmente se referia ao eco multiplicado que refratava das suas encostas íngremes - através da Floresta Negra - o denso maciço vegetal de árvores milenares e arbustos de todas as espécies que sobrevivera à sanha das madeireiras e das mineradoras graças à preservação estabelecida nos acordos diplomáticos firmados pelas duas bandas para a zona fronteira - e se convertia num delta manhoso espalhado através de centenas de rios e riachos pela planície Esmeralda antes de se lançar ao mar, levando consigo um pouco dos sonhos e das frustrações dos descontentes com a separação da Terra nas duas bandas.

Embora presumivelmente deserta por força dos Tratados que a estabeleceram, a longa fronteira entre as duas bandas era muito vigiada.

De fato, na borda interna do PontoUm, sem reconhecimento oficial, a linha limítrofe ocidental era percorrida por patrulhas raianas recrutadas por um ou outro baronete da região e, do outro lado da fronteira, o

território dos Jardins era povoado por milhares de olhos e ouvidos eletrônicos conectados a modernos equipamentos de vigilância monitorados remotamente desde os centros de controle instalados pelas forças de segurança nas cidades e povoados da área ciliar. Estranhamente, tendo em vista o desequilíbrio no estágio de desenvolvimento das duas regiões, o objetivo de ambos os dispositivos era semelhante, pois, ao tempo que, dotadas de sofisticação tecnológica rudimentar, as patrulhas ocidentais se empenhavam em impedir fugas e deserções, o moderno sistema dos Jardins visava impedir invasões.

Aliás, de tão sensível, a rede de radares e sensores instalados pelos Jardins para vigiar a fronteira ocidental detectava qualquer movimento - até o voo de um passarinho, o disparo de um bodoque ou a corrida de uma ratazana eram percebidos e registrados com clareza. Por isso, antes de acionar dispositivos de segurança com base nos alertas, os avisos eletrônicos emitidos pelo sistema primal de vigilância passavam por um rigoroso protocolo de confirmação. Inicialmente, uma frota de drones voava até o local suspeito para eliminar alarmes-falsos e, depois, se fosse o caso, além do olhar distante (e preciso) de alguns dos satélites que compunham a constelação Águia - sistema remoto de espionagem e macro observação dos territórios de interesse dos Jardins -, patrulhas fronteiriças eram

despachadas para verificar in-loco a suposta violação da fronteira, fazendo, caso necessário, o primeiro enfrentamento dos invasores e o levantamento estimativo do perigo representado pela incursão indesejada. Só, então, com a observação e recomendação daqueles filtros, as tropas regulares eram acionadas e seguiam para o eventual combate com a orientação geral de usar força compatível com o perigo detectado.

Capítulo III

Florville

A capital da República Democrática dos Jardins - ou simplesmente Jardins, como todos chamavam a banda oriental do planeta - era Florville, cidade nascida à beira mar, na foz do Rio das Águas Lindas, um dos muitos braços multifurcados pelo caudaloso Rio das Almas ao se esparramar pela planície Esmeralda para formar o delta úmido, marcado pelos campos férteis e floridos da zona drenada das terras firmes e pelos pântanos lamacentos das águas salobras advindas do vai-e-vem das marés oceânicas sobre as partes baixas. Pérola da província Nova Bulgária, Florville era vizinha do Enclave Ultramarino do Cachimbo, único distrito que fazia fronteira direta com o PontoUm (e, portanto, objeto de importância estratégica para o sistema de defesa do país). Na realidade, de 'ultramarino' o tal Enclave Ultramarino do Cachimbo nada tinha e seu nome decorria do fato de, um dia, suas terras terem pertencido ao PontoUm e, na perspectiva política, eram 'distantes', como se houvesse um mar entre eles.

Contrastando com a sobriedade moderna, quase gélida, de FlorvilleZeta - o distrito administrativo construído

na extremidade sul do tronco transversal da cidade, segundo um projeto concebido especificamente para abrigar com funcionalidade a alta gestão pública do país, sendo o local onde, obedecendo a cadência dos despachos e das audiências, as decisões eram tomadas para impor o *modus vivendi* seguido pela banda oriental - no lado oposto, FlorvillePrime, a localidade que dava alma à cidade, fervilhava vida por toda a parte.

Vista de cima, a depender da altura da observação, FlorvillePrime parecia uma rosa ou uma teia de aranha. Os olhares mais elevados a viam como uma rosa cujo caule ligava o bulbo a uma espécie de casulo - imagem associada por muitos ao distrito administrativo FlorvilleZeta. Mais de perto, [os olhares] viam uma teia de aranha irregular articulada por fios perimetrais circulares dispostos em ondas centrípetas vindas do centro e estruturada por linhas saídas das periferias para convergir para o tronco que levava à FlorvilleZeta. Este olhar, qualquer que fosse ele, mostrava FlorvillePrime cortada por uma linha tortuosa e molhada - [esta linha] devidamente margeada em ambos os lados, era o Canal Aprígio, um curso d'água artificial usado no processo de drenagem da área e que, atravessando o tecido urbano de lado a lado, escorria para o Rio das Águas Lindas. Tendo a malha viária como suporte, mesclados por parques e jardins, os quarteirões pontilhados por

edificações de todos os tipos eram dispostos nas camadas delimitadas pelas vias perimetrais, compondo uma geometria semelhante às cebolas, que, para compensar a desorientação própria das malhas esconsas e sinuosas, exigia densa sinalização. Aliás, confiando na sinalização, cujas placas, totens e pórticos prometiam orientação precisa, segura e trajetos curtos entre os pontos escolhidos, as pessoas preferiam caminhar, singrando o tecido urbano de FlorvillePrime, através das suas perimetrais, marginais e estruturais.

Não havia lei que determinasse um modelo específico de uso ou de ocupação do solo em FlorvillePrime. Na realidade, na capital da banda oriental, refletindo um modo de ver o mundo segundo o qual as pessoas e as coisas mudam em função da época, da ocasião e do local dos acontecimentos, a depender da vontade e do humor da população (que era consultada sobre tudo), qualquer coisa podia ser permitida ou proibida.

FlorvilleZeta era diferente. Fruto de planejamento, o distrito ao sul da cidade parecia uma miragem do futuro.

Na realidade, muitas cidades dos Jardins tinham aparência futurista - São Cristóbal, ProppaMáxima, JujuCity, Pétit Nova Bulgária, Turmalina e tantas outras, que pareciam trazidas das páginas de um livro de ficção

científica, com torres pontiagudas, intenso uso do subsolo, corredores aéreos exclusivos para balões, drones e dirigíveis, funcionamento diuturno e tudo o mais. Aliás, em processo robustecido no dia-a-dia por fatores econômicos, o passar dos tempos tinha consolidado uma sociedade urbana – condição que passou, inclusive, a servir de parâmetro para medir o nível de ‘desenvolvimento’ das regiões. As sociedades rurais eram consideradas as ‘mais atrasadas’ e, em contraponto, as [sociedades] urbanas, [eram consideradas] as ‘mais adiantadas’. Fosse como fosse, ao contrário daquilo que ainda ocorria no PontoUm, em tendência ascendente, a maior parte da população da banda oriental morava em cidades de todos os tamanhos, deixando os campos praticamente desertos entregues à mecanização e, em compensação, adensando aglomerados urbanos com crescentes multidões.

Por tudo o que acontecia nos Jardins, os sociólogos tinham concluído que nas cidades, cumprindo esquemas sociais e econômicos de lógica semelhante, as pessoas almejavam trocar casas por apartamentos, tendendo a se amontoar em torres cada vez mais altas. Foi nesta perspectiva que surgiram urbes concentradas vocacionadas à verticalização. Aliás, ao tempo que a escala de consumo viabilizava o funcionamento de gigantescos centros comerciais e, também, [viabilizava] a instalação de

equipamentos públicos, o adensamento populacional criava necessidades – algumas das quais de difícil superação, especialmente por conta da rigidez de características físicas prevalecentes e dos elevados investimentos requeridos. E, nesta ambiência, emergia a dúvida se as facilidades proporcionadas pelo adensamento populacional compensavam os problemas dele decorrentes. Em certos momentos – como horários de pico do trânsito ou invernadas chuvosas – os engarrafamentos e os alagamentos davam maior consistência a esta dúvida e, progressivamente, um maior número de pessoas se perguntava se o 'preço' pago pelos confortos da cidade valia a pena. Nem assim a tendência urbanizante arrefecia e, impulsionadas pelo modelo econômico e por novos padrões tecnológicos, as cidades continuavam a crescer, convertendo-se em megalópoles incontroláveis. É verdade que, acuado pela insegurança própria dos tempos modernos e amparado por avanços tecnológicos, um contingente progressivamente maior procurava alongar a permanência no domicílio, desenvolvendo hábitos que faziam a festa dos empresários do entretenimento e da comunicação à distância e deixavam, como consequência, alguma alienação social. Esta nova dinâmica, no entanto, era insuficiente para resolver o problema da superlotação das ruas, pois o volume atraído para a segurança do lar era sobejamente superado pelo incremento trazido pela

urbanização adensada. E, premido por mais pessoas, mais automóveis, mais edifícios, mais concreto e mais aço, o caos urbano aumentava e se fortalecia a cada dia.

Não brotava sem razão o extenso rol de críticos do modelo de cidades – um leque que abrigava desde os moderados, que apenas alimentavam o sonho de 'uma casa no campo' ou buscavam refúgio em praias distantes sempre que podiam, até os radicais, que, sem meias palavras, alardeavam a falência da urbe e defendiam a migração de volta aos campos. Independente da forma e da veemência como o assunto era abordado, a maioria dos pensadores concordava que era hora de se repensar o modelo de cidades.

Também era assim nos Jardins, onde uma grande parte de pensadores e urbanistas defendia que a sociedade desfrutaria melhor qualidade de vida se trocasse as megalópoles por cidades menores. A ideia não era nova. No século XIX, bem antes da grande pandemia que mudou o mundo, numa espécie de premonição genial, Fourier defendeu a vida em comunidades – os falanstérios – cuja população não ultrapassaria 1.600 pessoas. Outros pensadores imaginam que a 'vida aceitável' poderia ser alcançada em aglomerados máximos de 100 mil almas. De qualquer forma, nas discussões travadas nos meios

científicos, a despeito da funcionalidade conhecida e desfrutada nos aglomerados urbanos dos Jardins, não havia quem defendesse a vida em megacidades.

Nada indicava, no entanto, que, nos horizontes perceptíveis, a sociedade moderna viesse a alterar as vigas mestras do padrão vigente dos assentamentos. De fato, fruto de um sistema econômico e social de raízes muito profundas e dispondo de significativa margem de manobra em variáveis expressivas, o modelo de cidades passava por adaptações capazes de conciliar as multidões com os espaços per capita progressivamente menores, ganhando sobrevida indefinida.

Segundo estudos da universidade de Florville, o modelo de cidades marchava para o futuro levando consigo modificações impostas pela realidade – mais cedo ou mais tarde, por exemplo, o rodízio de expedientes contínuos seria obrigatório – e permitidas pelas novas tecnologias – especialmente nas áreas da construção, da energia e dos transportes. A tendência imaginada pelos urbanistas da banda oriental contemplava cidades espalhadas por vastas áreas, organizadas em esquemas multipolares e diurnos, crescendo para cima e para baixo em arranha-céus de profundos subsolos, valorizando a produção local e o consumo de energias limpas, dando a máxima atenção à

questão ambiental, exaurindo a utilidade dos bens econômicos através da reciclagem e reaproveitamento dos dejetos e rejeitos. Como já se via em muitas cidades dos Jardins, a cidade do futuro não saberia o que era dia ou [o que era] noite, pois precisaria usar todo o tempo e todos os espaços disponíveis para acomodar as pessoas e os serviços por elas requeridos. Ao contrário daquilo que a maioria desejava, a cidade do futuro seria imensa, multipolar, vertical e diuturna.

Assim era Florville.

Um belo formigueiro humano, pulsante, frenético, pleno de movimento. Céus riscados por aeronaves que percorriam rotas específicas para aviões, drones, helicópteros, dirigíveis e balões vindo ou indo para algum dos três aeroportos da cidade. Intenso fluxo de jet-skis, barcos e lanchas que subiam ou desciam as águas do Canal Aprígio, do Rio das Águas Lindas e da costa, pingando nos cais de bordo e transbordo em viagens molhadas. Ruas e avenidas davam palco para o convívio de automóveis, motocicletas, ônibus, taxis, trens de superfície e tudo o mais que levava pessoas e cargas pela cidade. Dotados de bancos e jardineiras floridas, passeios públicos e ciclovias se esparramavam sobre mantas especiais que convertiam os impactos das passadas em energia e acolhiam intenso

tráfego de pedestres, ciclistas e skatistas em faixas separadas e exclusivas. Estações de metrô engoliam e brotavam pessoas, em interminável vai-e-vem na direção do subsolo perfurado por túneis que se superpunham em diversos níveis e profundidades. A cidade funcionava como um imenso relógio com milhões de engrenagens perfeitamente encaixadas com harmonia e precisão.

A mobilidade era ponto alto do planejamento urbanístico de Florville, sendo motivo de orgulho dos seus habitantes. Um sistema subterrâneo de metrô articulava a cidade em viagens rápidas e fazia a conexão de todos os seus pontos com a estação ferroviária e com os aeroportos. A estação ferroviária central era uma edificação sui-generis, pois, como não era visível a olhares sobre a superfície, alguns a diziam invisível. Com efeito, localizada na chamada 'Praça dos Trens' nas proximidades da Praça Maior, em FlorvilleZeta, a Grande Central de Florville era subterrânea e, se não avisado a tempo, um estrangeiro jamais imaginaria que sob aquele piso ajardinado houvesse uma construção tão complexa. Caracterizada por grandes 'bocas' através das quais o público tinha acesso aos três pavimentos do subsolo, a Grande Central fazia a ligação dos trens que chegavam e partiam de Florville com a rede de metrô da cidade.

No entorno da cidade estavam os aeroportos, inclusive aquele reservado aos dirigíveis turísticos e aos DOC's - dirigíveis destinados à observação e comunicação. Para disciplinar o intenso tráfego aéreo sobre a cidade, o espaço era fatiado em curvas de níveis específicas, reservando locais e batimetrias exclusivas para cada tipo de veículo, segundo o seu uso e alcance das viagens.

Ao longo da praia protegida por arrecifes, do Canal Aprígio e do Rio das Águas Lindas, especialmente na margem direita, estavam os pequenos portos e ancoradouros para acolher os barcos de todos os tamanhos que singravam as águas salgadas ou salobras em trajetos e velocidades previamente definidos nos regulamentos próprios para cada modal de transporte.

Com movimentação facilitada pela funcionalidade dos equipamentos nela instalados, Florville era um exemplo de animação, mostrando tipos diferentes de dinâmica social para onde quer que se olhasse. De fato, Florville era uma festa diuturna onipresente, marcada pelo convívio de avanços tecnológicos com o burburinho próprio da arte e da cultura. Até os postes encimados com micro cata-ventos e mini placas solares geradores de energia se ajustavam ao padrão de cores usadas nos outdoors e nos murais gigantescos que decoravam as fachadas de prédios

recepcionados por esculturas de todos os tipos. Vendo ciência e arte por toda a parte, um visitante poderia pensar estar num parque de exposições a céu aberto. Mas, não. Aquilo era Florville. Pontilhada por livrarias, bibliotecas, teatros, pavilhões, casas de shows e de espetáculos, ateliês, ginásios, galerias de arte e cinemas por toda a parte, além de abrigar duas grandes universidades e funcionar como o centro político e administrativo do país, Florville acolhia muitos congressos, fóruns, feiras e festivais, sendo normal as pessoas esbarrarem com celebridades nos restaurantes ou nas ruas e praças, sempre animadas por apresentações de artistas de rua ou da arte circense.

Até o cemitério de Florville, sugestivamente chamado de 'Paz eterna', se destacava como lugar especial, conseguindo unir sobriedade com o certo tom de alegria transcendental para produzir um tipo *sui generis* de encanto. Assim, os mapas turísticos de Florville o apresentavam como se, além de necrópole, o 'Paz eterna' fosse um parque artístico guardado por anjos e gárgulas esculpidas por grandes mestres.

Assim era Florville.

Mais do que uma cidade, Florville era um lugar onde sonhos se realizavam ou, como cantavam os poetas, um sonho em forma de cidade.

Capítulo IV

O Alto Comando dos Jardins

Tanto a administração da capital Florville, como [a administração] da República Democrática dos Jardins eram feitas a partir de modernos prédios erguidos no entorno da Praça Maior, o amplo espaço cívico no coração de FlorvilleZeta que coroava a extremidade sul da linha tronco vinda de FlorvillePrime.

Naquela região marcada pela arquitetura ousada, os prédios da Praça Maior eram aqueles que mais se destacavam, em função da sua altura e imponência. Talvez o mais grandioso fosse o Coliseum - o arranha-céu colossal fincado na posição extrema do tronco sul. Era lá onde estavam a sede do Poder Planificador, incluindo ministérios e organizações da administração e, ainda, um pequeno hotel para hospedar funcionários graduados em viagem de trabalho à capital e, no subsolo, além do QG do Batalhão Base Coliseum dedicado exclusivamente à proteção do distrito administrativo sob o comando do general Theo Pinto Fragoso, [estava] o acesso à rede de túneis que interligava os edifícios públicos, garantindo-lhes uma eventual saída de emergência em caso de necessidade. Era do topo deste gigante da engenharia, em conjuntos

localizados alguns andares abaixo do heliporto plantado no cume do edifício, onde o presidente SantaClara Penalva, chefe do Poder Planificador, tinha escritório e reunia a equipe de governo para formular o planejamento económico e social dos Jardins e definir as políticas públicas para o desenvolvimento territorial, investimentos públicos e cooperação.

O presidente SantaClara Penalva era uma lenda viva nos Jardins. A fama de herói fora construída ainda no período anterior à constituição da república, quando, depois de sobreviver a primeira onda de infecções, liderara o combate ao vírus, inicialmente comandando o lockout que deixara a maior parte das cidades completamente desertas e, depois, capitaneando a campanha em prol das pesquisas científicas que levaram à vacina. Na época, debelada a pandemia, argumentando a importância da solidariedade, SantaClara Penalva - ou simplesmente 'comandante Penalva' (como a ele se referiam os pioneiros da iniciativa diplomática que se formava) ou, ainda, 'presidente SantaClara' (como terminou por ser chamado, inicialmente, nos escalões subalternos da administração nos rincões mais distantes, depois, por todos os servidores no âmbito do governo e, finalmente, por toda a população, sendo o nome que aparecia nos crachás usados para marcar posições nas mesas de reunião e no noticiário da imprensa)

- [SantaClara Penalva] usou seu prestígio para debelar resistências e consolidar a grande articulação das regiões que adotaram mesma estratégia, marcharam juntas no combate ao vírus mortal e terminaram por formar a República Democrática dos Jardins. Embora fosse líder tolerante e complacente, SantaClara Penalva era ultra rigoroso e intransigente quando o assunto dizia respeito a qualquer coisa que pudesse colocar em risco a incolumidade política, econômica ou territorial dos Jardins. De fato, à qualquer risco ao regime democrático ou à unidade territorial dos Jardins - fossem propostas de secessão de províncias, fossem violações das fronteiras por piratas ou por quem quer que fosse -, SantaClara Penalva reagia com rigor e usava todos os recursos disponíveis para esmagar as ameaças. Aliás, a unidade e a coesão das províncias que integravam a República Democrática dos Jardins eram temas prioritários nas frequentes reuniões realizadas pelos governadores por todo o país.

Na Praça Maior, também ganhava destaque o edifício do Parlamento. Não era um prédio tão alto ou futurista como os demais que circundavam o logradouro, mas era imponente. De fato, a grande abóbada dourada que cobria a chamada Casa do Povo - o anfiteatro onde se realizava a Assembleia Nacional, com amplo espaço para plenárias, reuniões que, além de transmitidas para o

público remoto através do canal de televisão e projetada em telões espalhados pela cidade, podiam ser acompanhadas das galerias populares ali presentes -, a torre pontiaguda - o bloco vertical chamado Torre Leste, que abrigava os gabinetes parlamentares, inclusive o escritório administrativo do deputado-presidente Jonas Fabrício -, a passarela suspensa - a 'Ponte da Esperança' usada exclusivamente pelos deputados, que ligava a Torre Leste à Casa do Povo, e os gigantescos vitrais multicoloridos, davam grande imponência ao prédio, que parecia ter saído de um livro de história. Era lá onde funcionava o poder legislativo dos Jardins, abrigando o plenário da Assembleia Nacional, gabinetes de parlamentares, escritórios da administração e auditórios de comissões e grupos de trabalho. O Parlamento era um lugar por onde circulava muita gente. A profusão de pessoas de raças e etnias diferentes, o desfile de trajes e modas regionais, o burburinho de sotaques, gírias, meneios e adereços corporais como tatuagens, brincos, piercings, colares, pulseiras, tornozeleiras, mechas e tudo o mais deixava claro que ali estavam representados os povos de todas as regiões do mundo livre do vírus. Como dizia o nome do grande auditório e comprovava a miscelânea observada nos salões e corredores, o Parlamento dos Jardins era, de fato, a Casa do Povo, a casa do povo presente em todas as províncias do país.

Nos termos da concepção original do projeto urbanístico de FlorvilleZeta, 'elaborar e fazer cumprir as leis são atividades inseparáveis e devem contribuir para a promoção da justiça e, não, apenas para exercer controle social'. Assim, na Praça Maior também ganhava destaque o Palácio da Justiça - a chamada Torre de Cristal, um monólito delgado, sem janelas aparentes, com fachadas em vidros escuros espelhados, cercado de esculturas -, que sediava os tribunais superiores, inclusive a Corte Suprema de Justiça e os escritórios dos ministros e dos juízes seniores. Era lá onde, semanalmente, antes de estabelecer a pauta de julgamentos e verificar os casos mais polêmicos, o juiz-ministro Pôncio Veríssimo reunia a corte suprema para julgar recursos e casos de ameaça ao país e ao funcionamento da estrutura que administrava o país. A exemplo do presidente SantaClara, o ministro Pôncio Veríssimo também era da velha guarda e sabia da importância da unidade e da coesão das províncias que integravam os Jardins. Era famosa a dura sentença que, definindo limites para a liberdade de expressão dos parlamentares, [Pôncio Veríssimo] aplicara a um certo CidBoy, vereador da cidade de São Cristóbal, capital da província de Los Pardos, em punição ao discurso separatista proferido da tribuna na câmara municipal no qual, alegando o término da pandemia de coronavírus e a necessidade de 'reconhecimento das diferenças culturais', defendia a

secessão da região Leste do país. Aplicando uma espécie de freio-de-arrumação que pretendia matar ainda no nascedouro um movimento potencialmente perigoso para a República, a decisão frustrou planos do movimento 'Los Pardos Libre' (também conhecido como MLPL) desejoso de ter o seu próprio país e, desde então, suportando todo tipo de crítica, inclusive as [críticas] de ser 'autoritário' e 'antidemocrático', o juiz-ministro Pôncio Veríssimo passara a contar com a proteção garantida pelo serviço secreto do Batalhão Base Coliseum às autoridades eventualmente ameaçadas.

Compondo o conjunto básico dos edifícios-sede dos poderes que faziam a administração da República Democrática dos Jardins na Praça Maior, estava o 'Grande Mastro', nome pelo qual era chamado o Palácio Domenic Carmello em referência arquitetura arrojada da sua construção. O 'Grande Mastro' abrigava a sede do poder executivo dos Jardins, a esfera administrativa encarregada de tornar realidade os programas e políticas públicas definidas pelo Poder Planificador. Era no último andar do Palácio Domenic Carmello onde ficava o escritório de onde a chefe do poder executivo dos Jardins, a administradora-geral Erika César gerenciava o país através de uma rede de transmissores, cujos sinais criptografados conectavam o sistema de comunicações instalado no Grande Farol, alguns

quilômetros mais adiante, de onde eram redistribuídos por redes que percolavam o país instantaneamente.

Além daqueles prédios no entorno da Praça Maior, outros [prédios] da administração se espalhavam por FlorvilleZeta.

Na ponta extrema da península, por exemplo, bem no alto do promontório, estava o Grande Farol - a torre do farol desativado desde o começo do século, que, tornada desnecessária pela evolução dos sistemas de orientação, fora restaurada e reformada para receber as sedes de alguns dos principais organismos de segurança dos Jardins, incluindo o QG das Forças de Defesa da República comandado pelo general Luccas Zuccherio, o escritório-central do Conselho Geral de Inteligência e a chamada Floresta de Antenas, aparato compacto que recebia, processava e, se necessário, transmitia ou retransmitia sinais do sistema de vigilância e comunicações através de uma sofisticada rede cuja capilaridade atingia todos os endereços do país. A Floresta de Antenas era um dos orgulhos tecnológicos do sistema de defesa do país, sendo referida pela professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência e membro do estado-maior das Forças de Defesa da República, como um 'instrumento compacto criado para encurtar distâncias, garantir o

acompanhamento dos acontecimentos e fazer o intercâmbio de informações em tempo real'.

Esta era a ambiência no qual atuava o círculo decisório mais elevado do país. De fato, cumprindo responsabilidades diferentes, cada qual em uma área específica, o presidente SantaClara, a administradora-geral Erika César, o deputado-presidente Jonas Fabrício e o juiz-ministro Pôncio Veríssimo exerciam o Alto Comando da República Democrática dos Jardins. Embora primasse pela descentralização, em algumas matérias - entre as quais, o planejamento econômico, a defesa do território e a preservação da democracia -, os Jardins eram governados por um aparato coordenado pelo presidente da república.

Capítulo V

Um país devastado

Embora fosse o presidente do país, o marquês Neostavis MontBlanc Strauss não sabia as razões que faziam o PontoUm ser tão diferente dos Jardins. Quando nasceu, há quase 50 anos, as coisas já eram daquele jeito e, em função do descaso ali atribuído ao registro e estudo da história, nunca tivera a chance de conhecer o passado do seu país.

O PontoUm era daquele jeito e pronto.

Não havia muito o que fazer para mudar aquela situação.

Desde sempre, ao contrário daquilo que acontecia nos Jardins, as pessoas eram muito pobres, mal-educadas e cultivavam a desonestidade como comportamento aceitável, aproveitando todas as oportunidades para exercitar a esperteza e o descuidismo. Terra sem lei, assim como ocorre nas selvas, no PontoUm prevalecia a vontade dos mais fortes - uma situação cômoda para eles [para os mais fortes], os quais, de pronto, rechaçavam qualquer proposta de estruturação legal do país, só passando a

defender a regulamentação das coisas quando enfrentavam forças mais poderosas, sendo por elas impunemente esbulhados. Aliás, do ponto de vista concreto, o arremedo de governo instalado na cidade de BrazzaCezza pelo PontoUm tinha a função exclusiva de garantir a realização da vontade dos mais ricos e poderosos, contendo qualquer arroubo de insubordinação à (des)ordem estabelecida.

Com poucas florestas - pois, consideradas basicamente como fornecedoras de madeira, vinham sendo derrubadas para abastecer as fornalhas movidas à lenha e abrir espaço para as plantações e criações dos fazendeiros -, ao contrário do país vizinho, as terras do PontoUm eram desérticas, áridas, esturricadas e sujeitas a extremos climáticos, com temperaturas infernais ou glaciais, conforme a hora do dia ou época do ano. Nos campos, a terra era revolvida por arados tracionados por juntas de animais e a agricultura vivia estágios rudimentares de evolução tecnológica.

Ao contrário dos Jardins - que, em função do avanço, desenvolvera uma sociedade baseada em cidades -, a Federação das Terras do PontoUm constituía uma sociedade eminentemente rural, com grandes glebas organizadas em feudos pouco articulados entre si. Nos povoados, com poucos espaços públicos, as mansões e

palacetes da aristocracia e dos senhores feudais eram distanciadas umas das outras por grandes quintais e, em contraste próprio do PontoUm, as casas do populacho se amontoavam em terrenos pequenos e insalubres.

Além de raras geringonças de duas, três e quatro rodas criadas pelo espírito inventivo de uma ou de outra pessoa e, mais raros ainda, veículos trazidos ilegalmente dos Jardins, o transporte de pessoas e cargas era feito à cavalos, charretes e carros-de-boi.

Nas zonas industriais incipientes, marcadas pelas chaminés fumacentas, uma multidão de maltrapilhos desdentados e punguistas de toda a espécie disputava o espaço exíguo das ruas e becos estreitos e mal iluminados com prostitutas sempre à caça de quem pudesse pagar por tostões de prazer, as quais, por entre sorrisos apagados e pouco convincentes, praticando a propaganda enganosa, se ofereciam como carne fresca, limpa e isenta de gonorreia e de sífilis.

O lumpem se misturava com operários sempre indo e vindo das porteiras das fábricas permanentemente guardadas por homenzarrões truculentos, especializados em fazer valer a vontade dos patrões, distribuindo rosnados ou safanões conforme a necessidade e as ordens recebidas.

Longe da ciência, em função do mero acaso ou [em função] da reprodução mal comparada de artefatos adquiridos em pequenas e rápidas incursões nos Jardins, os avanços no PontoUm ocorriam através de sopapos e de espasmos incertos.

Não era, portanto, sem razão a precariedade quase ridícula da frota automotora usada pelos abastados do PontoUm. Esta situação se refletia em todos os aspectos da vida naquela banda do Planeta, inclusive no tratamento de doenças, queimaduras e fraturas, pois, sem hospitais, clínicas, médicos ou drogas estruturadas na ciência, os doentes e acidentados recorriam às receitas familiares, infusões e pastas artesanais, remédios contrabandeados, reduções e imobilizações precárias ou a rezas e proteção de curandeiros.

Capítulo VI

A liderança do PontoUm

O pai do marquês Neostavis, o arquiduque MontBlanc Strauss, fora o senhor plenipotenciário da província SemFim, uma região outrora muito fértil cujas terras se estendiam desde a margem ocidental do Rio das Almas até o outro lado do altiplano central, onde [o arquiduque MontBlanc Strauss] disputava cada palmo [de terra] com a família DanteGaudêncio, atualmente comandada pelo visconde Péricles, com o qual, por muito tempo, compartilhou o poder do PontoUm, alternando a liderança de muitos morgados e a presidência do país com o vizinho e desafeto.

A disputa atravessava os tempos e, agora, enquanto o marquês Neostavis exercia a presidência do PontoUm, o primogênito de DanteGaudêncio, o jovem conde Balthazar Pentecostes, a quem estava prometido o título de arquiduque, preparava nova articulação capaz de reconduzir seu clã à posição máxima na hierarquia do país.

Na guerra entre Neostavis e Balthazar - um conflito renhido, sobre o qual todos sabiam de onde vinha, mas ninguém sabia para onde ia - valia e cabia tudo.

Embora reforçada permanentemente por meios quase sempre imorais ou ilegítimos, a fortuna incalculável do arquiduque MontBlanc Strauss provinha de movimentações iniciadas ainda na raiz da sua árvore genealógica. De fato, no começo dos Novos Tempos, se aproveitando do caos advindo da Grande Hecatombe - uma época na qual ele ainda não se chamava Strauss -, o patriarca do clã açambarcara enormes áreas contaminadas pelo vírus e, usando a força adicional acumulada a cada vitória, ocupara mais e mais terras, escravizando os sobreviventes da infecção, os quais, subjugados pela violência dos seus asseclas [soldados a serviço do Patriarca] e temendo o desterro mortal, se curvavam e aceitavam assumir e permanecer na condição serviçal, colocando o corpo e seus préstimos à serviço daquele a quem terminariam por chamar de Arquiduque ou Patrão, passando, inclusive, a integrar a horda mercenária a seu comando, colaborando nos esbulhos seguintes.

A população não sabia, mas, segundo os livros de história adotados nos Jardins, o termo Grande Hecatombe se referia à barbárie instalada na banda ocidental do planeta pela Pandemia que dizimara a quase totalidade da população remanescente do Velho Tempo, dando origem ao período pós apocalíptico no qual viviam, chamado genericamente de Novos Tempos. Aliás, fora nos primórdios

desta nova época que, obedecendo aos estímulos do Egoísmo residente na sua gênese, depois de se impor pela força na liderança das tribos, então em fase embrionária de constituição, os mais fortes e inteligentes assumiram a propriedade das terras mais férteis e melhores dotadas de recursos naturais. Foi nesta quadra, ainda no começo da nova fase da Humanidade, que, mediante o controle da propriedade e do modo egoísta de proceder, surgiram os ricos e, em contraponto, os pobres. A dinâmica da vida fez o resto, tornando os ricos mais ricos e os pobres mais pobres.

Aliás, o surgimento das maiores fortunas do PontoUm remontava aos primórdios dos Novos Tempos. Era o caso da riqueza do patriarca que daria início ao clã MontBlanc Strauss - um homem rude e violento sempre pronto a usar a força para subjugar contendores mais fracos e assumir a propriedade dos bens do seu interesse.

A história de MontBlanc Strauss replicava outras histórias e se replicava por toda a parte, explicando o surgimento ricos e poderosos por todos os rincões da banda ocidental do planeta, cujo território dividiu-se em feudos conforme a ambição e o poder dos morgados. Não foi à toa, portanto, que, em certos círculos, aludindo aos esbulhos e escravagismo originais, a boca miúda desenvolveu a

máxima segundo a qual 'por trás de toda grande fortuna, há um grande crime'.

Embora dificultada pelos mais ricos, a ascensão social e econômica nunca fora proibida no PontoUm. Aliás, além das fortunas surgidas no início dos novos tempos, tendo a 'Grande Hecatombe' como estufa e criatório, muitas outras [fortunas] foram construídas ao longo da história, dando origem a outros ricos e milionários - os chamados 'novos ricos', uma categoria abastada igualmente surgida na esteira de esbulhos contra os mais pobres.

Vale dizer que - como, além de conforto e poder, a riqueza sempre constituiu uma expressão de destaque, aplacando reclamos da vaidade - os ricos nunca se sentiram confortáveis em compartilhar a condição [de rico] e, por isso, nunca viram com bons olhos a chegada dos 'novos ricos'. De qualquer forma, embora inicialmente antipatizados pelos milionários tradicionais, os 'novos ricos' sempre tiveram a chance e, muitas vezes, conseguiram consolidar seus próprios clãs - famílias que, enfrentando e rompendo preconceitos, podiam se misturar com os clãs mais antigos, incorporando costumes, manias e trejeitos até superar as peculiaridades próprias da fortuna ancestral e se confundir com eles [com os clãs mais antigos].

Aliás, sem qualquer alusão à forma como as botijas originais foram formadas, em comportamento vestido verificado antes mesmo da fusão com a família Strauss - um clã antiquíssimo, cuja riqueza, segundo diziam, remontava a tempos anteriores a Grande Hecatombe -, os descendentes de MontBlanc procuravam destaque [entre os pares] e se diziam 'pessoas de berço'.

Em todos os casos, sobretudo nas primeiras gerações, a diferença social entre os 'ricos de berço' e os 'novos ricos' era facilmente perceptível. Talvez a estratificação social que separava os ricos em castas tenha imposto a criação de pesos e contrapesos capazes de compensar as diferenças advindas dos sobrenomes. Este foi o pano-de-fundo que emoldurou e modulou o surgimento da nobiliarquia característica da alta sociedade do PontoUm, um patamar social marcado pela presença de duques e duquesas, marqueses e marquesas, condes e condessas, viscondes e viscondessas, barões e baronesas, fidalgos, lordes, miladies, morgados e uma série enorme títulos, aos quais correspondiam brasões pomposos e, eventualmente, uma bolsa pecuniária decorrente de taxas de foro e de laudêmios cobrados à população residente em suas respectivas áreas de influência. Assim, os títulos nobiliárquicos eram cobiçados e exercidos com a arrogância

permitida pelo limite inferior de demarcação da hierarquia dos nobres.

Nesta perspectiva, além de certo prestígio, embora pedante (ou justamente por isto), o título de marquês ostentado pelo Lord Neostavis indicava a proeminência dos MontBlanc Strauss em relação aos outros clãs, especialmente àqueles liderados por ricos mais recentes.

Assim, causou espanto quando o jovem conde Balthazar Pentecostes, primogênito, sucessor e principal herdeiro da fortuna de DanteGaudêncio, pediu audiência ao presidente Neostavis MontBlanc Strauss.

PARTE III

Capítulo VII

A invasão

O guardião Carlos Junqueira Castro não quis acreditar na intensidade da discrepância mostrada na tela do computador.

Já há algum tempo lotado na sala de monitoração da zona limdeira no posto avançado do sistema de defesa na província Nova Bulgária, Carlos era o responsável pela vigilância eletrônica da fronteira dos Jardins com o PontoUm. Embora seu cargo lhe desse pleno acesso às informações fronteiriças de todo o país, sua jurisdição era circunscrita ao Enclave Ultramarino do Cachimbo, o único distrito limdeiro da província Nova Bulgária. Tal como as demais funções não-militares da Forças de Defesa da República, o cargo exercido por Carlos Junqueira Castro tinha um nome pomposo. Ele era o 'Guardião das Chaves do Enclave Ultramarino do Cachimbo', com direito a farda, crachá e diploma entregues pelo próprio comandante Penalva ao final do curso de admissão. Embora o título fosse imponente, Carlos exercia um cargo modesto e sem muitos atrativos, especialmente porque, naquela região - talvez pela proximidade com a superprotegida capital Florville - não houvesse muita movimentação.

Para contornar a monotonia do cotidiano e manter o nível de atenção em patamar satisfatório, o chamado Manual de Campo das Forças de Defesa da República estabelecia uma rotina especial para os oficiais, incluindo a renovação diária do juramento prestado por ocasião da investidura no cargo. Assim, como faziam seus colegas por todo o país, todos os dias, logo cedo, com os olhos postos no horizonte, Carlos Junqueira Castro recitava o lengalenga: "Como Guardião das Chaves [do Enclave Ultramarino do Cachimbo] me comprometo a usar o rigor que o cargo me confere para conter a intransigência, a malvadeza, a mesquinhez, o egoísmo, o mal humor, bem como a chatice, a tristeza, a monotonia e, ainda, a falta de tempo e a dor para que todos, rigorosamente todos, possam usufruir a beleza e usar os talentos próprios e adquiridos ao longo dos tempos, conforme os deuses quiseram e os demônios permitiram, para contaminar a [Nova Bulgária] e o Universo com vida, com alegria, com o bem fazer, com a abundância, com o prazer e com o quero-mais".

Com entonação dramática, Carlos Junqueira Castro declamava o texto poético sem saber, exatamente o significado da linguagem figurada usada no juramento. Os mais antigos sabiam que os hinos e os juramentos oficiais tinham sido compostos pelos poetas e músicos sobreviventes reunidos na primeira Convenção Nacional da

Arte e dos Artistas realizada após a superação da pandemia e consolidação dos Jardins, a qual, durante vários dias discutiu o tema 'Construção do Futuro'.

Por aquilo mostrado no monitor, aquele dia poderia ser tudo, menos monótono. De fato, a estranha movimentação do gráfico indicava uma maciça violação da fronteira terrestre ao sul da capital Florville por grupos da Federação. Inicialmente, desconfiando daquilo que seus olhos viam, Carlos correu ao equipamento suplementar conjugado ao sistema primário de observação, usado obrigatoriamente em casos de dúvidas ou naqueles [casos] nos quais a pré-confirmação pela redundância era necessária antes da adoção de qualquer medida cautelar. A discrepância mostrada no sistema paralelo era a mesma vista no equipamento principal, deixando claro que o aviso não decorria de falha dos sensores e dava clara indicação de haver uma invasão real em progresso.

Não havia tempo a perder.

Embora tentado a disparar os alertas imediatamente, Carlos sabia do rígido protocolo requerido para aqueles casos e, ato contínuo, despachou a esquadrilha regulamentar de drones-espiões para as

coordenadas apontadas no sistema. Convicto de que havia uma invasão hostil em andamento, com a ansiedade redobrada, Carlos reviu as providências a serem tomadas na sequência. Deixaria tudo engatilhado para, tão logo recebesse as confirmações necessárias, fazer os disparos previstos no regulamento.

Calejado na função, Carlos Junqueira Castro nunca vira nada semelhante.

A maior parte dos alertas presenciados por ele até então era de pequena monta e, quando muito, diziam respeito a invasões acidentais ou não deliberadas, envolvendo caçadores, namorados, campistas, andarilhos ou incautos sem outros propósitos. Desta vez, não. A julgar pela intensidade dos sinais mostrados nos visores, estava em curso uma movimentação de grande porte na fronteira.

Os sinais preliminares sugeriam que a violação fora feita por um grupo organizado.

Coisa anormal, como não ocorria há décadas. De fato, fazia muito tempo desde que o sistema de vigilância detectara ação tão densa e intensa. Os dois últimos episódios daquela natureza remontavam há mais de 50 anos. O primeiro ocorrera acidentalmente em função de um defeito na calibragem do sistema de orientação de um

veículo fronteiro do PontoUm, que terminou por cruzar a borda de separação. Na ocasião, um pedido de desculpa, a meia-volta e a retirada apressada em resposta imediata às advertências feitas pela vigilância dos Jardins foram suficientes para a superação do incidente sem provocar quaisquer consequências diplomáticas negativas. O caso mais recente ocorrera no final do século e, aparentemente decorrera da decisão isolada de baronete tresloucado, que, com o apoio de um comandante militar subalterno, aventurou uma incursão no território dos Jardins. Na ocasião, a superioridade das forças de segurança dos Jardins foi suficiente para, no curso de escaramuças que não duraram sequer dois dias, rechaçar a invasão e dizimar as tropas inimigas. Estudos posteriores concluíram que a atitude do jovem baronete não fora irresponsabilidade juvenil ou 'paixão por aventuras' e, sim uma espécie de balão de ensaio para testar a disposição e a capacidade de reação dos Jardins.

Agora, o registro era claro. Tinha havido invasão, sim.

Inicialmente, após confirmar a violação da fronteira, os drones colocaram em ação enxames de micro-drones para a investigação miúda. Rapidamente, os besouros eletrônicos apuraram indícios de invasão por apenas um

comboio. Cerca de vinte veículos leves, sugerindo a participação de 60 a 80 invasores. Embora incapaz de causar danos significativos às forças militares dos Jardins, a mobilização de um pelotão apontava uma expressiva mudança no ânimo do PontoUm. De fato, além da invasão em si, aquela operação encerrava outros significados, especialmente porque, ao contrário daquilo que ocorria em outros tempos, ao fazer uma incursão de forma ostensiva, o PontoUm admitia a hipótese de guerra contra os Jardins.

Assim, além de repelir a incursão feita pelos vizinhos, a forma [aberta] como fora feita [a invasão] impunha a necessidade de o sistema de segurança dos Jardins investigar a intensidade e o alcance do novo ânimo demonstrado pelo PontoUm. O comportamento dos Jardins diante do episódio dependeria da resposta a uma pergunta: aquela violação decorria da treslouquice de um ou outro baronete ou representava o sentimento da alta hierarquia do PontoUm? Mas, desvendar esta questão não era tarefa para o guardião Carlos. Que a professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência e os generais comandantes das Forças de Defesa da República se preocupassem com isso. Cabia ao guardião Carlos Junqueira Castro seguir o manual e, além de encaminhar os relatórios com sua opinião pessoal, acionar os dispositivos de enfrentamento imediato. É o que ele faria.

O tamanho e a composição da coluna invasora foram as únicas informações concretas apuradas pelos drones, pois, usando manobras simples (porém eficazes) desenvolvidas em outras incursões no território ciliar, os invasores conseguiram confundir o sistema remoto de vigilância fronteiriça. Com efeito, ao cruzar a fronteira, à medida que adentravam o território dos Jardins, os veículos do comboio invasor soltaram milhares de pombos e ratos, produzindo grande balbúrdia pelo caminho, atiçando a bicharada local em frenesi alucinante, que, naturalmente, perturbou a eficácia e anulou o funcionamento dos sensores de movimento ali instalados. A exceção dos veículos usados para o transporte dos animais deixados para trás, os drones não conseguiram detectar outras coisas. De qualquer forma, a invasão estava confirmada.

Era hora de mobilizar o esquema de defesa de fronteiras.

Sem perda de tempo, Carlos Junqueira Castro comunicou a invasão através dos canais indicados no protocolo. Foi o suficiente. Em poucos segundos, ao tempo que tropas de fronteira vasculhavam a região ciliar em busca dos invasores, devidamente classificado e processado na Floresta de Antenas, o alerta feito pelo guardião Carlos

chegava ao Coliseum para conhecimento do presidente SantaClara Penalva e do general Theo Pinto Fragoso, comandante do Batalhão Base Coliseum, [chegava] ao gabinete do deputado-presidente Jonas Fabrício na Casa do Povo, [chegava] ao juiz-ministro Pôncio Veríssimo na Torre de Cristal, [chegava] à administradora-geral Erika César no Grande Mastro e [chegava] ao Grande Farol para conhecimento dos generais comandantes das Forças de Defesa da República, a começar pelo líder supremo general Luccas Zuccherro, e da professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência.

Daquele momento em diante, as coisas aconteceram em ritmo acelerado.

Em menos de meia hora, coincidindo com a chegada de carrões com autoridades ao Grande Farol, acompanhada de apontamentos, observações e registros julgados pertinentes pelos analistas de informações do serviço de inteligência, uma cópia do relatório do guardião Carlos era colocada diante das poltronas dispostas no entorno da mesa de reuniões do QG das Forças de Defesa da República.

- O que aconteceu? - sem perda de tempo, depois abrir formalmente a reunião do Conselho Superior de Defesa do Jardins e fazer uma leitura superficial da papelada já distribuída aos conselheiros, o presidente

SantaClara Penalva perguntou sem dirigir a palavra especificamente a qualquer dos presentes.

Ao ver a movimentação dos carrões em direção ao Grande Farol, sabendo que só autoridades maiores tinham direito àquela mordomia e, mais ainda, [sabendo] que aquelas [autoridades] não se encontravam pessoalmente com frequência, os observadores mais experientes (entre os quais se incluíam os jornalistas, curiosos qualificados e xeretas de todos os tipos) prontamente perceberam que havia alguma coisa estranha e importante no ar.

Eles tinham razão.

Capítulo VIII

O começo

Nos termos do manual do governante de alto nível, em casos de grave ameaça à república e em questões de alcance estratégico, o Conselho Superior de Defesa do Jardins - um colégio seletivo formado pelo presidente da república SantaClara Penalva, pela administradora-geral Erika César, pelo deputado-presidente Jonas Fabrício, pelo juiz-ministro Pôncio Veríssimo, pelo comandante máximo das Forças de Defesa da República general Luccas Zuccherro, pelo comandante do Batalhão Base Coliseum general Theo Pinto Fragoso e pela professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência - [o Conselho] deveria se encontrar preferencialmente em reunião presencial para avaliação de conjuntura e determinação de providências reparadoras e capazes de evitar reincidência. A intempestiva romaria das autoridades ao Grande Farol despertou a curiosidade da mídia, que colocou o antigo prédio sob lupa fina, passando a especular sobre as razões da movimentação. 'O que poderia ter acontecido cuja gravidade justificava a convocação do Conselho Superior de Defesa do Jardins?' era a pergunta que os jornalistas mais

experientes se faziam ao mobilizar correspondentes por todo o país.

- Ainda é cedo para qualquer inferência - adiantou a professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência e membro do triunvirato das Forças de Defesa da República, evitando adiantar qualquer opinião. Assim como os colegas, a professora Elena Rúbia aguardava maiores informações sobre as prováveis motivações que teriam levado à invasão dos Jardins por forças do PontoUm.

- Saberemos alguma coisa em minutos - comentou o general Luccas Zuccherio, comandante máximo das Forças de Defesa da República.

O Conselho Superior de Defesa do Jardins não era um mero Gabinete de Crise. Pelas funções naturalmente exercidas pelos seus membros, aquele era um grupo alta gestão, habituado a ler nas entrelinhas e a interpretar invisibilidades [situadas] para depois do horizonte. Além de respostas para as causas imediatas da sua convocação, comandando a ação de enfrentamento à invasão, o Conselho Superior de Defesa do Jardins se preocuparia em determinar as razões que teriam levado à incursão, às suas consequências diretas e indiretas e, ainda, discutiria ideias capazes de evitar a repetição da agressão.

Pela sua própria natureza, aquele Conselho não se reunia com frequência.

Nos instantes iniciais da reunião, embora fossem velhos conhecidos, os conselheiros não pareciam estar à vontade. Pudera! Conscientes de que a República estava sob risco, [eles] não dispunham, pelo menos nos primeiros momentos, de elementos capazes de apontar soluções para os problemas que os atormentavam.

A falta de informações era irritante e deixava alguma tensão no ar - dessas [tensões] que parecem retardar o escoar do tempo. A chegada de relatórios de inteligência sobre diversos aspectos, inclusive sobre a situação econômica e política do PontoUm, no entanto, municiou os conselheiros com as ferramentas necessárias para o início do trabalho, desanuviando o clima da reunião.

Em pouco tempo, além de cópias do relatório de campo produzido pelo guardião fronteiro Carlos Junqueira Castro, os conselheiros receberam a súmula produzida pelo Conselho Geral de Inteligência com uma sinopse da situação geral do PontoUm, destacando o constante reposicionamento dos nobres no vai-e-vem característico da instabilidade política da região, uma síntese da eterna crise econômica que assolava o país vizinho e um panorama

geral das suas disponibilidades militares [disponibilidades militares do PontoUm].

- O repentino fortalecimento do clã DanteGaudêncio - que, de forma pouco inteligente, diga-se de passagem, sempre alimentou sonhos de poder - talvez seja a explicação desta invasão - iniciou a professora Elena Rúbia após rápido vislumbre pela papelada. E, durante alguns minutos, o presidente do Conselho Geral de Inteligência comentou que, provavelmente, a invasão dos Jardins tivesse decorrido do acirramento da contenda do clã DanteGaudêncio com outras tribos e famílias em disputa pela liderança da hierarquia do PontoUm - Já há algum tempo, o velho visconde Péricles pretende assumir a presidência do PontoUm e, talvez, queira usar a invasão dos Jardins como uma demonstração de força para intimidar as tropas leais ao presidente Neostavis e, ao mesmo tempo, desestimular alguma eventual tribo concorrente.

A opinião da mestre das informações, como a professora era conhecida na comunidade de inteligência, fazia sentido, mas não era única tese considerada no Conselho.

- Uma outra possibilidade aponta o desespero de Neostavis para se manter no poder. Por conta da quebra da safra de verão, a eterna crise econômica do PontoUm

aumentou e o seu regime já não tem como alimentar o povo. Neostavis sabe que a única chance de ele se manter no poder é buscar no nosso território as coisas que precisa para atravessar a tormenta - comentou o general Luccas Zuccherro. Embora fosse sistematicamente voto vencido, o comandante máximo das Forças de Defesa da República sempre defendera que a melhor forma de evitar conflitos e guerras famélicas - como, aparentemente, enfrentavam na ocasião - era a discreta concessão de algum auxílio econômico ao regime de Neostavis, que era considerado um líder aceitável.

- Embora possam explicar a invasão, estas duas construções não esgotam as formulações possíveis... - matutou o presidente SantaClara Penalva - Pode haver outras razões

Aqueles que conheciam a dinâmica do Conselho Superior de Defesa dos Jardins sabiam da cautela como seus membros discutiam as questões, formulando, apreciando e avaliando todas as possibilidades, por mais improváveis que pudessem parecer. Uma coisa era certa: aquela reunião prosseguiria até a formulação de planos capazes de orientar a administração no enfrentamento do problema que motivara o encontro.

Capítulo IX

O plano de DanteGaudêncio

Com uma ponta de curiosidade, o presidente Neostavis MontBlanc Strauss decidiu conceder a audiência solicitada pelo jovem conde Balthazar Pentecostes, primogênito, sucessor e principal herdeiro da fortuna de DanteGaudêncio. Oficialmente, conforme o pedido encaminhado há tempos, o encontro consistia em uma 'visita de cortesia' - motivo despropositado, sem pé, nem cabeça, pois nunca houvera qualquer tipo de cortesia entre aqueles clãs. Aliás, como ocorre espontaneamente entre cães e gatos, os MontBlanc Strauss e os DanteGaudêncio não se toleravam, sendo aquilo o que se convencionou chamar de 'inimigos naturais'. De fato, eles estavam sempre em disputa, pois, embora não admitissem, de alguma forma eram muito parecidos e, no fundo, queriam as mesmas coisas. Assim, a conversa desejada pelo conde Balthazar Pentecostes despertou todos os tipos de ilação. Que assunto o herdeiro de DanteGaudêncio poderia ter para tratar com o presidente Neostavis? Desta vez, no entanto, ao contrário da expectativa alimentada por muitos, apesar do antimagnetismo natural, a julgar pelos primeiros minutos da reunião (não se sabe o que ocorreu depois), não houvera qualquer hostilidade entre eles.

- Boa tarde, presidente Neostavis - saudou o conde, o qual, embora fosse o beneficiário direto do aprofundamento da crise econômica do PontoUm pela quebra da safra de verão, não queria precipitar querelas, preferindo aproveitar o momento para tratar de parcerias estratégicas.

- Boa tarde, conde Balthazar.

Cumpridos os salamaleques iniciais, ocorridos sob o olhar curioso de parte da corte palaciana, atendendo a pedido do conde visitante, a reunião foi transferida para uma sala menor e prosseguiu sem qualquer testemunha.

A conversa ocorrida a portas fechadas no palácio presidencial de BrazzaCezza, capital do PontoUm, demorou quase duas horas. Tempo muito maior do que aquele normalmente dedicado às audiências pelo presidente. Embora a entourage tenha feito todos os tipos de conjecturas, em verdade, ninguém jamais soube com certeza qual assunto foi tratado naquele encontro. Os sorrisos trocados à porta na despedida, indicavam que os dois líderes chegaram a algum tipo de acordo. Talvez esta tenha sido a causa de o presidente Neostavis, não só contrariar a sua rudeza usual e, ao final da audiência, ter acompanhado o visitante à porta, mas conservar o bom-humor pelo resto do dia.

Três semanas mais tarde, estourou a bomba.

Em ação desautorizada (que, diga-se de passagem, não surpreendeu ninguém no governo central do PontoUm), o território dos Jardins foi invadido.

Ainda no começo da manhã - bem antes da chegada do emissário do general Luccas Zuccherro, comandante máximo das Forças de Defesa da República dos Jardins, que, refletindo a irritação do estado maior, exigia explicações para a violação da fronteira no Enclave Ultramarino do Cachimbo, o único distrito limdeiro da província Nova Bulgária -, o correio transmitido boca a boca desde a região perturbada chegara com a notícia da invasão do território dos Jardins, ao sul da capital Florville.

Embora superficiais, as informações eram suficientes para o presidente Neostavis constatar que estava com um problema sério nas mãos. Lembrado da conversa com o conde Balthazar dias atrás, de pronto, o presidente atinou quem, provavelmente, seria o responsável por aquela aventura aparentemente irresponsável. De qualquer forma, consciente da imensa superioridade das forças militares do país vizinho e [consciente] de que o PontoUm não resistiria a um único dia de peleja, o presidente não tinha interesse

em alimentar qualquer desavença com os Jardins. De fato, sabendo que tinha tudo a perder, Neostavis não podia arriscar o convívio pacífico com o país vizinho.

Agora, diante das informações sobre a movimentação na região fronteiriça, competia ao presidente exercitar a hipocrisia própria dos príncipes. Estava decidido. Negaria qualquer envolvimento ou, mesmo, conhecimento sobre a incursão, minimizaria a importância do incidente e procuraria ganhar tempo com conjecturas estéreis. Lamentaria, evocaria suspeitas sobre alguns dos grupos criminosos regularmente empenhados em ações de contrabando e, finalmente, como se descartasse qualquer envolvimento do PontoUm na ação, lavaria as mãos para o eventual uso da força contra os invasores pelo país vizinho. Seria assim que o presidente Neostavis trataria (e, de fato, tratou) o assunto com o emissário do general Luccas Zuccherro.

Na realidade, era exatamente isso que, da plataforma de observação, no Grande Farol, bem no alto do promontório, na extremidade da península, [que] o estado-maior das Forças de Defesa da República esperava confirmar - a invasão da Nova Bulgária não era uma operação oficial do PontoUm e, sim uma ação isolada de algum senhor feudal. A informação foi imediatamente

transmitida ao general Luccas Zuccherro, que, ato contínuo repassou para o presidente SantaClara Penalva, para a administradora-geral Erika César, para o deputado-presidente Jonas Fabrício, para o juiz-ministro Pôncio Veríssimo, para o comandante do Batalhão Base Coliseum general Theo Pinto Fragoso e para a professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência.

Aquele seria um elemento precioso ao processo decisório do Conselho Superior de Defesa do Jardins.

Horas mais tarde, depois de alguma discussão levando em conta as informações trazidas pelo general Luccas Zuccherro, o Conselho Superior de Defesa se convenceu de que, talvez sem considerar a correlação das forças militares e a consciência da importância da Unidade cultivada desde cedo na República Democrática dos Jardins, querendo ter o seu próprio domínio, algum senhor feudal do PontoUm tenha pensado em estabelecer um país para dizê-lo seu e tenha se atrevido fazer a incursão em Nova Bulgária - uma província limítrofe que, como todas as demais (à exceção de Los Pardos, que tempos atrás fora palco de um episódio localizado e insignificante) -, jamais indicara qualquer desejo separatista. Em outras circunstâncias históricas, talvez a Nova Bulgária se prestasse para acomodar um país 'de segunda linha'. De qualquer

forma, nos termos da conjuntura prevalecente naquela época, não havia a menor possibilidade de os Jardins abrirem mão de qualquer província, muito menos do Enclave Ultramarino do Cachimbo, um distrito estratégico, inclusive por ser lindeiro da Nova Bulgária, cuja capital era Florville.

De qualquer forma, apesar estabilidade política rechaçar a chance de sucesso de aventuras segregacionistas, o sistema de vigilância da fronteira apontava a violação da fronteira por um comboio militar. Contra todas as possibilidades, alguém tinha tido a ousadia de afrontar o sistema de defesa dos Jardins para, quem sabe, tentar um levante.

O presidente Neostavis não sabia, mas, realizando a ação insinuada há tempos, no outro lado da fronteira, aproveitando o mimetismo natural fornecido pela Floresta Negra, acompanhado de uma pequena tropa de elite, o conde Balthazar DanteGaudêncio avançava no território dos Jardins, cumprindo um plano minuciosamente detalhado.

Ao contrário de algumas desconfianças, seu destino não estava no Enclave Ultramarino do Cachimbo ou qualquer outro ponto da Nova Bulgária: o conde Balthazar

se dirigia à cidade de São Cristóbal, capital de Los Pardos, a província que, anos antes, sob a liderança do vereador CidBoy, abrigara o movimento 'Los Pardos Libre' (MLPL) - um movimento anárquico formado principalmente por jovens entusiasmados com a possibilidade de secessão da região Leste dos Jardins.

Naquela ocasião, fazendo a alegria de alguns barões do PontoUm, em discurso separatista proferido da tribuna na câmara municipal de São Cristóbal, alegando o término da pandemia de coronavírus e a necessidade de 'reconhecimento das diferenças culturais' de cada uma das regiões dos Jardins, o vereador defendeu a divisão do país e a criação da república de Los Pardos, reunindo todas as províncias da região Leste. Os planos de CidBoy foram prontamente abortados pelo Conselho Superior de Defesa do Jardins, que, antes de a ideia se alastrar por outros seguimentos da sociedade e cantos do país, acolhendo proposta do juiz-ministro Pôncio Veríssimo, proscreeva o movimento 'Los Pardos Libre' e condenara CidBoy ao cárcere a longos anos de cadeia.

Espelhando-se em si próprio, o conde Balthazar imaginou que, embora o movimento 'Los Pardos Libre' tivesse sido dissolvido, os sonhos de liberdade dos seus membros deveriam continuar tão vivos como antes e

poderiam ser ressuscitados, bastando restaurar a chama incendiada por CidBoy junto às pessoas certas. Com o discurso que acusava o Conselho Superior de Defesa do Jardins de práticas 'autoritárias' e 'antidemocráticas', o conde Balthazar DanteGaudêncio esperava inflamar a chama da secessão, criando a ambiência apropriada para colocar implementar o plano que converteria sua aparente fraqueza e poder avassalador e, no curso do processo, se habilitar à condição de líder do MLPL e, finalmente, realizar o sonho de ter um país só para si.

Tão logo se sentiu seguro após a correria dos primeiros momentos da invasão, satisfeito com a eficácia da manobra diversionista decorrente da louca diáspora dos ratos e pombos liberados pelo carro precursor, o conde Balthazar tratou de colocar em andamento o plano que detalhara por meses a fio.

Contando com resultado adverso da missão - listada no planejamento inicial na conta das 'perdas admissíveis' -, ao tempo que instalava acampamento para a pequena fração mantida sob seu comando direto, o conde Balthazar despachou o baronete SouzaRicardo à frente de uma coluna com 12 veículos e 50 homens em direção ao norte. A missão atribuída à SouzaRicardo constava de uma jornada ligeira por estradas secundárias com a realização de

ataques em série, concatenados uns aos outros - sem deixar pedra-sobre-pedra ou fazer prisioneiros pelo percurso, a coluna deveria progredir através de pequenos saltos, fazendo de cada ataque (furtivo ou não, conforme o caso) uma fonte de víveres, armas e munições, ganhando musculatura bélica para a etapa seguinte, fazendo de cada investida um degrau para a próxima, numa escalada cujo objetivo final era chegar à Florville, capital dos Jardins, onde, dispersos em duplas ou trincas, os guerreiros deveriam se misturar e imergir na população local à espera de instruções.

- Barão SouzaRicardo - tratando-o pelo título ostentado pelo velho patriarca da família em clara insinuação da ascensão que o esperava, o conde Balthazar entregou-lhe um alforje lacrado - proteja este lacre com a própria vida. Esta mochila leva a arma que nos levará à vitória.

Em três horas pelo caminho carroçável de terra batida pela Floresta Negra, SouzaRicardo e seus homens chegaram ao primeiro posto de controle apontado no mapa desenhado pelo conde Balthazar DanteGaudêncio a partir das informações colhidas junto a caçadores e andarilhos. Confirmando aquilo dito pelo conde ao baronete, o primeiro alvo era um posto desguarnecido - uma simples

edificação sem qualquer estrutura, que, seguramente, não contava com recursos para oferecer resistência significativa ao ataque. Sem maiores dificuldades, a investida aconteceu como planejado. Contando com o efeito surpresa e superioridade militar, rapidamente a coluna de SouzaRicardo cumpriu a primeira missão, tomando, saqueando (açambarcou tudo o que pode: alimentos, água, remédios, combustíveis, agasalhos, armas, munições, veículos, documentos de identificação e tudo mais) e destruindo o posto, antes de, sem perda de tempo, seguir viagem pela Nova Bulgária para a próxima investida rumo à Florville.

Enquanto isso, aguardando pelo tempo necessário para as Forças de Defesa da República reagirem à escalada de SouzaRicardo e mobilizassem as tropas disponíveis na região para concentrar a resistência e conter a invasão, o conde Balthazar manteve as suas tropas imóveis, sem fazer qualquer movimento capaz de chamar atenção dos radares fronteiriços. SouzaRicardo e seus homens não sabiam, mas, usados como boi-de-piranha na estratégia do conde Balthazar, a sua missão à Florville cumpria a função de atrair a atenção das Forças de Defesa da República, criando as condições para a progressão despercebida da tropa principal em direção ao sul.

Atrair a atenção e a reação dos guardiões da fronteira para desviar-los de outros movimentos pela Floresta Negra, possibilitando a progressão desembaraçada da coluna liderada pelo conde Balthazar. Esta era a missão reservada ao baronete SouzaRicardo - o qual, diga-se de passagem, zelando o alforje com o máximo cuidado, sem saber ter sido considerado um quadro sacrificável, se imaginava escolhido para a condição de herói e sonhava com os louros que receberia em função da conquista da capital da República Democrática dos Jardins.

De sua parte, nada preocupado com a segurança de SouzaRicardo e dos seus homens, confiando em que sua arma secreta surtiria efeito de qualquer forma, com a paciência possível aos DanteGaudêncio, o conde aguardou a sua hora de agir.

A espera de Balthazar DanteGaudêncio foi curta.

Tão logo recebeu o correio - informado que, conforme planejado, após a previsível primeira vitória, a coluna SouzaRicardo prosseguiria viagem pela Nova Bulgária em direção ao norte -, com o cuidado de apagar vestígios da presença de uma segunda tropa estrangeira nos Jardins e bem acomodar o alforje similar àquele entregue ao baronete SouzaRicardo no pequeno baú que integrava sua bagagem pessoal, o conde Balthazar levantou

acampamento e seguiu no sentido contrário, rumo à cidade de São Cristóbal, capital da província de Los Pardos.

O plano elaborado por Balthazar DanteGaudêncio estabelecia que, como não dispunha de força suficientemente forte para sustentar uma batalha mais intensa contra a tropa fronteira dos Jardins, o deslocamento à São Cristóbal deveria ser rápido e furtivo de modo a evitar qualquer confronto. Não podia ser diferente, pois - como, contrabalançando o robustecimento bélico e logístico obtido pela incorporação de bens saqueados, o efeito surpresa tão precioso e importante para as vitórias iniciais desaparecia a cada ataque - a missão atribuída à SouzaRicardo enfrentaria crescente dificuldade e, em pouco tempo, deixaria de atrair toda a atenção dos fronteiros e, conseqüentemente, a movimentação do boi-de-piranha (SouzaRicardo) não mais ofereceria qualquer biombo diversionista a Dante Gaudêncio. Na nova condição, as tropas lindeiras dos Jardins estariam disponíveis para dar combate à coluna do conde Balthazar. Por isso, ele precisaria ser ágil.

Foi o que aconteceu.

Pouco se lixando para aquilo que acontecia com a coluna SouzaRicardo (do ponto de vista prático, além do efeito a ser produzido oportunamente pelo arsenal contido

na mochila a ele entregue na última hora, o sucesso da missão de SouzaRicardo não dependia do desempenho militar, mas sim da atenção despertada na guarda fronteiriça dos Jardins, quesito facilmente aferido pela ausência de obstáculos importantes à frente da coluna liderada pelo conde rumo ao Sul. A coluna de Balthazar DanteGaudêncio prosseguiu em ritmo acelerado por trilhas que evitavam as estradas e, em pouco mais de cinco horas, estava em São Cristóbal, a capital da província de Los Pardos.

Seria em São Cristóbal que faria explodir a sua guerra. Aquilo que porventura acontecesse em Florville fortaleceria o ataque, mas o teatro de operações inicial seria na capital de Los Pardos.

Capítulo X

São Cristóbal e o germe da revolta

Ao contrário da capital federal Florville, refletindo a formação cultural da baixada de Los Pardos, São Cristóbal era uma cidade plena de contradições, pois, ao tempo que ganhava o ar soturno das procissões silenciosas diariamente promovidas pelas matronas da velha elite conservadora em torno de andores sombrios, também recebia o bafo de alegria criado pelos costumeiros festivais de arte coloridos e pintados com os ares e com os sons da psicodelia, bem ao gosto da juventude rebelde de todas as províncias dos Jardins. Embora moderna, com centro marcado por torres que pareciam furar o céu - um conjunto arquitetônico arrojado, planejado para dar um aspecto futurista à cidade - , São Cristóbal cultivava tradições antigas, trazidas de um tempo no qual a humanidade ainda não tinha sido flagelada pela pandemia. Assim, com frequência, o espaço por entre as torres de cristal era tomado por festas e folguedos populares embalados por músicas ritmadas que evocavam liturgias imemoriais, misturando o passado com o presente para construir arremedos daquilo que a população queria para o futuro.

Sendo efeito do caldeirão de cultura formado pela soma dos acontecimentos e sentimentos desenvolvidos e experimentados desde antes da grande doença e, naturalmente, ajuntando ao ontem a contribuição do hoje para a construção de um amanhã em permanente gestação, o dia-dia de São Cristóbal era embalado pelo velho sangue latino que fervia nas pessoas, dando-lhes um brilho no olhar e um jeito especial de ser, cheio de sotaques, mandingas e trejeitos que se projetavam no andar gingado, no falar cantado, no vestir descontraído, na música ritmada, na culinária apimentada, enfim, no modo São Cristóbal de ser, de pensar e de agir. Não foi sem razão, portanto, que São Cristóbal deu berço e estufa para dezenas de movimentos vanguardistas e da contracultura dos Jardins, incluindo alguns de índole segregacionista, como o movimento 'Los Pardos Libre', mais conhecido por todos como MLPL, que a tomou como palco para aparições espetaculares e operações de impacto na opinião pública.

A rigor, embora tenha surgido no underground da cidade, contaminando e sendo contaminado pelos sonhos de afirmação da juventude de São Cristóbal, a proposta segregacionista do MLPL não traduzia a índole geral de toda a população, a qual, junto com a liberdade, alimentava muitos outros sonhos e desejos, incluindo o bem-estar, a prosperidade, a justiça, a segurança, o conforto. Assim, ao

contrário daquilo dito e escrito por comentaristas políticos superficiais e estampado com destaque nos panfletos incendiários distribuídos pelo próprio grupo em toda a região, não havia uma célula separatista em cada esquina de São Cristóbal. Havia, de fato, um foco libertário e revolucionário. Mas, daí a ser segregacionista, havia uma grande distância.

Na realidade, a população de São Cristóbal, especialmente a turma mais jovem - um pessoal que, como um adolescente irrequieto, sentia-se tolhido pelas regras (quaisquer que fossem elas) - alimentava genericamente um desejo quase anarquista de liberdade. Mais que tudo, a população de São Cristóbal queria viver tempos marcados pela novidade e não pela mesmice oferecida pelas 'opções únicas'. Aversa a monotonia, de modo geral, a população não via a alteração do comando político da província ou do país como alternativa desejável, vendo-a como um projeto maniqueísta de resultado incerto e que, no fundo, poderia levar à troca de uma 'prisão' por outra. Aliás, deixando-se embalar por ondas de todas as naturezas, ao invés de prestigiar vontades específicas, a população de São Cristóbal aspirava modelos caleidoformes e preferia concentrar energias na construção de um ambiente ajustado ao imaginário múltiplo capaz de abrigar os sonhos alimentados por todos e por cada um.

Do ponto de vista concreto, São Cristóbal não estava descontente com o poder emanado desde a Praça Maior de FlorvilleZeta. Na realidade, como se fustigada por uma comichão interna qualquer, São Cristóbal estava sempre incomodada. Pela vontade dos seus habitantes, a cidade não seguiria qualquer tipo de vínculo e não pertenceria a qualquer ordem, desfrutando, talvez, a situação desfrutada pelos cosmolitas em terras autônomas. Este sonho, no entanto, esbarrava, no senso de realidade e, apesar das vontades mais íntimas, todos estavam conscientes da necessidade da proteção oferecida pela casca maior, uma situação que, ao custo de alguma liberdade, garantia a segurança e o patamar mínimo de bem-estar indispensáveis para a continuidade do seu estilo de vida. Assim, embora fizesse parte do desejo de liberdade vivido por São Cristóbal, a essência do movimento 'Los Pardos Livre' não era verdadeiramente segregacionista e mais representava uma espécie de aviso sobre o jeito de ser daquela população tão especial.

Acontece que, embora definissem as dinâmicas sociais locais, as sutilezas do modo de pensar e de agir de cada uma das cidades e das províncias que compunham os Jardins não eram elementos condicionantes das formulações macro agregadas desenvolvidas pelo comando central do país. Assim, foi na condição de 'ameaça à

unidade da República' que a atividade do MLPL entrou no radar do comando central em Florville e, nesta perspectiva, foi tratado. Com efeito, sem condescendência ou tolerância, o presidente SantaClara Penalva foi tão rigoroso com o movimento 'Los Pardos Livre' como seria com qualquer ameaça à incolumidade política, à unidade territorial ou à Democracia na República Democrática dos Jardins. O ministro Pôncio Veríssimo não foi, portanto, voz isolada quando - ao julgar o vereador CidBoy pelo crime de estímulo à sedição por insuflar a câmara municipal de São Cristóbal com discurso separatista propondo a autonomia das províncias da região Leste do país - [Pôncio Veríssimo] recusou a argumentação baseada no término da pandemia de coronavírus e na necessidade de 'reconhecimento das diferenças culturais que marcavam as diversas regiões do país' e definiu novos limites para a liberdade de expressão dos parlamentares, vedando qualquer alusão à ideias e práticas capazes de estimular a quebra da unidade do país.

Anos mais tarde, um tanto ressabiado, depois de cumprir parte da pena a que fora condenado pela Corte Suprema de Justiça dos Jardins, no gozo do acordo firmado para suspensão da pena, CidBoy estava de volta à vida política. Desta vez com discurso igualmente revolucionário, porém distante da causa segregacionista e centrado principalmente na questão cultural.

Capítulo XI

As primeiras movimentações no Jardins

Embora nunca tivesse cortado os antigos vínculos com o pessoal do 'Los Pardos Livre' - que àquela altura já estava sob a direção de uma nova geração de carbonários -, sempre ativo, CidBoy passara a militar discretamente no 'Paraíso global', um movimento de amplitude nacional que propunha a universalização do bem-estar em todas as províncias dos Jardins, em esquema sócio-político-econômico articulado de modo a eliminar todo e qualquer desnível entre as províncias e, ao mesmo tempo, reconhecesse, respeitasse e valorizasse as diferenças culturais. Assim, como enfatizava o líder Aarão Simplício todas as vezes que era provocado sobre o assunto, havia uma diferença insuperável entre as duas correntes, pois, ao contrário daquilo que o MLPL pregava, o movimento do 'Paraíso Global' era contra a secessão de qualquer das províncias do país.

De qualquer forma, foi no seu gabinete na câmara municipal de São Cristóbal que, acatando pedido de um antigo companheiro dos tempos de militância no movimento 'Los Pardos Livre', o vereador CidBoy recebeu o conde Balthazar DanteGaudêncio.

- Muito prazer, vereador. Sou Balthazar - apertou a mão estendida por CidBoy, omitindo o título que o designava como líder político do PontoUm principal herdeiro do clã DanteGaudêncio, uma das famílias mais ricas e destacadas da aristocracia da banda Ocidental do planeta -, temos muitos amigos e, segundo acho, também muitos pensamentos em comum.

Marcada, inicialmente, por salamaleques protocolares, a conversa fluiu durante algum tempo sem um assunto definido, ganhando forma gradualmente a cada frase e seguiu cheia de sinais e mensagens cifradas de ambas as partes, permitindo que os interlocutores tasteassem o mistério para se conhecer em soluços de avanços milimétricos a cada instante. A conversa foi tortuosa, mas, de qualquer forma, após a primeira meia-hora, os interlocutores tinham acumulado conhecimentos suficientes para a celebração de algum tipo de acordo - eles sabiam (ou, pelo menos, pensavam saber] o desejo um do outro, os pontos de convergência entre eles e aquilo no qual podiam se ajudar mutuamente.

Ao final do encontro, ambos tinham motivos para sorrir.

CidBoy achava que Balthazar era um empresário disposto a financiar os sonhos de secessão do seu antigo

grupo em troca de proeminência no futuro governo e, animado, de alguma, via reacender a chama libertária sufocada pelos anos passados na cadeia. De sua parte, Balthazar estava convencido de que, conforme indicara a pesquisa feita há tempos, encontrara em CidBoy o caminho que precisava para encontrar um parceiro com capacidade suficiente para abrir os caminhos necessários ao seu desejo de ter 'um país para si'.

Balthazar sabia que, como fizera há pouco com o baronete SouzaRicardo, no momento oportuno, precisaria se desvencilhar do novo parceiro, mas esta seria uma cartada a ser jogada mais adiante. Por enquanto, CidBoy seria tratado como um 'novo amigo', um parceiro estratégico cuja companhia só tinha vantagens a oferecer.

A conversa no gabinete do vereador CidBoy foi longa e, após da celebração de um acordo verbal nunca explicitado completamente (e, talvez, nunca compreendido da mesma forma por ambas as partes), prosseguiu por mais alguns minutos, pelo tempo necessário para os ajustes iniciais, inclusive as instruções básicas do relacionamento entre eles. Por razões de natureza política, conforme exigiu CidBoy, depois daquela conversa inicial (e única) eles não mais se encontrariam. Todos os entendimentos posteriores seriam feitos através dos mensageiros designado pelo

próprio grupo. Sem pressa ou alvoroço, Balthazar deveria esperar até que, em alguns dias, seria procurado por alguém devidamente instruído e autorizado para fazer a sua interlocução com o movimento 'Los Pardos Livre' (ou o que restava dele). Contando com a memória do novo parceiro e o orientando a sempre usar um chapéu colorido ('para facilitar a identificação', explicou),

- O contato será no bar 'Bambino Loco'. Em algum dia ainda nesta semana, pontualmente às 18 horas, você será contactado por alguém do grupo - o vereador CidBoy falou.

Por razões de segurança, Balthazar não se encontraria com mais ninguém da estrutura de comando do grupo, cuja hierarquia, conforme CidBoy explicara, era segmentada e estratificada de modo a minimizar o risco de colapso no caso de alguma deserção ou prisão. "O grupo é estruturado em camadas estanques para proteger não só a hierarquia, mas, também, as bases", completara o vereador.

- Lembre-se: esta conversa nunca aconteceu e você jamais deve voltar a me procurar - CidBoy se despediu, sem falar da sua recente adesão ao movimento do 'Paraíso Global'.

Sem conhecer os meandros da política local, Balthazar DanteGaudêncio saiu do gabinete de CidBoy com a impressão de que, por seu intermédio, encontraria o parceiro essencial aos seus planos.

Capítulo XII

Ação e reação

Não demorou muito até a professora Elena Rúbia receber em seu gabinete na Floresta de Antenas, em FlorvilleZeta, a pasta preparada pelo serviço de inteligência dos Jardins sobre a violação da fronteira por invasor proveniente do PontoUm.

Envelopado numa pasta marcada com o timbre vestido do Conselho Geral de Inteligência, aberto com rápida descrição do ataque feito pelas forças invasoras a postos de controle florestal localizados na estrada carroçável que rasgava a Floresta Negra na Nova Bulgária rumo a Florville, o relatório era baseado em informações apuradas, especialmente na agenda das audiências concedidas pelo presidente Neostavis Pentecostes MontBlanc Strauss e nas movimentações observadas na oligarquia do PontoUm. Mais elaborado do que os documentos que circularam no Conselho Superior de Defesa dos Jardins horas depois da invasão, o novo relatório incorporava informações produzidas pelo confronto e checagem de informes colhidos junto a fontes de diferentes níveis de inserção e credibilidade.

Em apenas três páginas, depois de apontar a ocorrência simultânea de fatos muito estranhos - a contratação de conhecidos mercenários e aquisição de significativo número de veículos rústicos por empresários anônimos, a estranha audiência concedida pelo presidente Neostavis ao jovem conde Balthazar, primogênito, sucessor e principal herdeiro do clã DanteGaudêncio e o seu completo desaparecimento dias mais tarde, juntamente com outros jovens da corte emergente, incluindo o baronete SouzaRicardo -, sob o carimbo 'ultrassecreto', o relatório apontava Balthazar DanteGaudêncio como provável líder da invasão da República Democrática dos Jardins, no antigo Enclave Ultramarino do Cachimbo, ao sul da capital Florville. Além de cópia do relatório inicial produzido pelo guardião fronteiro Carlos Junqueira Castro, a pasta ainda continha um mapa esquemático da estrada carroçável onde aconteceram ataques a postos na Floresta Negra, fotografias recentes dos principais suspeitos, incluindo o conde Balthazar DanteGaudêncio, o baronete SouzaRicardo e os prováveis mercenários contratados para a empreitada, e, ainda, a descrição dos veículos rústicos recentemente comercializados no PontoUm e provavelmente usados na invasão aos Jardins.

Satisfeita com o trabalho do seu pessoal, pessoalmente a professora Elena Rúbia providenciou a

reprodução do número necessário e, cumprindo o protocolo para aquele tipo de situação, deu conhecimento ao Conselho Superior de Defesa dos Jardins, encaminhando cópias ao presidente SantaClara Penalva, à administradora-geral Erika César, ao deputado-presidente Jonas Fabrício, ao juiz-ministro Pôncio Veríssimo, ao comandante do Batalhão Base Coliseum general Theo Pinto Fragoso e ao general Luccas Zuccherro, comandante máximo das Forças de Defesa da República.

Em meia hora, cada uma daquelas autoridades já tinha cumprido a parte que lhe cabia na grande engrenagem que governava a República Democrática dos Jardins, disparando providências em todas as direções.

Barreiras policiais foram erguidas no entorno de Florville; patrulhas armadas foram despachadas em direção ao sul da Nova Bulgária através das estradas vicinais que riscavam o mapa da Floresta Negra, os postos da região fronteira foram alertados sobre a progressão de uma força invasora; fotografias dos prováveis invasores, incluindo o conde Balthazar DanteGaudêncio, o baronete SouzaRicardo e os prováveis mercenários foram espalhadas.

Segundo pensavam as autoridades maiores dos Jardins, agora seria uma questão de horas até a incursão invasora ser contida.

Capítulo XIII

O ataque começará em Florville

Sem saber estar sendo caçado por todas as forças baseadas em Florville, acompanhado pelo único combatente sobrevivente das escaramuças travadas nos últimos dias pela estrada - um tal Armênio Xisto, prontamente alçado à condição de seu assistente e guarda-costas -, o baronete SouzaRicardo singrava as águas do Canal Aprígio à bordo de um pequeno vaporeto.

Estavam maltrapilhos, esfolados e esbaforidos.

Tinham vivido uma aventura (desventura, diriam alguns) que quase lhes tirara a vida. De qualquer forma, depois de muito ralar pelas matas lindeiras à estrada de terra batida, tinham conseguido chegar a Florville.

Não fora fácil.

SouzaRicardo lembrava que, na sequência de uma série de ataques bem-sucedidos, de repente, as dificuldades apareceram. Ao que parece, subitamente alertados com armas e homens adicionais, os postos tinham sido avisados sobre a possibilidade de sofrerem ataques e estavam de sobreaviso. O fato é que, ao contrário das investidas

anteriores, quando quase não encontraram resistência, a partir de certo ponto, a coluna comandada pelo baronete SouzaRicardo perdeu o efeito-surpresa e passou a ser recebida à bala em poder de fogo igual ou superior àquele amealhado na sequência de saques cometidos desde a invasão. E, neste embalo, pouco a pouco, perdendo um homem aqui e outro ali, SouzaRicardo viu sua coluna desmilinguir e ficar reduzida apenas a si próprio e a Armênio Xisto, um dos mercenários contratados no PontoUm. Da condição de predadora, a coluna se converteu em presa perseguida pelas trilhas rasgadas na Floresta Negra. Aliás, em alguns momentos, com o corpo arranhado pela vegetação brava do mato alto, se esgueirando pelos troncos e touceiras, vendo muitas vezes o inimigo a alguns metros, SouzaRicardo pensou que fosse morrer. Quando teve a chance, sempre acompanhado pelo mercenário-protetor Armênio Xisto, correu o mais que pode e, finalmente, sempre evitando as estradas, chegou à capital da república.

Pelo plano a ele transmitido há dias pelo conde Balthazar DanteGaudêncio, tão logo chegasse a Florville, sem nunca perder o precioso alforje de vistas, SouzaRicardo deveria se misturar à população e, sem qualquer atitude belicosa, [deveria] buscar refúgio, preferencialmente em algum dos imóveis-palafitas fincados nas proximidades dos

ancoradouros existentes ao longo da praia arrecifada na margem direita do Rio das Águas Lindas, na confluência com o Canal Aprígio, onde deveria permanecer em estado latente, quase em hibernação. No momento oportuno, de alguma forma, ele seria contactado pelo conde Balthazar DanteGaudêncio para retomar as operações.

E, assim, consciente da fragilidade vivida no momento (da coluna original, além dele próprio, restava apenas Armênio Xisto), mas decido a cumprir as tarefas a ele atribuídas no plano original, sempre pronto para entrar em combate, SouzaRicardo mergulhou no anonimato e, conforme indicado no plano, se manteve em silêncio, fingindo-se de morto, à espera do chamado do conde.

SouzaRicardo não sabia como, mas tinha a certeza de que o ataque aos Jardins começaria em Florville.

Capítulo XIV

O encontro no Bambino Loco

Em São Cristóbal, sem amargar qualquer ansiedade por não saber o paradeiro da coluna de SouzaRicardo, tendo incorporado o chapéu colorido recomendado por CidBoy ao vestuário do cotidiano, desde o primeiro dia após o encontro com o vereador, o conde Balthazar DanteGaudêncio chegava ao 'Bambino Loco' no começo da noite e, sentado diante de uma bebida qualquer, plantava-se num tamborete do balcão do bar por duas horas ou mais, à espera do mensageiro do movimento 'Los Pardos Livre'.

Depois de uma semana de esperanças frustradas, vendo em cada um que entrava no 'Bambino Loco' o contato indicado por CidBoy e já desconfiado ter sido enganado pelo vereador, surpreendentemente foi abordado pelo barman.

- Bonito chapéu, forasteiro. Sou Matheus Relicário. CidBoy disse que temos muito trabalho pela frente - o rapaz, que, nos últimos sete dias, o atendera displicentemente, sem demonstrar qualquer gesto de reconhecimento, abriu um sorriso.

- Você? - o conde Balthazar DanteGaudêncio não escondeu o espanto, não só porque em nenhum momento desconfiara ter estado frente à frente com o mensageiro de CidBoy desde o primeiro dia, mas, também, porque não esperava se deparar com alguém tão jovem. Ao contrário daquilo que imaginava, o interlocutor indicado pelo vereador CidBoy para fazer a mediação com o MLPL era um rapaz ainda imberbe, quase adolescente.

- Não se surpreenda, forasteiro. Se prepare para ver coisas inimagináveis aqui em San Cristóbal - Matheus Relicário parece ter lido os seus pensamentos - Me acompanhe.

Passando o posto atrás do balcão para um dos garçons (o qual, prontamente, foi identificado pelo jovem conde como mais um homem do esquema revolucionário de CidBoy), Matheus Relicário comandou um simples 'siga-me' e tomou a escadaria que levava ao sótão do bar.

Sentado à única mesa existente no pequeno recinto abarrotado das coisas que um almoxarifado de um bar deve ter - garrafas de todos os formatos, barris, bebidas de todos os tipos e cores, queijos e salames pendurados desde travas engastadas no teto, copos e taças guardadas em cristaleiras rústicas, cadeiras e tamboretos amontoados uns sobre os outros, de forma organizada pelos cantos, ali tinha de tudo -

, estava um homem de meia-idade, trajado de forma displicente, barba por fazer. Cada vez mais surpreso com os acontecimentos dos últimos minutos, Balthazar DanteGaudêncio concluiu que, pela forma rude como não se levantou ou não estendeu a mão em natural cumprimento, aquele deveria ser o verdadeiro líder do MLPL e, mais ainda, [concluiu] que o sócio do 'Bambino Loco' era o QG do movimento.

- Sou Jonas Stone. CidBoy pediu que o recebêssemos com cordialidade e disse que você poderia dar alguma contribuição para nossa causa - sem qualquer prolegômeno, o homem foi direto ao assunto quando começou a falar, tão logo Balthazar DanteGaudêncio sentou na cadeira à sua frente indicada por Matheus Relicário, o qual, parecendo não ver os outros lugares vagos no entorno da mesa, permaneceu em pé ao seu lado - Quanto você estaria disposto a investir no nosso movimento?

Balthazar DanteGaudêncio não estava preparado para uma conversa tão direta como aquela proposta por Jonas Stone.

Na realidade, sabendo que as revoluções bem-sucedidas amadurecem em processos lentos e dispendiosos, o conde sabia das grandes dificuldades que teria pela frente. Inicialmente, dada a sua condição de

estrangeiro, mesmo que quisesse e se julgasse apto para a função, não poderia liderar o movimento (pelo menos, nas fases iniciais, pensava ele). Depois, como tinha planos para assumir o comando do Los Pardos Livre (para, na sequência, usá-lo como plataforma para a conquista do PontoUm), esperava que, contrariando o ritmo próprio das secessões, o processo libertário da província fosse rápido e truncado o suficiente para, em algum momento, levá-lo ao comando. Finalmente, precisava contornar a questão financeira. Aliás, se o critério para a celebração e manutenção de qualquer acordo com 'Los Pardos Libre' dependesse da sua contribuição material como pré-requisito, estaria em maus lençóis, pois a pequena quantidade de ouro e de pedras preciosas trazidas do tesouro familiar do feudo DanteGaudêncio, no PontoUm, não era grande o suficiente para financiar um projeto daquela envergadura. Assim, sem outras coisas para oferecer, para permanecer no projeto do MLPL, o conde dependia da sua capacidade de convencimento.

Naquela noite, enfurnado no sótão do 'Bambino Loco' até à saída do último cliente, sabe-se lá a que horas, sentindo continuamente a sombra silenciosa e o respirar ritmado de Matheus Relicário no seu cangote e exercitando as idas e vindas do contorcionismo verbal aprendido nos tempos de ministro durante a presidência do seu velho pai

no PontoUm, o conde Balthazar DanteGaudêncio sustentou uma conversa vaga, pouco conexada com a realidade, 'sem dizer sim, nem dizer não, muito pelo contrário' que muito irritou Jonas Stone, o qual, mesmo contrafeito, controlou o impulso de dar-lhe umas bordoadas e manteve a cordialidade, conforme prometido a CidBoy.

- Não precisa mais nos procurar, estranho, na próxima vez, nós o acharemos - Jonas Stone despediu-se à porta do 'Bambino Loco', deixando claro que gostaria de conversar com maior objetividade no próximo encontro - Quando achar conveniente use o chapéu colorido como sinal de interesse na nossa parceria.

Capítulo XV

Os preparativos da ação

Pelos próximos dias, com a certeza de estar sendo procurado pelas Forças de Defesa da República. , dando folga ao chapéu colorido, Balthazar DanteGaudêncio livrou-se dos poucos mercenários ainda sob seu comando direto.

Adiantando, não só grande parte do soldo combinado, mas, também, dinheiro suficiente para despesas do dia-dia como alimentação e hospedagem pelos próximos meses, Balthazar DanteGaudêncio foi explícito na preleção de despedidas, orientando-os a dispersar de forma isolada ("nada de grupos, nem mesmo duplas", recomendara ele) e buscar alojamento em estalagens, hospedarias, albergues e hotéis de quinta categoria na periferia de São Cristóbal, mudando-se com frequência e, sobretudo, nada fazer para chamar atenção, evitando qualquer tipo de confusão, e assim permanecer até sua posterior convocação.

- Lembrem que, se alguém for descoberto ou capturado, deve sustentar que é fugitivo do PontoUm em busca de melhores condições de vida. Nada a mais do que isso. Nenhum de vocês me conhece, sequer ouviu falar meu

nome - Balthazar DanteGaudêncio concluiu a peroração final - Farei a convocação para nosso próximo encontro através de um anúncio no jornal 'A voz de São Cristóbal', dizendo apenas 'Circo famoso contrata acrobatas corajosos'. Ao ler isso, dirijam-se à praça da Câmara dos Vereadores. Não fiquem juntos. Eu os encontrarei. Além da roupa do corpo, levem apenas as ampolas que vou lhes dar agora.

Ao despedir-se à porta do abrigo, entregou pequenas ampolas sacadas da mochila guardada no pequeno baú a cada um deles.

- Estas ampolas contém a arma que vai nos garantir a vitória sobre os Jardins. Elas devem mantidas sob sua guarda até nosso próximo encontro. Devem ser protegidas com a própria vida.

E, sem nada saber sobre o 'presente' de última hora, os mercenários fizeram a diáspora combinada. De qualquer forma, junto com as ampolas misteriosas, cada um também carregava uma carga de curiosidade.

E, assim, solitário, em completa imersão, o conde pode se entregar ao estudo do cotidiano de São Cristóbal. Balthazar DanteGaudêncio tratou de conhecer tudo sobre a província, sobre a sua capital e sobre o seu povo. Fazendo

da biblioteca pública o seu QG, Balthazar Dante Gaudêncio buscou a seção de periódicos e mergulhou nos arquivos. Leu sobre a província, leu sobre o seu povo, leu sobre tudo nela existente.

Observou que, até certa época, as publicações faziam referência ao movimento Los Pardos Livre, contando a sua história e descrevendo as ações a ele atribuídas. Em referências sempre remetidas ao passado, o noticiário se referia ao MLPL como um movimento quase juvenil e tratava seus militantes como aventureiros românticos.

De repente, depois da ação repressora das tropas federais, num toque de mágica, veio o silêncio. O movimento Los Pardos Livre desapareceu da mídia. A partir daquele momento, em clara demonstração de desconhecimento daquilo que se passava no underground da cidade, o noticiário deixou de fazer qualquer referência ao MLPL, como se ele fosse uma organização extinta. Naturalmente, tendo sempre em mente os seus encontros com Jonas Stone e Matheus Relicário, o conde sabia que, no máximo, o MLPL hibernava à espera da oportunidade propícia para voltar à ativa.

Foi nessas leituras que o conde tomou conhecimento do movimento 'Paraíso Global' - uma organização estruturada nacionalmente, que, se contrapondo aos

princípios separatistas do MLPL, defendia a unidade dos Jardins e a eliminação dos desníveis sociais e econômicos existentes entre as províncias. O principal líder do Paraíso Global era um certo Aarão Simplício, homem que, ainda nos tempos de oficial subalterno das forças de segurança dos Jardins ganhara notoriedade pelo enfrentamento ao MLPL e fizera história na mobilização de multidões em atos públicos por todo o país, cobrando do governo central providências capazes de descentralizar o poder político e econômico concentrado nas províncias mais ricas.

As pesquisas trouxeram informações surpreendentes, despertando reflexões e igual número de conclusões.

Das leituras na biblioteca, o conde tomou conhecimento que, há tempos, ainda na condição de comandante subalterno das Forças de Defesa da República, Aarão Simplício estivera à frente das tropas que perseguiram e prenderam CidBoy, com quem, segundo os jornais, se reconciliara anos mais tarde. Aquela informação era muito importante, pois, se o noticiário correspondesse aos fatos, os dois líderes, originalmente adversários e defensores de ideias antípodas, tinham passado a se compreender, a se respeitar e, mesmo, a se admirar. Até que ponto a suposta reconciliação de Aarão Simplício e

CidBoy teria afetado os seus modos de pensar ou, mesmo, as filosofias motrizes das organizações por eles lideradas? A depender da resposta, o tamanho do desafio a ser enfrentado pelo conde podia aumentar ou diminuir bastante.

Embora alertado para a possibilidade diversa, o conde Balthazar DanteGaudêncio considerou o cenário que lhe pareceu mais provável e concluiu que, se, apesar da relação respeitosa, os líderes Aarão Simplício e CidBoy tivessem permanecido em campos opostos e os movimentos por eles liderados continuassem em oposição, o Paraíso Global constituía um obstáculo adicional aos seus planos (planos de Balthazar DanteGaudêncio, os quais, na ocasião, se confundiam com aqueles alimentados pelo MLPL).

E, com uma orelha de pé, Balthazar DanteGaudêncio tratou de estudar melhor aquela possibilidade.

Neste cenário, ao contrário daquilo pensado inicialmente, além dos governos provincial e federal, o Los Pardos Livre também enfrentava a oposição do Paraíso Global - um movimento que, diga-se passagem, assim como o próprio MLPL, adotava princípios da guerra assimétrica, seguindo velhos manuais de guerrilha. Assim, segundo percebia DanteGaudêncio, embora precisasse derrotar três

forças (o Paraíso Global e os governos provincial de Los Pardos e central dos Jardins) para cumprir seu objetivo maior, havia um 'lado positivo' naquele cenário, pois, pelo menos nos primeiros momentos do embate, a multiplicidade de inimigos permitia a escolha daquele a ser enfrentado inicialmente, possibilitando a concentração do fogo naquele mais fraco. Embora mais difícil, este cenário abria a possibilidade de Balthazar DanteGaudêncio manter a aliança com CidBoy. Afinal de contas - ao contrário da impotência por ele vivida no caso de enfrentamento do MLPL com as forças oficiais, cujos custos envolviam recursos superiores às suas disponibilidades -, estava suficientemente capitalizado para financiar o embate contra o Paraíso Global. Assim, considerando este cenário, apesar do agravamento da situação geral, DanteGaudêncio ganhava condições de 'permanecer no jogo' e prosseguir os entendimentos com CidBoy.

Decidido, então, a retomar prontamente os entendimentos com o MLPL, o conde Balthazar DanteGaudêncio fez um pequeno ajuste na sua dinâmica diária e, mesmo lembrado da advertência de que não deveria procurar o Los Pardos Livre (conforme dissera Jonas Stone "não precisa nos procurar, na próxima vez, nós o acharemos"), resolveu mandar-lhe um sinal de ansiedade.

Sem suspender as visitas regulares à biblioteca, reprisando a instrução que lhe fora dada na vez passada, o conde ressuscitou o chapéu colorido e, com a esperança de ser contactado pelo pessoal do Los Pardos Livre, voltou a frequentar o Bambino Loco no começo das noites. Para sua surpresa, não encontrou Matheus Relicário por trás do balcão.

De qualquer forma, o sinal surtiu efeito e, dois dias mais tarde, foi contactado pelo MLPL. Desta vez, contrariando sua expectativa, não foi abordado pelo barman ou por um garçom (com os quais, diga-se de passagem, tentou fazer algum contato visual, olhando-os firmemente numa paquera não correspondida).

Capítulo XVI

A imersão do Conde

- Jonas Stone manda lembranças e pergunta se há algo novo para conversar - disse-lhe a jovem que, depois de passar alguns minutos aboletada numa mesinha de canto e

trocar algumas palavras com o garçom, sem aviso prévio, sentara no banco livre a seu lado.

- Preciso falar com Jonas Stone sobre o Paraíso Global - o conde tentou manter a naturalidade, como se não tivesse ficado surpreso com a abordagem.

- Fale, estranho. Eu sou Jonas Stone - usando linguajar semelhante àquele com o qual fora tratado na vez passada, a moça se apresentou.

Desta vez, Balthazar DanteGaudêncio precisou de alguns segundos para assimilar a situação. Atormentado por uma montanha de interrogações, o conde ficou sem saber se estava diante de um preposto do líder Jonas Stone ou se, ao contrário daquilo que pensara inicialmente, 'Jonas Stone' não era o nome de uma pessoa e, sim o título ostentado por quem ocupava certa função no MLPL. Resolveu não discutir.

Pelos próximos minutos, falando sem sofrer qualquer tipo de interrupção, reproduziu parte da conversa tida há tempos com CidBoy na Câmara Municipal de São Cristóbal e, amparado no cenário que formulara para justificar seus planos, Balthazar DanteGaudêncio escancarou sua disposição de financiar a retomada das ações libertárias do MLPL. Demonstrando ter estudado a

situação local, o conde falou sobre a provável resistência do Paraíso Global - uma possibilidade que, segundo pensava, deveria merecer a reação prioritária do MLPL. Quando não tinha mais nada a acrescentar e começara a repetir os argumentos, finalmente ouviu a voz da Jonas Stone.

- Você sabe exatamente onde está se metendo, estranho? - como indicador de ter aceito a oferta e o alistamento de Balthazar DanteGaudêncio, a jovem perguntou à guisa de confirmação.

- Sim. Tenho consciência dos riscos e ajudar a causa do MLPL é exatamente o que quero, comandante - o conde respondeu prontamente, acrescentando o título que lhe pareceu mais apropriado para a situação, inclusive como forma de demonstrar alguma submissão.

- Vamos dar um passeio - satisfeita com a resposta, a jovem meneou a cabeça em direção à saída do bar e se levantou - siga-me.

Saíram do Bambino Loco. Antes de dar cinco passos na rua, receberam a companhia de dois rapazes, que, ato contínuo, sem qualquer palavra, encobriram a cabeça do conde com um capuz.

Balthazar DanteGaudêncio não esboçou reação.

OuvIU o ronco suave do automóvel no qual, com a delicadeza que se costuma reservar aos aliados, foi colocado. Durante meia hora ou mais, circularam em silêncio. A música que saía dos autofalantes do carro impedia a percepção de qualquer som externo. Finalmente, o carro parou e, após a curta espera (provavelmente para identificação dos passageiros e abertura de algum portão ou cancela), circulou por mais alguns metros. Instantes mais tarde, com a mesma gentileza de antes, Balthazar DanteGaudêncio foi retirado do carro e conduzido por uma área ventilada, que lhe pareceu um jardim, até um imóvel.

Quando foi desvendado, o conde se viu numa espécie de galpão. Estava cercado por muitas pessoas, mulheres e homens de todas as idades, entre as quais aquelas que, nos contatos iniciais, se apresentaram dizendo se chamar Jonas Stone e Matheus Relicário.

Sufocando a surpresa, o conde não disse uma única palavra. Foram poucos segundos de espera.

- Conde Balthazar Pentecostes DanteGaudêncio - com voz de quem estava habituado a mandar, de forma intencionalmente pausada, Matheus Relicário falou, deixando claro que, desde a primeira conversa no Bambino Loco, o MLPL tinha feito as investigações necessárias e sabia

exatamente com quem estava lidando - Muito prazer, sou Jonas Stone.

Aquele que, até então, fora conhecido pelo conde como Matheus Relicário estendeu-lhe a mão.

Já sem saber quem era quem, Balthazar DanteGaudêncio aceitou o cumprimento daquele que se apresentava como líder do MLPL.

- Quer dizer que você está disposto a financiar o surgimento de um novo país na nossa terra? - sem dar tempo para secunde retrucar, o novo Jonas Stone continuou - A sua oferta foi aceita pelo MLPL. Bem-vindo. De hoje em diante, você fará parte da nossa coluna libertária e, por algum lugar tempo, na condição de nosso hóspede, morará aqui. Nos primeiros dias, você será acompanhado por Josias Silvério - Jonas Stone apontou para o rapaz que, semanas antes, o conde conhecera pelo nome 'Jonas Stone' - Ele vai apresentar você às pessoas que precisa conhecer e vai lhe dar as instruções necessárias. Mais uma vez, conde, bem-vindo ao MLPL.

Na sequência, como prova de benquerença e de aceitação pelo grupo, todos se aproximaram e, cobrindo-o com abraços sorridentes e apertos-de-mão,

cumprimentaram o conde Balthazar DanteGaudêncio. Bem-vindo, bem vindo, todos diziam.

Pronto! Aquela solenidade de aceitação representava um marco importante do plano traçado por Balthazar DanteGaudêncio para ter um país para si. Ele sabia que, sem o concurso de um grupo local, com disposição de luta, armas e homens preparados e motivados, seu plano não passaria das primeiras fases. Na realidade, a aproximação com o Los Pardos Livre, cuja rebeldia era conhecida nos círculos mais bem informados do PontoUm, já estava prevista no plano original. Aliás, junto com outros desafios igualmente ousados - atribuindo a si próprio a tarefa de alcançar a plena aceitação dos novos companheiros -, estava 'assumir e exercer a liderança do MLPL' (uma condição que só seria alcançada se, legitimamente, pudesse pleitear o comando do grupo no caso de ausência do líder). Assim, a Balthazar DanteGaudêncio não bastava ser aceito pelo grupo, ele também precisava contar com a confiança e respeito de todos. Deveria, portanto, conter a soberba própria dos DanteGaudêncio, evitando comportamentos e açodamentos capazes de afrontar à liderança do MLPL. Precisava, enfim, conquistar naturalmente a confiança do Jonas Stone (fosse quem fosse ele) e demonstrar competência e firmeza aos colegas. Mais ainda: mesmo

agindo desta forma, cuidando de escapar da pecha de estrangeiro e se fazendo cidadão de Los Pardos como quaisquer outros, Balthazar DanteGaudêncio deveria fazer a insinuações necessárias para se aproximar do círculo de comando do MLPL.

Capítulo XVII

A procura por fantasmas desaparecidos

Ao tempo que, em São Cristóbal, Balthazar DanteGaudêncio era aceito pelo MLPL e, sob os auspícios de Josias Silvério cumpria os primeiros passos da iniciação requerida aos guerreiros da organização, em FlorvilleZeta, convencida de que ele [o conde Balthazar DanteGaudêncio] fora o responsável pela invasão dos Jardins, a professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência e membro do triunvirato-chefe das Forças de Defesa da República dos Jardins, convocava o guardião Carlos Junqueira Castro, primeira pessoa a detectar a invasão dos jardins, a seu gabinete, no Grande Farol.

Carlos Junqueira Castro ocupava uma posição modesta na hierarquia da guarda fronteiriça e sua jurisdição se circunscrevia ao Enclave Ultramarino do Cachimbo - o pequeno distrito provincial que, até a incorporação ao território dos Jardins, fora um estranho naco de terra pertencente ao PontoUm encravado no território da Nova Bulgária.

Segundo o prontuário mostrado no visor do terminal digital instalado na escrivaninha da presidente do Conselho Geral de Inteligência, encarregado da sala de monitoração da zona lindeira no posto avançado do sistema de defesa na província Nova Bulgária, o guardião Carlos Junqueira Castro era o responsável pela vigilância eletrônica da fronteira dos Jardins com o PontoUm no momento da invasão. Os registros apontavam que, embora tivesse pleno acesso às informações fronteiriças de todo o país, Carlos Junqueira Castro resistira ao impulso de disparar alarmes ao perceber a invasão estrangeira do Enclave Ultramarino do Cachimbo e, revelando disciplina e respeito às limitações do cargo por ele exercido, seguiu à risca o protocolo estabelecido no Manual de Campo das Forças de Defesa da República, só fazendo as comunicações regulamentares após o sistema primário de observação e a verificação in loco feita pelos drones-espiões enviados às coordenadas apontadas nos radares confirmarem a violação da fronteira.

Tal como ocorria com as demais funções não-militares das Forças de Defesa da República, o cargo exercido por Carlos Junqueira Castro tinha nome pomposo - ele era o 'Guardião das Chaves do Enclave Ultramarino do Cachimbo', um posto modesto, mas com direito a farda, crachá e diploma entregues pelo próprio comandante Penalva ao final do curso de admissão. Apesar do título imponente, Carlos exercia um cargo subalterno e não estava habituado participar de reuniões com autoridades do escalão superior do governo. Não foi sem razão, portanto, que ficara surpreso e ansioso com o convite do Conselho Geral de Inteligência para uma reunião com a professora Elena Rúbia, em FlorvilleZeta.

No dia seguinte, logo cedo, mostrando olheiras profundas de quem não conseguira dormir bem durante a noite e as mãos ligeiramente trêmulas em função da ansiedade, Carlos Junqueira Castro se apresentou no escritório-central do Conselho Geral de Inteligência, no Grande Farol fincado no alto do promontório, na ponta extrema da península de Florville. Conforme Carlos Junqueira Castro lembrava dos estudos, um dia, quando se tornou obsoleta pela evolução dos sistemas de orientação, a antiga torre do farol fora desativada e reformada para abrigar as sedes de alguns dos principais organismos de

segurança dos Jardins, incluindo o escritório-central do Conselho Geral de Inteligência.

Quando Carlos chegou ao Grande Farol, a professora Elena Rúbia já havia estudado o seu perfil e chegado a algumas conclusões. A julgar pelo registro funcional e pelo comportamento por ocasião da invasão, Carlos era homem de sangue frio e bastante disciplinado. O sexto sentido e o faro - atributos responsáveis pelo tirocínio aguçado que, desde cedo, a tornara famosa na comunidade de informações dos Jardins - diziam à professora Elena Rúbia que, num futuro próximo, o engajamento do guardião na equipe seria muito útil.

- Guardião Carlos, gostaria que você se integrasse ao nosso time - sem qualquer prelúdio, a professora Elena foi direta ao ponto, surpreendendo o interlocutor - Isto, naturalmente, implica em algumas mudanças, a começar pelo seu local de trabalho, pois, se aceitar o convite, será transferido do Enclave Ultramarino para Florville.

Sem palavras diante do convite inesperado, Carlos permaneceu em silêncio.

- Você será promovido. Deixará de ser 'Guardião das Chaves do Enclave Ultramarino do Cachimbo' e passará a ser 'Mestre das Chaves dos Jardins', um cargo de maior

responsabilidade, com escritório na Floresta das Antenas - continuou a professora - Você estará num outro patamar da hierarquia. Além de eventuais funções de natureza tática ligadas diretamente a mim, você terá responsabilidades de alcance estratégico, incluindo acesso ao aparato de recepção, processamento, transmissão e retransmissão de sinais do sistema de vigilância e comunicações através da Rede Teo, um mecanismo ultrassecreto gerado por Inteligência Artificial que atinge todos os endereços do país.

Carlos engoliu em seco. Aquela era uma raríssima oportunidade só oferecida a poucos. Não havia o que discutir e, sem pestanejar, Carlos Junqueira Castro aceitou a promoção. De imediato, como num passe de mágica, passou a ser um 'Mestre das Chaves dos Jardins' - cargo que ampliava sua responsabilidade de uma esfera distrital a uma jurisdição nacional.

Ainda naquela manhã, a professora Elena levou o antigo guardião Carlos Junqueira Castro ao gabinete do general Luccas Zuccherro, comandante das Forças de Defesa da República, também localizado no Grande Farol.

Naquela reunião, já tratado como Mestre, junto com as felicitações, Carlos recebeu um dossiê com as informações básicas da invasão por ele testemunhada. Na pasta, documentos, relatórios e fotografias davam conta

que, segundo as apurações já realizadas, o líder da invasão aos Jardins fora o conde Balthazar DanteGaudêncio, primogênito e principal herdeiro da fortuna do poderoso visconde Péricles DanteGaudêncio. A invasão fora feita por uma coluna paramilitar formada por cerca de vinte veículos leves e por um contingente de cerca de 80 mercenários experientes e motivados (o dossiê especulava a promessa de fortunas, terras e, provavelmente, títulos nobiliárquicos, até mesmo o de Morgado de rincões a serem conquistados). Após cruzar a fronteira, no Enclave Ultramarino do Cachimbo, a coluna usara estradas secundárias para avançar no território da Nova Bulgária rumo a capital Florville, em jornada confrontada por patrulhas progressivamente mais bem armadas, em embates nos quais fora severamente desfalcada com a perda de muitos homens. Aparentemente, a coluna invasora nunca chegara a Florville. Além dos corpos encontrados pela estrada, especialmente no entorno dos postos de controle e vigilância atacados, as primeiras observações apontavam o desaparecimento de muitos mercenários, inclusive o comandante Balthazar DanteGaudêncio, fazendo emergir a pergunta sobre o seu paradeiro (o dossiê fazia a pergunta se DanteGaudêncio e os outros sobreviventes teriam chegado à capital da república ou estariam agrupados em algum lugar). De qualquer forma, a documentação não fazia referência à

possibilidade de fuga de volta ao PontoUm, deixando claro que, de alguma forma, parte da coluna invasora continuava no território dos Jardins.

- Sua primeira missão, mestre Carlos, é localizar e capturar aquilo que resta da coluna invasora. Precisamos interrogar o conde Balthazar DanteGaudêncio e os mercenários sobreviventes. Precisamos descobrir o alcance da iniciativa invasora. A maluquice terá sido fruto exclusivo da cabeça do jovem conde ou faz parte de algo maior? E, neste caso, quem mais estaria envolvido no plano? Precisamos responder a estas questões, pois a república não pode conviver com este tipo de risco - concluiu o general Luccas Zuccherio.

Capítulo XVIII

Balthazar DanteGaudêncio ganha um QG

Ainda noite da admissão ao LPL - depois de uma breve conversa, na qual Josias Silvério explicou a dinâmica

do bunker do movimento, incluindo as restrições de comunicação com o exterior e que, segundo ele, valeriam apenas nos primeiros dias de internamento -, mais uma vez encapuzado, o conde Balthazar DanteGaudêncio foi levado ao seu endereço em São Cristóbal, onde, sempre acompanhado de perto [por Josias Silvério], teve poucas horas para apanhar os seus pertences.

A mudança foi rápida. O conde Balthazar DanteGaudêncio não apanhou muita coisa.

Deixando muita coisa para trás (um indicador de que, provavelmente, pretendia retornar àquele endereço em breve), ele pegou apenas umas poucas mudas de roupa, material de higiene pessoal, alguns cadernos de anotações, um ou outro livro, um laptop e o pequeno baú do qual nunca se separava. O resto seria usado em outra oportunidade. Quando voltasse, talvez.

Ao observar a faina do conde, Josias Silvério se perguntou sobre onde estaria a fortuna por ele prometida para custear a retomada das ações do Los Pardos Livre. Militante experiente, Josias Silvério sabia que aquele tipo de atividade era dispendiosa e requeria financiamento vultoso, mas preferiu não comentar o assunto. Conhecendo a história do MLPL como devia conhecer, o conde Balthazar DanteGaudêncio não cometeria a imprudência de brincar

com aquele tipo de assunto. De qualquer forma, Josias Silvério decidiu relatar a preocupação a Jonas Stone, que, se achasse prudente e conveniente, admoestaria o novo parceiro.

No caminho de volta ao bunker, Josias Silvério continuou a preleção de boas-vindas.

- Nos próximos dias, tão logo estiver adaptado à disciplina do MLPL, você poderá criar o seu próprio QG para instalar os homens que trouxe do PontoUm e devem estar espalhados por aí... - Josias Silvério estancou a frase com uma reticência intencional, lançando a isca para o conde adiantar alguma informação. Com efeito, embora feita de forma aparentemente espontânea, a forma como (não) encerrou a frase, embutia curiosidade sobre a eventual força militar à disposição do conde Balthazar DanteGaudêncio, no entanto, não engoliu a corda e, ao invés de aceitar a provocação, revidando-a com alguma informação sobre a coluna invasora dos Jardins (e que estava praticamente dizimada), desconversou com alguma futilidade, aumentando, ainda mais, a curiosidade do homem de confiança de Jonas Stone.

Na realidade, desde que o conhecera no 'Bambino Loco', Josias Silvério desenvolvera alguma desconfiança em relação ao conde e, no fundo, tinha grandes dúvidas sobre a

real conveniência daquela parceria firmada pelo MLPL. Se não estivesse contido pelas ordens específicas determinadas por Jonas Stone, seria duro e, antes de retornar ao Bunker, exigiria que Balthazar DanteGaudêncio fosse mais explícito, encurralando-o com questões objetivas sobre os recursos efetivamente disponíveis para contribuir com a luta do MLPL. De qualquer forma, mesmo contrafeito, Josias deu sequência ao panorama de boas-vindas.

- O MLPL tem células espalhadas por toda a província e, pouco a pouco, você vai conhecer algumas delas. Na realidade, nem mesmo o comando central do MLPL sabe precisamente quantas células existem no movimento.

- Como assim? - o Conde estranhou a resposta.

- Sendo um movimento aberto, tem gente entrando e saindo do MLPL o tempo todo. Da mesma forma que o movimento recebe muitas adesões, especialmente nos meios acadêmicos, também perde militantes e simpatizantes, tanto para outras causas como pela quebra do encanto nas coisas que acreditamos. Além disso, não há inscrição formal da militância. Assim, só há registro daqueles que fazem doações regulares e que participam dos cursos de formação política. De toda forma, refletindo aquilo que, de certo modo, acontece com o próprio MLPL,

muitas células estão adormecidas. Em resumo: existem células adormecidas que não sabemos da existência e outras que já não existem e ainda estão contabilizadas nos registros do movimento.

Antes de concluir a exposição panorâmica sobre o movimento, deixando claro não estar satisfeitos com as respostas imprecisas do conde, Josias Silvério alertou que, mais cedo ou mais tarde, chegaria o dia no qual [o conde] precisaria formar sua própria célula e, finalmente, teria de expor os homens da sua força.

PARTE III

Capítulo XIX

A outra guerra do fim do mundo

No entender do Conselho Superior de Defesa dos Jardins, a situação era muito grave, tão grave quanto aquela que prevalecera no início destes novos tempos.

Os primeiros casos tinham sido registrados há alguns meses na região dos ancoradouros, em Florville e, rapidamente, a infecção se espalhara pela Nova Bulgária, deixando alguns cadáveres como alerta de perigo. Depois, com o aprofundamento das observações, apurou-se que, na mesma época, alguns casos também tinham sido apontados nas cidades de San Cristóbal, capital da província de Los Pardos, e ProppaMáxima, capital da província de ProppaAstral. Pelos cálculos dos epidemiologistas e infectologistas, considerando a intensa movimentação de pessoas em viagens de ir-e-vir a trabalho e/ou a lazer, àquela altura o vírus já deveria estar espalhado pelo país e seria, apenas, uma questão de tempo até começarem a espocar casos por toda a parte, com mortandade similar ou superior àquela verificada nos primeiros momentos da pandemia que, há muito tempo, por pouco, não dizimara a Humanidade.

Tão logo fora informada dos primeiros casos, ao tempo que pedira uma audiência ao presidente SantaClara 'com a máxima urgência', a professora Elena Rúbia determinara a investigação sobre o foco original das infecções e sobre a extensão já alcançada pela epidemia. Assim, quando encontrou o comandante Penalva horas mais tarde, a presidente do Conselho Geral de Inteligência já tinha informações concretas sobre o assunto. Na ocasião,

embora tenha falado superficialmente sobre a investigação em curso, a professora Elena Rúbia comentara que, coincidência ou não (era cedo para qualquer conclusão), ao observar o mapeamento dos casos de infecção, os investigadores da invasão dos Jardins apontaram a consistência dos registros com a progressão das tropas vindas do PontoUm.

- Qualquer conclusão seria precipitada, comandante, mas não podemos descartar a conexão entre os dois casos - Elena Rúbia dissera ao presidente Penalva - Talvez estejamos diante de um perigo vindo do PontoUm.

A professora Elena Rúbia lembrava nitidamente que, tão logo vira o mapa de Florville cravejado de alfinetes coloridos indicando as mortes verificadas na zona dos ancoradouros na margem direita do Rio das Águas Lindas, o mestre Carlos Junqueira Castro erguera a voz para informar que as pistas dos mercenários remanescentes da coluna invasora dos Jardins levavam ao Canal Aprígio, sendo perfeitamente possível que o germe assassino tivesse origem no PontoUm. Aquela era uma linha de investigação plausível e que, sem alarde, deveria ser valorizada (ninguém melhor do que o próprio mestre Carlos Junqueira Castro para aprofundar as investigações sob esta nova perspectiva).

Como sempre, a conversa com o presidente Penalva SantaClara foi objetiva.

- Se prepare, professora, porque as próximas horas poderão ser decisivas para a história do país - por todas as razões, o presidente Penalva agitou-se.

Ainda impactado pelas notícias trazidas pela presidente do Conselho Geral de Inteligência, cumprindo a legislação para casos de Estado, o presidente SantaClara Penalva convocou o Alto Comando da República Democrática dos Jardins - mais elevado colégio da administração do país, que, além dele próprio, incluía a administradora-geral Erika César, o deputado-presidente Jonas Fabrício, o juiz-ministro Pôncio Veríssimo, que compunham o quarteto que governava a República - para uma reunião presencial no Coliseum. Excluindo a professora Elena Rúbia, que estava a par da situação, a convocação pareceu estranha aos demais, especialmente porque, ao invés de referir-se a 'invasão dos Jardins' (uma reunião já esperada há semanas), a pauta falava em 'grave ameaça à República'.

Desde a criação da república, provavelmente em função da forma aplicada como os órgãos de controle sanitário atuavam e do rigoroso programa de vacinação, os Jardins nunca tinham sofrido qualquer episódio epidêmico.

Aquele era o primeiro e, por razões óbvias, despertara alertas vermelhos por toda a parte. Afinal de contas, 'Infecções misteriosas' era tudo o que, depois do passado traumático vivido pelo país, os Jardins não precisavam. Aliás, aquele era um tema muito sensível, especialmente para o presidente SantaClara Penalva, cuja história pessoal estava intimamente associada à pandemia que quase arrasara a humanidade - depois de sobreviver a primeira onda de infecções, o então general Penalva SantaClara liderara o combate ao vírus, granjeando o prestígio que terminou por levá-lo ao comando das pelejas para unificar as terras destroçadas pela doença e consolidar a República Democrática dos Jardins. Não era sem razão, portanto, o stress por ele vivido na ocasião, quando a existência da República fora mais uma vez colocada em risco - inicialmente pela invasão liderada pelo conde Balthazar DanteGaudêncio e, agora, pelo ressurgimento do fantasma de um vírus que, potencialmente, poderia reviver tempos infernais.

Quando chegaram, quase simultaneamente a antessala do Salão da República, no último andar do Coliseum, para sua surpresa, administradora-geral Erika César, o deputado Jonas Fabrício e o ministro Pôncio Veríssimo encontraram, compenetrada como sempre, a

presidente do Conselho Geral de Inteligência. Os quatro entraram em silêncio no Salão da República.

A reunião começara em tom grave.

Ao contrário das esperadas informações sobre o andamento da investigação sobre a invasão dos Jardins (a qual, tendo em vista a eternidade decorrida desde a sua instalação, parecia ter caído no esquecimento), a reunião tratou da 'grave ameaça à República' conforme dito na convocação. Depois das boas vindas e salamaleques iniciais, o presidente Penalva foi direto ao assunto da pauta.

- Estamos diante de um caso tão ou mais grave do que a invasão que nos trouxe a esta mesma sala há pouco mais de três meses - começou o Comandante Penalva.

O que teria acontecido para o presidente SantaClara considerar 'tão ou mais grave' do que a invasão do país, se perguntaram a chefe do poder executivo e os presidentes da Casa do Povo e da Torre de Cristal. Ficaram mais tensos quando o Comandante SantaClara solicitou que, dando sequência à reunião do Alto Comando da República, a professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência, apresentasse os detalhes conhecidos sobre a matéria.

Dando resposta às dúvidas da administradora-geral, do deputado-presidente Jonas Fabrício e do juiz-ministro Pôncio Veríssimo, a professora Elena Rúbia informou os dados mais recentes da epidemia em curso na zona dos ancoradouros na margem direita do Rio das Águas Lindas e, com o uso de um projetor, superpôs a localização dos casos verificados à provável trilha seguida pela coluna invasora, expondo as suspeitas levantadas pelo mestre Carlos Junqueira Castro.

- As mortes verificadas na zona dos ancoradouros são compatíveis com a progressão dos mercenários invasores, os quais, segundo as investigações conduzidas pelo mestre Carlos Junqueira Castro, se deslocaram através do Canal Aprígio, sendo perfeitamente possível que o germe assassino tenha sido trazido do PontoUm.

Um coice de mula não teria provocado uma reação tão intensa.

Como se tivessem combinado, um 'Oh!' de espanto acompanhou o esbugalhar sincronizado dos olhos da administradora-geral, do deputado e do ministro, sufocando, definitivamente, a ideia alimentada por ambos antes da reunião de que - em função da ausência de sinais concretos da presença do conde Balthazar Pentecostes DanteGaudêncio e dos seus homens no território dos

Jardins - a invasão do país deveria ser deslocada para posição secundária na escala das preocupações do Conselho Superior de Defesa da República. O choque da informação injetara rios de adrenalina por toda a sala, dando novo significado àquela reunião. Não era para menos. Se, isolados, eram assuntos explosivos, suficientes para justificar a convocação de um estado de prontidão nacional, a combinação da invasão com a epidemia fazia extrapolar qualquer escala de alerta.

A reunião foi longa, inclusive porque procurou cobrir os diversos aspectos tocados nas exposições. O juiz-ministro Pôncio Veríssimo, por exemplo, quis saber quais seriam as explicações para os casos ocorridos fora da capital Florville.

- Embora os infectologistas digam que, provavelmente, estes casos decorram da natural expansão do vírus, não se pode descartar a possibilidade de os invasores terem chegado a São Cristóbal. Aliás, consciente desta possibilidade, os investigadores já colocaram a província de Los Pardos sob lupa. Saberemos em pouco tempo - a professora Elena Rúbia tinha a resposta pronta na ponta da língua.

Com um sabor pessimista, os dirigentes lembraram os piores momentos da Grande Hecatombe - quando, sem qualquer defesa, as pessoas enfrentavam o vírus mortal nas

ruas, em embates que, quase sempre, lhes eram desfavoráveis.

Havia muitas diferenças entre o ontem e o hoje e a maior delas talvez fosse o fato de que, ao contrário dos tempos da pandemia, agora, tendo o passado como espelho, a luta anterior ensinara caminhos e, assim, além da consciência do perigo, o enfrentamento ao vírus não partiria da estaca zero. Sim. Havia linhas mestras a seguir e, quase que cumprindo um check list protocolar, além de mobilizar o Conselho Superior de Defesa da República - agregando àquele grupo a presença dos generais Theo Pinto Fragoso, que comandava o Batalhão Base Coliseum, e Luccas Zuccherro, que comandava as Forças de Defesa da República -, entre outras medidas, o Alto Comando da República, decidiu criar um Gabinete de Crise subordinado diretamente à professora Elena Rúbia e de funcionamento permanente. Além de dar continuidade às investigações sobre a conexão entre a invasão do país e a epidemia, este Gabinete de Crise coordenaria o enfrentamento ao vírus, centralizando as informações, instalando e supervisionando um comitê científico encarregado de fazer recomendações objetivas para conter a sua disseminação [do vírus] e de liderar estudos para o desenvolvimento, produção e aplicação de uma vacina. Na condição de líder do Gabinete de Crise, a professora Elena Rúbia faria relatórios diários ao

Conselho Superior de Defesa, o qual, por sua vez, apreciaria e, conforme a gravidade do assunto, decidiria sobre as recomendações com a 'máxima brevidade', preferencialmente no mesmo dia ou, em certos casos, nas próximas horas.

Mas, não foi apenas isto.

Alertados pelo presidente Penalva SantaClara sobre a emergência da situação, o Alto Comando decidiu não esperar pelas primeiras recomendações do Gabinete de Crise ainda por ser montado e, se valendo da triste experiência vivida por cada um dos quatro dirigentes na Grande Hecatombe, resolveu adotar de forma antecipada algumas providências tomadas por ocasião da pandemia e que, segundo imaginavam, inevitavelmente, viriam a ser recomendadas.

Ainda naquele dia, exercitando a condição de líder do Gabinete de Crise, a professora Elena Rúbia transmitiu o primeiro relatório aos membros do Conselho Superior de Defesa da República. As notícias não eram boas: além da descoberta de 20 vítimas fatais da epidemia (treze mortos em Florville e sete em São Cristóbal), os hospitais de Nova Bulgária receberam a internação de quarenta e três prováveis vítimas infecção e, em Los Pardos os casos suspeitos chegam a dezesseis.

Ao ler a mensagem da professora Elena Rúbia, consciente do risco encarnado pelo novo vírus, o presidente SantaClara chorou e, sinceramente, temeu ter chegado o fim da Humanidade.

Capítulo XX

O começo do fim

Quatro meses antes...

Sempre acompanhado do mercenário Armênio Xisto, único sobrevivente da ação por ele comandada na invasão à Nova Bulgária, cumprindo fielmente a orientação dada pelo conde Balthazar DanteGaudêncio quando o despachou em direção à Florville, o baronete SouzaRicardo se instalara numa das palafitas fincadas nas proximidades dos ancoradouros da margem direita do Rio das Águas Lindas, convertendo-a em moradia e base de ação.

De lá, sempre carregando às costas a mochila recebida do conde (com a orientação de 'protegê-la com a

própria vida, pois ali estava o trunfo que lhes daria a vitória contra os Jardins'), acompanhado pelo cão-de-guarda Armênio Xisto e usando as lanchas que singravam o Canal Aprígio como meio de transporte, SouzaRicardo partia para explorar a cidade e adquirir o conhecimento a ser usado quando chegasse a hora.

Embora lembrasse perfeitamente das últimas palavras a ele ditas pelo conde - instruções sobre o deslocamento à Florville, recomendações de buscar refúgio em palafita na margem direita do Rio das Águas Lindas nos arredores da cidade e a ordem de proteger a mochila 'com a própria vida' -, o baronete SouzaRicardo não sabia qual deveria ser o seu próximo passo. Tinha consciência de que sua coluna original desaparecera e estava reduzida a apenas dois guerreiros, mas, mesmo assim, em demonstração de confiança e de fidelidade ao líder da investida, SouzaRicardo mantinha a convicção de que a invasão seria bem sucedida. Queria sinceramente acreditar que o conde tinha preparado alguma cartada mágica para a jogada final. Na realidade, sem alternativa, SouzaRicardo apostava no planejamento urdido pelo conde Balthazar DanteGaudêncio - uma peça que nunca vira por inteiro, mas que, pelo menos até aquele instante, vinha funcionando como um relógio, prevendo tudo, inclusive as perdas.

De qualquer forma, embora confiasse nos planos do conde, o somatório de coisas como o passar dos dias, a crescente dificuldade de obter recursos para manter a dupla e, sobretudo, a falta de notícias, solapava a firmeza do baronete SouzaRicardo, que, apesar de transparecer força e confiança, no fundo, sentia a dúvida crescer em seu interior. Até quando conseguiria viver na expectativa de um porvir completamente incerto? Procurando fugir dos questionamentos, consumia os dias nos passeios a esmo, no nada-fazer ou na prática dos pequenos furtos dos quais retirava o sustento da 'coluna militar' que lhe restava (reduzida apenas a ele próprio e ao mercenário Armênio Xisto). O baronete preferia não pensar no assunto, mas, se [ele] não sabia o paradeiro do conde e, da sua parte, o conde também não sabia o seu paradeiro, como receberia novas instruções? Nas primeiras semanas, especulou que, no momento oportuno, sabendo que, seguindo suas ordens, estaria abrigado 'numa palafita na margem direita do Rio das Águas', o conde saberia como encontrá-lo. Depois, no entanto, solapado pelo silêncio, sem mais o que pensar, começou a fazer seus próprios planos.

Em seu pensamento, diante da ausência de notícias do conde Balthazar DanteGaudêncio, a ele caberia o comando geral da operação, cabendo-lhe decidir pela retirada de volta ao PontoUm ou pelo prosseguimento do

plano que dera origem a movimentação (que, sinceramente, não sabia qual era). Experimentando pela primeira vez a chamada 'solidão dos comandantes', sem ter com que compartilhar a responsabilidade das decisões, o baronete resolveu seguir em frente e dar sequência ao ataque aos Jardins. O lobo desgarrado da coluna do conde Balthazar DanteGaudêncio levaria a guerra adiante.

Era hora de conhecer o conteúdo da sacola que, segundo o conde, lhes asseguraria a vitória. Não havia mais porque conter a curiosidade.

Deixando Armênio Xisto de guarda nas imediações da palafita, o baronete SouzaRicardo colocou a mochila sobre a mesa da pequena cozinha e, pela primeira vez, atentou que, em nítido indicador da importância atribuída pelo conde ao seu conteúdo, cada um dos dez fechos da mochila era protegido por um lacre. Com as mãos trêmulas de emoção, sabendo que estava entrando por um caminho do qual não tinha volta, quebrou os lacres e abriu os fechos. Com cuidado retirou a caixa envelopada pela mochila e, com cuidado ainda maior, a abriu.

O conteúdo o surpreendeu.

Recheando a caixa, dispostas lado a lado, protegidas e separadas por diversas camadas de feltro e de isopor,

estavam dezenas, talvez centenas, de ampolas e igual número de seringas.

Sem deixar dúvidas sobre a sua natureza, como uma espécie de selo de apresentação e de advertência, cada ampola estampava a efígie de uma caveira e uma etiqueta com o nome 'PhatsGou'. O choque de adrenalina foi imediato. O baronete percebeu, então, que a arma secreta com a qual o conde pretendia vencer a guerra contra as poderosas tropas dos Jardins era algum tipo de veneno. Aquela informação mudava tudo, pois, a depender da potência mortal do veneno, a correlação de forças se alterava e as questões baseadas no número de guerreiros ou na tecnologia por eles empregada deixavam de ser elementos decisivos para o resultado da guerra.

Animado com a possibilidade aberta pela descoberta, o baronete sabia ser preciso conhecer melhor a nova arma antes de fazer qualquer uso dela. Ele tinha razão. Era necessário descobrir o tipo de veneno guardado nas ampolas (ele seria algum produto químico, seria um gás, seria algum germe, enfim seria o quê?). Precisava também descobrir a forma de usá-lo (o veneno deveria ser aplicado por aspersão, por inoculação, misturado na bebida ou na comida, enfim como o veneno deveria ser aplicado?). Precisava descobrir o efeito do veneno (qual o resultado da

sua aplicação, seria alguma dor, imobilização, um mal-estar qualquer, o efeito seria transitório ou permanente, poderia levar à morte?). Precisava saber a potência do veneno, precisava saber a dose a ser aplicada para alcançar os resultados desejados. Enfim, precisava descobrir muitas coisas antes de começar o ataque para o qual vinha se preparando há tempos.

Não iria perder tempo. Como se fosse um professor prestes a começar um novo projeto de pesquisa, sabendo o valor do precioso material deixado pelo conde sob sua guarda. O baronete separou apenas duas ampolas para os estudos (as outras estavam reservadas para os ataques). Abriu uma das ampolas e, com uso da seringa, sugou uma pequena amostra do seu conteúdo. A simples visão do material foi suficiente para o baronete abdicar da condição de pesquisador. A gosma amarelada parecia uma espécie purulenta de catarro e, com espasmo de vômito, SouzaRicardo tratou de repor a nojeira na ampola, fechando-imediatamente.

Convocou Armênio Xisto e, junto com o guarda costas, planejou a primeira experiência - usaria o único boteco da vizinhança como laboratório para o teste inicial do veneno, tendo os moradores das palafitas da região como cobaias. Os clientes do boteco receberiam pequenas

doses do conteúdo das ampolas e, como se fossem ratos de laboratório, seriam observados.

Dito é feito. Ainda naquela tarde, Armênio Xisto foi ao boteco e, como se comemorasse alguma coisa, ofereceu drinks devidamente misturados com gotas do líquido gosmento a tantos quanto pode, contaminando-os e transformando-os automaticamente em objetos de estudo. Assim, na condição de cobaias involuntárias, os clientes inoculados passaram a ser acompanhados até que a pequena dose do veneno produzisse algum efeito.

O resultado foi impressionante.

O efeito do veneno foi avassalador. Ainda naquele dia, todas as pessoas que tomaram da bebida contaminada por Armênio Xisto adoeceram gravemente. Apresentando uma combinação de sintomas desconhecida nos Jardins - tontura, confusão mental, alucinações, falta de ar, dores generalizadas pelo corpo, arritmia cardíaca, dificuldade para respirar, tremores, insensibilidade nas mãos, diarreia, vômitos, contínuas alterações na pressão sanguínea com picos excessivamente altos ou baixos, taxas de vários indicadores repentinamente modificadas -, três cobaias faleceram antes mesmo de receber os primeiros socorros e outras quinze procuraram postos de saúde, sendo hospitalizadas imediatamente, em providência de pouca

eficácia, pois, sem tratamento adequado para a doença de sintomas tão difusos, todas vieram a falecer nas primeiras 48 horas.

Mas, não foi apenas isso,

Nos três primeiros dias - em prova da vida própria adquirida pela infecção -, depois de algum contato com pessoas contaminadas pelo guarda-costas Armênio Xisto, centenas de outras passaram a apresentar os mesmos sintomas, indicando a conversão da região dos ancoradouros e dos postos de saúde e hospitais acionados pelos doentes em criatório e foco disseminador do agente mortal (àquela altura ainda não se sabia tratar de vírus, bacilo ou bactéria).

O veneno contido nas ampolas deixadas pelo conde Balthazar DanteGaudêncio sob a guarda do baronete SouzaRicardo tinha efeito avassalador. Com o uso de poucas gotas da gosma amarelada vinda na mochila trazida do PontoUm, o baronete SouzaRicardo tinha dado início a uma epidemia, cuja letalidade podia jogar por terra todo o poder bélico da República Democrática dos Jardins. De fato, se poucas gotas de apenas uma das ampolas tinha conseguido fazer todo aquele estrago, imagine o que não aconteceria se toda a carga disponível fosse usada.

Ainda impactado com a lambança provocada pelo veneno, SouzaRicardo concluiu que era hora de deixar a região dos ancoradouros. Não havia mais porque ficar ali. Afinal de contas, se, por um lado, não precisava mais preservar o endereço para eventual localização pelo conde (que julgava desaparecido), por outro [lado], tendo em vista a repentina mortandade provocada pela epidemia, em poucas horas, toda a área dos ancoradouros seria colocada sob estreita vigilância, atraindo o olhar das autoridades, aumentando assim as chances de ele, dada a sua condição de 'procurado' pelas forças de segurança dos Jardins, ser identificado e preso. Se, antes, por saber-se importante para os planos do conde, não podia se arriscar, agora, tendo tomado para si a responsabilidade pelo sucesso da invasão, precisava redobrar ainda mais os cuidados.

Não havia muita bagagem. Em menos de dez minutos, recolheu as poucas roupas, colocou a mochila às costas e, sempre sob a proteção de Armênio Xisto, pôs-se em marcha para o interior. Um instinto dizia quanto mais distante estivesse da fronteira com o PontoUm mais seguro estaria. O destino final deste novo deslocamento seria a província ProppaAstral, especificamente para a capital ProppaMáxima, uma cidade menor do que Florville, mas, igualmente, aconchegante.

O baronete tomou a decisão de sair da região dos ancoradouros e de Florville na hora certa. Se tivesse demorado mais alguns minutos teria sido colhido pelo rigoroso lockdown determinado pelo Conselho Superior de Defesa da República para a capital do país. Na realidade, tomando por base os registros históricos da Grande Hecatombe, o Gabinete de Crise tinha recomendado não só o lockdown na cidade, mas também uma rigorosa quarentena a todos aqueles que, direta ou indiretamente, tivessem tido contato com contaminados, atingindo, na prática, toda a população da região dos ancoradouros e a comunidade vinculada aos postos de saúde e aos hospitais que atenderam infectados.

De qualquer forma, instantes antes, sem enfrentar problemas, usando as máscaras higiênicas já adotadas por todos àquela altura, o baronete SouzaRicardo e o guarda-costas Armênio Xisto tomaram o vaporeto que subiria o Canal Aprígio até a estação de metrô em FlorvillePrime, de onde partiram para a Grande Central de Florville, em FlorvilleZeta.

Eles jamais saberiam, mas, quando percorriam a rampa de acesso ao cais onde estava atracado o vaporeto, cruzaram com a equipe liderada pelo mestre Carlos Junqueira Castro, que acabava de chegar à região dos

ancoradouros para investigar a possível conexão entre a epidemia e a invasão da Nova Bulgária. De tão preocupados com a extensão já alcançada pela epidemia, o mestre Carlos e seu homens sequer observaram os dois mascarados que tomariam o vaporeto no qual tinham chegado à estação. Na realidade, com os rostos cobertos e carregando mochila e sacolas de mão, os dois homens nada tinham de especial para despertar a atenção. Aquele episódio passou despercebido por todos. Tanto assim que, sem qualquer alteração, cada grupo seguiu seu caminho - Carlos e os investigadores foram para o hospital suspeito de ser o principal criatório e disseminador da doença e, de sua parte, sempre acompanhado do guarda-costas Armênio Xisto, o baronete tomou o vaporeto para FlorvillePrime.

Em menos de uma hora, depois das curtas viagens no vaporeto e num metrô, SouzaRicardo e Armênio Xisto chegaram à Grande Central de Florville, onde tomariam um trem de alta velocidade para Proppa Máxima, a capital da província de ProppaAstral.

Estavam prestes a escapar de uma grande caçada, mas, antes de seguir viagem, o baronete SouzaRicardo resolveu deixar um recado às forças de segurança de Florville. Ao invés de descer ao terceiro subsolo da Grande Central, onde funcionavam as plataformas de embarque e

desembarque dos trens de alta velocidade, sempre acompanhado do guarda-costas, tomou a escada rolante e, seguindo as placas de orientação, subiu à chamada 'Praça dos Trens', a qual, segundo o totem de informações turísticas, ficava a apenas dois quarteirões da Praça Maior, a principal praça na Nova Bulgária, em torno da qual estavam o Coliseum, o Grande Mastro, a Casa do Povo e a Torre de Cristal.

E foi, no curso da caminhada àqueles majestosos prédios que, confiando na capacidade infecciosa do veneno ainda restante na ampola já aberta, Armênio Xisto despejou pequenas poças da gosma amarelada, criando armadilhas mortais para quem nelas pisasse. Só depois de plantar as armadilhas biológicas nas proximidades dos edifícios-sede aos poderes da república, o baronete SouzaRicardo e o guarda-costas Armênio Xisto voltaram à Grande Central de Florville, de onde embarcaram num trem de alta velocidade para ProppaMáxima.

Tinha começado o ataque.

Incidente precipitado em São Cristóbal

Enfurnado no bunker do movimento 'Los Pardos Livre', em São Cristóbal, em intenso processo de aprendizagem através completa imersão no dia-dia do movimento sob a supervisão Josias Silvério - o qual, mesmo contrafeito, o saturava de informações -, o conde Balthazar DanteGaudêncio pouco ou nada sabia daquilo que ocorria com seu pessoal - nada sabia daquele [pessoal] deixado em stand-by na província governada pelo seu pai no PontoUm, nada sabia dos mercenários sob seu comando então distribuídos pelas periferias da cidade, nada sabia da coluna liderada pelo baronete SouzaRicardo despachada como boi-de-piranha em direção a Florville. Este desconhecimento não o incomodava, pois, pelo plano por ele urdido ainda no PontoUm, faltava muito tempo até que assumisse o comando do MLPL (ou, pelo menos, ganhasse destaque na sua hierarquia), adquirindo as condições básicas para iniciar o ataque programado para todos os quadrantes de Los Pardos. Só quando reunisse as condições suficientes, convocaria a tropa dispersa e espalhada pelos bairros da periferia e, se houvesse necessidade, mobilizaria reforços na sua terra para empreender o ataque em larga escala (o qual esperava irresistível).

A certeza de DanteGaudêncio da sua vitória sobre as poderosas tropas provinciais e republicanas era fruto, não só do seu conhecimento da virulência das armas trazidas desde o PontoUm, mas, sobretudo na confiança que depositava na imunidade dos seus homens frente ao veneno. Na realidade, segundo a opinião geral dos 'cientistas' do PontoUm, o agente biológico PhatsGou - um concentrado produzido a partir da gosma pútrida recolhida sem qualquer tratamento das escarradeiras oferecidas aos pacientes mais infectados das alas pneumológicas dos postos de saúde de maior letalidade no país - contido nas dez mil ampolas acondicionadas nos baús trazidos na invasão, era suficiente para contaminar irremediavelmente todo o território da província de Los Pardos, tornando-a inabitável para os habitantes dos Jardins e, assim, abrindo caminho para a sua independência. A virulência do PhatsGou era completada pela blindagem imunológica adquirida naturalmente pelos seus homens ao longo dos treinamentos realizados nas áreas mais impregnadas, não só pelo PhatsGou, mas, também, pelas múltiplas variantes das suas cepas mais mortais. Não ocorria, portanto, sem razão o otimismo do conde Balthazar DanteGaudêncio quanto ao resultado da invasão aos Jardins.

Até adquirir as condições para o ataque, no entanto, o conde Balthazar DanteGaudêncio manteria a melhor

convivência com a militância do MLPL, especialmente porque seu engajamento seria essencial para a aplicação da estocada inicial (e, provavelmente, final) no Los Pardos. Com efeito, segundo o plano original do conde, caberia ao MLPL a distribuição das ampolas letais por todo o território de Los Pardos. Ele estava consciente de que, naturalmente, a maioria dos militantes e guerreiros do MLPL envolvidos naquela operação inicial seria infectada pelo PhatsGou e morreria poucas horas depois. Isto não afetava. Estas mortes seriam 'perdas necessárias' ao sucesso do ataque. "Afim de contas, para que servem os soldados?". Assim, enquanto, pacientemente construía as condições necessárias, o conde Balthazar DanteGaudêncio passava os dias acompanhado de Josias Silvério, o qual, embora nada fizesse para agradar, era uma companhia muito útil, pois, de alguma forma, ampliava os seus conhecimentos sobre a província, a cidade e sobre o movimento.

Tudo seguia conforme o planejado pelo conde Balthazar DanteGaudêncio até que, um dia, sem deixar transparecer qualquer anormalidade, mas com semblante marcado por rugas de preocupação, Josias Silvério o avisou que, ao invés do costumeiro treinamento diário, iriam para São Cristóbal, onde teriam um encontro com Jonas Stone. O

que teria acontecido para justificar aquela quebra de rotina?

Dirigindo em velocidade acima do normal, Josias Silvério levou o conde ao 'Bambino Loco'.

- Jonas espera vocês no escritório - o aviso foi passado pelo barman assim que entraram no salão.

O fato de Jonas Stone já estar no bar ao chegarem (quebrando uma das regras básicas de segurança adotada pelo MLPL) indicava a importância da conversa que o aguardava,

O líder do MLPL foi direto ao assunto.

- Estão acontecendo muitas mortes misteriosas em Florville. O senhor tem alguma coisa a ver com isso, conde?
- sem qualquer subterfúgio ou prolegômeno, Jonas Stone perguntou diretamente ao conde Balthazar DanteGaudêncio.

- Não sei o que está acontecendo em Florville, Jonas. Aliás, nem lá, nem em qualquer outro lugar. Estou cumprindo a fase de internamento completo e tenho passado todo o tempo com Josias Silvério. O que aconteceu?

A resposta do conde Balthazar DanteGaudêncio foi prontamente confirmada por um menear de cabeça do seu preceptor no MLPL, o qual, àquela altura também estava ávido para saber o que acontecera na capital da república.

Em rápidas palavras, com a superficialidade que o assunto tinha vindo a público, Jonas Stone contou que, de repente, um mal estranho começou a matar gente na região dos ancoradouros, na margem direita do Rio das Águas Lindas, na confluência com o Canal Aprígio, em Florville, indicando a possibilidade de instalação de uma epidemia desconhecida na capital da república. O fato é que, por precaução, além de determinar a imediata investigação do caso, o Conselho Superior de Defesa determinara um rigoroso lockdown na região.

Ao ouvir a palavra 'ancoradouro', com perceptível alteração no tamanho das pupilas e brilho do olhar, o conde Balthazar DanteGaudêncio lembrou que fora justamente naquela região que orientara o baronete SouzaRicardo a se instalar por ocasião da sua (improvável) chegada à Florville. A informação trazida por Jonas Stone era muito importante e indicava muitas coisas. Primeiro, indicava que, de alguma forma SouzaRicardo sobrevivera às patrulhas fronteiriças e chegara à Florville, se instalando no local combinado. Depois [indicava] que, provavelmente cansado de esperar

por suas orientações, o baronete violara os lacres da mochila e, tendo descoberto o conteúdo das ampolas, começara a guerra contra os Jardins por conta própria. Finalmente, a informação trazida pelo líder do MLPL confirmava a eficácia do PhatsGou como arma de guerra. Chegara a hora de dar início à fase final do seu plano. O conde olhou diretamente os olhos do líder do MLPL.

- Precisamos conversar - o conde pediu para falar a sós com Jonas Stone.

Não havia dúvidas de que, apesar de não ter envolvimento direto nas mortes ocorridas em Florville, o conde Balthazar DanteGaudêncio tinha muito a falar sobre o assunto. Jonas Stone pediu para Josias Silvério descer ao salão do 'Bambino Loco' e ficou a sós com o conde Balthazar DanteGaudêncio.

- Ponto, conde. É hora de o senhor contar tudo o que sabe.

Não foi uma conversa rápida ou simples. O conde Balthazar DanteGaudêncio e o líder do MLPL Jonas Stone conversaram por mais de duas horas. Em função dos acontecimentos precipitados em Florville pela ação do baronete SouzaRicardo, aquela conversa fora antecipada em alguns meses. Na realidade, naquele momento nem o

conde Balthazar DanteGaudêncio estava preparado para falar aquilo que falou, nem o líder do MLPL Jonas Stone estava preparado para ouvir aquilo que ouviu. De qualquer forma, eram homens habituados a trabalhar sob pressão e, sem outras alternativas naquele momento, chegaram às conclusões que chegaram.

Desceram taciturnos e, já acompanhados de Josias Silvério, ocuparam a discreta mesinha sempre usada para pequenas reuniões pelo pessoal do MLPL.

- A guerra de independência vai começar. A iniciação do conde acabou, Josias. A partir de agora, você está sob o comando dele - surpreendendo Josias Silvério, o líder Jonas Stone definiu a nova hierarquia do MLPL, dando a ordem aguardada ansiosamente há tempos pelo conde Balthazar DanteGaudêncio.

Como esperado, nos termos da rígida disciplina prevalente no movimento, a decisão de Jonas Stone não foi (nem seria) contestada e, como de outras vezes, caberia ao antigo lugar-tenente Josias Silvério comunicar à militância sobre as decisões de Jonas Stone.

E, assim, já na condição de comandante militar da nova ofensiva do MLPL, ocupando a segunda posição na hierarquia do movimento, o conde Balthazar DanteGaudêncio recebeu carta branca para agir com a única obrigação de manter Jonas Stone a par dos acontecimentos.

Deixando o líder máximo do MLPL no 'Bambino Loco', Balthazar DanteGaudêncio e Josias Silvério voltaram para o QG do movimento nos arredores de São Cristóbal em silêncio. Naquele momento, nenhum dos dois estava motivado para conversas. Sabiam, no entanto, que, já nas próximas horas, teriam muito trabalho pela frente, a começar pela localização e engajamento dos comandantes do 'exército' trazido do PontoUm pelo conde.

Depois de algum tempo, como se tivesse saído de um período ensimesmado para organização de ideias, finalmente, o conde quebrou o silêncio:

- Amanhã, logo cedo, Josias Silvério, o jornal 'A voz de São Cristóbal' precisa estampar o anúncio 'Circo famoso contrata acrobatas corajosos'. Esta é a senha que meus comandantes aguardam para se apresentarem. Eles estão espalhados em bairros da periferia da cidade - orientou o conde Balthazar DanteGaudêncio.

- Deixe comigo - foi a resposta lacônica do seu novo assistente.

Conforme pedido pelo conde, no dia seguinte, em publicação de primeira página, já na primeira tiragem, o jornal mostrava o anúncio combinado. Estava dada a senha, o toque de reunir.

E as coisas aconteceram conforme combinado. Conscientes das suas obrigações profissionais, ao fazer a leitura de 'A voz de São Cristóbal' cumprindo a única obrigação naquele período de desmobilização, os mercenários cancelaram e suspenderam outros afazeres e trataram de se reapresentar ao conde. Eles sabiam o que precisava ser feito e o fizeram.

Seguindo a orientação ("além da roupa do corpo, levem apenas as ampolas", lhes dissera o conde por ocasião das despedidas há alguns meses), alertados para não revelar qualquer conhecimento com os demais colegas e, portanto, não ficarem juntos uns dos outros, todos seguiram para a Praça da Câmara Municipal de San Cristóbal, onde, como se fossem turistas ou desocupados, trataram de conseguir um passatempo até serem contactados pelo conde Balthazar DanteGaudêncio.

No começo da tarde, tendo Josias Silvério como guarda-costas, depois uma rápida visita ao gabinete de CidBoy, para quem deixou um bilhete cifrado 'sobre o iminente começo das ações', o conde se aboletou num dos luxuosos cafés no entorno da praça da Câmara dos Vereadores, onde, como se estivesse fazendo hora para algum compromisso, ocupou uma mesinha da área externa.

Escolhida de caso pensado, pois era aquela de maior visibilidade do café, permitindo-lhe esquadrinhar toda a praça, ver e ser visto por todos. Em poucos instantes localizou cada um dos quinze mercenários sob seu comando direto. Em minutos, pelas mãos de Josias Silvério, cada um deles recebeu um bilhete manuscrito com os garranchos inconfundíveis do Conde. A mensagem era curta e direta. Dizia apenas a hora e o endereço do local onde deveriam se encontrar.

No começo da noite, vindos à pés, de ônibus, de taxi, de transporte por aplicativo, do jeito que acharam melhor para não chamar atenção, todos convergiram para o QG do movimento 'Los Pardos Livre'.

Ao ver sua tropa reunida e sabendo que podia contar com pelo menos com parte da militância do MLPL, o conde Balthazar DanteGaudêncio franziu a boca à guisa do sorriso que reservara para o momento no qual estivessem

colocadas as condições para a sua guerra contra os Jardins. De alguma forma, o conde tinha razão, além das informações sobre os alvos conhecidas por Josias Silvério, contava com a experiência em combate e, sobretudo, a imunidade presente nos mercenários trazidos do PontoUm, com o entusiasmo inocente de parte da militância do MLPL e, finalmente, com a potência mortal do PhatsGou. Sem dúvida o conde Balthazar DanteGaudêncio estava pronto para começar a sua guerra contra o governo central dos Jardins.

Estava decidido! Dando sequência àquilo que o baronete SouzaRicardo fizera em Florville, o conde Balthazar DanteGaudêncio começaria sua guerra em São Cristóbal. Assim como acontecia na Nova Bulgária, era hora de incendiar Los Pardos.

Capítulo XXII

A nova guerra dos Jardins

Ao chegar a região dos ancoradouros na margem direita do Rio das Águas Lindas, na confluência com o Canal Aprígio, o mestre Carlos Junqueira Castro passara a poucos metros do homem que, com a ajuda de um único parceiro, cometera o ataque terrorista com arma biológica que dera início à pandemia. Ele ainda não tinha confirmado, mas, conforme desconfiara desde o início, aquela epidemia estava conectada com a invasão dos Jardins ocorrida meses atrás.

Cumprindo a orientação da professora Elena Rúbia, antes de qualquer outra providência, acompanhado dos investigadores designados pelo Gabinete de Crise e, sabendo que, assustadas com a envergadura do surto, as autoridades sanitárias locais já haviam determinado a obrigatoriedade do uso de máscaras higiênicas, o mestre Carlos Junqueira Castro visitou os postos de saúde e hospitais da região dos ancoradouros para apurar a situação de momento e ouvir a opinião dos médicos. O quadro geral era mais grave do que aquele registrado pelo Conselho Superior de Defesa - o número de óbitos quase triplicara, saltando de 13 para 35 mortos, fora confirmada a infecção de outras de 87 pessoas e, ainda, a existência de 150 casos 'suspeitos', dos quais 25 eram profissionais de saúde envolvidos no atendimento aos contaminados.

- Até agora não observamos qualquer melhora nos pacientes internados e, ao que parece, enquanto não forem desenvolvidos medicamentos específicos, não será surpresa se todos vierem a óbito. Estamos diante de um patógeno desconhecido, altamente mortal e contagioso - com semblante carregado, o diretor do Hospital Geral alertou sobre o perigo da epidemia.

Na sequência, informou ao mestre Carlos Junqueira Castro que, até o final do dia, o Hospital Geral das Águas Lindas teria um relatório completo da situação.

- Teremos o quadro consolidado de todos os casos atendidos nos postos de saúde e hospitais da região, com informações precisas sobre o número de vítimas fatais, infectados hospitalizados e casos suspeitos. O relatório não estará completo, pois sabemos que sempre existem casos não notificados de pessoas infectadas, mas que não recorreram aos serviços de saúde. Há, inclusive, a possibilidade de haver mortos não contabilizados, especialmente entre pessoas que moram sozinhas - o médico recomendou a busca ativa dos possíveis infectados não notificados.

- Já sabemos alguma coisa sobre o mal que precisamos enfrentar?

- Só no começo da noite teremos um estudo conclusivo preliminar sobre a natureza biológica do patógeno agressor. Não espere coisa boa, mestre.

- Vou precisar da relação dos mortos e hospitalizados, doutor.

Sem mais ter o que fazer na rede hospitalar, depois de transmitir o relato para a professora Elena Rúbio, de posse da relação parcial das vítimas, a equipe comandada por Carlos Junqueira Castro se dirigiu à região dos ancoradouros. A tarefa era visitar todas as palafitas apontadas como residência dos infectados os locais por eles frequentados, incluindo mercados, lojas, bares e restaurantes. A rigor, os investigadores não sabiam exatamente o que estavam procurando. De início, buscavam alguma coisa diferente, algo estranho, fora do contexto ou da normalidade.

Os investigadores se espalharam e, conforme orientação do Gabinete de Crise, trataram de conversar com todos aqueles que, de alguma forma pudessem ter tido alguma relação com os infectados. Parentes, vizinhos, entregadores de encomendas, carteiros, garçons, barmens, párocos, marinheiros, qualquer um que pudesse dar alguma pista sobre aquilo que começara naquelas redondezas e, infelizmente, em breve, estaria por toda parte,

contaminando a cidade, a província e, quem sabe, todo o país.

Depois de algum tempo, bombardeando as pessoas com as mesmas perguntas, surgiu uma resposta alentadora.

O garçom de um dos bares da região, lembrou que, dias atrás, parecendo comemorar alguma coisa, um novato quase desconhecido na área das palafitas, em atitude pouco comum, ofereceu bebida a todos os clientes. A informação ganhou mais interesse porque, puxando pela memória, o garçom, lembrou de detalhes importantes, inclusive que, coincidência ou não, todos aqueles que aceitaram a bebida do estranho adoeceram e, na sequência, vieram a falecer.

O depoimento atçou a atenção dos investigadores, pois aquela era uma informação-chave. Afinal de contas, aquela bebida oferecida aos clientes poderia ser a origem da epidemia.

- Onde poderíamos encontrar este homem? - a pergunta veio quase que em coro.

- Ele só veio aqui poucas vezes. Deve morar pelas redondezas, numa das palafitas.

Pleno de esperanças, o mestre Carlos sacou o pequeno calhamaço com as fotografias do conde Balthazar DanteGaudêncio e dos mercenários cujos corpos não tinham sido localizados entre os invasores abatidos nas estradas vicinais na Floresta Negra e, portanto, possivelmente, ainda estavam vivos.

- Este tal cliente seria algum destes homens? - perguntou ao garçom.

O garçom olhou, viu e reviu, cada uma das fotografias com vagar e, depois de algum tempo, concluiu:

- É este aqui - com convicção, lembrando do homem cujo comportamento estranhamente generoso chamou-lhe a atenção, ele fixou-se na fotografia do parceiro do baronete SouzaRicardo.

Consultando o álbum contido no relatório preparado pelo Conselho Geral de Inteligência com as fotografias dos possíveis invasores dos Jardins, o mestre Carlos Junqueira Castro identificou Armênio Xisto, um dos mercenários recrutados pelo conde Balthazar DanteGaudêncio no PontoUm. A descoberta era explosiva, pois, não só confirmava a conexão entre a epidemia mortal e a invasão do território dos Jardins, mas, também, indicava o uso de

armas biológicas pelos invasores, dando uma nova envergadura ao inimigo que estavam procurando.

A informação foi passada imediatamente à professora Elena Rúbia, que, consciente da sua importância e gravidade da situação se encarregou de comunicá-la ao presidente SantaClara Penalva.

Duas horas mais tarde - em reunião conjunta do Alto Comando da República Democrática dos Jardins com o Conselho Superior de Defesa da República - estavam presentes no Coliseum, além do presidente SantaClara Penalva, a administradora-geral Erika César, o deputado-presidente Jonas Fabrício, o juiz-ministro Pôncio Veríssimo, a professora Elena Rúbia e os generais Theo Pinto Fragoso e Luccas Zuccherro. Sintomaticamente, todos estavam usando máscaras higiênicas, item então obrigatório nas repartições públicas dos Jardins. O clima era tenso, especialmente, porque, de alguma forma, estavam se confirmando as previsões mais pessimistas do comandante Penalva.

- Qual a situação de momento, professora Elena? - o presidente SantaClara foi direto ao assunto, assim que cumpriu os salamaleques protocolares e definiu o objetivo da reunião.

- O quadro é muito grave. Estamos lidando com uma epidemia mortal e contagiosa. Como sabemos, os primeiros casos foram detectados na região dos ancoradouros, na margem direita do Rio das Águas Lindas, na confluência com o Canal Aprígio, aqui em Florville.

E, como uma espécie de introito para a informação bombástica que traria a seguir, a presidente do Conselho Geral de Inteligência transmitiu os dados recebidos há pouco do mestre Carlos Junqueira Castro, líder do grupo enviado àquela região pelo Gabinete de Crise e que estava em contato permanente com o diretor do Hospital Geral das Águas Lindas

- Nestas últimas horas, o número de óbitos saltou de 13 para 95 mortos, a infecção já atingiu outras de 136 pessoas e, ainda, existem 210 casos 'suspeitos' em observação nos hospitais da região. Vale registrar que, das pessoas infectadas 37 são profissionais de saúde envolvidos no atendimento aos contaminados. A infecção é muito contagiosa e vem se alastrando rapidamente. Além de casos suspeitos em São Cristóbal e ProppaMáxima, já foram detectados dois casos suspeitos em FlorvillePrime, inclusive um recepcionista da Torre de Cristal - acrescentou a presidente do Conselho Geral de Inteligência.

Traduzindo a ansiedade das autoridades, o presidente SantaClara quis saber um pouco mais sobre a natureza do agente patógeno causador da epidemia.

- Em relatório passado há instantes para nossa equipe de campo, o diretor do Hospital Geral das Águas Lindas confirmou que esta epidemia é provocada por um vírus desconhecido, excluindo as possibilidades associadas a presença de bactérias ou bacilos. Ainda sem nome, o vírus vem sendo referido pelos infectologistas como VDFM-1, uma alusão de muito mau-gosto a 'Vírus do fim do mundo'.

- E onde a epidemia começou? Já se sabe o foco inicial das infecções? - perguntou a administradora-geral Erika César.

- Este é um ponto agravante na nossa investigação, pois confirma as suspeitas de conexão entre a epidemia e a invasão do território dos Jardins. A nossa equipe descobriu que a disseminação das infecções começou num dos bares da região dos ancoradouros, nas proximidades das palafitas, a partir da ação deliberada de um terrorista isolado, que envenenou a bebida servida aos clientes. O terrorista, que durante alguns meses morou numa das palafitas das redondezas em companhia de um outro, já foi identificado. É um certo Armênio Xisto, um dos mercenários que integrava o grupo liderado pelo conde Balthazar

DanteGaudêncio na invasão dos Jardins meses atrás. Como esperado, acompanhado do parceiro ainda não identificado e que, pelo depoimento das testemunhas, não tomou parte no ataque inicial, o terrorista fugiu da região pouco depois do ataque. De qualquer forma, nossas forças já estão no seu encalço por toda a cidade.

A informação trazida pela professora Elena Rúbia causou grande alarido.

- Quer dizer que a epidemia que enfrentamos decorre de um ataque terrorista? - feita sob a forma de pergunta, a observação do juiz-ministro Pôncio Veríssimo veio quase num grito que se sobressaiu no burburinho caótico então instalado na sala de reuniões do Coliseum.

- Este é um ato de guerra e precisa ser imediatamente retaliado - opinou o deputado-presidente Jonas Fabrício.

- Não temos certeza do envolvimento do governo do PontoUm neste ataque terrorista, deputado - ponderou o general Luccas Zuccherro, comandante supremo das Forças de Defesa da República - Não podemos esquecer que, por ocasião da invasão à Nova Bulgária, o presidente Neostavis MontBlanc Strauss, que conhece e teme a infinita superioridade militar dos Jardins, negou qualquer

envolvimento do governo do PontoUm naquela irresponsabilidade. Não devemos começar uma guerra com base em suposições. De qualquer forma, vamos mobilizar o sistema de inteligência e os canais diplomáticos usuais para obter informações que deem base mais consistente para nossa decisão.

O calor da discussão foi interrompido pela inesperada entrada de uma assistente do Conselho Geral de Inteligência, a qual, após cochichar alguma coisa ao ouvido da professora Elena Rúbio, passou-lhe um telefone.

- Com licença - nitidamente ansiosa a professora levantou e se afastou da mesa de reuniões.

O que teria feito a assistente do CGI violar a regra de nunca interromper reuniões dos escalões superiores da administração do país? Ninguém sabia, mas, a julgar pelo semblante da professora, tratava-se de um caso muito sério.

A reunião ficou em suspenso por quase cinco minutos.

- Desculpem, senhores, mas a interrupção foi justificável. Acabamos de perder um dos integrantes do grupo enviado à região dos ancoradouros. Um jovem

médico da equipe liderada pelo mestre Carlos Junqueira Castro foi infectado de forma avassaladora e morreu poucos minutos após dar entrada no Hospital Geral das Águas Lindas - relatou a professora Elena Rúbia ao voltar à mesa de reuniões.

- Meu Deus! Este desastre indica o poder do inimigo que enfrentamos. Talvez o infectologista que criou o nome 'Vírus do fim do mundo' tenha razão - comentou o general Theo Pinto Fragoso com algum pessimismo.

A reunião prosseguiu por mais algumas horas e foi interrompida mais uma vez para distribuição aos presentes da atualização horária do relatório produzido pelo Gabinete de Crise - um pequeno calhamaço cujo extrato destacava as providências já adotadas, a situação de momento atualizada, com destaque para as baixas ocorridas nas equipes médicas engajadas no atendimento aos infectados, e as recomendações.

- Está encerrada a reunião conjunta do Alto Comando com o Conselho Superior de Defesa, a reunião mais grave já ocorrida na história da República Democrática dos Jardins - o presidente SantaClara Penalva deu a reunião

por encerrada após a aprovação da ata, que, sem ressalvas, foi subscrita por todos os presentes.

Apesar das discussões eventualmente acaloradas, a unanimidade prevaleceu - inclusive na questão da responsabilidade do governo do PontoUm no ataque terrorista, adiando, pelo menos momentaneamente, a hipótese de guerra contra o país vizinho. Além de lamentar a morte do médico que 'sacrificara a própria vida no enfrentamento ao vírus causador da epidemia mortal', a ata registrava as decisões tomadas pela reunião conjunta do Alto Comando com o Conselho Superior de Defesa, dando a base necessária para a instalação do Estado de Comoção Social - uma situação que, de imediato, dava cobertura legal à adoção de um conjunto de decretos extraordinários possibilitando o confinamento de comunidades, a restrição da liberdade de ir e vir, o estabelecimento de regras de convívio e de comportamento, a definição e redefinição de prioridades para a produção econômica e para o esforço com vistas ao desenvolvimento científico e tecnológico, a autorização da intervenção do poder central em órgãos da administração pública e privada considerados de importância estratégica no combate à epidemia e outras providências excepcionais.

Do ponto de vista prático, de imediato, junto com a máxima priorização de estudos para o desenvolvimento de remédios e de vacinas para combater a epidemia, o Estado de Comoção Social estabeleceu medidas concretas para a proteção da população do vírus - isolamento da capital Florville, através do rigoroso lockdown dentro do perímetro urbano, e proibição de todas as viagens entrando ou saindo da cidade - e para a mobilização nacional contra a doença através de intensa campanha publicitária veiculada obrigatoriamente pelos órgãos de mídia.

Na sequência da reunião, ladeado pelas autoridades integrantes do Alto Comando da República Democrática dos Jardins e do Conselho Superior de Defesa da República, em claro indicador da gravidade do momento e da unidade do governo em relação a dureza das medidas já tomadas e prestes a serem anunciadas, o presidente SantaClara Penalva falou à nação através de uma cadeia nacional de rádio, televisão e internet, com retransmissão pela Rede Teo gerada e impulsionada pela Floresta de Antenas a todos os endereços digitais do país.

- Que Deus proteja os Jardins e a cada um de nós. Não saiam de casa e evitem qualquer contato físico com as outras pessoas. Cuidem-se. Boa noite! - o presidente SantaClara encerrou a longa mensagem na qual, depois de

informar ao país sobre o ataque terrorista de natureza biológica ocorrido na região dos ancoradouros e que dera início a uma virulenta epidemia na capital Florville e falar sobre as providências já tomadas pelo governo, anunciou as medidas restritivas recém estabelecidas e, por fim, conclamou todos a 'fazer a sua parte' no combate ao vírus.

Poucos minutos após o pronunciamento do presidente Penalva SantaClara, junto com o intenso noticiário sobre o Estado de Comoção Social e sobre as restrições por ele estabelecidas veiculado por todas as cadeias da mídia, as Forças de Defesa da República ocuparam os principais pontos de Florville, especialmente as estações metroviárias, ferroviárias, aeroviárias e acquaviárias, garantindo o fiel cumprimento do lockdown determinado pelo governo. Ninguém podia viajar pelo país e os espaços públicos da capital Florville, incluindo ruas, praças, cinemas, teatros, lojas, escritórios e tudo o mais estavam interditados.

Àquele momento, bem distante de Florville - enquanto, acompanhado do segurança Armênio Xisto e sempre tendo a mochila mortal às costas, o baronete SouzaRicardo saía da moderna estação ferroviária de ProppaMáxima, a capital da província de ProppaAstral -, em

São Cristóbal, reunido com mercenários trazidos do PontoUm e com militantes do MLPL, o conde Balthazar DanteGaudêncio assistia ao pronunciamento do presidente SantaClara Penalva, constatando que nada daquilo anunciado por ele atrapalharia a onda de ataques planejados para disseminar o PhatsGou pela capital da província de Los Pardos.

Capítulo XXIII

A guerra se alastra

Ao chegar a Grande Estação de ProppaMáxima vindo de Florville num trem de alta velocidade em companhia do mercenário Armênio Xisto, o baronete SouzaRicardo foi atraído por pequena multidão que se aglomerava entorno da televisão instalada no hall de recepção com programação centrada no Estado de Comoção Social decretado pelo governo. Os olhos das pessoas estavam fixados na reportagem especial sobre o pronunciamento do presidente Penalva SantaClara exibido em edição especial

por todas as emissoras. O alerta era assustador e, pouco a pouco, provavelmente, com planos refeitos em função do choque, as pessoas mudaram destinos e decidiram voltar para casa. Em instantes, aquela aglomeração se dissipou sendo renovada por outra formada por pessoas que constantemente chegavam e saíam da plataforma.

Depois de tomar conhecimento do Estado de Comoção Social e do rigoroso lockdown que isolara Florville do restante do país, o baronete SouzaRicardo festejou a sorte de ter conseguido escapar e tratou de buscar abrigo para ele e para Armênio Xisto. Decidido, no entanto, a levar adiante a guerra que herdara do conde Balthazar DanteGaudêncio, antes de procurar uma pousada pelo centro, deixaria a sua marca na estação ferroviária e, se as viagens não tivessem sido proibidas, também tentaria contaminar os trens de alta velocidade que ligavam ProppaMáxima às megalópoles São Cristóbal, JujjuCity, Pétit Nova Bulgária, Turmalina e outras tantas, espalhando a doença por toda a parte.

A dupla trabalhava em equipe, cabendo as tarefas mais arriscadas ao mercenário. Enquanto o baronete SouzaRicardo saía à rua para se ambientar e buscar informações sobre onde poderiam se hospedar por alguns dias, fazendo uso da experiência adquirida na prática

regular de ataques furtivos e com a imagem protegida pelo capuz do moletom e pela máscara higiênica, o mercenário Armênio Xisto buscou o sistema de abastecimento d'água da estação ferroviária. Com o trabalho facilitado pelo tumulto provocado pelo anúncio do Estado de Comoção Social e abrupto cancelamento das viagens, Armênio Xisto não teve dificuldade em localizar a central de distribuição, inclusive para os bebedouros espalhados pela estação. Ele agiu rapidamente. Sabendo-se imune aos dispositivos de reconhecimento facial, o mercenário sacou uma das ampolas e, imaginando o estrago que seu gesto provocaria, derramou metade do líquido gosmento amarelado no tanque. O mal inicial fora feito.

Em instantes, sem qualquer admoestação, Armênio Xisto e o baronete SouzaRicardo estavam na recepção de uma tal pousada Estrela - um estabelecimento que, segundo dizia o panfleto digital distribuído pelas redes sociais, por situar-se nas proximidades dos terminais de transportes e do centro comercial e administrativo da cidade, era a melhor opção para pessoas em viagem de negócios. Devia ser mesmo, pois, embora situada em frente a um hotel da rede PlazaPark, conhecida por praticar preços muito baixos e oferecer nível de conforto razoável, aparentemente sobrevivia à concorrência sem maiores dificuldades. Depois de cumprir o ritual de checkin,

reprimando o modelo de ataque usado na região dos ancoradouros, fingindo comemorar alguma conquista, SouzaRicardo e Armênio Xisto ofereceram bebidas previamente misturadas com o veneno trazido pelo conde Balthazar DanteGaudêncio do PontoUm aos presentes, contaminando-os com o veneno mortal. Só depois de confirmar terem infectado todos os presentes na pousada - hóspedes, recepcionistas, funcionários, barmens, etc. -, se recolheram. Saberiam do resultado do ataque no dia seguinte.

A guerra assumida por SouzaRicardo estava em andamento.

Àquela hora, bem distante dali, num casarão localizado na periferia de São Cristóbal, tranquilizado por saber que as atenções das Forças de Defesa da República estavam concentradas na capital Florville, especialmente na região dos ancoradouros, o conde Balthazar DanteGaudêncio estava reunido com Jonas Stone e Josias Silvério para definir a participação do pessoal do MLPL nos ataques e quais seriam os alvos mais adequados para o PhatsGou.

Ao saber que usariam armas biológicas, Jonas Stone demonstrara preocupação com a segurança do seu pessoal. Fazia muito tempo que o MLPL não se empenhava diretamente em qualquer operação, muito menos com uso de violência. Na realidade, desde que, em função da instabilidade decorrente da prisão de CidBoy, Jonas Stone assumira a liderança do movimento, não houvera qualquer operação de campo. Desde então, poucas coisas aconteceram. As ações consideradas mais arriscadas neste período ocorreram por ocasião de uma visita do presidente Penalva SantaClara à capital de Los Pardos, quando os militantes do MLPL enfrentaram a polícia local, após uma semana de panfletagens e passeatas.

De qualquer forma, embora quebrasse o pacto feito há tempos no âmbito do acordo celebrado para viabilizar a libertação do antigo líder CidBoy, era inegável que o ataque proposto pelo conde Balthazar DanteGaudêncio poderia reacender o sonho de liberdade da província. Mesmo assim, Jonas Stone ponderou.

- Eu não posso esconder do nosso pessoal a natureza perigosa das ações que vamos realizar e nem tornar obrigatória a sua participação nelas.

- É justo, Jonas Stone. Da mesma forma que você não pode obrigar, eu não posso impedir a participação de

qualquer companheiro que se voluntarie para as ações. É importante apenas que, antes de decidir, todos saibam exatamente a tarefa que se espera dos guerreiros e quais os riscos envolvidos. Vamos consultar a militância.

Na realidade, embora o ataque consistisse em uma ação simples - se resumia a abrir e derramar o conteúdo de ampolas nos alvos escolhidos e, em princípio, não envolvia qualquer confronto físico com as Forças de Defesa - os riscos a ela associados não eram pequenos. Não só por conta da natureza das infrações legais cometidas, mas, também, pela possibilidade de infecção pelo vírus.

- Todo cuidado será pouco. Não há registro de sobreviventes após a infecção pelo PhatsGou - concluiu o conde Balthazar DanteGaudêncio em tom de voz que, no fundo, representava um desafio ao coração aventureiro dos jovens do MLPL.

Encerrada a exposição do conde, o líder Jonas Stone consultou a militância do MLPL sobre o desejo de participar da linha de frente das ações prestes a iniciar. Dos vinte militantes presentes, quatorze responderam sim e disseram estar prontos para 'entrar na luta'. Estava definido o exército à disposição do conde Balthazar DanteGaudêncio: além dele próprio, do líder Jonas Stone e de Josias Silvério, incluía doze mercenários por ele trazidos do PontoUm com

uma carga natural de resistência ao PhatsGou e quatorze militantes do MLPL dispostos a sacrificar a própria vida em nome do ideal de libertar a província de Los Pardos do jugo centralizante do governo de Florville.

Definido o exército, era hora de estabelecer o calendário, as prioridades e os alvos das primeiras investidas.

O conde Balthazar DanteGaudêncio alertou aos comandantes do MLPL que, assim como acontecera em Florville, tão logo o PhatsGou começasse a fazer efeito, o governo decretaria o lockdown e São Cristóbal seria isolada do resto do país em regime de rigorosa quarentena - A partir deste instante, se realizarmos qualquer ação de campo, correremos o risco de um confronto direto com as Forças de Defesa.

- Este confronto não nos interessa, pois no aspecto militar estamos em evidente desvantagem - comentou Josias Silvério.

- Não vamos nos arriscar. Se depender do MLPL, não haverá qualquer embate do nosso pessoal com as tropas do general Luccas Zucchero- Jonas Stone deixou claro que não pretendia medir forças com as Forças de Defesa da República.

Na realidade, antes mesmo de saber se a militância do movimento teria algum envolvimento direto nas ações, o líder do MLPL havia alinhavado uma estratégia, preparando um estudo para balizar a conversa que teria com o conde Balthazar DanteGaudêncio e Josias Silvério para definir as linhas gerais do plano de ataque. A reunião foi rápida e conclusiva. Em instantes, falando ao pequeno exército reunido no salão comunal do bunker, Jonas Stone apresentou a estratégia a ser usada pelo MLPL:

- Os nossos ataques atingirão vários alvos, em ações simultâneas, rápidas e objetivas. 'Ações simultâneas, rápidas e objetivas': esta será a marca das nossas investidas. Concluídos os ataques, não vamos esperar para verificar o resultado, pois, já sabemos, este será sempre devastador. Imediatamente, migraremos para ProppaMáxima e para JujjuCity, onde, com a maior brevidade possível, voltaremos à carga, repetindo a tática e sempre abandonando o campo de batalha antes de qualquer reação do inimigo. Continuaremos assim enquanto durar o estoque do PhatsGou.

Com aprovação final pelo 'estado maior' do MLPL (Jonas Stone, o conde Balthazar DanteGaudêncio e Josias Silvério) - uma instância não formalizada, que se impôs pela realidade e fora aceita por todos -, o tempo restante da

longa reunião foi dedicado à definição dos alvos e do modus operandi dos ataques.

Por orientação do conde Balthazar DanteGaudêncio, participação da militância e, sobretudo, do 'estado maior', o exército do MLPL decidiu fixar alvos caracterizados pela quantidade de pessoas por eles afetados, pela disponibilidade de canais de fuga seguros e pela visibilidade que, naturalmente, o ataque granjearia ao MLPL. Em três minutos de livre pensar, foram listados os alvos mais adequados para ação do Movimento: a estação de trens, o aeroporto, o hospital regional de São Cristóbal, as estações de conexão das linhas do metrô, os principais centros comerciais, o vertiporto para dirigíveis e veículos aéreos de transporte público, o centro de convenções, feiras e exposições, o parque metropolitano de ócio, a usina de tratamento e a rede de abastecimento de água. Estes eram, sem dúvidas os melhores alvos para os ataques. Uma relação que, pelo menos em termos conceituais, se reproduzia nas outras cidades.

Considerando os homens disponíveis e o número de alvos listados, o exército foi dividido em treze brigadas operacionais, constituídas individualmente por duplas - à exceção de uma única formada exclusivamente por militantes do MLPL, as demais duplas juntavam guerreiros

de ambas as origens e, por recomendação do conde, atuariam sob a liderança dos homens por ele trazidos do PontoUm por serem mais experientes em ações de campo. Os ataques realizados pelas brigadas ocorreriam simultaneamente sem qualquer coordenação central, e atingiriam os sete alvos fixados com antecedência. Após os ataques, sem esperar qualquer nova orientação, as duplas se dirigiriam à ProppaMáxima ou JujjuCity conforme combinado e, sem a necessidade de qualquer comando externo, fariam novos ataques.

No dia seguinte, logo cedo, o 'estado maior' reuniu o pequeno exército organizado segundo as duplas combinadas na véspera para a preleção final. Após o discurso motivacional, no qual Jonas Stone falou a importância histórica da guerra na qual estavam empenhados, o conde abordou os aspectos práticos da campanha, lembrando o alvo de cada brigada e o destino para o qual cada uma delas deveria se dirigir após os ataques, reforçando a recomendação de máximo cuidado com o manuseio do PhatsGou e insistindo no uso permanente de luvas e máscaras. Na sequência, tendo ao lado um dos seus três guarda-costas e acompanhado dos parceiros Jonas Stone e Josias Silvestre, o conde Balthazar DanteGaudêncio plantou-se à saída do bunker, com uma prancheta em mãos para a despedida individual de cada

uma das duplas, fazendo pessoalmente a entrega do kit de ataque e o checklist final, verificando o alvo imediato e a cidade para qual deveriam seguir após a ação.

- Confirme o alvo de vocês. - após ouvir a resposta e atestar a correspondência com o plano original descrito na prancheta, o conde arrematava - E, depois do ataque, vocês vão para qual cidade?

Alguém menos perfeccionista poderia achar o cuidado desnecessário, mas, nos termos do regime de trabalho que o conde Balthazar DanteGaudêncio impunha a si mesmo, não lhe custava confirmar aquilo que fora planejado. Afinal de contas, o descompasso dos ataques poderia causar grande prejuízo às expectativas do MLPL. Só após a verificação, o conde entregava o kit de ação a cada guerreiro.

- Nesta mochila, além de doze ampolas do PhatsGou e do equipamento de segurança de uso obrigatório, há dinheiro suficiente para as viagens subsequentes e para as despesas com alimentação, transporte e hospedagem durante 15 dias. Lembrem-se que, mesmo quando aparentemente estiverem sozinhos, nós estaremos juntos. Boa sorte.

Nas próximas horas, em ações aparentemente desconexas, as 13 brigadas do MLPL espalharam generosas porções do PhatsGou pelos alvos acertados, convertendo a estação de trens, o aeroporto, o hospital regional, as estações de conexão do metrô, os principais centros comerciais, o vertiporto, o centro de convenções, o parque metropolitano de ócio, a usina de tratamento abastecimento d'água em focos disseminadores da doença. As pessoas que frequentassem estes lugares nas próximas horas, provavelmente, seriam infectadas pelo PhatsGou e, com certeza, se converteriam em novos elementos disseminadores da epidemia.

Contrariando o planejamento, por falta de experiência, excesso de confiança ou mesmo descaso, a dupla 'puro sangue', como passou a ser chamada a brigada integrada apenas por militantes do MLPL, relaxou o uso dos equipamentos de segurança e, provocando as primeiras baixas no exército segregacionista, se infectou logo no ataque inaugural à usina de tratamento e abastecimento d'água de São Cristóbal. No começo da tarde - ao tempo que, satisfeitos com as incursões realizadas há pouco, os demais guerreiros embarcavam em trens de alta velocidade para ProppaMáxima ou para JujjuCity conforme o caso -, prostrados, febris e apresentando os sintomas característicos da nova doença, os militantes infectados

buscaram ajuda no hospital regional de São Cristóbal. Na condição de internos, sem querer, justamente por estarem contaminados, cumpririam parte não programada do plano do conde Balthazar DanteGaudêncio, pois funcionariam eles próprios como disseminadores do vírus.

Ainda no começo da noite, realizados os ataques programados para São Cristóbal, tomando vagões diferentes nos trens para os destinos pré-estabelecidos no plano de ação, as doze brigadas remanescentes deixaram a estação central para viagens relativamente rápidas. Sem qualquer contato umas com as outras, as duplas cumpriam um roteiro às cegas. Tão logo chegassem a ProppaMáxima ou a JujjuCity, sob o comando do mercenário trazido pelo conde Balthazar DanteGaudêncio, em ação independente das demais, cada uma das duplas voltaria a agir, reproduzindo o ataque feito em São Cristóbal.

Assim, sabendo que retomariam a ação tão logo chegassem ao destino, cada dupla aproveitou a viagem para descansar. Ainda tinham muita desgraça para espalhar nos próximos dias.

Capítulo XXIV

O caos chega a ProppaMáxima

Se apreciado por critérios satisfatórios a alguém interessado nos quesitos morte e sofrimento, o show de estreia dado dias antes pelo baronete SouzaRicardo logo ao chegar em ProppaMáxima foi muito bem-sucedido.

Naquele dia, o hospital central da cidade começou a receber infectados ainda durante a madrugada e registrou as primeiras mortes antes do galo cantar às cinco horas da manhã. Cumprindo o estabelecido no Estado de Comoção Social, o protocolo de crise foi imediatamente adotado e, em menos de meia hora, um rigoroso lockdown havia sido decretado, transformando a cidade num imenso deserto urbano.

Na realidade, àquela hora, embora a maioria dos contaminados proviesse do entorno da Grande Estação de ProppaMáxima, já havia gente doente por toda a parte. O PhastGou deixado em pontos estratégicos da estação ferroviária tinha sido espalhado através do sistema de metrô, atingindo vários bairros e, provavelmente, ainda naquele dia, começaria a fazer efeito nas megalópoles

JujuCity, Pétit Nova Bulgária, Turmalina e outras servidas pelos trens de alta velocidade que, antes do bloqueio total, partiram da Grande Estação de ProppaMáxima.

Ainda pela madrugada, depois de socorrer e encaminhar hóspedes, recepcionistas, funcionários e barmens por eles próprios infectados para o hospital central, evacuando a Pousada Estrela, o baronete SouzaRicardo e o mercenário Armênio Xisto assumiram o controle da hospedaria, transformando-a no QG da sua ação em ProppaMáxima. Não havia muito o que fazer naquele momento. Com efeito, sabendo que as ruas estariam sob a vigilância dos agentes sanitários, o baronete Souza Ricardo e Armênio Xisto estavam convencidos da impropriedade de qualquer afronta ao lockdown.

Era hora de confiar na ação autônoma do PhatsGou - o qual já tinha dado provas de ser altamente contagioso -, deixando a tarefa de disseminar a doença para as pessoas já contaminadas. Umas contaminariam as outras, segundo o padrão das manadas.

Contando ainda com expressivo sortimento de ampolas do PhatsGou, o baronete Souza Ricardo e o mercenário Armênio Xisto decidiram permanecer na Pousada Estrela, sem qualquer movimento. Não iriam se

expor a riscos desnecessários e se limitariam a observar a evolução da epidemia.

Só voltariam a entrar em ação no caso de necessidade ou se surgisse alguma oportunidade para contaminar milhões de pessoa numa única incursão.

Souza Ricardo e Armênio Xisto não sabiam, mas, horas antes, instantes após a sua chegada a ProppaMáxima - ao tempo que seis dos grupos organizados pelo conde Balthazar DanteGaudêncio no QG do MLPL chegavam à JujjuCity -, outros seis chegaram à estação central da cidade.

Eles tinham vindo no último trem de alta velocidade procedente de São Cristóbal e, sem qualquer contato entre si, agiam como se não se conhecessem. Assim como os dois lobos desgarrados da coluna que invadira os Jardins há tempos, estes terroristas também carregavam um sortimento expressivo de ampolas do agente PhatsGou. Tinham acabado de disseminar o veneno por locais estratégicos da capital de Los Pardos e, tal como Souza Ricardo e Armênio Xisto, estavam dispostos a fazer o mesmo em ProppaMáxima para infectar o maior número de pessoas.

Ao chegar à estação central, agindo de forma isolada e sem que nada tivesse sido combinado, cada dupla cumpriu ritual semelhante àquele realizado pelo baronete e seu parceiro, espalhando quantidades adicionais do PhatsGou, dando tração ao ataque inicial à cidade. Não foi, portanto, sem razão que, dos locais infectados pelos terroristas, a central ferroviária de ProppaMáxima foi aquela onde mais pessoas foram contaminadas pelo patógeno.

Ao contrário dos terroristas precursores da ação em ProppaMáxima - os quais, impactados pelo Estado de Comoção Social determinado pelo governo dos Jardins, ao invés de se expor, preferiram procurar uma hospedaria para se esconder -, as novas duplas chegadas à cidade desafiaram as proibições sanitárias e, agindo conforme o plano desenvolvido no QG do MLPL, sem perda de tempo, buscaram alvos correspondentes àqueles atacados em São Cristóbal.

De fato, tão logo espalhou generosas porções do PhatsGou em pontos estratégicos da central ferroviária, cada grupo buscou atingir um alvo similar àquele que, na incursão inaugural, atacou em São Cristóbal. Assim, depois de distribuir o PhatsGou pela estação ferroviária, sempre agindo de forma desconectada das demais, já sabendo para

onde deveriam ir, exercitaram a diáspora 'desorganizada' estabelecida pelo conde Balthazar DanteGaudêncio e, sem esperar por nada, cada dupla tomou um rumo - uma dupla se dirigiu às estações de conexão do metrô, outra dupla se dirigiu ao maior centro comercial da cidade, outra se dirigiu ao vertiporto, outra se dirigiu ao palácio das convenções, outra ao parque público e, finalmente, outra procurou o aeroporto.

Se todas as duplas fossem bem-sucedidas na implementação da agenda proposta no planejamento original, a disseminação do patógeno em ProppaMáxima seria arrasadora e bem mais letal do que o resultado esperado da ação em São Cristóbal.

Mas não aconteceu assim.

A ação em ProppaMáxima não foi fácil como os terroristas imaginaram. Aliás, concebido noutro contexto, o planejamento original do MLPL não previra a movimentação do pessoal em meio ao lockdown prevaiente em ProppaMáxima àquela altura. De fato, por todas as razões, a simples movimentação das duplas através do deserto no qual se convertera a cidade era suspeita, despertando, automaticamente, a atenção dos sensores de movimento e do sistema de câmeras que faziam o acompanhamento da dinâmica social dos

principais centros urbanos do país. Assim, sem exceção, todas as duplas foram admoestadas por agentes de saúde.

Sem esboçar qualquer resistência, reconhecendo a sua inferioridade na correlação de forças, cinco duplas recuaram e desistiram momentaneamente do ataque planejado. Pedindo e sendo desculpadas por circular de forma desautorizada durante o lockdown, sem maiores problemas, foram liberados e trataram de procurar um local para se hospedar.

Este desfecho 'inocente', no entanto, não aconteceu com todas as duplas. De fato, ao invés de fugir do confronto como fizeram as demais, a dupla destinada ao aeroporto se deixou levar pelo arroubo e, talvez, sem medir as consequências, resistiu às determinações sanitárias e afrontou os agentes de saúde que a interceptou. O incidente se avolumou e terminou por atrair uma patrulha das forças de segurança empenhada no suporte militar oferecido para garantir obediência ao lockdown. Daí em diante, a situação não obedeceu mais a qualquer controle e descambou para a violência, num embate que redundou na prisão dos dois terroristas.

Ainda na viatura policial, os dois foram identificados como Arnaldo Escobar, imigrante ilegal vindo do PontoUm em busca de trabalho, e Marcondes Jjúlio, médico

desempregado de São Cristóbal. Nas mochilas que ambos carregavam, chamando atenção de todos, além de poucas roupas, itens de higiene pessoal e quantias semelhantes de dinheiro em cédulas novas, estavam ampolas estranhamente marcadas com a marca da caveira, sempre associada aos venenos, e o nome 'PhatsGou'.

Convencido de que não se tratava de uma prisão qualquer, trancafiando os dois em celas separadas da carceragem municipal, o delegado informou ao chefe de polícia, o qual, por sua vez, conforme recomendava o protocolo para o caso de detenções consideradas 'especiais', alimentou o sistema nacional de polícia com os nomes de Arnaldo Escobar e Marcondes Jjúlio, incluindo dados sobre a procedência e a presença do dinheiro e das ampolas etiquetadas com a marca da caveira e o nome 'PhatsGou'. Ao introduzir estas informações gerais no sistema nacional, o chefe de polícia não tinha ideia de que, apenas com aquele gesto, começara a fazer parte de uma das maiores investigações já acontecidas nos Jardins.

De fato, mais cedo ou mais tarde, coincidindo com o registro feito pelas patrulhas das Forças de Defesa da República encarregadas de supervisionar a aplicação do lockdown, aquelas informações chegariam ao CGI. Aliás, horas depois do registro, alertado pela palavra-chave

'PhatsGou', o computador central do Conselho Geral de Informações relacionaria a detenção de Arnaldo Escobar e Marcondes JJúlio com a investigação em curso sobre a disseminação do vírus VDFM-1 em São Cristóbal.

Capítulo XXV

Surgem Pistas

Horas antes, permanentemente informado pela professora Elena Rúbia, o triunvirato que comandava as Forças de Defesa da República tinha plena consciência de que, possivelmente, o caos se instalaria nos Jardins. Os dados apurados e consolidados pelo Gabinete de Crise indicavam que, iniciada na região dos ancoradouros, a epidemia se espalhara, inicialmente por Florville e, depois, para além da Nova Bulgária, alcançara outras províncias. Com efeito, além de várias cidades da Nova Bulgária, o VDFM-1 já infestara as províncias de Nova Bulgária, Los Pardos, ProppaAstral e Jujju, traçando um padrão

policêntrico cujos focos eram as capitais São Cristóbal, ProppaMáxima e JujjuCity.

A reunião do triunvirato fora convocada pelo presidente SantaClara Penalva instantes após receber o relatório do Gabinete de Crise. Junto com a gravíssima situação verificada nas províncias afetadas - com grande número de mortos e presença de infecção autônoma -, as informações colhidas até aquele momento confirmavam a origem criminosa da epidemia e indicavam que a segunda onda do alastramento da doença se dera a partir da movimentação dos trens de alta velocidade que conectavam as cidades cêtricas da nova disseminação.

Era hora de radicalizar o enfrentamento à epidemia. Se nada fosse feito naquele momento, havia o risco de a Humanidade presente na banda oriental ser varrida do planeta.

- Vamos decretar o lockdown absoluto e o completo isolamento das províncias afetadas - com a pronta aprovação dos demais, propôs o general Luccas Zuccherro, comandante supremo das Forças de Defesa da República, já sabendo o que deveria ser feito.

Imediatamente foram preparados os Decretos que estabeleciam o confinamento domiciliar das pessoas,

proibiam a circulação pelas ruas e isolavam as províncias Nova Bulgária, Los Pardos, ProppaAstral e Jujju do restante do país - medidas que, na prática, segregavam os infectados, restringindo o campo de disseminação do vírus àqueles que lhes eram próximos. A partir daquela medida, os logradouros públicos naquelas províncias estavam vedados à circulação e todas as viagens internas ou que tivessem Nova Bulgária, Los Pardos, ProppaAstral e Jujju como origem, destino ou ponto de passagem estavam proibidas.

- O uso das máscaras sanitárias será obrigatório até dentro das residências e ninguém poderá entrar, sair ou, mesmo, circular nas províncias infectadas - horas mais tarde, o general explicou em entrevista coletiva à imprensa.

- Nem nelas, nem entre elas, nem a partir delas - resumira um jornalista.

A nota à imprensa esclarecia que as pessoas engajadas em serviços essenciais - saúde, segurança, comunicação, etc. - trabalhariam protegidas por roupas especiais, inclusive escafandros sanitários.

- Estamos diante de um caso extremo de segurança pública e quem desobedecer às regras de proteção será imediatamente preso e encaminhado a alguma das colônias

sanitárias que serão criadas no país - avisou o presidente SantaClara, que, pela experiência trazida da Grande Hecatombe, era quem tinha maior autoridade para falar sobre o assunto.

Nos últimos dias, seguindo o rastro deixado pelo vírus, o mestre Carlos Junqueira Castro chegara a São Cristóbal, numa viagem decidida pela professora Elena Rúbia a partir da apreciação do padrão de avanço da doença. Não fora uma decisão óbvia, pois o mapa digital no qual estavam plotadas as cruzes indicativas das mortes decorrentes da epidemia apresentava uma bifurcação na linha de expansão da doença, mostrando casos de infecção em ProppaMáxima e também em São Cristóbal. A decisão de enviar o mestre Carlos Junqueira Castro à capital de Los Pardos e, inicialmente, deixar as investigações em ProppaMáxima a cargo de uma equipe local deveu-se, não só ao maior número de casos observados em São Cristóbal, mas, principalmente, à voz interior que orientava o famoso faro da presidente do Conselho Geral de Inteligência.

Na viagem a São Cristóbal, o mestre Carlos Junqueira Castro aproveitou para estudar o relatório preparado pelo Gabinete de Crise.

Os registros dos locais e das horas nas quais foram verificados os primeiros sintomas da doença sugeriam a existência de padrões espacial e temporal para as contaminações, possibilitando inferências. Se de um lado, o fato de os casos terem sido detectados quase que simultaneamente na estação ferroviária, no aeroporto, no hospital regional, nas estações de conexão das linhas do metrô, nos principais centros comerciais, no vertiporto para dirigíveis e veículos aéreos, no centro de convenções, no parque metropolitano de ócio, na usina de tratamento d'água - locais de grande afluência, muito apropriados, portanto, para a disseminação do vírus, e dotados de muitas válvulas de escape para a fuga dos terroristas - levou a algumas conclusões, inclusive a certeza de que a escolha daqueles locais não ocorrera por acaso, tendo, pelo contrário, decorrido de cuidadoso planejamento por pessoas com formação militar e profundo conhecimento do teatro de operações. De outro lado, a simultaneidade das infecções indicava um padrão temporal, sugerindo que as ações de contaminação cumpriram um esquema operacional tão bem planejado como a própria escolha dos locais dos ataques. Com base no teatro de operações e na simultaneidade dos ataques, os serviços de inteligência liderados pela professora Elena Rúbia concluíram que os ataques terroristas em São Cristóbal ocorreram no curso de

uma ação coordenada com a participação de pelo menos vinte homens.

Em São Cristóbal, instantes após descer no vertiporto então deserto, interessado em saber quando, onde, quem e como as infecções ocorreram, o mestre Carlos Junqueira Castro despachou mensagem à direção geral do hospital regional, requisitando minucioso relatório da situação.

- Preciso da lista detalhada das pessoas infectadas, diretor. O rol deve estar ordenado segundo a hora da internação, indicar a evolução da doença e, se possível, conter informações sobre como se deu o contágio - dizia a mensagem remetida pelo mestre.

Só então, o mestre Carlos Junqueira Castro iniciou a inspeção dos locais que teriam sido palco dos ataques terroristas, a começar pelo vertiporto onde seu helicóptero pousara há instantes, o terminal que atendia os dirigíveis e demais veículos do serviço de transporte aéreo na cidade. Assim como faria a seguir nos demais locais atacados pelos terroristas, Carlos Junqueira Castro verificou a área dos guichês, a praça da alimentação, os pórticos de entrada e de saída do público, as plataformas de embarque e desembarque, os banheiros públicos, as proximidades dos quadros de avisos, as lixeiras e tudo o mais, fotografando e

recolhendo tudo aquilo que lhe parecesse suspeito. Àquela altura, qualquer informação capaz de elevar o nível de conhecimento do Gabinete de Crise sobre o VDFM-1 seria muito útil para o enfrentamento da epidemia.

Passado o pente-fino no vertiporto, foi a vez da equipe liderada pelo mestre Carlos Junqueira Castro inspecionar os demais locais atacados.

Repetindo cuidadosamente o processo, o mestre Carlos Junqueira Castro e sua equipe inspecionaram a estação central por onde chegavam e partiam os trens que serviam a capital da província, o aeroporto e os hangares das aeronaves, as estações nas quais as linhas do metrô faziam conexões, os maiores shopping centers da cidade, o complexo que abrigava o centro de convenções, feiras e exposições, o parque metropolitano de ócio e lazer, a usina de tratamento e de abastecimento d'água. Por fim, o hospital regional de São Cristóbal, destino obrigatório de tantos quantos tivessem contraído o vírus.

Em cada um dos locais visitados, o mestre Carlos Junqueira Castro recolheu e fotografou coisas que lhes pareceram fugir da normalidade.

No Hospital Geral de São Cristóbal, onde esperava descansar um pouco, Carlos Junqueira Castro foi recebido

pelo médico-diretor, o qual, ato contínuo, logo após as boas vindas, lhe entregou o relatório tal como pedira - completo e repleto de informações. Às informações básicas dos pacientes - nome, idade, peso, altura, endereço, profissão -, o relatório acrescentava itens retirados da base nacional de saúde, que continha o prontuário individual de cada pessoa infectada com o histórico de doenças, consultas médicas, evolução dos exames biomédicos, agenda de vacinações, internações, cirurgias, remédios usados e em uso e, ainda, notas sobre o estado geral de saúde desde a última visita ao sistema de saúde e, finalmente, observações de como se dera a contaminação.

Vendo o volume de informações, o mestre Carlos Junqueira Castro desistiu do descanso. Era muita coisa para estudar. Ali estava um relato minucioso sobre a epidemia em São Cristóbal, desde os primeiros casos até aquele momento. O mestre tinha muita coisa o que fazer. O descanso ficaria para depois.

Com os olhos ardendo, o mestre Carlos Junqueira Castro leu e releu o material muitas vezes.

O relatório confirmava que houvera contaminações e mortes em todos os lugares por ele visitados. O contágio era universal e, aparentemente, o VDFM-1 não poupava ninguém. Na relação dos infectados havia gente de todos os

sexos, idades, escolaridades, raças, religiões. Aquelas informações seriam muito úteis para os estudos levados adiante pelos infectologistas, biólogos e cientistas de todas as formações mobilizados pelo Gabinete de Crise para desvendar a origem da epidemia, passo inicial do processo que levaria ao desenvolvimento de remédios para os infectados e de vacinas para imunizar as pessoas contra o vírus.

Carlos Junqueira Castro não sabia exatamente o que estava procurando, mas, mesmo assim, confiando que, em algum momento, surgiria alguma pista, continuou a ler e reler o relatório. Fez bem. Na 'milionésima' releitura, percebeu que alguns casos ocorreram com horas de antecedência em relação aos demais. Com efeito, os dois primeiros casos de infecção em São Cristóbal foram verificados no aeroporto e, segundo os registros no relatório, ocorreram horas antes dos demais.

Os registros apontavam que, cinco horas antes do surgimento das outras infecções, dois jovens deram entrada no hospital geral de São Cristóbal com os sintomas causados pelo VDFM-1. Os registros diziam que a contaminação dos rapazes ocorrera no aeroporto.

Aquele era um detalhe importante e podia ser a chave da investigação.

Apurando ainda mais a observação, Carlos Junqueira Castro percebeu que, depois daquelas detectadas no aeroporto, as primeiras infecções só foram verificadas cerca de cinco horas mais tarde e, mais ainda, a julgar pelas anotações do hospital, aconteceram de forma mais ou menos simultânea. Com base na disposição espacial do aeroporto em relação aos demais locais onde foram apontadas a presença do vírus, o mestre Carlos Junqueira Castro estimou a impossibilidade física de um terrorista ter condições práticas de correr de um ponto para o outro para contaminá-los simultaneamente e, de pronto, descartou a hipótese de o local das infecções iniciais ter sido a origem da disseminação original. Na realidade, prestigiando a teoria de que cada um dos lugares-alvo foi atacado por um grupo isolado, o mestre Carlos Junqueira Castro acreditou na hipótese de que os dois primeiros casos de contaminação não se referiam a vítimas do atentado biológico e, sim aos próprios terroristas incumbidos de infectar o aeroporto e que, por acidente ou por um descaso qualquer, tinham sido expostos ao vírus. Assim, a julgar pela procedência do raciocínio, os corpos das duas primeiras vítimas em São Cristóbal, então lacrados no necrotério do hospital geral, pertenceriam a dois dos terroristas responsáveis pelos ataques à cidade.

O choque de adrenalina provocou uma correria. Sem tempo para gritar o merecido 'Eureca', seguido pelos parceiros (que, sinceramente, não sabiam o porquê da reação do líder) o mestre Carlos Junqueira Castro saiu em louca disparada rumo ao necrotério do hospital central - o local isolado por um rigoroso cordão sanitário e que, enquanto comportasse, reunia as vítimas tombadas pelo VDFM-1.

Em dez minutos, acompanhado da sua equipe e do diretor do hospital, o mestre Carlos Junqueira Castro estava à porta do necrotério. Como não poderia deixar de ser, foram barrados pela vigilância. Àquela altura, o Gabinete de Crise tinha considerado todo e qualquer corpo contaminado pelo VDFM-1 como matéria de interesse de segurança nacional e, portanto, sujeito às regras que limitavam o acesso a eles. Não foi fácil o ingresso do mestre Carlos Junqueira Castro no necrotério e, mais ainda, o acesso aos cadáveres envelopados em sacos mortuários dispostos lado a lado na recepção, na antessala, na área refrigerada das gavetas e no salão de necropsias. A rigorosa ordem transmitida diretamente por um dos médicos mobilizados pelo Gabinete de Crise dizia que "ninguém, rigorosamente ninguém, pode ter acesso aos cadáveres de vítimas do VDFM-1 até a chegada do legista-chefe".

Para cruzar a linha de isolamento do necrotério, o mestre Carlos Junqueira Castro precisou recorrer ao prestígio da professora Elena Rúbia.

- A investigação afunilou e tornou imprescindível o exame dos corpos das primeiras vítimas em São Cristóbal - o mestre Carlos Junqueira Castro sabia que, àquela altura, os cadáveres recolhidos ao necrotério passaram a ser tratados como preciosos objetos de estudo e precisavam ficar isentos de qualquer contaminação adicional.

De qualquer forma, os argumentos levantados pelo mestre Carlos Junqueira Castro convenceram a professora Elena Rúbia, a qual, mesmo contrafeita, autorizou a inspeção daqueles cadáveres específicos. Aliás, a autorização encaminhada ao chefe da vigilância do necrotério dizia, expressamente, que, só 'após a troca do escafandro sanitário por outro ainda não usado e não exposto às impurezas da rua' e acompanhado por uma única pessoa, o mestre Carlos Junqueira Castro poderia entrar no necrotério para examinar os cadáveres.

E, assim, depois de atender as exigências determinadas pela presidente do CGI e coordenadora-geral do Gabinete de Crise, acompanhado do diretor-geral do Hospital geral de São Cristóbal, o mestre Carlos Junqueira Castro entrou no necrotério. Com algum choque, se viu

diante do produto objetivo de 36 horas de epidemia - centenas de corpos se amontoavam por toda a parte. Os sacos fúnebres estavam etiquetados e dispostos segundo a ordem de chegada ao necrotério. Assim, para achar os corpos procurados, o mestre Carlos Junqueira Castro e o diretor-geral precisaram se esquivar de muitos outros defuntos. De qualquer forma, após uma busca de quinze minutos, o mestre Carlos Junqueira Castro e o diretor-geral do hospital localizaram os dois corpos procurados.

Segundo a etiqueta presa nos sacos mortuários que envelopavam os corpos, as duas primeiras pessoas a procurar o sistema público de saúde com os sintomas da infecção pelo VDFM-1 eram Marcus Serzerburg, um estudante de engenharia de 19 anos, e Mendo Eustáchio, um estudante de filosofia de 22 anos.

Começou, então, mais uma etapa da investigação. Era necessário descobrir tudo sobre os dois suspeitos.

- Onde estão as roupas que eles vestiam quando chegaram ao hospital, doutor? - o mestre Carlos Junqueira Castro recorreu ao diretor-geral e, na sequência, falando diretamente ao telefone com a professora Elena Rúbia, informou - Precisamos saber tudo sobre Marcus Serzerburg e Mendo Eustáchio. Quem eram? o que faziam? quem eram os seus amigos?

E, transferindo as demais preocupações para outros investigadores, o mestre Carlos Junqueira Castro concentrou a atenção nos dois estudantes.

Instantes mais tarde, trazendo duas sacolas plásticas lacradas e etiquetadas com os nomes 'Marcus Serzerburg' e 'Mendo Eustáchio' acrescidos da indicação do dia e hora do óbito e, ainda, do provável local da contaminação.

- É tudo o que dispomos no hospital, mestre.

Convencidos de que a chave da investigação estava naqueles dois primeiros mortos, as equipes se debruçaram sobre os itens contidos nas sacolas, esvaziando-as em mesas distintas. Nas duas, havia conteúdos semelhantes e interessantes. Além das roupas que os mortos usavam ao chegar ao hospital e de mochilas contendo itens que sugeriam uma viagem iminente, havia luvas e máscaras sanitárias aparentemente sem uso, carteiras e, ainda, dois tubos esquisitos marcados com uma caveira e o nome 'PhatsGou'. À primeira vista, além das estranhas ampolas e do conteúdo das mochilas, aquilo que mais chamou atenção nas vistorias foram as carteiras dos rapazes, as quais, continham, não só documentos de identificação e dinheiro em cédulas novas e quantias iguais, mas, também, bilhetes para viagem no trem de alta velocidade para ProppaMáxima.

Enquanto aguardavam notícias da professora Elena Rúbia, tomando por base os itens achados nos pertences dos dois mortos, a equipe elucubrou conclusões e teorias.

- A presença de luvas e máscaras sanitárias aparentemente sem uso indica que a contaminação dos terroristas se deveu ao desleixo como trataram o risco. É de se supor, portanto, que não tivessem ideia da potência e da virulência daquilo com que estavam lidando - apontou o diretor-geral, o qual, desde os últimos momentos, a julgar pelo entusiasmo como agia, parecia membro da equipe de investigadores.

- O fato de as mochilas estarem levando roupas adicionais e itens de higiene pessoal sugere que eles pretendiam fazer uma viagem iminente. Aliás, a presença dos bilhetes de trem indica que, após o ataque ao aeroporto de São Cristóbal, os terroristas, pretendiam fugir para ProppaMáxima, onde, seguramente, continuariam a agir, inclusive porque, a julgar pelo peso das ampolas, ainda disporiam de veneno suficiente para novos ataques - concluiu um dos assistentes do mestre Carlos.

- As grandes e iguais somas de dinheiro em espécie encontradas nas carteiras sugerem que Marcus Serzerburg e Mendo Eustáchio estavam à serviço de alguém. Resta saber quem - especulou um agente de investigação.

- As ampolas são o x da questão. O fato de estarem marcadas com o símbolo da caveira indica que contém veneno, provavelmente aquele usado nos ataques. Aposto que 'PhatsGou' é o nome do agente biológico - especulou o mestre Carlos, que, como os outros, nunca ouvira falar em 'PhatsGou'.

Entusiasmado com a consistência das conclusões, o mestre Carlos transcreveu as conjecturas e as consolidou num relatório, ao qual deu o título de 'São Cristóbal - anotações preliminares', imediatamente transmitido para a professora Elena Rúbia.

Instantes mais tarde, junto com as informações do Conselho Geral de Inteligência sobre os estudantes Marcus Serzerburg e Mendo Eustáchio, chegou a resposta da professora Elena Rúbia.

- Parabéns, mestre Carlos. Vou mandar alguém buscar os cadáveres e os tubos do PhatsGou imediatamente. Siga a linha de raciocínio estabelecida por vocês. Prioridade Total.

A leitura do relatório produzido pelo CGI sobre os prováveis terroristas abriu novas possibilidades para a investigação. Seguindo o formato geral dos documentos elaborados por encomenda da professora Elena, o relatório

encaminhado pelo Conselho Geral de Inteligência era objetivo e sucinto. Continha apenas três páginas. Nas duas primeiras, o relatório apresentava informações gerais sobre os estudantes Marcus Serzerburg e Mendo Eustáquio - nomes completos, datas e locais de nascimento, filiação, endereço, fotografias, históricos escolares, programas sociais dos quais eram beneficiários, coisas assim e, ao final, no espaço reservado para 'outras informações' havia referência à militância exercida por ambos no Movimento Los Pardos Livre (MLPL). A terceira página do relatório, apontando nitidamente caminhos para a investigação, era integralmente reservada ao MLPL. Ali estavam as informações básicas do movimento, com descrição geral sobre seu objetivo, um pequeno histórico das atividades do movimento, desde os primeiros momentos até o enfrentamento que levava à prisão do líder CidBoy e posterior 'pacto de paz' - o acordo que, mediante a desmobilização, renúncia ao desejo de secessão e entrega das armas, tornou possível a anistia e libertação dos militantes presos, inclusive do líder CidBoy. No último parágrafo, além de citar a oposição feita ao MLPL por um certo Movimento Paraíso Global (MPG) liderado por Aarão Simplício, o relatório dava informações gerais sobre o antigo líder CidBoy, indicando a retomada da sua vida pública na condição de vereador de São Cristóbal, onde passara a defender causas culturais e ambientais. No

finalzinho, o relatório informava os endereços onde CidBoy e Aarão Simplício poderiam ser encontrados.

Não havia muito o que pensar. O caminho estava claro. O próximo passo do mestre Carlos deveria ser localizar o vereador CidBoy, que deveria ter informações sobre o aparentemente extinto MLPL e sobre os estudantes Marcus Serzerburg e Mendo Eustáchio. Se houvesse necessidade, o passo subsequente seria uma conversa com o tal Abraão Simplício.

Capítulo XXVI

Os Jardins reagem

Ainda naquele dia, minutos depois de o Gabinete de Crise ter recebido as ampolas marcadas com o símbolo da caveira e com o nome 'PhatsGou' e cinco cadáveres encaminhados pelo mestre Carlos desde o necrotério do hospital geral de São Cristóbal, a professora Elena Rúbio

procurou o presidente SantaClara Penalva com as novidades.

Como todas as outras naquele período, aquela reunião foi tensa.

Lembrado da Grande Hecatombe, o presidente SantaClara Penalva estava convencido de que, assim como o coronavírus, o VDTF-1 impunha risco de extinção à Humanidade. Ele sabia que, embora fosse importante descobrir e punir os responsáveis pelos ataques biológicos aos Jardins, era fundamental aprofundar o conhecimento sobre o vírus de modo a tornar possível o desenvolvimento de vacinas e a produção de remédios para a cura das doenças por ele provocadas. Não foi sem razão, portanto, que, consciente de que, se não fossem tomadas medidas eficazes, mais cedo ou mais tarde, o caos poderia se instalar nos Jardins, o comandante Penalva evocou a condição de presidente do Alto Comando da República Democrática dos Jardins para alertar a coordenadora do Gabinete de Crise sobre a necessidade de concentrar esforços em decifrar o conteúdo das ampolas descobertas pela equipe do mestre Carlos e encerrados nos corpos trazidos do necrotério de São Cristóbal.

- A solução dos nossos maiores problemas está na descoberta da essência do tal PhatsGou. Precisamos saber

como ele é produzido e qual o efeito que ele causa nas pessoas - o presidente parecia falar consigo próprio.

Sem interromper a divagação do presidente SantaClara, a professora Elena Rúbio anotou as suas preocupações.

- Como está a situação no PontoUm, professora? - perguntou ele.

- Até agora não há registros de infectados no PontoUm, presidente.

- Esta é outra questão muito importante, professora. Precisamos descobrir a razão de a epidemia que assola os Jardins não afetar a população do PontoUm. Não se tem notícias de qualquer programa de vacinação por aquelas bandas. Por que, aparentemente, a população do PontoUm parece imune ao VDFM-1? Este é outro mistério a ser desvendado com urgência - o presidente continuava a pensar em voz alta, apontando caminhos a serem seguidos pelas investigações.

A professora ainda conversava com o presidente quando, demonstrando tratar-se de assunto importante e urgente, uma assistente entrou apressadamente, na sala e, após um breve cochicho, passou-lhe o telefone.

- Desculpe, presidente, mas o assunto deste telefonema diz respeito às nossas preocupações mais urgentes. Há pouco, num simples caso de violação do lockdown, duas pessoas foram detidas em ProppaMáxima - um imigrante ilegal do PontoUm e um médico desempregado de São Cristóbal. Da mesma forma que os dois cadáveres localizados pelo mestre Carlos em São Cristóbal, estes dois também portavam grande quantidade de dinheiro em espécie e levavam tubos com a marca da caveira e o nome PhatsGou.

A informação era uma bomba.

Sem perda de tempo, o presidente convocou o Alto Comando e o Conselho Superior de Defesa e, em menos de meia hora - 30 minutos durante os quais muita coisa aconteceu -, a administradora-geral Erika César, o deputado-presidente Jonas Fabrício, o juiz-ministro Pôncio Veríssimo, e os generais Theo Pinto Fragoso e Luccas Zuccherro estavam na sala principal do Coliseum, onde receberam uma súmula com os casos verificados em São Cristóbal - a descoberta dos corpos dos estudantes Marcus Serzerburg e Mendo Eustáchio, militantes do MLPL e prováveis terroristas que contraíram o VDFM-1 ao tentar contaminar a usina de tratamento e abastecimento d'água de São Cristóbal, em cuja bagagem fora localizada

expressiva quantidade de dinheiro vivo e várias ampolas marcadas com o símbolo da caveira e o nome 'PhatsGou' - e em ProppaMáxima - a prisão por uma patrulha sanitária do imigrante ilegal Arnoldo Escobar e do médico desempregado Marcondes JJjúlio, ambos procedentes de São Cristóbal, igualmente portando grande quantidade de dinheiro e ampolas marcadas com a marca da caveira e o nome 'PhastGou'.

Como das vezes anteriores, após abrir a reunião, o presidente SantaClara passou a palavra para a professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência e membro do triunvirato-chefe das Forças de Defesa da República, que coordenava o Gabinete de Crise. Às informações recolhidas em São Cristóbal pelo mestre Carlos, a professora Elena Rúbia acrescentou as novidades vindas de ProppaMáxima, onde os suspeitos Arnoldo Escobar e Marcondes JJjúlio estavam detidos na carceragem da delegacia central. Com efeito, sem qualquer interrupção a professora Elena Rúbia falou por alguns minutos, colocando as autoridades a par da situação.

- Por enquanto, estamos absorvendo a informação chegada há pouco de ProppaMáxima à luz daquilo já apontado pelo mestre Carlos no caso descoberto em São Cristóbal. Nos dois casos há muitas coisas em comum, pois

os suspeitos portavam muito dinheiro em espécie e carregavam ampolas do tal 'PhatsGuo', uma substância que ainda não sabemos o que é, mas, considerando a caveira estampada nos tubos, deve ser o veneno usado nas contaminações e estar associada ao VDFM-1 - a professora fez uma rápida pausa para consultar anotações - As primeiras observações nos levam a crer que eles fazem parte do mesmo grupo terrorista. Ao que parece, agindo em duplas, após a ação em São Cristóbal (na qual Marcus Serzerburg e Mendo Eustáchio foram infectados), Arnoldo Escobar e Marcondes Jjúlío tomaram o trem de alta velocidade e seguiram para ProppaMáxima, onde, provavelmente após contaminar a central ferroviária, violaram o lockdown para realizar suas ações terroristas, sendo detidos por uma patrulha de agentes sanitários. Na realidade, só vamos saber por onde Arnoldo Escobar e Marcondes Jjúlío andaram amanhã, quando o hospital central consolidar o primeiro boletim diário e pudermos verificar a procedência dos infectados na madrugada - a professora fez nova consulta às anotações - O sistema nacional de registros confirmou que, assim como os suspeitos mortos em São Cristóbal, o médico Marcondes Jjúlío exercera militância no MLPL. Sobre o outro suspeito, o imigrante ilegal Arnoldo Escobar, ainda não descobrimos muita coisa. Sabemos apenas que é cidadão do PontoUm - professora Elena Rúbia encerrou a exposição.

- Como veem, senhores, há muita coisa por planejar e fazer. Estamos no início de uma longa jornada e, pela velocidade como a epidemia avança, temos pouco tempo - começou o presidente SantaClara e, antes de franquear a palavra, resumiu as providências já adotadas - Assim como os corpos vindos de São Cristóbal, as ampolas do PhatsGou estão sendo estudadas por laboratórios especializados e, nas próximas horas, conheceremos, não só a natureza do seu conteúdo e sua relação com o VDFM-1, mas, também, o seu efeito nas pessoas, abrindo caminho para o desenvolvimento de vacinas e remédios. Temos muito trabalho pela frente. Há muitas lacunas a serem preenchidas, como, por exemplo, o 'Mistério da fronteira', que precisa ser urgentemente desvendado: por que a epidemia não chegou ao PontoUm? Precisamos descobrir a razão de as pessoas do além fronteira aparentemente serem imunes ao vírus. Sem se deter no assunto, o presidente informou, ainda, sobre as investigações para averiguar o eventual envolvimento do MLPL na campanha terrorista para disseminação do vírus e sobre a viagem da professora Elena Rúbia a ProppaMáxima para acompanhar a apuração do ataque àquela cidade.

- Embora a prioridade zero seja a debelar a epidemia, não podemos descuidar da investigação da eventual participação do MLPL nos ataques. Se confirmada,

precisamos rever a forma condescendente como passamos a tratar aquela turma depois do acordo. Afinal de contas, apesar das nossas discordâncias, uma coisa é lutar pela independência de uma província e coisa completamente diferente é conspirar para a destruição do país - vociferou o general Luccas Zuccherro, comandante das Forças de Defesa da República, um dos fiadores do acordo de paz que possibilitara a libertação dos militantes presos, e se sentia traído pelo Movimento Los Pardos Livre.

O pensar do general Luccas Zuccherro refletia a posição do Alto Comando. De fato, havia a convicção generalizada de que, se não fossem desenvolvidas vacinas e remédios rapidamente e a epidemia avançasse no ritmo como vinha fazendo, ao final de alguns meses, talvez não restasse sequer um país pelo qual lutar. Assim, a coisa mais importante naquela ocasião era descobrir o modo de aniquilar o vírus assassino.

A reunião prosseguiu em ritmo dinâmico ao embalo das informações que chegavam de vez em quando, como se fossem soluções. Numa informação vinda de São Cristóbal, o mestre Carlos Junqueira Castro confirmou o iminente encontro com o vereador CidBoy, com quem trataria as suspeitas de envolvimento do MLPL na campanha de disseminação do vírus responsável pela epidemia mortal

que assolava o país. De ProppaMáxima, chegou a confirmação que a central ferroviária estava contaminada pelo VDFM-1.

- Venha para cá, professora - disse a voz ao telefone.

- Estou indo para aí nos próximos instantes - informou a professora Elena Rúbia - Não deixe ninguém tocar em nada e mantenha os detentos isolados até minha chegada.

Encerrada a reunião, a professora Elena Rúbia seguiu para ProppaMáxima, onde, pessoalmente, conduziria o interrogatório do imigrante ilegal Arnoldo Escobar e do médico Marcondes JjJúlio.

Capítulo XXVII

A conversa com CidBoy

Minutos antes, ainda sem conhecimento das novidades em curso na capital da província de ProppaAstral

e convencido de que a solução do grande problema no qual estavam metidos passava pelo sucesso das investigações sob sua responsabilidade, depois de certificar-se de que as ampolas e os cadáveres por ele encaminhados à Florville já estavam sob a lupa minuciosa dos cientistas recrutados pelo Gabinete de Crise, o mestre Carlos Junqueira Castro tecleou o mecanismo de busca na tela do computador. Em poucos instantes, o nome CidBoy foi correspondido por uma série informações. Nada importante foi acrescentado àquilo já apresentado no relatório produzido pelo CGI. De novidade, apenas os endereços eletrônicos associados ao vereador na Câmara Municipal de São Cristóbal. Era só o que o mestre Carlos precisava para aprofundar a primeira abordagem ao antigo líder do Movimento Los Pardos Livre.

Com mais quatro ou cinco toques, sem a necessidade de qualquer senha, o mestre Carlos entrou no ambiente eletrônico do gabinete de CidBoy, tendo acesso a vida administrativa e política de natureza pública, incluindo relação de funcionários, calendário de reuniões, a integra dos pronunciamentos, lista do projetos-de-lei, moções e votos proferidos e muitos outros aspectos da atividade parlamentar, inclusive uma galeria de fotografias das suas visitas e audiências. Era hora de mergulhar mais fundo e fazer uma inspeção mais cuidadosa.

Embora tênues, as dificuldades só apareceram quando o mestre Carlos tentou navegar pela agenda pessoal do vereador CidBoy. Aparentemente a exigência de senha se devia a alguma formalidade burocrática, pois seguia um sistema primário de segurança, sendo de fácil dedução. Com efeito, o cadeado digital abriu na terceira tentativa e, contrariamente àquilo de se espera de alguém com coisas a esconder, escancarou completamente a agenda dos seus contatos e, ainda, o registro do seu dia-dia, com o nome dos visitantes, assuntos tratados nas audiências e, também, as visitas feitas por ele.

Começou, então, o trabalho de garimpagem na busca de contatos e de encontros comprometedores, capazes de insinuar alguma ligação do vereador com a onda de terror em curso na cidade.

Não foi fácil, pois a agenda era enorme. Eram muitos nomes e compromissos. Afinal de contas, CidBoy era uma figura pública e tinha muitos amigos, conhecidos e contatos de diversas naturezas. Os nomes Marcus Serzerburg e Mendo Eustáchio não apareceram em qualquer documento pesquisado. O nome de Balthazar DanteGaudêncio, no entanto, apareceu na agenda de compromissos. Havia o registro de uma audiência concedida pelo vereador CidBoy ao conde líder da invasão do território dos Jardins. Pronto!

De alguma forma, aquele o registro daquele encontro provava a existência de algum elo entre o MLPL e a provável origem do movimento terrorista. Estava estabelecido um provável vínculo do vereador com a onda de terror que varria os Jardins. Afinal de contas, se não fosse este, que assunto teria CidBoy para conversar com Balthazar DanteGaudêncio?

Era hora de uma conversa pessoal com o vereador CidBoy.

Não foi difícil achar o vereador. Acatando as restrições impostas pelo Estado de Comoção Social, CidBoy estava em sua residência, na região central de São Cristóbal, exatamente no endereço apontado no relatório produzido pelo CGI. Habitado a receber visitas de todas as naturezas e com todas as motivações, CidBoy não esboçou qualquer surpresa com a visita do mestre Carlos. As surpresas viriam com o andar da conversa.

- Sou Carlos Junqueira Castro, Mestre das Chaves dos Jardins e estou investigando os ataques terroristas que trouxeram a epidemia a São Cristóbal - o mestre se apresentou.

- Como posso lhe ajudar? - o vereador não demonstrou qualquer reação à pomposa apresentação do visitante. Já estava habituado a todo tipo de abordagem.

- Temos fortes suspeitas do envolvimento do MLPL na onda de ataques que disseminou o vírus causador da epidemia em São Cristóbal... - mestre começou, sendo imediatamente interrompido pelo vereador.

- O senhor deveria saber que, desde a minha saída da prisão, não tenho mais qualquer envolvimento com o MLPL - CidBoy se esquivou, sem falar da sua recente adesão ao movimento do 'Paraíso Global' - e, até onde vai meu conhecimento, o movimento, que nunca usou a violência como instrumento de ação, está desativado há tempos.

- As nossas investigações mostram que esta situação se modificou e, surpreendendo a todos nós, o MLPL não só voltou a ação, mas, também, deixou de ser um grupo interessado na secessão da região Leste e passou colaborar com os estrangeiros que invadiram o país, em crime configurado como traição em alto grau - o mestre Carlos, resolveu endurecer a conversa.

- Não estou entendendo - o vereador parecia surpreso.

- A epidemia, que já matou centenas de pessoas nas províncias da Nova Bulgária, Los Pardos e ProppaAstral e está se espalhando rapidamente pelo país, tem origem criminosa. Foi trazida do PontoUm pela coluna que, sob o comando do conde Balthazar DanteGaudêncio, invadiu os Jardins através da Floresta Negra, na região fronteira do Enclave Ultramarino do Cachimbo. Os primeiros focos de contaminação foram verificados na região dos ancoradouros, na confluência do Rio das Águas Lindas com o Canal Aprígio, em Florville, e, de lá, espalhou-se para outras cidades. O vírus VDFM-1 é mortal e pode levar a Humanidade ao extermínio - observando a expressão de espanto do vereador CidBoy, o mestre Carlos mudou de assunto repentinamente aplicou-lhe uma grande estocada - de onde o senhor conhece o conde Balthazar DanteGaudêncio?

- Eu não conheço qualquer conde. De onde vocês tiraram esta informação? - o vereador reagiu como se tivesse levado um soco.

- A sua agenda registra a visita do conde Balthazar DanteGaudêncio ao seu gabinete em pelo menos duas ocasiões - o vereador foi confrontado com a informação pelo mestre.

Aí, puxando pela memória, o vereador CidBoy lembrou da audiência que concedera a um certo Balthazar DanteGaudêncio, um homem misterioso, de palavreado culto, cheio de reticências e olhares vagos, interessado em contactar antigas lideranças do MLPL, o qual, sem saber exatamente o assunto a ser tratado, encaminhara ao Bambino Loco para um eventual encontro com Jonas Stone, o jovem líder da nova geração do MLPL. Lembrou, ainda, que meses depois, há poucas semanas, ele voltara ao seu gabinete, onde sem o encontrar, lhe deixara um bilhete com uma mensagem muito estranha, provavelmente cifrada, sobre 'o iminente começo das ações'. De qualquer forma, CidBoy não sabia que Balthazar DanteGaudêncio fosse conde, que fosse cidadão do PontoUm, que fosse o comandante da invasão aos Jardins e, muito menos, que pretendesse cooptar o MLPL para algum projeto da natureza relatada pelo mestre Carlos.

- Confirmo que recebi o tal Balthazar DanteGaudêncio. Estive com ele uma única vez e nunca passou pela minha cabeça que ele fosse um conde estrangeiro e tudo o mais que você falou... Este é um assunto muito sério e estou disposto a ajudar. Mas, para isso, preciso que o senhor me informe sobre o que está acontecendo e o que leva à suspeita de que o MLPL esteja envolvido nisto tudo.

Em rápidas palavras, o mestre Carlos falou sobre o início da epidemia em Florville e sobre os ataques em São Cristóbal, à estação de trens, ao aeroporto, ao hospital regional, às estações de conexão do metrô, aos principais centros comerciais, ao vertiporto, ao centro de convenções, ao parque de ócio e à estação de tratamento d'água. Por fim, o mestre falou dos mortos contaminados por ocasião do ataque ao aeroporto de São Cristóbal.

- A propósito, o senhor conhece Marcus Serzerburg e Mendo Eustáchio? - o mestre fez a pergunta de súbito, esperando, talvez, induzir alguma reação neural da qual pudesse perceber algum sinal.

- Não conheço - foi a resposta automática, pura e simples.

Diante da negativa de CidBoy, o mestre ajuntou - Eram militantes do Movimento Los Pardos Livre e morreram em decorrência da contaminação por ocasião do ataque ao aeroporto de São Cristóbal. Grandes quantidades do veneno biológico usado na disseminação da epidemia foram encontradas com eles, em claro indicador de que o MLPL está envolvido na ação terrorista.

A conversa prosseguiu por mais algum tempo. Demonstrando o desejo de colaborar, depois de pedir um

tempo para 'conversar com a nova geração do MLPL', CidBoy sugeriu que o mestre Carlos fizesse uma visita a Aarão Simplício, coordenador do Paraíso Global.

- O Paraíso Global é um dos movimentos políticos de oposição ao governo central. Ao contrário do MLPL, que propunha a secessão das províncias da banda oeste do país, o Paraíso Global defende a universalização do bem-estar e a eliminação de todo e qualquer desnível entre as províncias. Há, portanto, uma diferença conceitual entre o Paraíso Global e o MLPL. Acho que Aarão Simplício teria muito interesse em ajudar nesta causa.

- Vou conversar com Aarão e sobre sua conversa com a nova geração do MLPL. Eu posso ir junto?

CidBoy, então, explicou que, com justas razões, ainda ressabiado com o decreto de ilegalidade imposto ao MLPL pelo acordo de rendição, o pessoal do movimento era muito arisco e, de forma alguma, aceitaria falar na presença de um estranho. Assim, com o compromisso de estar de volta até o final da tarde, obteve a autorização do mestre para ir ao Bambino Loco, onde tentaria contato com Jonas Stone, líder da nova geração do MLPL, para esclarecer o assunto.

Confiando na palavra de CidBoy, depois que o vereador ligou e o apresentou a Aarão Simplício, o mestre Carlos liberou sua partida para a conversa com Jonas Stone, no Bambino Loco. Aquela foi a última vez que o vereador CidBoy foi visto.

Com fazia sempre que necessário, CidBoy consultou a agenda e teclou o número associado às letras JS. Antes do segundo toque, o telefone foi atendido. Sem esperar qualquer identificação da pessoa que o recepcionou, o vereador apenas disse

- É CidBoy. Preciso falar com Jonas Stone ainda hoje - e, conhecendo como aquelas coisas funcionavam, desligou.

Pouquíssimas pessoas conheciam aquele número e, desde que fora proscrito, esta dinâmica vinha usada pela estrutura remanescente do MLPL para contatos do pessoal da velha guarda com a nova geração de líderes. Com alguma impaciência, CidBoy esperou a resposta. Em poucos minutos, o telefone chamou de volta.

- Qual é o assunto tão urgente que não pode esperar até amanhã? - perguntou a voz anônima tão logo CidBoy atendeu o telefone.

- O governo central dos Jardins está acusando o MLPL de envolvimento com ataques terroristas cometidos por estrangeiros. Preciso saber até que ponto isso é verdade - CidBoy adiantou o assunto da conversa.

- Espere na linha... - em poucos segundos a voz anônima voltou a falar - Esteja no ponto de encontro em uma hora. Jonas Stone vai receber você.

Uma hora mais tarde, ao tempo que o mestre Carlos cumprimentava Aarão Simplício, o vereador CidBoy chegava ao bar Bambino Loco - o QG Avançado daquilo por ele chamado de 'novo MLPL', uma organização conduzida por neófitos ainda em formação, bem diferente daquela que, um dia, ele próprio presidira - Bem, pensou CidBoy, os tempos de glória do MLPL pertencem a um passado distante e, agora, precisa restringir suas atividades às questões intelectuais e de formação política.

Aquela era a primeira vez que CidBoy visitava o Bambino Loco, não estando, portanto, familiarizado com os protocolos de segurança eventualmente adotados para a proteção do comando e da militância do movimento. O olhar panorâmico mostrou um salão soturno, ambientado com motivos radicais para gerar um clima de aventura bem ao gosto do público jovem para o qual se destinava, com cenas temáticas que se renovavam periodicamente em

looping, ao som de música ritmada, poucas mesas e um balcão confrontado por muitos tamboretos altos. Não havia qualquer cliente àquela hora.

Fazendo a recepção e, provavelmente, a segurança do QG apenas o barman postado atrás do balcão.

- Quero falar com Jonas Stone. Ele me aguarda - CidBoy se anunciou com certa arrogância.

Sem dizer uma só palavra, o barman meneou a cabeça em direção a escada que levava ao sótão.

- Pode subir. Ele está à sua espera.

E, prometendo a si mesmo que não faria qualquer crítica do descaso dedicado pela nova liderança à questão da segurança, CidBoy subiu os dois lances da escadaria que levava à sobreloja do Bambino Loco. Era lá onde esperava uma conversa aberta na qual pudesse tirar 'a prova dos nove' para saber se houvera ou não algum descaminho no movimento.

À porta do escritório, foi recebido por dois homens. Nenhum deles era Jonas Stone.

- Sente-se, vereador - um dos homens puxou-lhe uma cadeira, enquanto o outro cuidava de fechar a porta e se plantar a seu lado.

- Cadê Jonas Stone? - perguntou CidBoy, permanecendo de pé.

- Eu sou Jonas Stone - respondeu o conde Balthazar DanteGaudêncio, que, instantes antes, interceptara a comunicação feita pela telefonista de prontidão ao líder do MLPL e, pessoalmente, ligara para vereador.

Num primeiro momento, sem valorizar a atitude do segundo homem, que se postara atrás de si, CidBoy chegou a pensar que aquele procedimento fizesse parte de algum protocolo de proteção do líder máximo do movimento. Depois de insistir em dizer quem era, decidido a oferecer as prováveis provas necessárias para ser recebido pessoalmente por Jonas Stone, sem entrar em detalhes, o vereador relatou as suspeitas alimentadas pelo governo central a partir da identificação de militantes do MLPL entre os mortos infectados no ataque ao aeroporto de São Cristóbal.

Aquilo era tudo o que o conde Balthazar DanteGaudêncio queria saber.

Com um olhar quase imperceptível, o conde comandou a ação previamente combinada com o segundo homem. O movimento do mercenário foi rápido. Em uma fração de segundo, o vereador CidBoy, fundador e ex-presidente do MLPL, estava morto com o pescoço quebrado.

A alguns quilômetros do Bambino Loco, sem a menor ideia de como seria o desfecho da visita do vereador CidBoy ao novo líder do MLPL, o mestre Carlos começou a conversa com Aarão Simplício, coordenador nacional do Paraíso Global.

A conversa começou do zero e foi longa.

Começou com a invasão dos Jardins na fronteira dos Enclave Ultramarino do Caximbo, através da Floresta Negra, por uma tropa comandada pelo conde Balthazar DanteGaudêncio e prosseguiu aos saltos, passando pelos primeiros casos da infecção na região dos ancoradouros, em Florville, até chegar aos ataques coordenados em São Cristóbal, quando foram descobertos os corpos de dois militantes do MLPL, portando muito dinheiro e ampolas do 'provável agente patogênico' causador da epidemia.

Ao contrário daquilo inicialmente pensado pela equipe, o mestre Carlos não enfrentou qualquer dificuldade na conversa com Aarão Simplício. Aliás, a predisposição do líder do PG contra o MLPL facilitou o entendimento da denúncia trazida pelo mestre Carlos. De fato, apesar de reconhecer que colocar a sobrevivência Humanidade em risco não fazia parte dos objetivos do MPLP e que o uso da violência não se coadunava com o modus operandi adotado desde sempre pelos adversários, Aarão Simplicio não afastou a hipótese de uma viravolta no seu modo de ser, agir e pensar.

- Daquela turma de malucos pode se esperar qualquer coisa.

Na realidade, se referindo a denúncia trazida pelo mestre Carlos, o líder do Paraíso Global explicou que aquela possibilidade não podia ser descartada e, mais ainda, estava mais provável agora, pois, talvez por estar desmilinguido em função do acordo firmado com o governo e precisando ganhar alguma musculatura, o MLPL arregimentara 'um bando de porraloucas' e, como consequência da nova dinâmica interna, passara a ser liderado por gente na qual sobrava entusiasmo, mas 'faltava experiência e massa cinzenta'.

- É plausível esperar que, se aproveitando da inexperiência da nova guarda, o conde Balthazar DanteGaudêncio tenha ludibriado Jonas Stone e o tenha convencido a celebrar algum acordo no qual, acreditando mirar outro objetivo e sem consciência da gravidade dos atos assumidos, o MLPL tenha se comprometido a fazer o trabalho sujo dos estrangeiros - Aarão Simplício tentou uma explicação para aquilo que estava acontecendo.

Aarão Simplício deu tantas voltas que o mestre Carlos chegou a pensar que não contaria com o apoio do Paraíso Global. Ao final, no entanto, como se estivesse satisfeito com as próprias explicações e ponderações, Aarão Simplício concluiu dizendo que, na realidade, pouco importava os detalhes e eventuais motivações do MLPL, pois aquilo tudo era 'muito grave e precisava ser barrado'.

- Conte conosco, mestre. O Paraíso Global vai ajudar o governo a destruir estes terroristas.

Aarão Simplício e seu pessoal começaram a trabalhar ainda naquela noite.

Passava das dez quando o telefonema do mestre Carlos avisara ao líder do PG que o vereador CidBoy não voltara da conversa com a nova liderança do MLPL.

- CidBoy não é homem de trair a palavra. Se ainda não voltou e não deu qualquer notícia é porque foi sequestrado ou, mesmo, eliminado. Na realidade, este desaparecimento é muito expressivo, pois como o pessoal do MLPL não ousaria fazer nada contra seu antigo líder, podemos cogitar que o conde Balthazar DanteGaudêncio esteja no comando - concluiu o líder do Paraíso Global.

Capítulo XXVI

Os depoimentos

No helicóptero que a levava para ProppaMáxima - onde, pessoalmente, acompanharia o interrogatório dos prováveis terroristas Marcondes Jjúlio e Arnaldo Escobar, então detidos na delegacia central da cidade -, a professora Elena Rúbia recebeu os primeiros informes sobre os exames

preliminares realizados pelos infectologistas nos corpos de Marcus Serzerburg e Mendo Eustáchio e na substância contida nas ampolas por eles conduzidas.

- Está confirmado, professora. A morte dos rapazes se deu pela infecção generalizada que caracteriza o contágio pelo VDFM-1 e, segundo os estudos preliminares já realizados, o tal PhatsGou é a substância que faz a veiculação primal do vírus - explicou o infectologista-chefe do Gabinete de Crise, acrescentando que, uma vez contaminados, os doentes passam, eles próprios, à condição de agente infectante, passando a compor um aparato exponencial de disseminação da epidemia.

- Quais são os próximos passos das investigações, doutor?

- Numa frente, vamos estudar a composição do PhatsGou e, usando cobaias, vamos estudar a sua ação num ser vivo. Noutra frente, em pesquisas realizadas diretamente em cadáveres de vítimas da epidemia, vamos verificar a ação do patógeno, verificando a forma como ele se propaga no corpo humano e como compromete o funcionamento dos órgãos vitais - o médico explicou.

- Faça o que tiver de fazer, doutor. Se houver necessidade, avise e providenciaremos o suporte legal para

as pesquisas e demais necessidades. A prioridade máxima neste momento é o desenvolvimento de vacinas capazes de estancar a propagação da epidemia e de drogas para o tratamento das pessoas já infectadas.

Em ProppaMáxima, não houve perda de tempo. A professora Elena Rúbia foi diretamente para a delegacia central da cidade.

Em salas diferentes, acompanhados pelo olhar especializado de profissionais na hipnose e neurolinguística através do espelho unidirecional, submetidos às mais modernas técnicas de interrogatório com a assessoria de peritos na aplicação de soros da verdade, inclusive pentotal sódico e escopolamina, Arnoldo Escobar e Marcondes JJúlio foram ouvidos separadamente, de forma simultânea.

Após cinco horas, tendo passado por duas acareações, as oitivas produziram relatos impressionantes.

Horas mais tarde, a professora Elena Rúbia se debruçou sobre a transcrição dos relatórios. Precisando preencher os muitos vazios ainda existentes nas narrativas já formuladas pelo CGI, a professora Elena Rúbia leu e releu a versão consolidada dos depoimentos prestados por

Arnoldo Escobar e Marcondes JJúlio várias vezes. Embora se referissem aos mesmos fatos, os relatos os contavam segundo óticas diferentes, ajudando a compor o mosaico necessário para a perfeita compreensão dos acontecimentos.

E, com os olhos já ardendo, a presidente do CGI leu os relatórios mais uma vez:

Relato de Arnoldo Escobar (consolidação):

Recrutado juntamente com outros mercenários no submundo de Brazzacezza, capital do PontoUm, Arnoldo Escobar era o sicário tradicionalmente mobilizado pela família DanteGaudêncio para executar aquilo referido à boca miúda dos esgotos como 'solução definitiva', ou seja, ele era o verdugo oficial do clã.

Fora contratado pelo conde Balthazar DanteGaudêncio, filho do visconde Péricles DanteGaudêncio, para integrar a tropa de elite que, sob seu comando, invadiria os Jardins. Em compensação, como remuneração extra pelo trabalho super arriscado que prestaria, em prêmio no caso de sucesso, além do valor usualmente pago aos mercenários de elite, ganharia uma extensa área de terras férteis, um feudo no qual seria o Morgado.

Após cruzar a fronteira, na Floresta Negra, a coluna se dividiu em duas: Uma coluna composta por 12 veículos e 50 homens seguiu imediatamente em direção à Florville sob o comando do barão SouzaRicardo. Só depois de alguns dias de acampamento 'sem nada fazer', a coluna para a qual ele (Arnoldo Escobar) fora designado (que era bem menor do que a outra) seguiu para São Cristóbal sob o comando do conde Balthazar DanteGaudêncio.

Em São Cristóbal, a força foi dispersada com a orientação de permanecer 'invisível' e atenta ao jornal 'A voz de São Cristóbal', no qual, no momento adequado, como toque de reunião, seria publicada a chamada para reagrupamento da tropa. Seguindo determinação do conde DanteGaudêncio, sem qualquer contato com os outros, os guerreiros permaneceram hospedados em pousadas da periferia por várias semanas até serem convocados através da publicação da senha previamente combinada no jornal 'A voz de São Cristóbal'. Quinze guerreiros se reapresentaram, incluindo os três guerreiros que, tradicionalmente, faziam a guarda pessoal do conde Balthazar DanteGaudêncio.

A tropa vinda do PontoUm foi, então, alojada num casarão nos arredores da cidade, onde já se encontravam cerca de vinte militantes, que, depois, soube pertencer a

um movimento chamado MLPL. Começou, então, o treinamento para os ataques a serem feitos com uso de um poderoso veneno a alvos pré-estabelecidos - a estação de trens, o aeroporto, o hospital regional, as estações de conexão do metrô, o maior shopping center da cidade, o vertiporto, o centro de convenções, o parque central e a usina de tratamento d'água.

Para cumprir a estratégia traçada pelo conde, os ataques ocorreriam de forma simultânea e, para isso, os guerreiros foram distribuídos em brigadas compostas por dois homens, com a participação de um guerreiro vindo do PontoUm e um militante local (Arnoldo Escobar lembrou que, sem abrir mão da sua guarda pessoal, para ajustar ao pessoal disponível, houve a necessidade de o conde compor uma das duplas apenas com gente do MLPL). A ele e ao seu parceiro, o agente local Marcondes JJúlio, foi determinado o ataque ao aeroporto da cidade.

Pelo plano, após espalhar grande quantidade do veneno (uma gosma acondicionada em garrafinhas) no alvo designado, sem qualquer delonga ou espera, cada dupla deveria seguir para a Grande Central e tomar o primeiro trem para ProppaMáxima ou JujjuCity conforme o plano, onde deveria repetir o ataque no alvo correspondente àquele atacado em São Cristóbal.

Concluído o treinamento, era hora de começar a campanha. E, assim, no dia escolhido, postado à porta do casarão, depois de certificar-se de que cada dupla sabia exatamente o alvo que lhe fora designado para ser alvejado, repassar o plano de ataque e destacar a recomendação sobre o uso de luvas e máscara, junto com dinheiro e o equipamento de segurança, o conde DanteGaudêncio entregou doze garrafinhas de veneno a cada dupla, despachando-a para a guerra que se iniciava.

Em São Cristóbal tudo saiu como planejado. Depois de espalhar porções da gosma venenosa pelo saguão do aeroporto, Arnolde Escobar e Marcondes JJúlio correram à Estação Central e tomaram o TGV para ProppaMáxima.

Foi quando começou o problema, pois, decididos a cumprir a missão conforme combinado com o conde, fizeram pouco caso do lockdown decretado no âmbito do Estado de Comoção Social e se dirigiram ao aeroporto da cidade para infectá-lo. Poucos quilômetros após a saída da estação central, no entanto, foram interceptados por uma patrulha sanitária e, após uma pequena altercação, foram detidos e levados por uma guarnição das forças de segurança à delegacia central da cidade, onde tiveram as mochilas confiscadas.

Relato de Marcondes JJúlio (consolidação):

Desde os tempos de estudante na Universidade Multicultural de Los Pardos, onde cursara o curso de Medicina, Marcondes JJJúlio passara a militar no Movimento Los Pardos Livre (MLPL) - um movimento que, no seu entender, era essencial, pois, atendendo aos sonhos da juventude consciente e engajada, lutava pela liberdade da região Leste do país.

Pouco depois, no curso de muitos enfrentamentos, o MLPL foi completamente desbaratado e seus principais líderes, incluindo o presidente CidBoy, presos. Ele também não fora preso porque nunca exercera qualquer posição de destaque na estrutura do movimento, tendo sido sempre um simples tarefeiro. Embora formalmente desativado em função do 'acordo de paz' firmado com o governo, mediante o qual, em troca da renúncia dos objetivos seccionistas, os líderes foram libertados, em momento algum o MLPL deixara de existir.

Na realidade, depois de um breve período de hibernação, o MLPL voltara a funcionar como centro de estudos e assim permaneceu durante muito tempo. Nos últimos tempos, já sob a liderança de Jonas Stone, o MLPL passara a usar o Bar Bambino Loco, na região central de San Cristóbal, como uma espécie de escritório para encontros e pequenas reuniões com pessoas de fora do movimento e

alugara um casarão na periferia da cidade, onde, além de alojar militantes, funcionava escola, na qual eram oferecidos cursos de política.

Mais recentemente, em plenária geral realizada no Casarão, sem adiantar maiores detalhes, Jonas Stone informou que estavam sendo feitos entendimentos para viabilizar o retorno do MLPL 'aos velhos e gloriosos tempos de ação'.

Dias mais tarde, o líder do MLPL confirmou a celebração do acordo e, só então, mencionou o nome do novo parceiro do movimento - um tal Balthazar Dante Gaudêncio, tratado eventualmente pelo codinome de 'Conde', que, no dia seguinte, se mudou para o Casarão, onde foi instalado nas melhores acomodações, sendo assessorado por Josias Silvério, que era o principal assistente do líder Jonas Stone.

Pouco tempo depois, o Casarão recebeu 15 pessoas, que, segundo Josias Silvério, participariam das ações para desestabilizar o governo central dos Jardins, viabilizando a secessão da região leste, cumprindo, assim, os objetivos primais do MLPL.

A informação animou a militância, que, ainda por aqueles dias, em reunião geral, depois de uma explanação

sobre a natureza e os riscos das ações planejadas, foi consultada pelo parceiro DanteGaudêncio (que parecia ter assumido o comando das operações do MLPL) sobre o desejo de nelas participar ativamente, recebendo a concordância de quatorze militantes, incluindo Marcus Serzerburg e Mendo Eustáchio (os quais, segundo soube por ocasião do interrogatório, morreram em decorrência da infecção contraída por ocasião da ação na usina de tratamento d'água de San Cristóbal).

Daí em diante, o Casarão foi fechado para as atividades cotidianas, passando a servir apenas como abrigo para o líder Jonas Stone, para o comandante Balthazar DanteGaudêncio, para o lugar-tenente Jonas Silvério, para os quatorze militantes que participariam das ações e para os quinze homens trazidos pelo novo parceiro do MLPL. Começaram então os treinamentos, inclusive para três guarda-costas pessoais do novo comandante.

Os vinte e seis homens que entrariam em ação foram divididos em duplas que teriam a missão de espalhar uma gosma venenosa por treze alvos específicos - a estação de trens, o aeroporto, o hospital regional de São Cristóbal, as estações de conexão do metrô, os principais shopping centers, o vertiporto, o centro de convenções, feiras e exposições, o parque metropolitano de ócio, a usina de

tratamento e de abastecimento d'água. A ele seu parceiro, o estrangeiro Arnolito Escobar, caberia atacar o aeroporto

Após o ataque, enquanto algumas duplas receberam o encargo de atacar alvos em JujjuCity, eles tomariam um trem para ProppaMáxima, onde deveriam repetir a ação e, na sequência, para Turmalina, sempre reprisando a dinâmica de atacar o aeroporto local.

Ao final do treinamento, no qual o permanente uso de luvas e máscaras era obrigatório, as duplas foram encaminhadas para ação. Embora, em função das exaustivas preleções no período de treinamento, todos soubessem exatamente o que deveriam fazer, ao se despedir de cada dupla com os votos de boa sorte e a entrega da mochila na qual estavam doze ampolas do líquido a ser espalhado, o Conde reprisou os principais pontos do plano.

Em San Cristóbal, tudo aconteceu muito rápido. Após espalharem o líquido viscoso no aeroporto, incluindo o saguão, as áreas de checkin e de desembarque, ele e o estrangeiro Arnolito Escobar seguiram para a estação central, onde tomaram o primeiro trem para ProppaMáxima, primeira escala de um périplo que deveria prosseguir enquanto houvesse material para ser disseminado.

A viagem ocorreu sem problemas, mas, ao chegar no destino, já sabendo o que fazer, os dois foram informados do lockdown decretado pelo Estado de Comoção Social. Não seria, no entanto, uma decisão do governo central dos Jardins que iria intimidar aqueles militantes tão imbuídos em cumprir os planos tão minuciosamente detalhados. E, assim, ao invés de procurar uma hospedaria, Marcondes JJúlio e Arnoldo Escobar decidiram seguir para o aeroporto da cidade. Não conseguiram. Foram parados pela patrulha sanitária da qual não conseguiram se safar, pois, sufocando qualquer vontade de reação e enfrentamento, uma guarnição armada os prendeu, encaminhando-os à delegacia, onde se encontravam detidos.

Passava da meia-noite quando, finalmente, vencida pelo sono, a professora Elena Rúbia parou a leitura em looping e conseguiu dormir.

Sonhou com a leitura dos textos. Eram peças muito valiosas, especialmente porque retratavam o ponto de vista de agentes de diferentes motivações, níveis de informação e, mesmo, de entendimento das ações que deram início à epidemia de VDFM-1. Embora ainda incompleta, a observação conjunta dos relatos ajudava a compor um mosaico representativo do tipo de crime que enfrentavam.

No dia seguinte acordaria em novo patamar de conhecimento e em melhores condições de formular planos de investigação.

Capítulo XXVII

O PhatsGou

Progressivamente preocupado com a discrepância dos ritmos como evoluíam, de um lado, a expansão da epidemia e, de outro, os estudos científicos para erradicá-la, o presidente SantaClara convocou mais uma reunião do Alto Comando da República Democrática dos Jardins. De tão frequente, as recentes visitas da administradora-geral Erika César, do deputado-presidente Jonas Fabrício e do juiz-ministro Pôncio Veríssimo ao Coliseum, poder-se-ia dizer que, nos últimos tempos, o órgão máximo da gestão pública dos Jardins estava em regime de reunião permanente. E estava mesmo. Havia boas razões para isto.

A situação geral parecia piorar a cada instante.

A última edição de o 'relatório de momento' encaminhado a cada duas horas pelo Gabinete de Crise aos membros do Alto Comando e do Conselho Superior de Defesa apontava uma assustadora deterioração da situação geral, com a expansão exponencial numérica e territorial da epidemia. De fato, o relatório - que consolidava dados apurados nos hospitais de Florville, São Cristóbal e ProppaMáxima e nos centros de saúde referenciais para possíveis infecções por VDFM-1 nas demais províncias e incluía o registro de casos suspeitos, acrescentando uma estimativa dos casos não notificados - mostrava um quadro desolador, confirmando a razão do vai-e-vem das ambulâncias e dos carros fúnebres.

Reprisando cenas retidas na memória dos mais antigos, contrastando com as ruas desertas em função do lockdown, os cemitérios e os hospitais passaram a ser as áreas mais movimentadas das cidades. Inspirados nos livros da história recente da Humanidade, ao tempo que seguiam a orientação do Gabinete de Crise, alimentando esperança no desenvolvimento de tratamentos para o vírus assassino, governadores provinciais e prefeitos tratavam de cuidar da ampliação dos cemitérios e instalação de hospitais de campanha.

- O que dizem os cientistas, presidente? Perguntou administradora-geral Erika César, chefe do Poder Executivo, que, nos termos da organização política dos Jardins, restringia suas iniciativas àquilo planejado e determinado pelos outros poderes.

O presidente da república sacou relatório encaminhado pela equipe de infectologistas e epidemiologistas ao Gabinete de Crise.

- Os cientistas estão procurando vacina e tratamento para o VDFM-1 a partir de quatro vertentes, que, com o aprofundamento dos estudos, provavelmente, vão convergir para uma ou duas linhas de pesquisa - informou o presidente SantaClara, recorrendo de vez em quando ao relatório do Gabinete de Crise para descrever a dinâmica adotada pelos cientistas.

Segundo o relatório, escrito em termos leigos, uma equipe de cientistas estudava o PhatsGou - a substância usada pelos terroristas para fazer a veiculação primal do vírus -, lançando mão de algum tipo de engenharia reversa para esmiuçar sua composição e, então, partir para o desenvolvimento de uma droga capaz de desmontar a sua estrutura de modo a torná-la inerte e inofensiva ao organismo humano. Outro grupo de cientistas estudava o mecanismo de transmissão do vírus a partir de pessoas

infectadas com o propósito de descobrir formas de conter a propagação da epidemia. Outra equipe de pesquisadores estava concentrada em estudar o contingente das pessoas infectadas, procurando descobrir a razão de algumas serem mais resistentes ao vírus. Como, pelo menos até aquele instante, a doença era cem por cento letal, levando, inexoravelmente, todos os infectados à morte, esta linha de pesquisa era aquela que despertava menor interesse na comunidade acadêmica. Finalmente, uma pesquisa programada para começar ainda naquele dia, uma linha se dedicaria ao estudo de amostras do sangue do terrorista capturado em ProppaMáxima e teria o objetivo de descobrir a razão de a pandemia não ter prosperado nas terras do PontoUm.

- Sobre esta última linha de pesquisa, além do terrorista capturado, os cientistas contarão com material colhido diretamente em gente do PontoUm - o presidente SantaClara baixou a voz e disse em confidência - O general Luccas Zuccherro vai recorrer aos seus contatos no PontoUm para conseguir amostras de sangue de alguns dos nossos vizinhos. Somado ao resultado dos exames do sangue do mercenário capturado, o estudo deste material poderá nos dizer alguma coisa. Quem sabe?...

Um sentimento estranho dizia ao comandante Penalva que o caminho para a superação da epidemia estava na aparente imunidade ao VDFM-1 da população do PontoUm. A guisa de estímulo, antes de encerrar reunião, o presidente ainda ajuntou:

- Usando a carta-branca dada pelo Alto Comando, o Gabinete de Crise recrutou os melhores infectologistas e epidemiologistas do país. Os avanços são lentos, eu reconheço. De qualquer forma, apesar de ainda estarmos indefesos ao vírus assassino, mantenho o otimismo.

- O senhor tem razão, presidente. Se fomos capazes de superar a Grande Hecatombe, também seremos capazes de superar o VDFM-1 - a administradora-geral Erika César cruzou os dedos por baixo da mesa - Será a sua segunda vitória contra este tipo de inimigo invisível.

Enquanto no Salão da República, no último andar do Coliseum, o Alto Comando da República Democrática dos Jardins apreciava o relatório mais recente produzido pelo Gabinete de Crise confirmando a gravidade da situação, a Terra continuava a girar, dando palco para a dinâmica da vida, então ameaçada pela pandemia de VDFM-1.

Em BrazzaCezza, na sua poltrona de líder máximo do PontoUm, no Palácio de BrazzaCezza Oppus, acompanhando de longe a crise sanitária vivida pelos Jardins com a certeza de que ali havia o dedo do conde Balthazar DanteGaudêncio, o marquês Neostavis MontBlanc Strauss procurava manter a postura 'isenta' assumida desde o episódio da invasão do Enclave Ultramarino do Cachimbo há alguns meses.

Apesar de querer se manter longe das aventuras do primogênito do visconde DanteGaudêncio, acossado progressivamente por cortesãos porta-vozes de notícias sobre o avanço da epidemia nos Jardins, o presidente Neostavis era permanentemente instado a mudar a postura e manifestar algum tipo de apoio a empreitada levada adiante pelo conde Balthazar. Mesmo assim, embora fossem muitas as pressões e tentações engatilhadas para seduzi-lo, o presidente Neostavis resistia e se precava para não empoderar o rival e, ao mesmo tempo, provocar a ira dos Jardins.

O presidente Neostavis MontBlanc Strauss tinha muitas razões (incluindo o conforto institucional por ele vivido na ocasião) para manter a 'neutralidade máxima'. O marquês não admitia ou compartilhava os receios, mas, no

fundo, ele temia que o fortalecimento de Balthazar DanteGaudêncio - uma possibilidade cada vez mais provável em função da crise sanitária experimentada pelos Jardins - afetasse a estabilidade política do PontoUm, precipitando o embate sucessório para apear-lhe da presidência. Além disso, bem informado sobre a real situação das próprias forças, o marquês Neostavis MontBlanc sabia que, pelo menos naquele momento, mesmo combalido pela epidemia, o país vizinho era muito forte e, sem discussão, as tropas do Ponto Um não resistiriam a um confronto direto com as forças dos Jardins por mais do que dois ou três dias, não sendo, portanto, uma boa hora para provocar qualquer desavença com o vizinho. Esta, inclusive, era a principal razão das constantes demonstrações de solidariedade e das ofertas de ajuda aos Jardins feitas através do general Luccas Zuccherro, comandante máximo das suas Forças de Defesa e principal interlocutor com o país vizinho, a quem secretamente devia muitas gentilezas.

E, assim, enfrentando a situação delicada daqueles que andam sobre ovos ou se equilibram em cordas-bamba, agindo da forma como aprendera por toda a vida, azeitando a própria indecisão com uma desculpa ou outra, o presidente Neostavis atravessava os tempos driblando as pressões por um comportamento mais incisivo.

De qualquer forma, a situação estava ficando insustentável e o marquês sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de descer do muro no qual se aboletava sem qualquer definição. Enquanto isso, levava a vida acendendo velas a Deus e ao diabo, conforme a necessidade.

E vinha sendo assim por muitos meses.

Naquele dia, no entanto, junto com a mensagem trazida por enviado do seu próprio pai, o correio da província Sem-Fim trouxe a pressão maior ao marquês Neostavis MontBlanc Strauss, cobrando-lhe posicionamento imediato e empurrando-o para a borda do muro. Provavelmente insuflado por algum baronete mais afoito e ambicioso, o velho arquiduque MontBlanc Strauss praticamente exigiu que o filho-presidente procurasse tirar vantagem da situação dos Jardins e celebrasse um acordo com o conde Balthazar DanteGaudêncio.

Na correspondência - partindo da premissa de que, em breve, o governo liderado por Penalva SantaClara perderia as condições de manter a unidade dos Jardins e o país vizinho se esfacelaria -, o arquiduque MontBlanc Strauss sugeria que, barganhando apoio político e o reconhecimento do PontoUm ao país que viesse a ser por ele liderado, o marquês-presidente solicitasse ao conde Balthazar a cessão da parte da Floresta Negra inserida no

Enclave Ultramarino do Cachimbo, na região fronteira, possibilitando sua incorporação pela província SemFim, em acordo geopolítico que ampliaria os domínios da família MontBlanc Strauss, estendendo-os através das duas margens do Rio das Almas até o altiplano central. Considerando a conversa reservada ocorrida semanas antes da invasão dos Jardins entre o presidente Neostavis e o conde Balthazar DanteGaudêncio no gabinete presidencial do Palácio BrazzaCezza Oppus (e nunca mencionada por qualquer das partes), a proposta do arquiduque MontBlanc Strauss fazia sentido e talvez fosse bem recebida, podendo dar base ao acordo territorial por ele imaginado.

Aquele seria um dia de grande provação para o marquês Neostavis MontBlanc, pois, enquanto ainda assimilava a pressão vinda do SemFim, sem saber como deveria responder ao pai, chegou a notícia de que, em poucas horas, em viagem secreta, o general Luccas Zuccherro chegaria ao PontoUm e queria falar com ele, preferencialmente no final daquela tarde, no 'local de sempre', nos arredores de BrazzaCezza.

Deveria ser um assunto muito importante para fazer o general comandante das Forças de Defesa da República deixar o país num momento tão delicado como aquele para se encontrar pessoalmente com ele. O que teria acontecido

para o general se deslocar pessoalmente de Florville até BrazzaCezza e ter tanta urgência em falar com ele?, matutou o presidente do PontoUm.

Aquela seria a terceira vez na qual o marquês se encontraria cara a cara com o general Luccas Zuccherro. As duas primeiras vezes foram muito significativas e criaram um sólido laço de respeito, especialmente porque, em ambas, sem que nada lhe fosse pedido e sem pedir nada em troca, o general lhe dera coisas extremamente preciosas. Na primeira vez, há muitos anos, demonstrando pleno conhecimento da grave crise política provocada pela quebra da safra em decorrência da severa estiagem nos campos produtores de trigo, o comandante das Forças de Defesa da República fizera uma generosa doação de alimentos para o PontoUm, possibilitando-o superar a moção de desconfiança levantada pelo visconde DanteGaudêncio, então empenhado em destituí-lo da presidência do país, e, mais que isso, credenciando-o a concluir e renovar o mandato presidencial. Tempos mais tarde, no segundo encontro pessoal entre eles, mais uma vez demonstrando profundo conhecimento dos acontecimentos no PontoUm, o general Luccas Zuccherro viera acompanhado de um médico especialista na doença que, caso não fosse atacada a tempo com o tratamento adequado, teria, inevitavelmente, levado seu filho caçula à morte. Assim,

consciente de que devia a sua permanência na presidência do PontoUm e a vida do seu filho mais novo ao general Luccas Zuccherro, o presidente Neostavis reconhecia uma dívida de gratidão e, sem que ninguém soubesse, não tinha como negar um pedido seu.

Em pouco mais de uma hora, o presidente Neostavis estava na periferia insalubre de BrazzaCezza, na casa onde costumava cumprir pautas fora da agenda, inclusive encontros com emissários do general Luccas Zuccherro (e, eventualmente, com ele próprio). Como das vezes anteriores, em clara demonstração de confiança ao visitante ilustre, o presidente do PontoUm dispensou a companhia dos guarda-costas, orientando-os a montar vigilância pelas redondezas.

Trajado em roupas civis, com parte do rosto encoberto por óculos escuros e pela máscara higiênica então de uso obrigatório nos Jardins, em disfarce que o deixava, praticamente, irreconhecível, o general já estava na casa.

Após as calorosas saudações iniciais, o comandante das Forças de Defesa da República foi direto ao assunto.

- Como o senhor sabe, presidente, os Jardins estão enfrentado uma epidemia desconhecida - à guisa de

preâmbulo, o general Luccas Zuccherro contextualizou a situação e, sem adiantar detalhes julgados desnecessários, preparado o terreno para o assunto que o levava ao PontoUm, desfechou - Para acelerar as pesquisas científicas preciso da sua ajuda.

- Pode contar comigo, general. Em que posso ajudar?
- o presidente Neostavis ainda não percebera onde sua participação poderia contribuir para solução do problema.

- Atualmente, ainda vivendo os passos iniciais das pesquisas, os cientistas estão mapeando as estruturas sanguíneas sobre as quais os patógenos possam prosperar. Embora vasto, o banco de sangue disponível no Centro de Saúde de Florville não dispõe de amostras oriundas do PontoUm, presidente.

O marquês Neostavis parecia ainda não ter compreendido onde o general queria chegar.

- Sangue, presidente. Este é o meu pedido. Preciso que o senhor nos forneça sangue humano, dos diversos tipos.

Além de surpreendente, aquele era um pedido para o qual não cabia outra resposta senão um SIM. Além do mais, conhecendo o modo de pensar dos grandes líderes, o

marquês sabia que, se as amostras de sangue fossem, de fato, importantes para os Jardins e não as recebesse por dádiva do presidente, o general Luccas Zuccherro mobilizaria as forças que tinha ao dispor e conseguiria o material de qualquer forma.

Não havia muito o que pensar, e, assim, mantendo a boa relação cultivada com o superpoderoso comandante das Forças de Defesa da República, o presidente Neostavis usou o prestígio do cargo e, usando um tom a mais na costumeira arrogância como tratava os subordinados, atendeu ao pedido imediatamente. Sem dar qualquer explicação ou margem para ponderações, determinou que, sem reclamar ou fazer perguntas, todos homens da sua guarda pessoal estendessem o braço e fizessem a doação solicitada. Assim, optando por 'não cutucar a onça com vara curta' e manter as boas relações com os Jardins, o presidente Neostavis decidiu frustrar parte da corte, inclusive os mensageiros enviados pelo todo-poderoso arquiduque MontBlanc Strauss.

Não seria naquele dia que o presidente do PontoUm daria algum sinal de apoio ou de simpatia às iniciativas do conde Balthazar DanteGaudêncio no território dos Jardins.

Os relógios ainda não marcavam meia-noite, quando, pessoalmente, o general Luccas Zuccherro se encontrou com o cientista-chefe da equipe mobilizada pelo Gabinete de Crise, no centro de infectologia da Universidade de Florville, para entregar-lhe trinta bolsas recheadas com amostras do sangue que corria nas veias dos habitantes do PontoUm, criando as condições objetivas para o início da linha de pesquisa sobre as razões de a epidemia não prosperar a oeste do Rio das Almas.

Correndo contra o tempo, ainda naquela madrugada, tendo o sangue trazido pelo general Luccas Zuccherro e ampolas do PhatsGou apreendidas com os terroristas como material de trabalho, os melhores cientistas do país começariam a estudar as razões da aparente imunidade da população do PontoUm ao VDFM-1.

Contagiado pelas esperanças nutridas pelo presidente SantaClara, o general Luccas Zuccherro acreditava que aquela pesquisa talvez revelasse a cura para o mal que poderia levar a Humanidade a um novo risco de extinção.

Capítulo XXVIII

Os primeiros combates

Àquele tempo, em ProppaMáxima, em meio ao avassalador avanço da epidemia, especialmente nas províncias de Nova Bulgária, Los Pardos, ProppaAstral e Jujju, a professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência e coordenadora do Gabinete de Crise, aprofundava as investigações dos ataques terroristas naquela metrópole provincial.

Não era uma missão simples. Aliás, desvendar e capturar os responsáveis pela invasão do país e pela onda terrorista para disseminar o PhatsGou eram um 'objetivo de segunda ordem', bem menos relevante do que descobrir uma forma de conter a epidemia e curar os infectados. De qualquer forma, permanentemente informada sobre os trabalhos do núcleo de infectologia da Universidade de Florville, dos avanços das investigações levadas adiante pelo mestre Carlos Junqueira em Los Pardos e com a certeza de que estavam diante de uma espécie de quebra-cabeças, no qual as partes se juntam para completar a

imagem procurada, a professora mergulharia na investigação em ProppaMáxima.

O passo inicial fora dado há algumas horas com a leitura da transcrição dos depoimentos de Marcondes Jjúlio e Arnaldo Escobar, terroristas capturados quando seguiam para o aeroporto da cidade, aonde, cumprindo o plano formulado pelo conde Balthazar DanteGaudêncio, espalhariam o PhatsGou para impulsionar mais ainda a epidemia que assolava a província.

Logo cedo, depois de poucas horas de sono, com os depoimentos de Marcondes Jjúlio e Arnaldo Escobar esmiuçados nos mínimos detalhes e, praticamente, decorados, a professora Elena Rúbia chegara a delegacia central da cidade, onde instalara escritório. Ávida para aplicar os conhecimentos acumulados nos seus longos anos de profissão e orientada pelos depoimentos, a presidente do CGI estava cheia de ideias.

Antes de qualquer outra coisa, no entanto, precisava cumprir as tarefas regulamentares inerentes ao cargo de coordenadora-geral do Gabinete de Crise. Com efeito, embora o tempo fosse curto e houvesse muitas coisas por fazer, a jornada começaria pela atualização do 'relatório de momento' - o documento enviado à cada duas horas para o Gabinete de Crise com a consolidação das informações mais

recentes do avanço da epidemia pelo país - elaborado a partir dos dados fornecidos pelas representações locais do CGI nas diversas províncias. Na realidade, em princípio, a consolidação dos dados não dava muito trabalho, pois a tabulação era feita de forma automática pelo sistema, cabendo à professora apenas a verificação final em busca de alguma discrepância. Aliás, depois de incorporada ao panorama de atividades e rotinizada, esta tarefa não demandava qualquer esforço, requerendo apenas um nível mínimo de conhecimento e de sensibilidade para filtrar eventuais aberrações fora da curva de normalidade.

Foi o que aconteceu naquela manhã.

Os números do relatório eram assustadores, completamente fora dos padrões esperados. Em Florville, nas últimas 12 horas, o número de mortes ocorridas em decorrência da infecção provocada pelo VDFM-1 passara de 1.834 para 2.945, o registro de infectados passara de 4.657 para 6.324; os casos suspeitos saltara de 7.037 para 9.357. Um verdadeiro inferno. Em Los Pardos, a situação não era diferente. Só na capital São Cristóbal, mais de sete mil pessoas tinham morrido em função da infecção, outras 8.657 estavam internadas entre a vida e a morte e quase doze mil apresentavam sintomas de contaminação pelo VDFM-1. Em ProppaAstral, muitas cidades apresentavam

sinais da infecção, especialmente a capital ProppaMáxima, onde, por falta de leitos nos hospitais, muitos hotéis tinham sido requisitados pelo governo para reforço da rede de saúde. Nas últimas horas, junto com a escalada das ocorrências nas cidades de Turmalina e JujjuCity e a incorporação de novas áreas no mapa geral da epidemia - o qual, progressivamente, ganhava o tom mais vermelho associado às situações de gravidade extrema -, os casos de contaminação de médicos, enfermeiros e outras profissionais de saúde mobilizados na 'guerra' contra a epidemia passaram a ser mais frequentes.

Ao ver os números tabulados, junto com o susto, veio a impressão de que houvera algum erro na transmissão dos dados. Havia razão para a sensação, pois, além de abrupto, o salto nos números ultrapassava em muito a escala exponencial a que a professora Elena Rúbia estava habituada. A releitura dos relatórios parciais e os telefonemas feitos pela professora para constatação dos números confirmava os dados. Não havia qualquer problema na coleta, tratamento ou transmissão dos dados. O relatório de momento apenas atestava o recrudescimento da epidemia em expansão nunca observado na história recente da medicina.

Naquele momento, a professora Elena Rúbia compreendeu os temores a ela manifestados pelo comandante Penalva e, sinceramente, temeu que o avanço da ciência perdesse a guerra para o vírus. De qualquer forma, em vinte minutos, o novo relatório de momento estava pronto e despachado para o Alto Comando e para o Conselho Superior de Defesa da República, onde, seguramente, provocaria sustos e terremotos.

Remetido o relatório e devidamente alertada para o novo patamar de risco vivenciado pelos Jardins, era hora de a professora Elena Rúbia colocar em prática uma dinâmica multifuncional, associando o acompanhamento dos trabalhos levados adiante pelos infectologistas em Florville, supervisionando as atividades do mestre Carlos Junqueira em San Cristóbal e conduzindo a investigação dos ataques terroristas em ProppaMáxima. Não era a primeira vez que a professora Elena Rúbia precisava se empenhar em tarefas complexas. Por experiência própria, inspirada naquilo que já fizera outras vezes, simplesmente ela aplicaria o protocolo de gestão de múltiplos projetos, confiando e valorizando o trabalho daqueles a quem delegara missões. Assim - ao tempo que, em companhia de Aarão Simplício, o mestre Carlos Junqueira esquadrihava San Cristóbal em busca dos líderes do MLPL e os pesquisadores se revezavam em turnos contínuos de trabalho no centro de infectologia

da Universidade de Florville em buscas de respostas ao enfrentamento do VDFM-1 -, a professora Elena Rúbia dava os primeiros passos para localizar e prender os terroristas responsáveis pelos ataques em ProppaMáxima.

Antes de qualquer trabalho de campo, a investigação exigia o estudo do material já disponível na delegacia. Assim, seguindo seu faro de investigadora, a presidente do CGI se debruçou sobre o mapa que registrava a distribuição espacial dos casos e sobre o exame superficial dos cadáveres e das pessoas que buscaram auxílio da rede de saúde.

De imediato, além do fato de os legistas e os médicos não terem encontrado qualquer ampola do PhatsGou nos cadáveres recolhidos ao necrotério ou com infectados atendidos pela rede de saúde da região, também chamou a atenção da professora a inexistência de concentração espacial na mancha produzida pela plotagem dos casos de infecção no mapa de ProppaMáxima, especialmente no entorno dos prováveis alvos especulados pelos investigadores, indicando não ter havido qualquer ação terrorista naqueles lugares. Assim, a julgar pela irregularidade da dispersão da mancha e pela ausência de ampolas do PhatsGou - à exceção dos homens capturados no caminho do aeroporto -. por cuidado, respeito ao

lockdown decretado pelo Estado de Comoção Social ou por outra razão qualquer, os terroristas vindos de San Cristóbal não tinham entrado em ação em ProppaMáxima.

"Como, então, explicar o avanço da epidemia na cidade? ProppaMáxima já teria sido alvo ação pretérita dos terroristas? Além daqueles vindos de San Cristóbal, haveria mais algum outro grupo terrorista? E, neste caso, quem seriam estes terroristas e quantos outros grupos estariam à solta pelos Jardins?" A professora perguntou a si própria, ajuntando novas questões àquelas que aguardavam resposta. De qualquer forma, momentaneamente deixando de lado a possibilidade de outros grupos terroristas terem atuado previamente em ProppaMáxima e considerando o sumiço dos terroristas vindos de San Cristóbal que abortaram as missões a eles designadas pelo conde Balthazar DanteGaudêncio, a professora concluiu que, juntas ou separadas, as duplas estavam abrigadas em algum esconderijo na cidade. Era hora, então, de procurar locais onde pudessem estar escondidos.

Com um ou dois telefonemas a presidente do CGI mobilizou os recursos necessários para a busca.

Em poucos instantes, junto com a informação de que teria uma guarnição da tropa de elite das Forças de Segurança dos Jardins à sua disposição, a tela do

computador de bolso mostrou à professora a extensa rede hoteleira de ProppaMáxima com centenas de estabelecimentos - hotéis, pousadas, hospedarias, albergues, dormitórios, cômodos de aluguel e tudo o mais - desde os mais simples até os mais luxuosos. Procurando pensar como fariam os seus inimigos, a professora Elena Rúbia imaginou que, se estivesse no seu lugar, daria preferência a um local simples, barato e próximo da estação central. Assim, tomando estas características como critérios de escolha, a professora Elena Rúbia ajustou o filtro do aplicativo no seu computador de bolso e, em milionésimos de segundo, obteve uma lista que reapresentava a rede hoteleira ordenada segundo um gradiente baseado nos indicadores fornecidos. A relação era grande, mas, tomando por base a distância à central ferroviária em ordem crescente e associando os estabelecimentos aos preços das diárias por eles cobrados, a lista insinuava um caminho a percorrer. Foi o que a professora Elena Rúbia fez. De fato, descartando os hotéis mais luxuosos, sem maiores discussões, ela relacionou os estabelecimentos que, de forma isolada ou simultânea, deveriam ser objeto das investidas do grupo de elite que dava apoio ao CGI.

Aquela não seria uma operação simples, pois, além da incerteza sobre a real presença dos terroristas em cada um dos estabelecimentos-alvo, precisava ser realizada de

forma discreta, para não alertar outros terroristas sobre a investida em curso, e rápida, evitando o confronto direto e, sobretudo, negando aos inimigos a chance de usar as armas biológicas que tinham à disposição. Aliás, na reunião com a tropa de elite das FSJ designada para a missão, após descrever o objetivo da missão a ser cumprida naquela tarde,

- A missão de vocês é anular a ameaça representada pelos agentes dos ataques biológicos responsáveis pela epidemia que assola o país. Pelas nossas estimativas, há, pelo menos, vinte terroristas escondidos na zona central de ProppaMáxima.

Ao tempo que liberava o arquivo organizado pelo CGI para o computador de bolso que integrava o fardamento de campo dos membros da Forças de Defesa da República, disponibilizado informações gerais sobre os prováveis mercenários contratados pelo conde Balthazar DanteGaudêncio no submundo do PontoUm para o ataque ao país, incluindo dados gerais sobre cada um deles inclusive fotografia.

- Embora estejam atuando em dupla com militantes inexperientes oriundos da MLPL, nossos inimigos mais perigosos são mercenários recrutados no mercado da morte do PontoUm. São guerreiros experimentados e estão

municipiados com uma espécie de 'granada biológica', capaz de espargir um vírus chamado VDFM-1, altamente mortal e contagioso.

Na sequência, despachando um arquivo com o mapa da região central de ProppaMáxima e a relação dos estabelecimentos-alvo incluindo informações gerais sobre cada um deles, a professora Elena Rúbia descreveu o teatro de operações no qual atuariam

- Não sabemos exatamente onde nossos inimigos estão escondidos. Provavelmente, estão abrigados nas proximidades da estação ferroviária, em estabelecimentos da rede hoteleira. Embora qualquer alternativa seja possível, as chances maiores são as de que eles tenham buscado abrigo em estabelecimentos simples, baratos e próximos à estação central. No arquivo compartilhado com vocês, os estabelecimentos estão ordenados segundo a probabilidade estabelecida com base nesses critérios. Talvez seja necessário passar um pente-fino nas possibilidades. Vale o alerta de que esta lista é apenas uma indicação, pois, na realidade, os terroristas podem estar enfiados em qualquer lugar.

E, já partindo para a conclusão das suas observações preliminares antes de deixar a tropa de elite entregue aos trabalhos do planejamento operacional da ação, a

professora Elena Rúbia dedicou algumas palavras aos perigos envolvidos na missão,

- A missão de você é importantíssima para o destino do país e, a depender do resultado, pode representar a continuidade ou a destruição da república. Os homens que vocês vão enfrentar são guerreiros curtidos no combate, têm muito pouco a perder e estão armados com granadas biológicas capazes de disseminar a morte por toda a parte. Além daqueles retratados nas fotografias já encaminhadas para você, muitos outros estão na campanha terrorista contra os Jardins. Embora não sejam tão preparados, são igualmente perigosos, pois portam as mesmas armas biológicas. Lembrem: nenhum suspeito pode ter a chance de usar as tais granadas. Estamos enfrentando um desafio de vida e de morte! Todo cuidado será pouco!!!! Boa sorte!!!

PARTE IV

Capítulo XXIX

O fim da guerra

O som estridente e insistente do telefone explodindo lhe a cabeça trouxe o presidente SantaClara do pesadelo que não o abandonava naqueles últimos dias. Como das vezes anteriores, as notícias não eram boas.

Vendo as coisas em flashes turvos, que iam e vinham embaralhando as imagens, arrastando-as e sobrepondo-as segundo um padrão aleatório, o presidente tentou se manter acordado.

- Como o senhor previu, comandante, o sistema de saúde confirmou a presença do vírus em todas as províncias do país e, estranhamente, não chegou a qualquer rincão do PontoUm. O número de mortes ultrapassa qualquer estimativa por mais pessimista que possa ser e, pela forma como vem se replicando sem resistência, até o fim do mês não haverá mais vida humana no território dos Jardins - disse a administradora-geral Érika César, a chefe do poder executivo que, com a morte da professora Elena Rúbia passara a acumular os cargos de coordenadora do Gabinete de Crise, de presidente do Conselho Geral de Inteligência e, nesta condição, a integrar o triunvirato-chefe das Forças de Defesa da República, o qual diga-se passagem, estava

capenga, aguardando a indicação do sucessor do general Luccas Zuccherro, que, a exemplo do staff das principais unidades militares, não resistira a contaminação pelo VDFM-1.

Tomado pelo cansaço e vivendo uma inédita confusão mental, o presidente SantaClara Penalva suspirou e, no embalo daquilo que vinha acontecendo com frequência desde o fracasso das pesquisas e experiências com o sangue trazido do PontoUm, teve o impulso de convocar o Alto Comando da República, o órgão máximo da gestão pública do país, para uma reunião de emergência conforme fazia nos momentos de crise. Mas, de pronto - atinando que, assim como 90% da população de Florville, tanto o deputado-presidente Jonas Fabrício como o juiz-ministro Pôncio Veríssimo haviam tombado pela infecção generalizada provocada pelo vírus e seus cargos permaneciam vagos -, o presidente SantaClara percebeu-se imerso num imenso vazio. Agora, com a ausência dos antigos parceiros Jonas Fabrício e Pôncio Veríssimo e, também, dos generais Luccas Zuccherro e Theo Pinto Fragoso, igualmente abatidos pelo VDFM-1, o colégio decisório e seu grupo de aconselhamento, outrora tão ativo e representativo, ficara reduzido apenas a ele e a administradora-geral Érika César.

Assim, amargando um sentimento de solidão extrema, o comandante Penalva lembrou dos tempos nos quais, ainda muito jovem, liderara a campanha vitoriosa contra o coronavírus e, na sequência, a partir dos escombros deixados pela Grande Hecatombe, juntamente com um pequeno grupo de pioneiros, construíra a República Democrática dos Jardins, reunindo as terras e os povos a leste do Rio das Almas. Naquele momento, a situação era bem diferente e parecia invertida, pois, tendo vencido a corrida contra os cientistas empenhados na criação de vacinas e de remédios contra o vírus, a epidemia fincara as garras por toda a parte e - num processo de metástase acelerada, dependente apenas da contaminação autônoma pelos infectados, sem a necessidade da veiculação primal pelo PhatsGou - avançava de forma mais do que exponencial, espalhando a morte pela infecção generalizada dos doentes.

Em instantes, aguardando a administradora-geral Érika César, com quem faria uma visita de inspeção àquilo que sobrara de Florville, com olhos marejados e percebendo uma mudança radical no clima da cidade, o comandante Penalva teve a sensação de já estar infectado. Talvez estivesse mesmo, pois em toda vida nunca vira o céu de Florville, normalmente pintado com um azul radiante que amoldurava poucas nuvens, ficar escuro antes do pôr

do sol, bombardeado por clarões riscados por raios avermelhados, sem prenúncio de tempestade. De toda a sorte, decidido a não se dobrar àqueles prováveis sintomas da infecção, o presidente SantaClara seguiu para o centro da Praça Maior de FlorvilleZeta.

Estava tudo muito estranho, pois, possivelmente com a visão prejudicada pela doença, além do céu parecer furioso com a situação, imaginou ver a praça imersa em um nevoeiro bizarro nunca observado naquela região do país. Sentindo-se doente, o comandante Penalva decidiu não se render para desfrutar aqueles que poderiam ser os seus últimos momentos.

Do meio da praça tristemente vazia por efeito da epidemia, apurando a vista para melhor cumprir o ritual que lhe pareceu mais adequado à despedida implícita naquele momento, vislumbrou o coração da administração pública do país que emergira da Grande Hecatombe no primeiro embate que a Humanidade travara contra um vírus mortal.

À sua frente estava o majestoso Coliseum. O arranha-céu colossal fincado na posição extrema do tronco sul da cidade, que além da sala maior do Poder Planificador e muitos dos seus ministérios e organizações da administração, reservava andares completos para o Alto

Comando da República - órgão máximo da gestão pública dos Jardins, onde tivera muitas reuniões com a chefe do poder executivo Erika César, com o chefe do poder legislativo Jonas Fabrício e com o chefe do poder judiciário Pôncio Veríssimo - e para o Conselho Superior de Defesa da República - órgão máximo do sistema de defesa dos Jardins, onde tantas vezes se reunira com o general Luccas Zuccherro, comandante das Forças de Defesa da República, e com a professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência - e, ainda, abrigava um pequeno hotel destinado a funcionários graduados em viagem de trabalho e, no subsolo, além do QG do Batalhão Base Coliseum dedicado à proteção do distrito administrativo, estavam as galerias de acesso à rede de túneis que interligava os edifícios públicos, garantindo-lhes uma eventual saída de emergência em caso de necessidade.

Incomodado com a inexistência de viva alma na praça que antes parecia um formigueiro de tanta gente, o presidente SantaClara Penalva desviou o olhar para o lado e encontrou a Casa do Povo, onde tantas vezes estivera com o deputado-presidente Jonas Fabrício, e não pode deixar de admirar a beleza arquitetônica da sede do poder legislativo, caracterizada pela abóbada dourada que cobria o anfiteatro onde se realizava a Assembleia Nacional e pela Torre Leste

a ela ligada através da 'Ponte da Esperança', a passarela suspensa usada exclusivamente pelos deputados.

Mais adiante, viu a Torre de Cristal, o Palácio da Justiça, um monólito delgado, sem janelas aparentes, com fachadas em vidros escuros espelhados, cercado de esculturas, que sediava os tribunais superiores, inclusive a Corte Suprema de Justiça e os escritórios dos ministros e dos juízes seniores.

Alterando a visada com um suave giro da cabeça, o presidente viu o Grande Mastro, com era mais conhecido o Palácio Domenic Carmello, o prédio que sediava o poder executivo dos Jardins, reduto de onde a administradora-geral Érika César coordenava a imensa máquina administrativa que transformava em ações concretas as decisões tomadas pelo Alto Comando da República.

Os prédios pareciam iguais, mas tudo estava diferente. Não havia ninguém com quem conversar, trocar ideias, enfim sentir-se vivo. Onde estariam todos? Os transeuntes, os funcionários, os militares, os juízes, os deputados, os diplomatas, os visitantes? Onde estariam as pessoas que justificavam a existência da república e a razão de ser da própria vida? Aí, em meio à descarga de um feixe de relâmpagos, o presidente lembrou. Estavam todos mortos, vítimas do vírus que fora incapaz de vencer.

Antes que pudesse cair no pranto como queria e merecia, ouviu a voz da presidente do poder executivo, única sobrevivente do governo dos Jardins.

- Vamos, comandante - falou a administradora-geral Érika César.

A viagem por Florville foi desoladora.

Escapando da Praça Maior, um giro pelo centro de FlorvilleZeta, zigzagueando por entre os quarteirões marcados pelas torres gigantescas que pareciam furar o céu, não mostrou ninguém. Não foi diferente na Praça dos Trens, cujas 'bocas' levavam à Grande Central de Florville, a estação subterrânea de três pavimentos subterrâneos que fazia a ligação dos trens que chegavam e partiam da cidade com a densa rede de metrô.

O presidente não esperava ver a chusma de pedestres, automóveis, motocicletas, ônibus, taxis, trens de superfície e tudo o mais como acontecia nos velhos tempos. Esperava, apenas, ver algo diferente daquele deserto sepulcral. Aquele não era o panorama visto nem durante as fases mais rigorosas do lockdown, quando, aqui ou ali, aparecia uma patrulha sanitária ou algum desobediente às

regras. Aquela nova situação correspondia a um quadro de puro abandono. De tão vazio, aquele deserto urbano não correspondia a lugar que, um dia, fora o distrito administrativo mais importante do país.

Na sequência, subindo o tronco transversal da cidade em direção ao norte, rumo a FlorvillePrime, no lado oposto, onde, outrora, fervilhara cultura por toda a parte, também prevalecia um vácuo sem gente, sem música, sem poesia, sem vida. O Canal Aprígio, que cruzava FlorvillePrime até mergulhar no Rio das Águas Lindas, parecia nunca ter sido palco de um intenso fluxo de vaporetos, jet-skis, barcos e lanchas que levavam e traziam pessoas de todas as partes da cidade.

Um olhar para o alto não minimizava o desalento, pois, da mesma forma, mostrava sinais dos novos tempos - uma névoa plúmbea borrada por luzes de raios e clarões substituía o céu azul no qual antes voavam aviões, drones, helicópteros, dirigíveis e balões, vindo ou seguindo para algum dos três aeroportos da cidade. Nada mostrava algum alento. Até o cemitério da Paz eterna - sempre movimentado por funerais ou por excursões turísticas em busca da beleza artística guardada por anjos e gárgulas esculpidas por grandes mestres - parecia abandonado.

Para desilusão máxima do presidente SantaClara, a vistoria com a administradora-geral Érica César passou pela universidade de Florville, onde o silêncio indicava a inexistência de qualquer atividade acadêmica. Tudo estava em regime findo, inclusive pesquisas capazes de levar ao desenvolvimento de vacinas ou tratamentos contra a infecção pelo VDFM-1.

Abatido, o presidente SantaClara Penalva suspirou o suspiro dos derrotados, pois graças à derrota da ciência para um vírus desconhecido, Florville, a bela cidade nascida à beira mar, na foz do Rio das Águas Lindas, se convertera em um deserto jamais visto na história recente da Humanidade e, em breve, os Jardins deixariam de existir.

Como se fosse o rito de conclusão de uma missa de Réquiem, colocando um ponto final naquela que parecia ser a última atividade do governo da República Democrática dos Jardins, a administradora-geral Érika César conduziu o presidente SantaClara para uma vistoria pela margem direita da praia protegida por arrecifes, a região onde estavam os pequenos portos e os ancoradouros.

- Aqui, presidente, foram detectados os primeiros casos da infecção pelo VDFM-1. É quase certo que, vindo do

PontoUm através do rio das Águas Lindas, um grupo de terroristas usou a região dos ancoradouros para fazer os primeiros ataques com o PhatsGou - mesmo sabendo que, àquela altura, de nada valeria a informação, por uma questão de responsabilidade profissional, a administradora-geral Érika César rememorou os primeiros momentos do processo que chegava ao fim, levando a república à debàcle definitiva.

Ficaram ali, vendo o movimento inerte das águas, em silêncio, por um tempo que nenhum dos dois saberia precisar a duração.

Guardando para si a enorme melancolia que o arrebatara desde o início da manhã, sabendo que, em mais algumas horas, talvez não estivesse vivo, mais uma vez, o presidente SantaClaraPenalva olhou o céu nublado marcado pelos clarões e raios avermelhados e se viu no fim do mundo.

Onde errara?

Ele prestigiara a ciência.

Estimulara a vacinação de todos.

Nunca descurara a pesquisa e o desenvolvimento científico.

Como, então, a banda da Humanidade sob sua responsabilidade sucumbira a um vírus que sequer deveria existir?

De repente, quebrando a monotonia dos últimos dias, com surpresa e a alegria despertada pela esperança de encontrar mais alguém com vida, o comandante Penalva e a administradora-geral Érika César avistaram uma embarcação que, sem qualquer pressa, singrava o Rio das Águas Lindas, se aproximando do ancoradouro no qual estavam.

A alegria do comandante Penalva durou pouco.

- Salve, presidente SantaClara Penalva. Sou o conde Balthazar DanteGaudêncio, novo líder da República dos Jardins. O senhor está preso - disse o jovem arrogante, assim que desembarcou da lancha.

Imediatamente, o comandante Penalva foi cercado por quatro homens, que, sem demonstrar qualquer

respeito pela sua idade ou pelo seu passado, o algemaram e, com alguma brutalidade, o empurraram para o barco.

E, assim, de presidente e autoridade máxima dos Jardins, SantaClara Penalva se viu prisioneiro de alguém que sequer havia estudado ou chegado ao primeiro escalão da liderança do PontoUm, uma sociedade pouco evoluída, parada no tempo, presa a um passado negacionista e sem experimentar, mesmo que provisoriamente, qualquer um dos avanços tecnológicos ao alcance dos Jardins já pelo menos há três décadas. O que teria acontecido?

Aquele seria o pior momento já vivido por SantaClara Penalva se não fosse o instante subsequente, quando, da cela improvisada onde amargava sua derrota final, ouvira a carta ditada pelo conde Balthazar DanteGuadêncio ao baronete SouzaRicardo. Um relato dirigido ao seu país, o visconde Péricles DanteGuandêncio, a forma por ele usada para derrotar os Jardins, reduzindo-o a escombros, apesar do poderio das suas Forças de Defesa.

- Visconde, uso a escrita desenhada por um dos futuros governadores de província nesta terra por mim conquistada, pois, como o senhor sabe, nunca aprendi a escrever direito. Mesmo assim, herdei a ambição dos DanteGuadêncio e desenvolvi a esperteza que me tornou melhor estrategista do que o mais festejado dos generais de

Florville, incluindo o velho SantaClara Penalva, cuja soberba o fez cego para as coisas mais simples do dia-dia.

"A nossa ignorância foi a arma que derrotou a arrogância das elites enfatuadas dos Jardins, as quais se julgam melhor do que as pessoas do PontoUm só porque estudaram, têm mais dinheiro, são mais fortes e têm todas as coisas ao alcance da sua ciência e da sua tecnologia.

"A nossa vitória se deveu, justamente, ao nosso negacionismo científico, o qual, como resultado das repetidas epidemias que enfrentamos e dos milhões de mortos que vimos espalhados pelas ruas, produziu e incorporou anticorpos nos sobreviventes, construindo uma raça resistente aos vírus de todas as idades e às suas novas cepas. Ao negar a ciência, o PontoUm criou uma geração de homens resistentes aos micróbios mais virulentos.

"Foi com um pequeno exército recrutado nas valas mais infectas e imundas de Brazzacezza que, apesar das poderosas e bem equipadas tropas à nossa espera, pudemos dobrar aquela sociedade artificialmente fortalecida por drogas e vacinas só eficazes contra males já estudados. Para confrontar os militares dos Jardins - uma tropa treinada, armada, vacinada e tratada contra velhas doenças -, nossa pequena tropa só tinha como única e decisiva vantagem a completa imunidade contra os novos

vírus surgidos no PontoUm. Aquela gente de força artificial criada pela ciência e pela riqueza dos Jardins nunca foi páreo para o PhatsGou, a arma recolhida nas escarradeiras mais imundas dos piores hospitais do PontoUm, que usamos nos nossos ataques.

"E, foi assim, Visconde, que derrotamos a pretensa superioridade dos Jardins. Usamos a nossa força, uma energia bruta surgida naturalmente através do aperfeiçoamento da espécie no decorrer das muitas epidemias que assolaram o PontoUm, para aniquilar as armas situadas fora da nossa compreensão e fizemos isso com armas simples, mas situadas fora da compreensão de quem nunca demonstrou vontade de compreender as motivações de todos.

"Agora, sem qualquer resistência, temos os Jardins e vamos poder desfrutá-lo segundo nossas vontades e nosso modo de pensar".

"Com respeito, seu filho Balthazar, novo senhor dos Jardins"

Só então, recolhido às masmorras construídas pelos novos senhores do país por ele edificado a partir de uma

luta contra a escuridão, SantaClara Penalva, pioneiro fundador e antigo presidente da República Democrática dos Jardins, compreendeu o que tinha acontecido: a Nova Humanidade, surgida da supremacia da ciência e da solidariedade, tinha sido derrotada pela ignorância, pelo negacionismo e pelo egoísmo.

E SantaClara Penalva chorou.

O mundo agora era outro.

O céu estava diferente.

PARTE V

Capítulo XXX

A SEGUNDA CHANCE

O som estridente e insistente do telefone explodindo-lhe a cabeça resgatou o presidente SantaClara de um pesadelo horrível. Suado e ofegante, ele despertara

angustiado e, ao mesmo tempo, aliviado e feliz por ter acordado.

- Bom dia, comandante. A reunião do Alto Comando está mancada para começar em quarenta minutos, no Coliseum - informou a administradora-geral Érika César, arrancando um sorriso silencioso do presidente.

Nos últimos dias, permanentemente atormentado por uma enxurrada de más notícias, o presidente vinha sendo fustigado por sonhos terríveis. Embora diferentes, refletindo o noticiário pessimista trazido pelos 'relatórios de momento' encaminhados a cada duas horas pelo Gabinete de Crise, os pesadelos retratavam semelhanças e convergiam para um panorama sombrio, insinuando um déjà vu que, embora admitisse a hipótese, o comandante considerava aceitável.

O pesadelo daquela noite fora o mais assustador daqueles sonhados até então.

Com um enorme grau de realismo - como se não fosse um sonho e o presidente estivesse, de fato, vivenciando uma história verdadeira -, o pesadelo se referia à completa derrota dos Jardins para o vírus trazido do PontoUm e contaminado pelo terrorismo biológico comandado pelo conde Balthazar DanteGaudêncio. No

sonho, causando a morte generalizada em todas as províncias, a epidemia aniquilara a administração do país pela morte dos presidentes dos poderes legislativo e judiciário e fragilizara o aparato de defesa pela morte dos principais comandantes militares, incluindo os generais Luccas Zuccherro e Theo Pinto Fragoso. Depois de infectado, ele próprio fora aprisionado pelo conde Balthazar DanteGaudêncio e a bela história dos Jardins chegara ao fim.

Na realidade, sem a intenção de compartilhar aquele sentimento com ninguém, o presidente SantaClara Penalva considerou aquele despertar como a chance de um novo recomeço. Aliás, de tão real, o presidente anotara mentalmente todos os insultos ouvidos no sonho do comandante das tropas invasoras, que o classificara como 'um orgulhoso cuja soberba não deixava ver as coisas simples do dia-dia'. De alguma forma, o personagem onírico verbalizara algum sentimento presente na sua psique, cobrando-lhe humildade e, talvez, um ou outro ajuste no seu comportamento pessoal. Mas, os alertas trazidos pelo sonho foram mais profundos. De fato, em suas lições, o personagem onírico que retratara o comandante invasor Balthazar DanteGaudêncio criticara a soberba decorrente da infinita superioridade decorrente do elevado grau de desenvolvimento tecnológico, creditando à ignorância

prevalecente no PontoUm o poder que o tornara capaz de derrotar 'as elites enfatuadas dos Jardins, as quais se julgam melhor do que as pessoas do PontoUm só porque estudaram, têm mais dinheiro, são mais fortes e têm todas as coisas ao alcance da sua ciência e da sua tecnologia'. O pesadelo deixara lições importantes a serem aprendidas e aplicadas.

O presidente SantaClara Penalva não se recordava de ter ficado tão alegre por ter acordado. De fato, aquele despertar significava uma nova chance na guerra contra o minúsculo inimigo tão mortal e, se tivesse a oportunidade, o presidente SantaClara prometera a si próprio, não despedaçaria as lições dadas pelo personagem onírico do qual fora prisioneiro nos piores momentos já vividos na sua longa existência.

O presidente SantaClara Penalva levantou-se. Estava pronto para lutar e ganhar mais uma guerra.

O fim da guerra

Em San Cristóbal, com a certeza de que o vereador CidBoy estava morto, provavelmente assassinado pelos novos parceiros dos seus antigos companheiros, Aarão Simplício esquecera, momentaneamente, as tarefas regularmente cumpridas pelo coordenador nacional do movimento Paraíso Global para mergulhar nas investigações dos ataques terroristas, os quais, segundo o mestre Carlos Junqueira, eram suficientemente perigosos para provocar a extinção da vida humana no território dos Jardins.

Aarão Simplício não sabia muita coisa - sabia apenas que, depois de liderar a invasão dos Jardins por uma tropa mercenária recrutada no submundo de BrazzaCezza, o conde Balthazar DanteGaudêncio firmara um acordo com o MLPL para levar adiante uma campanha de terrorismo biológico para espalhar morte e desestabilizar o governo do presidente SantaClara. Era muito pouco, mas o bastante para o início das investigações. Começaria por descobrir o paradeiro do atual líder do MLPL. A situação era tão grave que, dispensando as técnicas recomendadas pelos detetives, justificava um confronto tête-à-tête.

Em instantes, seguindo as pegadas que o vereador CidBoy teria trilhado naquela manhã, Aarão Simplício foi ao Bambino Loco.

Ainda não cruzará a porta do bar quando foi alcançado pelo telefonema do mestre Carlos Junqueira com a notícia de que o vereador CidBoy não voltara da conversa com a nova liderança do MLPL.

- CidBoy não é homem de trair a palavra. Se ainda não voltou e não deu qualquer notícia é porque foi sequestrado ou, mesmo, eliminado. Na realidade, este desaparecimento é muito expressivo, pois como o pessoal do MLPL não ousaria fazer nada contra seu antigo líder, podemos cogitar que o conde Balthazar DanteGaudêncio esteja no comando - foi a resposta do líder do Paraíso Global, ingressando no salão pouco iluminado do bar, completamente deserto àquela altura.

Sem tempo para sofisticar a abordagem, Aarão Simplício foi direto ao rapaz que, apesar da proibição de funcionamento, se mantinha por trás do balcão, pronto para a eventual chegada de algum 'cliente'.

- O bar está fechado por conta do lockdown, cara - resmungou o rapaz atrás do balcão, tentando esquivar-se do desconhecido.

- Não estou aqui para beber. Trabalho com CidBoy e preciso falar com ele. Pela manhã, ao sair da Câmara Municipal, ele disse que viria para cá, para se encontrar com Jonas Stone - a forma como Aarão Simplício falou colocou o rapaz sem alternativa, senão recorrer a uma fórmula especialmente criada para momentos como aquele.

- Ele esteve aqui logo cedo, mas saiu sem falar com ninguém.

Embora evasiva, a resposta confirmava que CidBoy estivera no bar. Era tudo o que Aarão Simplício precisava para confirmar o assassinato do vereador e para, rapidamente, traçar o plano a ser cumprido para descobrir o paradeiro do novo líder do MLPL. O plano era simples e quase óbvio. De fato, sabendo que sua visita ao Bambino Loco despertaria alguns alertas vermelhos e que, naquela circunstância, o protocolo de segurança estabelecia a dispensa qualquer comunicação por telefone, ao ser substituído no final do turno por outro 'barman', o militante que o despachara há pouco correria ao encontro do líder para relatar as novidades. Assim, para localizar Jonas Stone bastaria seguir o militante. Uma mera questão de tempo.

Aarão Simplício ligou para Carlos Junqueira. Depois de contar a pequena aventura e explicar o porquê da

certeza de que o militante seguiria diretamente para o esconderijo do MLPL, Aarão explicou o plano imediato.

- Vou manter o Bambino Loco sob campana e, assim que o 'barman' deixar o bar, vou segui-lo. Ele vai levar até o lugar onde está o líder do MPLP. Quer se juntar à caçada? - o dirigente do Paraíso Global convidou o mestre Carlos Junqueira.

Carlos Junqueira foi alcançado pelo telefonema de Aarão Simplício quando saía do Hospital Geral de San Cristóbal. Estava horrorizado com as cenas que vira há pouco. Pudera! Tinha inspecionado pessoalmente as instalações convertidas em necrotério, então abarrotadas de cadáveres, e as enfermarias repletas de pessoas infectadas e, na inexistência de medicamentos adequados, fadadas à morte pela infecção. Seguindo as regras da investigação, o mestre recolhera o relatório expedido pelo hospital - um calhamaço que, agregando às informações já acumuladas, o movimento das últimas horas, relacionando todos os mortos e os ainda internados, em listas separadas, indicando os nomes, os momentos da internação e, se fosse o caso, do óbito, acrescentando o local onde teria ocorrido a contaminação e, ainda, alguma outra observação julgada relevante para registro. O telefonema de Aarão Simplício abortara a leitura que Carlos Junqueira costumava fazer de

pronto. Não havia problemas. No momento adequado, o mestre estudaria as listas.

- Vou seguir para aí, imediatamente - ele avisou ao líder do Paraíso Global.

Instantes mais tarde, ainda impactado pela visão de tantos mortos e moribundos, acompanhado de alguns homens da sua pequena brigada de investigação, Carlos Junqueira chegou às imediações do Bambino Loco e, à guisa de cumprimento, comentou com Aarão Simplício.

- A situação está muito difícil, Aarão. A julgar pela forma como o vírus está se expandindo, falta pouco até a debacle total. Veja o tamanho do desastre - despertando a atenção do novo parceiro, o mestre brandiu a lista dos mortos e dos infectados já contabilizados pelo sistema de saúde da província.

Argumentando que conhecia melhor a sociedade local, Aarão Simplício convenceu o mestre das chaves a dar-lhe precedência no exame do material. E assim, enquanto Carlos Junqueira ficava de olho na entrada do Bambino Loco à espera de alguma movimentação, o líder do Paraíso Global passava os olhos nas relações. As listas continham muitos nomes conhecidos e, trazendo muitas surpresas que levaram Aarão Simplício a quebrar o silêncio com

comentários sobre a forma 'democrática' como o vírus fazia suas vítimas. Embalada pelos comentários estéreis sobre a natureza das vítimas, a leitura prosseguiu por alguns minutos até ser interrompida bruscamente.

- O vírus dizimou famílias inteiras. Muitas associações, empresas e companhias perderam todos os seus membros. Nós, mesmo, perdemos muitos militantes. Isto também deve ter ocorrido com o MLPL - e o líder do Paraíso Global reiniciou a leitura com outro foco, grifando vários nomes - Esta lista aponta a presença de muitos dirigentes e militantes do MLPL, mestre. Acho que o vírus não poupou muita gente.

A inspeção por mais alguns instantes, sem maiores alardes até a parte mais recente, que fazia o registro dos casos registrados naquele dia. De repente, Aarão Simplício soltou um assobio longo.

- Aqui está, mestre - o dirigente do Paraíso Global apontou para a lista, sugerindo o olhar do mestre - Aqui estão os nomes de Jonas Stone e do seu lugar-tenente Josias Silvério. Ele está morto e Josias está moribundo, na enfermaria dos casos mais graves.

- Se os líderes estão mortos, quem está à frente do MPLP? - o mestre Carlos fez a pergunta já sabendo a resposta.

- Tudo indica, mestre, que, a esta altura, o comando do MLPL esteja a cargo do conde Balthazar DanteGaudêncio.

- Em breve, o MLPL vai se resumir aos homens trazidos do PontoUm pelo Conde - comentou o mestre Carlos Junqueira.

Naquele momento, um homem chegou ao Bambino Loco e, dando uma rápida olhada para os lados, como se quisesse certificar não ter sido seguido (um cacoete normal em quem costuma atuar em operações furtivas, prontamente interpretou o mestre Carlos Junqueira), e entrou no bar. Instantes mais tarde, conforme havia previsto o líder do Paraíso Global, o 'barman' saiu e, em ritmo forçado, tomou a rua.

Deixando três colegas com a missão de prender o rapaz recém-chegado ao Bambino Loco sob a acusação de 'violação das regras do lockdown', o mestre Carlos Junqueira se juntou ao líder do Paraíso Global e os demais companheiros na discreta perseguição ao 'barman' que se

dirigia ao reduto do MLPL, onde provavelmente estava o Conde Balthazar DanteGaudêncio.

A silenciosa perseguição pelas ruas desertas de San Cristóbal demorou quase meia hora. Finalmente, o 'barman' parou diante de um velho casarão. Ali, segundo suspeitava o líder do Paraíso Global, estava o principal QG do MLPL e, agora, por conta do salseiro feito pelo vírus na turma de Jonas Stone, era o esconderijo do conde Balthazar DanteGaudêncio. Saberiam em instantes.

Depois de um breve interregno, após falar alguma coisa ao interfone, o homem cruzou o portão e ingressou no QG do MLPL.

De imediato, sem perder de vista o casarão por um instante sequer, o mestre Carlos Junqueira solicitou reforço e, em menos de quinze minutos, o imóvel estava completamente cercado cercam pelotão das Forças de Segurança dos Jardins.

A operação foi rápida.

Fortemente armados, embutidos em escafandros sanitários e secundados por Aarão Simplício e pela pequena equipe liderada por Carlos Junqueira, os homens das FSJ invadiram o casarão e, sempre prontos para um eventual

enfrentamento armado, percorreram todos os cômodos, incluindo as instalações externas, onde se destacava o grande galpão situado nos fundos do terreno.

- Aqui não tem ninguém, mestre - dez minutos após a invasão, o comandante da tropa prestou contas da ação.

Na minuciosa inspeção feita pelos militares, todos os cantos e recantos passaram por detalhada vistoria, confirmando que o casarão fora convertido numa espécie de quartel, com alojamentos para abrigar um pequeno exército, salas de reunião e ambientes específicos para exercícios físicos e treinamentos. A revista revelou a presença de farto material de leitura e de estudo, grande sortimento mantimentos em quantidades suficientes para garantir o abastecimento dos hóspedes por longos períodos de recolhimento, etc. etc. etc. e, chamando atenção de todos, um vasto estoque de ampolas com a marca PhatsGou.

- Aqui, há veneno para infectar todo o país - comentou o comandante do pelotão das FSJ ao ver a grande quantidade de bisnagas marcadas com o símbolo da caveira.

A ausência de viva-alma no casarão causou muita surpresa, especialmente na equipe do mestre Carlos

Junqueira, que esperava dar um fecho de ouro à missão que o levara à capital de Los Pardos com a prisão do conde Balthazar DanteGaudêncio e sua turma.

- Por conta da doença, a ausência de militantes do MLPL já era cogitada, Aarão, mas onde estarão o conde e seus homens? Há pouco, testemunhamos que, para ingressar no casarão, o 'barman' precisou conversar com alguém ao interfone. Então, havia gente na casa. Onde estará este pessoal? - estranhou o mestre das chaves Carlos Junqueira.

- A esta hora, mestre, elas devem estar bem longe daqui. Seguramente, uma vistoria mais detalhada vai revelar a existência de muitas saídas de emergência neste imóvel - e o líder do Paraíso Global comentou que, desde que ocupara o imóvel, convertendo-o em sede do movimento, o pessoal do MLPL tivera tempo para construir túneis e saídas falsas para uso em alguma emergência - A emergência apareceu hoje.

De qualquer forma, segundo as opiniões do comandante do pelotão das FSJ e do líder do Paraíso Global, contando com o apoio de pouca gente, sem dispor do suporte concedido pelo MLPL e, sobretudo, sem contar o PhatsGou para usar como arma irresistível, o conde Balthazar DanteGaudêncio não mais representava perigo

para os Jardins, sendo apenas uma questão de tempo até ser preso, vagando por alguma rua da cidade por uma ou outra patrulha sanitária.

Na realidade, o mestre Carlos Junqueira sabia que o desmantelamento do comando do MLPL e o isolamento do staff mais estreito do conde Balthazar DanteGaudêncio eram pontos importantes, mas não representavam a derrota da epidemia, pois, conforme explicara o infectologista-chefe do Gabinete de Crise, uma vez contaminadas, as pessoas passam à condição de agente infectante, sem mais depender da ação de um agente infectante primário.

E, assim, transferindo a missão de localizar e prender o conde Balthazar DanteGaudêncio e sua turma ao comandante do pelotão das Forças de Segurança dos Jardins, acompanhado dos homens que compunham sua equipe, o mestre Carlos Junqueira, embarcou para ProppaMáxima, onde se integraria ao esforço comandado pela professora Elena Rúbia.

- Muito obrigado - o mestre se despediu de Aarão Simplício, coordenador nacional do Paraíso Global.

Capítulo XXXII

A vingança

Convencida de que, por conta do Estado de Comoção Social, os terroristas vindos de San Cristóbal não tinham entrado em ação em ProppaMáxima e atribuindo o avanço da epidemia na cidade à contaminação autônoma a partir de infectados então convertidos em agentes infectantes ("a partir das primeiras infecções, a contaminação passa a ocorrer de forma autônoma e independe da ação de um agente infectante primário", constataria o infectologista-chefe do Gabinete de Crise) ou [atribuindo o avanço da epidemia] à pouco provável ação prévia de um grupo não vinculado ao MLPL -, a professora Elena Rúbia concluía que os foragidos tinham buscado refúgio na rede hoteleira, constituindo uma espécie de 'célula adormecida', e, apesar de saber da ineficácia objetiva da sua prisão (àquela altura, o grande problema não era o agente da epidemia e sim a epidemia em si) e depositasse todas as esperanças no desenvolvimento de

vacinas e remédios contra o VDFM-1, decidiu caçá-los. Afinal de contas, embora não pudesse dar qualquer contribuição pessoal aos estudos para desenvolvimento de vacinas e drogas em curso no Instituto de Infectologia da Universidade de Florville sob a coordenação do professor Eurípedes Peixe, ela podia ajudar a desmantelar o grupo terrorista responsável pela instalação da epidemia nos Jardins.

Seria com este espírito de vingança que a professora Elena Rúbio levaria adiante a busca, localização e captura dos terroristas chegados de San Cristóbal e enfiados em algum ponto de ProppaMáxima.

Assim, focada inicialmente em estabelecimentos simples, baratos e próximos da estação central, a professora Elena Rúbia calibrou seu computador de bolso para obter a lista da rede hoteleira ordenada segundo um gradiente baseado naqueles indicadores. A relação era grande, mas, tomando por base a distância à central ferroviária em ordem crescente e associando os estabelecimentos aos preços cobrados por suas diárias, a lista foi significativamente reduzida, insinuando um caminho a percorrer. E, com base nesta nova lista, a presidente do CGI estabeleceu uma estratégia de ação. Descartando os hotéis mais luxuosos e dispendiosos, ela

relacionou os estabelecimentos que, de forma isolada ou simultânea, deveriam ser objeto das investidas do grupo de elite das FSJ colocado à sua disposição.

Enquanto aguardava comunicação sobre a chegada do pelotão operacional que a acompanharia, a professora Elena Rúbia releu as anotações baseadas nos depoimentos de Marcondes JJJúlio e Arnaldo Escobar. Embora nada dissessem sobre a arma biológica responsável pela epidemia, as anotações davam uma ideia geral sobre os inimigos que devia procurar na cidade. Daquilo dito pelos terroristas capturados, a professora Elena Rúbio anotara a divisão do contingente original em missões programadas para JujjuCity e ProppaMáxima. Cada uma destas cidades teria, então, sido o objetivo imediato para doze dos homens inicialmente empenhados nos ataques a San Cristóbal. Se o raciocínio estivesse correto, ProppaMáxima teria sido o destino de seis duplas de terroristas - seis mercenários e seis militantes do MLPL, portanto. Como uma dupla havia sido capturada por uma patrulha sanitária, dez terroristas estavam enfurnados em algum lugar de ProppaMáxima. A missão imediata da professora Elena Rúbio seria, então, localizar e capturar cinco mercenários trazidos do PontoUm pelo conde Balthazar DanteGaudêncio com imunidade ao PhatsGou e, ainda, cinco terroristas locais, os quais eram susceptíveis ao VDFM-1. Esta era uma informação valiosa,

pois poderia ser decisiva na eventualidade de um embate direto com os terroristas.

Neste momento, violando sua decisão pessoal de não dar atenção a chamadas por telefone, a professora atendeu ligação do mestre Carlos Junqueira.

As novidades vindas de San Cristóbal eram, ao mesmo tempo, tranquilizadoras e ameaçadoras, pois, de um lado, confirmava a morte de todos os dirigentes e militantes do MLPL por infecção pelo VDFM-1, incluindo o líder Jonas Stone e seu lugar-tenente Josias Silvério, e, de outro, informava o desaparecimento do conde Balthazar DanteGaudêncio com outros mercenários sob seu comando direto.

Depois de concluir o relato da aventura vivida em San Cristóbal e tomar conhecimento de detalhes dos depoimentos dos terroristas Marcondes JJúlio e Arnaldo Escobar, o mestre Carlos Junqueira pediu para ser designado para conduzir a investigação em JujjuCity. Pedido feito, pedido aceito.

Nos próximos minutos, à guisa de sugestão, a professora compartilhou as linhas gerais da estratégia que adotaria em ProppaMáxima e, finalmente, alertou:

- Pelas informações apuradas pelo CGI a partir dos depoimentos dos terroristas capturados em ProppaMáxima, depois dos ataques em San Cristóbal, doze homens seguiram para JujjuCity - seis mercenários trazidos do PontoUm pelo conde Balthazar DanteGaudêncio com imunidade ao PhatsGou e seis militantes do MLPL que são susceptíveis ao VDFM-1.

- Estarei em JujjuCity em algumas horas e vou seguir a sua estratégia, professora.

- Temos muito trabalho pela frente, mestre - nas suas anotações, a professora Elena Rúbia acrescentou uma interrogação na referência aos militantes do MLPL lembrando a possibilidade de alguma baixa por conta da sua fragilidade imunológica.

- Nosso pessoal está pronto para a ação - comunicou a voz ao telefone, diante de uma tropa vestida como astronautas e armada até os dentes.

Em poucos instantes, devidamente trajada com o escafandro sanitário obrigatório nas operações de campo, a professora Elena Rúbio se juntou ao pelotão designado para apoiar a caçada, cujo palco seria as pousadas, hotéis

baratos e espeluncas localizadas no centro da cidade, cobrindo círculos concêntricos cujo epicentro era a Estação Central de ProppaMáxima. Seguindo um protocolo não escrito - o mesmo que, horas mais tarde, seria cumprido pelo mestre Carlos Junqueira em JujjuCity -, antes de sair às ruas, a professora reuniu os 36 homens da unidade e falou-lhes sobre os inimigos procurados, exibindo algumas das fotografias levantadas pelo CGI quando investigará a invasão dos Jardins e comentando sobre o tipo de arma que, provavelmente, iriam enfrentar.

- A missão de vocês é anular a ameaça representada pelos agentes dos ataques biológicos responsáveis pela epidemia que assola o país. Pelas nossas estimativas, há, pelo menos, dez terroristas escondidos na zona central de ProppaMáxima.

Ao tempo que liberava o arquivo organizado pelo CGI para o computador de bolso que integrava o fardamento de campo dos membros da Forças de Segurança dos Jardins, disponibilizado informações gerais sobre os prováveis mercenários contratados pelo conde Balthazar DanteGaudêncio no submundo do PontoUm para o ataque ao país, incluindo dados gerais sobre cada um deles inclusive fotografia.

- Embora estejam atuando em dupla com militantes inexperientes oriundos da MLPL, nossos inimigos mais perigosos são mercenários recrutados no mercado da morte do PontoUm. São guerreiros experimentados e estão municiados com uma espécie de 'granada biológica', capaz de espargir um vírus chamado VDFM-1, altamente mortal e contagioso.

Na sequência, despachando um arquivo com o mapa da região central de ProppaMáxima e a relação dos estabelecimentos-alvo incluindo informações gerais sobre cada um deles, a professora Elena Rúbia descreveu o teatro de operações no qual atuariam

- Não sabemos exatamente onde nossos inimigos estão escondidos. Provavelmente, estão abrigados nas proximidades da estação ferroviária, em estabelecimentos da rede hoteleira. Embora qualquer alternativa seja possível, as chances maiores são as de que eles tenham buscado abrigo em estabelecimentos simples, baratos e próximos à estação central. No arquivo compartilhado com vocês, os estabelecimentos estão ordenados segundo a probabilidade estabelecida com base nesses critérios. Talvez seja necessário passar um pente-fino nas possibilidades. Vale o alerta de que esta lista é apenas uma

indicação, pois, na realidade, os terroristas podem estar enfiados em qualquer lugar.

E, já partindo para a conclusão das suas observações preliminares antes de deixar a tropa de elite entregue aos trabalhos do planejamento operacional da ação, a professora Elena Rúbia dedicou algumas palavras aos perigos envolvidos na missão,

- A missão de você é importantíssima para o destino do país e, a depender do resultado, pode representar a continuidade ou a destruição da república. Os homens que vocês vão enfrentar são guerreiros curtidos no combate, têm muito pouco a perder e estão armados com granadas biológicas capazes de disseminar a morte por toda a parte. Além daqueles retratados nas fotografias já encaminhadas para você, muitos outros estão na campanha terrorista contra os Jardins. Embora não sejam tão preparados, são igualmente perigosos, pois portam as mesmas armas biológicas. Lembrem: nenhum suspeito pode ter a chance de usar as tais granadas. Estamos enfrentando um desafio de vida e de morte! Todo cuidado será pouco!!!! Boa sorte!!!

Os sinos da catedral de ProppaMáxima ainda cumpriam as doze badaladas programadas para o meio-dia quando, divididos em duas colunas, após cercar os hotéis Rex e Viena (localizados em endereços contíguos nas proximidades da estação ferroviária), os militares passaram um pente-fino do térreo ao último andar das edificações, percorrendo e inspecionando todos os halls, recantos, corredores, ambientes de estar, restaurantes, apartamentos, banheiros, elevadores, casas-de-máquina, instalações comuns, áreas de serviço e tudo o mais, em avant première daquilo que repetiriam em todos os estabelecimentos a serem inspecionados dali por diante.

As vistorias nos apartamentos foram infrutíferas. Na realidade, vale o registro de que, apesar de não encontrar qualquer alma viva nos apartamentos, o baculejo encontrou o cadáver de um hóspede, provavelmente morto em decorrência de infecção pelo VDFM-1. Ao que parecia, por ocasião da evacuação apressada, o hóspede infectado foi deixado para trás. Aliás, àquela altura, sem cura conhecida para a doença, um diagnóstico de infecção pelo VDFM-1 correspondia a uma sentença de morte e, por razões compreensíveis, diante dos sintomas, ninguém queria se arriscar à contaminação, preferindo adotar a máxima egoísta do 'cada-um-por-si'. Assim, embora constituísse fato digno de registro, a localização de um cadáver vítima da

epidemia não justificava maiores atenções da tropa. Feita a comunicação para a unidade sanitária municipal (que tomaria as providências protocolares), a busca continuou.

A busca prosseguiu sem novidades até que um apartamento no VelaBranca Hostel, localizado a quase 800 metros da estação ferroviária, revelou a presença de várias mochilas recheadas com ampolas do PhatsGou. Convocada imediatamente ao local, além óbvia constatação de que estavam em local usado como abrigo pelos terroristas procurados, a professora Elena Rúbio se perguntou sobre o porquê do abandono das mochilas. Aquele comportamento poderia indicar muitas possibilidades, inclusive que, confiando na contaminação autônoma da doença, os terroristas tivessem considerado o uso do PhatsGou desnecessário. O abandono das mochilas poderia, também, indicar, tanto o descarte de provas que pudessem ser usadas contra eles na hipótese de serem capturados, como até mesmo a contaminação daqueles que as portavam.

Era cedo para qualquer conclusão.

De qualquer forma, após comunicar à unidade sanitária sobre o novo achado, indicando os detalhes da sua localização, a professora e sua equipe retomaram a busca pelos terroristas. A essa altura, o pente-fino ganhara importância e prosseguiu sem novidades até a casa-de-

máquinas dos elevadores, quando as tropas das FSJ encontraram e encurralaram quatro terroristas. Embora tivessem espalhado a morte por toda a província, gerando uma situação capaz de levar o país à ruína, logo ficou claro que os terroristas não tinham poder de fogo para enfrentar um pelotão operacional das Forças de Segurança dos Jardins. Aliás, suas armas se resumiam às granadas de PhatsGou, um armamento praticamente inofensivo aos homens envelopados nos escafandros sanitários. O embate foi rápido. O uso dos tasers foi suficiente para imobilizá-los.

Em menos de dez minutos, socados em veículos das FSJ em grande velocidade com as sirenes berrando a todo vapor, os quatro terroristas ainda desacordados pelo efeito do choque elétrico e algemados seguiam para a delegacia geral de ProppaMáxima, onde, à luz dos depoimentos já prestados por Marcondes JJúlio e Arnolde Escobar, seriam interrogados.

E a caçada foi prontamente retomada.

Àquela altura, recém chegado a JujjuCity, à frente da pequena unidade que o acompanhava desde o início da investigação, o mestre Carlos Junqueira dava os primeiros passos nas largas (e, àquela altura, completamente

desertas) avenidas que partiam da Grande Central da cidade. Seguindo as recomendações da presidente do CGI, as revistas seriam feitas a partir dos hotéis, pousadas, estalagens e hospedarias classificadas pelo preço e pela distância desde a estação ferroviária. Fazendo exatamente como sugerido pela professora Elena Rúbia, Carlos Junqueira deu os impulsos certos e a tela do computador de bolso iluminou a lista dos estabelecimentos na ordem desejada, sugerindo a sequência das visitas a serem feitas. E, sem qualquer demora, o mestre caiu em campo.

Ao contrário daquilo acontecido em ProppaMáxima, a busca só surtiu efeito no sexto hotel visitado. Com efeito, as primeiras inspeções, em reflexo da extrema gravidade da epidemia, encontraram hotéis abandonados. Muitos dos quais, com lâmpadas acesas e portas abertas, em clara evidência de que foram evacuados às repentinamente. Nenhum funcionário, nenhum hóspede. Silêncio completo.

No sexto hotel visitado, localizado a cerca de trezentos metros da estação ferroviária, no entanto, apareceram vestígios de presença humana. Já no restaurante ao lado da recepção, a desorganização chamou atenção. Cadeiras desarrumadas em torno de mesas justapostas. Pratos e talheres usados. Comidas ainda quentes. Garrafas abertas e taças com vinho por beber.

Finalmente, mochilas com frascos de PhatsGou displicentemente largadas sobre as poltronas e luvas sanitárias soltas por toda a parte compunham um cenário eloquente, sem deixar dúvidas de que, até a pouco, um grupo de terroristas estivera ali reunido e, alarmado por alguma coisa, saíra apressadamente. Provavelmente a debandada fora provocada pela aproximação de Carlos Junqueira e seu pessoal.

Fora mesmo.

Afinal de contas, os homens de Balthazar DanteGaudêncio sabiam ser alvos de uma caçada e, contrapondo às armas seguramente portadas pelos inimigos, estavam praticamente desarmados, pois, embora muito poderosas nos ataques terroristas, as ampolas do PhatsGou eram ineficazes num combate corpo-a-corpo. Não foi sem razão, portanto, a decisão de evitar qualquer confronto com as tropas dos Jardins, pelo menos até conseguirem armas convencionais (uma situação que, tendo em vista o desarmamento civil prevalecente na república, não estavam alcançando). E, assim, aos primeiros sinais de aproximação das tropas dos Jardins, os terroristas abandonaram a refeição e, sem tempo sequer para recolher pertences pessoais, bateram em retirada.

A rápida inspeção dos vestígios - o número de talheres, pratos, taças, lugares à mesa - apontou a possibilidade de todo o bando terrorista ter estado ali. Aquela situação não era estranha. Na realidade, como os objetivos terroristas que dependiam da ação descentralizada já tinham sido alcançados e, num teatro de operações urbano, as possibilidades de sobrevivência e fuga eram maiores se agissem em grupo, era normal e até previsível que procurassem se reunir.

De todo modo, sem perder tempo com investigações e elucubrações adiáveis ou dar chance à indecisões de qualquer espécie, prontamente, adiantando as indicações que julgou necessárias, inclusive os elementos mínimos de localização, o mestre Carlos Junqueira mobilizou reforços. Das bases militares, convocou dois pelotões operacionais das Forças de Segurança dos Jardins, da base aérea tática situada nas imediações do vertiporto, recrutou cinco helicópteros equipados com dispositivos térmicos de localização e atiradores de elite para qualquer eventualidade.

Assim, em poucos minutos, a área central de JujjuCity estava cercada por guarnições operacionais das Forças de Segurança dos Jardins. Após bloquear as principais avenidas para impedir qualquer vazamento, os

homens das FSJ mal esperaram a chegada do suporte aéreo para iniciar a operação. Aliás, a prévia varredura pelos helicópteros abreviou a busca, dispensando a operação concêntrica em torniquete treinada tantas vezes pelo pessoal das FSJ. Com efeito, não houve qualquer dificuldade em localizar o grupo terrorista, cuja posição entrincheirada num prédio abandonado da avenida perimetral da cidade foi rapidamente detectada pelos scanners de temperatura,

Daí em diante, foi só uma questão de tempo até o desmantelamento completo da célula.

Com efeito, cercados, privados de alimentação, energia e água e submetidos ao constante bombardeio de luz estroboscópica e som ensurdecador recomendado pelo manual de operações das FSJ, três dias foram suficientes para a rendição do grupo, que, como nos filmes antigos, usou uma cortina branca à guisa de bandeira para estabelecer a trégua necessária para se entregar em segurança.

Com a garantia de que não seriam fuzilados ou coisa semelhante, um a um, onze homens se entregaram, sendo presos e algemados imediatamente. Para surpresa das tropas das FSJ, ao lado de cinco terroristas embutidos em escafandros sanitários semelhantes àqueles usados por eles

próprios, seis dos homens capturados não usavam qualquer equipamento de proteção.

Horas mais tarde, depois de recolhidos a celas individuais na carceragem da delegacia central de JujCity e recebido o refrigério de um único copo de água, em sessões acompanhadas pelo mestre das chaves Carlos Junqueira, todos os terroristas capturados foram interrogados, em preliminares que, além de reproduzir as linhas gerais dos depoimentos prestados por Marcondes JJúlio e Arnaldo Escobar há dias em ProppaMáxima, esclareceram coisas importantes, incluindo a morte de um dos homens recrutados no MLPL pela infecção, a completa imunidade daqueles oriundos do PontoUm ao vírus trazido no PhatsGou e, ainda, o seu nível de fidelidade ao líder da operação. Chamou atenção o modo confiante como os mercenários se portaram diante do interrogatório. Com efeito, demonstrando enorme resistência ao sono e à fome, se portaram como se fossem prisioneiros de guerra, limitando as respostas ao próprio nome, ao fato de serem cidadãos do PontoUm e a informação de que eram militares agindo sob o comando do conde Balthazar DanteGaudêncio.

No relatório prontamente encaminhado ao CGI ao final da maratona de interrogatórios, após relatar a

operação que prendeu os terroristas e resumir os depoimentos por eles prestados, o mestre Carlos Junqueira deu o máximo destaque à imunidade dos mercenários vindos do PontoUm ao VDFM-1 e, à guisa de conclusão opinou que, "num eventual cenário de terra arrasada pela epidemia, os invasores sobreviveriam à morte de todos os cidadãos dos Jardins e seriam os novos senhores do país".

- Venha para cá com urgência - falou a professora Elena Rúbio, assim que o mestre Carlos Junqueira atendeu ao telefone instantes após despachar o relatório.

Com os olhos em brasa, o mestre Carlos Junqueira respirou fundo e convocou seu grupo para a viagem para ProppaMáxima. Ainda não seria naquela hora que a turma do mestre das chaves teria o merecido sono.

Se o país superasse a epidemia, eles teriam todo o tempo do mundo para descansar.

Em ProppaMáxima - animada com a captura dos quatro terroristas no VelaBranca Hostel, com o desmantelamento da célula que atuava em JujjuCity e com o iminente reforço trazido pelo mestre Carlos Junqueira -, a

professora Elena Rúbia prosseguiu a inspeção dos estabelecimentos hoteleiros apontados no sistema.

Nos primeiros momentos, a vistoria não trouxe novidade. Sem alarde, o estabelecimento era cercado e, na sequência, com os acessos sob vigilância, bloqueando eventuais rotas de fuga e monitorando eventuais movimentos nas escadarias e elevadores, os homens das FSJ inspecionavam todos os cômodos, dedicando atenção especial às lixeiras, guarda-roupas e quaisquer outros recantos capazes de abrigar algum fugitivo ou receber o descarte de mochilas ou de ampolas de PhatsGou.

Assim como ocorreu nos primeiros momentos da incursão, as novas vistorias não apresentaram qualquer resultado. Aliás, em outros tempos, se soubesse da busca por apenas seis pessoas na vasta teia imobiliária de ProppaMáxima, um observador medianamente informado poderia comparar a operação conduzida pela professora Elena Rúbio com 'a procura de uma agulha num palheiro'. Na realidade, com esta consciência, o universo da busca fora reduzido, limitado, não só à rede hoteleira, mas, precisamente aos estabelecimentos pouco dispendiosos e próximos da estação ferroviária.

E, de quarteirão em quarteirão, de hotel em hotel, de pousada em pousada, de albergue em albergue, a vistoria prosseguia.

E prosseguiu assim até as imediações do Hotel PlazaPark, quando um objeto estranho foi avistado nas proximidades do hall de entrada. Com efeito, quando as duas colunas do pelotão operacional das FSJ se aproximaram do cruzamento apontado no mapa digital como um 'ponto estratégico' por acolher dois estabelecimentos hoteleiros - o Hotel PlazaPark e a Pousada Estrela - surgiu o indício que modificou o plano original.

Quebrando a monotonia da paisagem, uma mochila largada no passeio público, a poucos metros do hall de acesso ao Hotel PlazaPark, provocou um pequeno alvoroço. O exame pelo robô antibombas descartou a presença de explosivos, mas descobriu um enorme sortimento do PhatsGou. Aquele achado alterou o plano original de fazer a vistoria simultânea nos dois hotéis plantados no entroncamento. O comandante do pelotão decidiu concentrar os esforços no Hotel PlazaPark e submete-lo a um rigoroso pente-fino.

O protocolo foi, imediatamente, colocado em prática. O Hotel PlazaPark foi cercado, atiradores de elite colocaram os acessos ao hotel na alça de mira dos fuzis

paralisantes, as escadarias e elevadores foram bloqueados e, devidamente protegidos pelos escafandros sanitários e equipados, os homens das FSJ deram início a inspeção dos cômodos, dando atenção especial às lixeiras, guarda-roupas e quaisquer outros recantos capazes de abrigar pessoas ou esconder o arsenal terrorista.

Depois de vinte minutos de minucioso baculejo, um apito estridente foi soprado no 22º andar, informando a localização dos fugitivos. Começou, então, uma corrida frenética. Ao tempo que, em marcha acelerada, os homens das FSJ seguiam para as coordenadas apontadas pelo foço do apito soprado, os terroristas fugiam do 22º andar. A correria pelas escadas prosperou até o 25º pavimento, onde, sem alternativas, os seis fugitivos se entrincheiraram na academia de ginástica. Sem ter mais para onde ir, foram encurralados num cantinho do salão espelhado repleto de bicicletas ergométricas, esteiras, máquinas de musculação, halteres, bolas e tudo o mais. Em poucos minutos os terroristas estavam cercados por um crescente número de homens socados em escafandros sanitários pretos, portando escudos e máscaras anti-gás. Estranhamente, dos seis terroristas encurralados, apenas três usavam equipamentos de proteção contra o vírus, como se os outros já estivessem contaminados ou fossem imunes a ele.

Feito o cerco aos homens procurados, o comandante do pelotão avisou a professora Elena Rúbia e manteve a situação até a sua chegada. Até lá - tirando a formação de dispositivos de atiradores com fuzis apontados para os terroristas acuados e a acintosa preparação de morteiros de curta distância com granadas - prevaleceu o silêncio e ocorreram pouquíssimos movimentos, como se o mundo tivesse parado.

Quase uma hora mais tarde, quando, acompanhada do mestre Carlos Junqueira, a professora Elena Rúbia, chegou, começaram as negociações para rendição dos terroristas. A negociação foi rápida, pois, apesar de os rapazes oriundos do MLPL estarem dispostos ao sacrifício heroico em troca de nada, os mercenários eram calejados na luta e, sabendo reconhecer a sua inferioridade na correlação de forças, igualmente sabiam o momento de erguer a bandeira branca. Sem maiores resistências, dispensando o uso das granadas de gás paralisante ou qualquer outra medida, os próprios terroristas algemaram uns aos outros, formando a linha que, sob a mira dos militares das FSJ, desceu a escadaria rumo às viaturas estacionadas na frente do Hotel PlazaPark.

Vendo a linha dos prisioneiros algemados uns aos outros, o mestre Carlos Junqueira observou:

- Veja, professora. Assim, como aconteceu em JujjuCity, os mercenários não usam qualquer proteção, pois são imunes ao VDFM-1. Se não derrotarmos o vírus, eles vão herdar os Jardins.

- Você tem razão mestre, e esta é a guerra travada no Instituto de Infectologia da Universidade de Florville. Nossa missão cumprida. Os terroristas foram localizados e capturados. Podemos voltar para casa - comentou a professora Elena Rúbio.

- E, finalmente, eu poderei dormir um pouco - aliviou o mestre Carlos Junqueira, que não dormia já há 36 horas.

Do outro lado da rua, do ponto de observação criado numa janela do último andar da Pousada Estrela, devidamente camuflados, o baronete SouzaRicardo e o mercenário Armênio Xisto assistiam a tudo de camarote. Ao ver o comboio do pelotão da FSJ, veículos com as sirenes ligadas em festa pelo sucesso da captura, se afastar do Hotel PlazaPark, onde horas antes tinham plantado a isca que dera origem à operação e desviar a atenção de si próprios, o baronete SouzaRicardo socou o ar e comentou para o mercenário Armênio Xisto ao seu lado.

- Escapamos, Xisto. A nossa guerra continua.

Capítulo XXXIII

A batalha final

Com o corpo exausto, mas sem qualquer possibilidade de se entregar ao merecido repouso naquele momento, atendendo convocação do presidente SantaClara Penalva, a professora Elena Rúbia seguiu diretamente para o Instituto de Infectologia da Universidade de FlorVille, aproveitando o deslocamento na aeronave do CGI para redigir o relatório a ser encaminhado ao Alto Comando da República e ao Conselho Superior de Defesa sobre as recentes ações realizadas em ProppaMáxima em complemento àquele já enviado sobre o desmantelamento da célula atuante em JujjuCity.

Bem informada da situação geral do país, a presidente do Conselho Geral de Inteligência estava consciente de que as recentes vitórias militares nada

significavam para o resultado final da verdadeira guerra travada pelos Jardins e que o seu relatório serviria apenas como uma espécie de prêmio de pirraça, especialmente às autoridades do sistema de segurança do país. Com efeito, do ponto de vista objetivo, a derrota imposta pelas FSJ às forças invasoras e ao MLPL era irrelevante, pois o real e extremo perigo ao país residia na epidemia. Ali, sim, no âmbito da doença mortal avassaladora era travada a guerra de vida e de morte contra um inimigo microscópico capaz de levar os Jardins à completa extinção. Assim, a batalha mais importante daquela guerra estava sendo travada nos laboratórios do Instituto de Infectologia da Universidade de Florville, onde os cientistas estudavam e buscavam formas de enfrentar o VDFM-1.

A professora Elena Rúbio não sabia os detalhes, mas, nas últimas semanas, conforme relatórios emitidos regularmente pelo doutor Eurípedes Peixe - inicialmente a partir dos estudos realizados em cadáveres infectados, depois na gosma pútrida referida genericamente como PhatsGou, em seguida em amostras de sangue contaminado recolhido de doentes e, finalmente no sangue sadio trazido do PontoUm pelo general Luccas Zuccherro -, as pesquisas realizadas nos laboratórios do Instituto de Infectologia tinham avançado bastante.

Ao tempo que a professora Elena Rúbio, o mestre Carlos Junqueira e as tropas das FSJ enfrentavam células terroristas nas províncias de Nova Bulgária, Los Pardos, ProppaAstral, Jujy e tantas outras, baseada no Instituto de Infectologia da Universidade de Florville, sob a liderança e coordenação científica do doutor Eurípedes Peixe, a equipe de cientistas mobilizados nos principais centros de pesquisa biológica do país pelo Gabinete de Crise realizava estudos inicialmente simples e que, progressivamente, prosperaram, convergindo para grandes avanços, insinuando a iminente descoberta de drogas capazes de barrar a evolução e reverter males já produzidos por cargas viróticas internalizadas nos infectados, desenvolvimento de vacinas anti VDFM-1 e, ainda, invenção de substâncias capazes de agir no meio ambiente para exterminar o agente patogênico responsável pela contaminação.

Na realidade, os cientistas enfrentavam uma corrida contra o tempo, pois o ritmo de avanço dos estudos e pesquisas talvez fosse insuficiente - da mesma forma que os estudos e pesquisas avançavam, o vírus se alastrava pelo país, causando centenas de milhares de mortes num processo tão rápido que poderia extinguir a vida humana nos Jardins antes da descoberta dos antídotos. Conforme

dissera o comandante Penalva numa das frequentes visitas ao Instituto, "a salvação dos Jardins de uma nova Hecatombe está nas mãos da Ciência".

Um relance sobre o passado recente lembrava ao doutor Eurípedes Peixe as primeiras descobertas do Instituto de Infectologia. Aliás, sabendo do caráter vital do sucesso das suas atividades e contando o suporte legal oferecido pela professora Elena Rúbia para as pesquisas que tivessem o objetivo de desenvolver vacinas capazes de estancar a epidemia e drogas para o tratamento das pessoas já infectadas, a equipe do Instituto de Infectologia mergulhou fundo nas pesquisas.

No início dos trabalhos, inclusive, lembrava o doutor Eurípedes Peixe, o Instituto de Infectologia sofreu muitos desfalques pela contaminação de cientistas - como se fossem cobaias, alguns cientistas sentiram na própria pele a virulência mortal do patógeno ainda desconhecido e, contrafeitos, inscreveram os seus nomes no Panteão dos Heróis da Ciência. Aliás, por conta da sua letalidade e capacidade de expansão, o novo vírus passou a ser chamado de 'vírus do fim do mundo' pelos operadores dos microscópios, numa referência que, por todas as razões, ganhou corpo e terminou por consolidar a sigla VDFM, logo acrescentada de um sufixo numérico que antevia a

possibilidade de surgimento de mutações, quem sabe, mais agressivas - uma possibilidade muito plausível, pois, assim como outros patógenos de grande virulência e prodigalidade na produção de novas cepas, uma vez contaminados pelo VDFM-1, os doentes passam, eles próprios, à condição de agente infectante e, nesta condição, a compor um aparato exponencial de disseminação da epidemia.

O diário de Eurípedes Peixe apontava que, prontamente alçada à condição de epidemia em função da forma galopante como se espalhou pela cidade e seus arredores, a partir das entrevistas com os primeiros infectados chegados da região dos ancoradouros, os médicos do Hospital Geral de Florville identificaram a tontura, a confusão mental, as alucinações, dores generalizadas pelo corpo, arritmia cardíaca, dificuldade para respirar, tremores, insensibilidade nas mãos, diarreia, vômitos, contínuas alterações na pressão sanguínea com picos excessivamente altos ou baixos e repentinas modificações nas taxas de vários indicadores como os principais sintomas da infecção pelo VDFM-1 - conhecimento que permitiu a identificação da causa mortis dos terroristas Marcus Serzerburg e Mendo Eustáchio e, de alguma forma, contribuíra para a valorização da primeira carga do PhatsGou apreendida no país. O diário também

apontava que, ainda nos primórdios das pesquisas, o estudo anatômico dos cadáveres revelara a forma de expansão e de ação do vírus até comprometer irremediavelmente o funcionamento dos órgãos vitais, dando pistas para algumas das linhas de pesquisas imediatamente trilhadas pela equipe sob coordenação do infectologista-chefe do Instituto.

A pesquisa ganhara impulso com o estudo comparativo do sangue de pessoas sadias com o sangue de pessoas contaminadas em diversas fases da infecção. As descobertas avançaram mais ainda quando a equipe de infectologistas teve acesso ao PhatsGou - a substância trazida do exterior usada para disseminar o vírus, que foi estudada sob diversos enfoques até revelar a sua composição e, numa segunda etapa, através da sua inoculação em cobaias de diversos graus de semelhança com o ser humano, mostrar a sua ação num ser vivo. Na realidade, os estudos e pesquisas realizados diretamente no ambiente que servia de receptáculo e estufa para o VDFM-1 possibilitou a perfeita identificação do vírus - uma etapa fundamental para o encaminhamento de outras linhas de pesquisa direcionadas ao seu enfrentamento concreto.

Nos últimos dias, sem prejuízo de quaisquer das linhas de pesquisa em andamento, o Instituto de

Infectologia ganhara novo alento com a chegada de amostras do sangue sadio trazido pelo general Luccas Zuccherro do PontoUm, um país onde, surpreendentemente, não fora registrado qualquer caso de infecção pelo VDFM-1. Animado com as possibilidades abertas pelo estudo do material, o doutor Eurípedes Peixe reservou um laboratório completo para estudar as razões da imunidade natural da população do país vizinho ao vírus mortal.

Inicialmente, a partir do estudo comparativo do sangue dos habitantes dos Jardins com aquele presente nas pessoas do PontoUm, foram apontadas diferenças marcantes. Enquanto no sangue da população local haviam núcleos de proteínas decorrentes dos vastos e regulares programas de vacinação adotados nos Jardins; no sangue da população do PontoUm, como que em substituição dos núcleos de proteínas ausentes, havia uma espécie de glóbulo não conhecido, cuja existência encontrava explicação numa reação criada naturalmente pelo corpo humano para reagir à invasão de micro-organismos.

Entusiasmados com a descoberta, em experimentos isolados, os cientistas submeteram amostras dos diferentes sangues a ação do PhatsGou. Aconteceu, então, o milagre que todos esperavam. Com efeito, diante de porções do PhatsGou, enquanto as proteínas presentes no sangue dos

habitantes dos Jardins permaneceram inertes ao avanço do VDFM-1, possibilitando a sua completa infecção em questão de minutos, os glóbulos existentes no sangue da população do PontoUm, estranhamente se reagruparam em 'formação de combate' e, em bloco, investiram contra o vírus, destruindo a carga patógena ameaçadora, mantendo-o são. Com justificável alegria, os cientistas constataram que aquele glóbulo presente no sangue da população do PontoUm - logo batizado 'salvação do mundo' e ganhando a sigla SDM - era a solução que tanto procuravam. A partir dele seria possível produzir as drogas necessárias para a superação definitiva da epidemia, salvando os Jardins da nova Hecatombe tão temida pelo presidente SantaClara.

- Viva!!! - festejaram os cientistas ao compartilhar a novidade com o infectologista-chefe Eurípedes Peixe.

- Ainda é cedo para comemorações. Por enquanto, sabemos apenas como derrotar o VDFM-1. Agora, precisamos, não só descobrir como cultivar e acelerar a produção do SDM in vitro, mas, também, uma forma de aproveitar as suas características para a produção de vacinas para imunizar as comunidades sadias e medicamentos para curar as pessoas infectadas.

E, alertando que a ampuheta fatal continuava a esvair o tempo ainda disponível, o doutor Eurípedes Peixe despachou os cientistas de volta aos laboratórios.

- A missão agora é descobrir como isolar e reproduzir o agente SDM em grande escala e, ainda, como usá-lo em vacinas e medicamentos. Mãos à obra - conclamou o infectologista-chefe.

Com novo ânimo, conforme prometido desde que fora convidado para o Gabinete de Crise e ciente da importância da descoberta, o infectologista-chefe Eurípedes Peixe ligou para o presidente SantaClara Penalva com as boas novas.

- Nos próximos dias, presidente, estaremos em condição de derrotar o VDFM-1 e pôr fim à epidemia. Com base no agente SDM desenvolveremos as vacinas e os medicamentos necessários para a sua superação. É hora de o Gabinete de Crise começar a pensar em como se dará a complexa operação de distribuição e inoculação das drogas em todo o país - o infectologista encerrou, depois de relatar detalhes da descoberta.

- Parabéns, doutor. Esta notícia foi a melhor coisa que ouvi nos últimos meses.

Ao tempo que o doutor Eurípedes Peixe voltava à faina no laboratório do Instituto de Infectologia da Universidade de Florville, o telefonema do presidente SantaClara alcançava a professora Elena Rúbio ainda em festa pelos resultados dos embates ocorridos em JujjuCity e ProppaMáxima - "Largue tudo e, pessoalmente, vá para o Instituto de Infectologia, em Florville. Se inteire daquilo que está acontecendo por lá e, na sequência, venha para meu gabinete no Coliseum", disse rapidamente -, e encontrava a administradora-geral Érika César nos elevadores do Palácio Domenic Carmello, sede do poder executivo dos Jardins - "Precisamos apresentar o plano de vacinação em massa da população na reunião conjunta do Alto Comando com o Conselho Superior de Defesa no começo da noite", avisou, sem tempo para maiores explicações.

No começo da noite, reunidos no salão da república, no último andar do Coliseum, estavam, além do presidente SantaClara Penalva, a administradora-geral Erika César, o deputado-presidente Jonas Fabrício e o juiz-ministro Pôncio

Veríssimo, que integravam o Alto Comando da República Democrática dos Jardins, órgão máximo da gestão pública do país, o general Luccas Zuccherro, comandante das Forças de Defesa da República, e a professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência, que juntamente com ele próprio, integravam o Conselho Superior de Defesa, órgão máximo do sistema de defesa dos Jardins, e, ainda, o doutor Eurípedes Peixe, infectologista-chefe do Comitê de Crise e diretor-geral do Instituto de Infectologia da Universidade de Florville.

- Hoje, para talvez compensar o desastre que vemos por toda a parte, temos notícias alvissareiras - após abrir formalmente a reunião conjunta dos dois colegiados, o presidente fez um pequeno introito antes de passar a palavra para a professora Elena Rúbio, que acumulava a coordenação do Gabinete de Crise.

Embora o motivo da reunião fosse o combate ao VDFM-1, em gesto previamente combinado com o presidente, antes de convocar o doutor Eurípedes Peixe para anunciar as descobertas do Instituto de Infectologia e falar do otimismo como via o iminente desenvolvimento e produção de vacinas e de medicamentos aplicáveis à epidemia, a coordenadora geral do CGI informou sobre o desmantelamento do movimento terrorista levado adiante

pelo MLPL com a participação dos mercenários integrantes da invasão orquestrada aos Jardins meses atrás.

- Mas, o assunto que nos traz aqui hoje são muito mais urgentes e importantes - a professora retomou a pauta proposta para a reunião - Sob a coordenação do doutor Eurípedes Peixe, o Instituto de Infectologia da Universidade de Florville descobriu uma forma de exterminar o VDFM-1, abrindo caminho para a superação da epidemia e salvar a população dos Jardins da extinção.

Em poucas palavras, sem detalhar o processo que levou às descobertas ou entrar em minúcias técnicas, o infectologista-chefe do Gabinete de Crise relatou superficialmente a descoberta do agente SDM e concluiu a breve exposição com o desafio agora colocado aos dirigentes do Jardins.

- Ultrapassamos a fase mais difícil dos estudos e chegamos ao estágio decisivo do processo. Sem medo de errar, posso dizer que, com a descoberta do agente SDM, em poucos dias, o Instituto de Infectologia terá desenvolvido a vacina contra o VDFM-1 e, também, medicamentos para cura das pessoas infectadas, podendo iniciar o processo industrial de produção. Daí em diante, como eu disse ao presidente SantaClara, o enfrentamento à epidemia dependerá da rapidez e da eficiência de como as

drogas serão distribuídas no país e inoculadas na população.

Um burburinho deixou nítido o efeito positivo exercido pelas informações no estado de ânimo dos dirigentes, até então tomados pelo pessimismo.

- A notícia é muito boa, mas temos pela frente um grande desafio - e, sem maiores delongas, o presidente passou a palavra para a presidente do poder executivo, que tivera algumas horas para pensar no assunto.

A exposição da administradora-geral Erika César foi longa.

Além dos aspectos vinculados à forma ousada como propunha a vacinação em massa usando o consumo da água potável como veículo do agente SDM e aproveitamento da capilaridade do serviço postal para a distribuição dos medicamentos às unidades de saúde e endereços registrados no cadastro de imóveis de interesse para o tratamento das pessoas já infectadas, a administradora-geral abordou aspectos complexos da logística necessária para abastecer rapidamente os locais-chave e, ainda, o regime de dedicação exclusiva reservado ao serviço de saúde e ao pessoal nele engajado, pelo menos

nas fases mais cruciais da vacinação e aplicação das novas drogas contra o VDFM-1.

- Em resumo, a proposta de vacinação em massa é de concepção simples e consiste no uso da rede de distribuição de água tratada como elemento de veiculação do agente SDM - a administradora-geral explicou que, usando método semelhante àquele já empregado nos Jardins em outras ações de saúde pública, a vacina seria diluída na água potável que abastecia a população ainda nas estações de tratamento, de modo a fazer a vacinação de toda a população imediata e automaticamente - Dispensando quaisquer outras providências, para adquirir imunidade ao vírus, as pessoas precisarão apenas matar a sede com a água disponível no sistema público.

Estimulada pela ausência de qualquer manifestação discordante, a administradora-geral continuou - Naturalmente, para adotar este método de vacinação em massa, o Instituto precisará ajustar a forma de apresentação e a concentração do agente ativo à dispersão na água. Em relação ao tratamento das pessoas já infectadas, propomos que, esquecendo momentaneamente quaisquer outras atividades, aproveitando a experiência e a capilaridade da sua estrutura, o serviço postal regular seja empenhado exclusivamente na distribuição dos novos

medicamentos às unidades de saúde e a outros locais, inclusive residências de doentes e, que todo pessoal especializado seja mobilizado nos atendimentos.

Concluindo a longa exposição, a administradora-geral Érika César alertou

- Superados os problemas de produção e acondicionamento da vacina, vamos enfrentar um desafio logístico gigantesco, pois não será fácil garantir o rápido encaminhamento dos medicamentos aos milhões de infectados e das vacinas aos milhares estações de tratamento d'água existentes no país. Para fazer tudo no curtíssimo tempo que dispomos, precisaremos montar uma verdadeira operação de guerra.

- O desafio é grande, mas não será a primeira vez que montamos uma operação de guerra com este objetivo - comentou o presidente SantaClara Penalva lembrando os momentos cruciais da Grande Hecatombe.

A verdadeira guerra estava por começar.

Com a consciência de que estavam empenhados numa corrida contra o tempo, informado

permanentemente pelo Gabinete de Crise sobre a expansão da epidemia, que estava cada vez mais mortal, o Alto Comando da República acompanhava de perto os avanços das pesquisas realizadas pela equipe do doutor Eurípedes Peixe para reprodução em grande escala do agente SDM e, da mesma forma, a formulação dos planos para fazer a 'contaminação do bem' com a vacina nas estações de tratamento d'água e distribuição dos medicamentos aos postos de atendimento a pessoas infectadas, com levantamento detalhado das unidades, incluindo as localizações nas diversas províncias e providências logísticas necessárias para a vacinação em massa e aplicação dos remédios na população infectada.

Enquanto os cientistas concluíam os estudos para produção das drogas a partir do agente SDM e acionavam a linha de produção montada às pressas no Instituto de Infectologia, sempre acossado pelos números da epidemia que não paravam de crescer, o Conselho Geral de Inteligência consolidava o planejamento da gigantesca mobilização para distribuir os barris com a vacina às estações de tratamento d'água e as caixas com as ampolas aos hospitais, postos de saúde, consultórios, salões paroquiais, albergues, estádios esportivos e, mesmo, residências que atendiam pessoas contaminadas com o VDFM-1.

Finalmente, na madrugada do 15º dia depois da reunião conjunta do Alto Comando com o Conselho Superior de Defesa começou a maior operação já realizada no país.

O dia ainda não amanhecera quando, sob a supervisão geral do próprio presidente SantaClara Penalva, a administradora-geral Érika César deu as primeiras ordens para movimentação das unidades das Forças de Defesa da República. e das divisões do serviço postal engajadas na operação. Como se fosse uma correia de transmissão bem azeitada, após serem carregados com caixas carregadas com pequenas ampolas para tratamentos individuais e com bambonas que levavam concentrados SDM destinadas às estações de tratamento, os caminhões seguiam para a Grande Central, para os aeroportos, para os vertiportos, para os portos e para os pátios de redistribuição, de onde as cargas seguiam para os destinos pré-estabelecidos no planejamento detalhado pelo gabinete da administradora-geral.

Os dias seguintes foram de grande movimentação.

Numa dinâmica que, em maior ou menor escala, era reproduzida por todo o país, sem hora para repouso, os militares das FDR levavam as bambonas engarrafadas na Universidade de Florville às estações de tratamento, onde,

adicionando um ingrediente a mais nos tanques onde ocorriam as etapas finais do processo de purificação da água prestes a ser despachada para os sistemas públicos de abastecimento, despejavam porções da vacina conforme as dosagens determinadas pelo Instituto de Infectologia. Na sequência, a brigada recomeçava o trabalho, levando a vacina para outras estações de tratamento, onde repetia o procedimento através do qual, pela simples ingestão da água aditivada com o SDM, as pessoas ficariam imunes ao VDFM-1.

Noutra frente, cumprindo roteiros que capilarizavam as cidades, trabalhando em turnos sucessivos sem descanso, carteiros seguiam as planilhas elaboradas pelos supercomputadores acionados pelo gabinete da administradora-geral, fazendo a entrega de malotes contendo as novas drogas produzidas pelo Instituto de Infectologia em endereços onde, sem conhecer os fundamentos científicos do recém adotado protocolo de atendimento aos infectados, o pessoal do serviço de saúde passara a recomendar a ingestão de grandes quantidades de água e a ministrar a nova droga encaminhada pelo governo.

Em casa, onde permanecia confinada por conta do rigoroso lockdown determinado no Estado de Comoção

Social, desconhecendo a razão daquilo que acontecia nas ruas, então movimentadas por um intenso vai-e-vem de veículos militares e do serviço postal, atendendo a orientação das mensagens insistentemente encaminhadas pela Rede Teo e por todos os veículos de comunicação de massa, sem jamais desconfiar que passava a se imunizar contra o VDFM-1, a população começou a se hidratar com as maiores quantidades possíveis de água. Enquanto isso, nas casas de tratamento - fossem elas quais fossem: hospitais, postos de saúde, hospitais de campo, casas de repouso e, até residências -, além da hidratação com água da torneira, os infectados passaram a receber a nova terapia encaminhada pelo Instituto de Infectologia. E, então, deu-se o milagre. Como passe de mágica, o número de contaminações estancou e, subvertendo a rotina mórbida observada até então, pacientes infectados passaram recuperar a saúde, escapando da morte certa como vinha acontecendo desde o início da epidemia.

Na realidade, por não ter alternativa ou, quem sabe, tomar a providência adotada como tábua de salvação, desde o início da megaoperação de distribuição da vacina e dos medicamentos baseados no SDM nas cidades e nas estações de tratamento d'água, o Alto Comando dos Jardins experimentou uma onda de otimismo - um sentimento que, diga-se de passagem, cresceu junto com a chegada dos

novos relatórios de momento encaminhados pelo Gabinete de Crise. Entusiasmado a todos cada vez mais e mais, por todo o país observou-se um rápido declínio dos números da epidemia. Onde quer que tivessem sido aplicados, os medicamentos baseados no SMD produziram resultados imediatos, debelando a epidemia.

O SDM derrotara o SDFM-1.

Depois de uma ou duas semanas de completa ausência de novos casos, ao ler o relatório de momento, cujos números indicavam claramente a extinção da epidemia, sem controlar as lágrimas de emoção, o presidente SantaClara Penalva concluiu que o governo já poderia anunciar formalmente ter debelado a epidemia.

Aliás, como representava a sobrevivência dos Jardins a uma ameaça potencialmente capaz de comprometer a continuidade da vida humana no país, a vitória sobre a epidemia constituía marco tão importante para a história da República que o Alto Comando decidiu fazer do anúncio à população um evento emblemático de proporções apoteóticas. Naquele dia, logo cedo, em campanha liderada pela Rede Teo, chamadas repetidas a cada meia hora pelo sistema de comunicação dos Jardins convocou a população para acompanhar o pronunciamento que o presidente SantaClara Penalva faria no começo da noite.

Cumprindo as formalidades previstas na praxe oficial para as solenidades programadas para o pétit auditório do Coliseum, o presidente SantaClara convocou o Alto Comando, o Conselho de Defesa, o triunvirato líder das Forças de Defesa da República e alguns convidados especiais, não só entre os membros do Gabinete de Crise e do Instituto de Infectologia, mas também os parlamentares, os ministros, os juízes e os principais envolvidos no enfrentamento às tropas invasoras do país e às forças terroristas responsáveis pela disseminação do VDFM-1. Na hora marcada para a reunião-solenidade, o pétit auditório estava repleto com todos os assentos preenchidos pelas autoridades, convidados, inclusive jornalistas, cuja missão era dar eco às palavras ali pronunciadas, levando-as a todo país para criar um clima de onipresença nacional, como se cada cidadão dos Jardins estivesse ali presente.

Na primeira parte do encontro, após o presidente SantaClara Penalva assinar o Decreto de extinção do Estado de Comoção Social e fazer o comunicado solene e formal da extinção da epidemia, a palavra foi usada pelos presidentes dos poderes legislativo, judiciário e executivo, pela coordenadora do Gabinete de Crise e pelo líder da equipe do Instituto de Infectologia responsável pela descoberta do SDM e desenvolvimento da vacina e dos medicamentos. Sabendo que estavam sendo acompanhados por milhões de

conterrâneos em todo o país, em intervenções rápidas, os oradores fizeram sobrevoos setorializados sobre aspectos da guerra que, finalmente, levou à vitória sobre o vírus VDFM-1.

Finda a parte da reunião dedicada ao público interno, a solenidade foi centrada basicamente no pronunciamento do presidente SantaClara Penalva, que, em pronunciamento pela Rede Teo retransmitida por todas as emissoras, falaria à toda a população dos Jardins. Aliás, o discurso do presidente cumpriria múltiplos objetivos, pois, além de festejar a vitória, registrar o pesar pelas milhões de mortes, animar os sobreviventes e manifestar otimismo com os trabalhos de reconstrução, atendendo a preocupação do CGI, daria uma demonstração pública de coesão do governo. De fato, naqueles últimos dias, quando a vitória sobre o VDFM-1 já parecia clara, em prova de que não superara o trauma causado pela invasão dos Jardins pelas tropas do Conde Balthazar DanteGaudêncio, falando pela voz da professora Elena Rúbio, o Conselho Geral de Inteligência manifestou preocupação com a situação política do país e sugeriu que o governo apresentasse uma prova da sua coesão em torno da liderança de SantaClara Penalva. Na realidade, a professora Elena Rúbia enfrentou dificuldades para convencer a administradora-geral Érika

César a introduzir ajustes no cerimonial da solenidade de anúncio do fim da epidemia.

- Um dos objetivos pretendidos pelo Conde Balthazar DanteGuadêncio com a introdução do VFDM-1 no país foi solapar a autoridade do governo de SantaClara Penalva, criando uma crise política da qual pudesse se beneficiar - explicou a líder do CGI, propondo que a solenidade de anúncio fosse aproveitada para oferecer uma demonstração pública de unidade dos Jardins em torno do presidente, afastando qualquer pensamento em contrário.

E, assim - cumprindo script definido para confirmar a unidade do governo e a sólida liderança do presidente SantaClara Penalva, de modo a desfazer maledicências, desmoralizar boatos sobre o efeito da crise sanitária na sua base de sustentação política e dissipar insinuações, dúvidas ou desconfianças sobre a liderança do país - a administradora-geral Érika César ajustou o cerimonial conforme pedira a professora Elena Rúbio. À medida que eram anunciadas, as autoridades deixavam o lugar até então ocupado na plateia do Pétit Auditório e se dirigiam ao assento previamente determinado no cadeiral montado no entorno e por trás do púlpito de onde falaria o presidente SantaClara Penalva sob a mira de parafernália de

equipamentos encarregados de fazer a transmissão do pronunciamento ao país.

Em instantes, com a pompa exigida pelo momento, guarnecido pelas mais destacadas autoridades da república e pelos convidados especiais - administradora-geral Erika César, deputado-presidente Jonas Fabrício, juiz-ministro Pôncio Veríssimo, generais Luccas Zuccherro e Theo Pinto Fragoso, professora Elena Rúbio, doutor Eurípedes Peixe, mestre Carlos Junqueira Castro, o coordenador do Paraíso Global Aarão Simplício, comandantes militares, parlamentares de todos os partidos, ministros do Estado, governadores, juízes, prefeitos -, o presidente da República Democrática dos Jardins proferiu o discurso mais importante da sua vida.

- Graças ao esforço coletivo de todos - dos dirigentes, que foram forçados às decisões mais difíceis exigidas de um homem público; [ao esforço] dos membros das Forças de Defesa e do CGI, que enfrentaram e debelaram os núcleos terroristas responsáveis pelos atentados biológicos que trouxeram a epidemia aos Jardins; [ao esforço] dos pesquisadores do Instituto de Infectologia, que desenvolveram a vacina e os medicamentos responsáveis pela derrota do vírus assassino; [ao esforço] do pessoal do serviço postal, que levou o remédio salvador

a todos os endereços necessários, independentemente de onde eles estivessem; [ao esforço] dos administradores e operadores das estações de tratamento d'água, cujo apoio foi decisivo para a aplicação imediata e universal da vacina; [ao esforço] daqueles que prepararam o planejamento logístico da distribuição da cura milagrosa; enfim [ao esforço] de todos, inclusive daqueles cuja contribuição consistiu em atender ao Estado de Comoção Social e guardou o isolamento social, mantendo-se em confinamento residencial - [Graças ao esforço coletivo de todos] vencemos esta guerra, uma guerra cuja derrota poderia significar o fim do nosso mundo - começou o líder dos Jardins, referido no letreiro da transmissão ora como 'Presidente SantaClara', ora como 'Comandante Penalva', numa alusão ao papel decisivo que ele tivera na criação do país, quando, igualmente sob o risco da eliminação da vida humana, comandou e venceu a guerra contra o coronavírus.

Ao final de quase duas horas do detalhado discurso no qual, após prestar emocionante homenagem à memória daqueles que tombaram indefesos à sanha mortal do vírus VDFM-1, o presidente contou à nação aquilo que se passara desde a invasão dos Jardins pelas tropas do conde Balthazar DanteGaudêncio (por ele referidas como 'um grupo aventureiro cuja iniciativa nunca foi do conhecimento do governo do PontoUm'), através da Floresta Negra, no

Enclave Ultramarino do Cachimbo, até a vacinação universal da população, passando pelas dificuldades encontradas para o desenvolvimento da vacina e dos medicamentos pelo Instituto de Infectologia da Universidade de Florville (uma etapa decisiva "que contou com o apoio pessoal e generoso do presidente Neostavis MontBlanc Strauss", frisara SantaClara Penalva), ao som de aplausos e vivas por toda a República, o presidente SantaClara Penalva encerrou o discurso.

- Se considerarmos as circunstâncias das quais floresceu a República Democrática dos Jardins, com a ajuda de todos, vencemos outra guerra do fim do mundo. É hora de festejarmos a vitória, chorarmos os nossos mortos e de reconstruir o país. Muito obrigado.

E, como se comemorassem a final de um campeonato, as pessoas riram, choraram, se abraçaram, se cumprimentaram e, em meio a saudade daqueles que partiram e esperança na história que tinham pela frente, confraternizaram o fim da outra guerra do fim do mundo.

O sentimento de alegria não era geral. Nem todos tinham motivos para comemorar o fim da epidemia.

Este era o caso dos poucos sobreviventes da invasão aos Jardins ainda em liberdade. O governo dos Jardins não sabia, mas alguns dos responsáveis pela epidemia, inclusive o próprio conde Balthazar DanteGaudêncio, tinham escapado do confronto com as FDR e estavam à solta pelo país.

Sem qualquer alternativa, apesar de saberem-se responsáveis pelos ataques que quase tinham destruído os Jardins e, por muito pouco, lhes dado a vitória permitindo a conquista do objetivo pretendido, eles reconheciam a derrota e, conscientes da impossibilidade objetiva de retornar ao PontoUm, tinham decidido permanecer em autoexílio, confinados no desconhecimento protetor à espera de uma eventual mudança nos ventos capaz de viabilizar a volta para casa ou restabelecer as condições para a retomada dos planos originais. Assim, misturados à população sobrevivente dos Jardins e, sem qualquer dificuldade para assumir a identidade das suas próprias vítimas, permaneceriam no país, fingindo-se de mortos, imóveis, silentes, mergulhados no anonimato. Aquele não era momento para qualquer movimento acintoso ou mesmo para elaborar planos. Um dia, quem sabe, a depender de como a história evoluísse, poderiam voltar a sonhar a possibilidade de fazer as coisas desejadas quando cruzaram a fronteira.

Em Turmalina, acompanhado do assistente, o conde Balthazar DanteGaudêncio não acompanhou o discurso do presidente SantaClara Penalva até o fim. A quinhentos quilômetros de distância, sem qualquer notícia do antigo líder, o baronete SouzaRicardo e seu escudeiro Armênio Xisto desligaram a televisão. De qualquer forma, o som da festa que se espalhava pelo país era suficiente para lembrá-los do fracasso da aventura tentara contra os Jardins.

Os Jardins estavam em paz e ficariam assim até que G'Dausbbah despertasse e voltasse a agir.

PARTE VI

Capítulo XXXIV

A Festa

Os Jardins estavam em festa.

Havia razões para isto. Afinal de contas, quantas vezes na vida, um povo pode comemorar o fato de ter chegado à beira do precipício ou ter subido ao cadafalso e, por uma espécie de milagre, escapar da morte certa? Assim, de certo modo, festejar a vitória contra o VFDM-1 significava festejar a própria ressurreição. E, foi nesta perspectiva que, de canto a canto, em todas as províncias, todas as cidades, todos os lugarejos, todas as aldeias, enfim em todos os locais do país por mais distantes que pudessem ser, houve festa, muita festa. Pouco importava a idade, o sexo ou a profissão das pessoas. Todos caíram na folia. Uns mais, outros menos, mas todos caíram na folia.

Para que ninguém tivesse dificuldade para festejar a vida, junto com a divulgação da programação básica das comemorações oficiais e a expedição dos convite para as autoridades estrangeiras, em ato inédito, o presidente SantaClara Penalva decretou feriado nacional por três dias e determinou que a Rede Teo fizesse a transmissão ao vivo de todas as solenidades, comemorações e festejos realizadas na capital Florville e nas principais cidades do país, garantindo que todos, direta ou indiretamente, pudessem participar da festança.

A programação oficial estabelecida pela presidência da república era simples e, conforme recomendação do

Coliseum, mediante ajustes locais, poderia ser reproduzida por toda a parte. Começava com uma homenagem àqueles que tombaram no curso da epidemia - visitas e colocação de flores em túmulos das vítimas do VDFM-1 nos cemitérios, inauguração de monumentos, renomeação da principal praça das cidades aludindo-as à vitória, criação do Panteão dos Heróis e celebrações religiosas eram algumas das atividades propostas. Espelhando as homenagens aos mortos, a programação contemplava o registro da gratidão do país àqueles que se destacaram na guerra contra o vírus e propunha a entrega de diplomas de agradecimento e comendas específicas para homenagear personalidades cuja atividade tivesse sido considerada de importância para debelar a epidemia. Além das homenagens aos mortos e aos heróis, a programação contemplava a Festa - um enorme Carnaval rasgado com banquetes, girândolas, paradas, desfiles, festivais artísticos, shows e festas populares.

No dizer do deputado-presidente Jonas Fabrício, depois de padecer tantos sofrimentos, a população dos Jardins merecia aquele momento de refrigério.

- Que todos se esbaldem. Há merecimento para isto - dissera ele.

E vieram as comemorações. Houve festa por toda a parte.

Logo cedo, ao lado dos demais presidentes de poderes, de ministros, parlamentares e juízes superiores - após a rápida solenidade na qual assinou os documentos necessários e descerrou a placa que alterava o nome da Praça Maior no centro cívico de Florville para 'Praça da Vitória' -, o comandante Penalva acompanhou o ato ecumênico rezado em celebração campal diante da multidão que se espremia no espaço central do quadrilátero marcado pelas fachadas dos edifícios-monumento Coliseum, Palácio Domenic Carmello, Casa do Povo e a Torre de Cristal vislumbradas ao longe, em agradecimento pelo fim da epidemia e em homenagem póstuma às vítimas do vírus.

No longo ato ecumênico, falando diretamente aos milhões de corações enlutados do país, sacerdotes de todos os credos professados nos Jardins falaram das provações impostas por Deus aos homens, da transcendência e da renovação da vida, negando a morte como ponto final da existência e considerando-a apenas como o segundo ponto de inflexão de uma jornada iniciada desde sempre, percebida inicialmente na Terra com a efeméride referida

como nascimento e que prosseguia no planeta até o momento no qual a criatura de Deus era levada a um plano ainda desconhecido e desafiador. Assim como aconteceu por todo o país, a cerimônia religiosa rezada na Praça da Vitória funcionou como uma espécie de caleidoscópio mágico, no qual, muitas vezes sem controle das lágrimas, as emoções se encontraram e se reencontraram, misturando lembranças e esperanças, re-enquadrando a tristeza e a saudade num quadro maior de jornada contínua e de vida eterna, dando menor significado ao sofrimento, especialmente diante das marcas registradas pela História e das possibilidades abertas pelo Porvir.

Na sequência, cada vez mais consciente da importância da reconstrução dos Jardins como demonstração de respeito aos que se foram precocemente, a comitiva do presidente SantaClara Penalva se dirigiu à Paz Eterna, onde se juntou à pequena multidão que colocava flores nos túmulos recentemente construídos para acolher vítimas da epidemia para vivenciar um outro momento muito emocionante nas celebrações.

Incorporando novo monumento ao parque artístico guardado por anjos e gárgulas esculpidas por grandes mestres, em solenidade aberta com a assinatura dos decretos que formalizavam a condição de herói daqueles

cujos nomes nele estavam talhados, o governo dos Jardins inaugurou o Panteão dos Heróis da Guerra no cemitério de Florville. Idealizada pelos professores da Escola de Belas Artes da Universidade de Florville, a escultura que dava forma ao Panteão representava a barreira que suportou e conteve o avanço do vírus mortal no país, sendo constituída por uma grande parede em mármore negro, na qual estavam esculpidos os nomes de todos os mártires do esforço de combate à epidemia, listando as centenas de profissionais que, arriscando e perdendo a própria vida, trabalharam no atendimento aos contaminados, no estudo do vírus para o desenvolvimento de vacinas e medicamentos e nos serviços de campo para evitar os ataques bacteriológicas responsáveis pela epidemia.

Ao falar sobre a solenidade, a administradora-geral Érika César explicou que, em prova menor do reconhecimento público do sacrifício feito pelos mártires da luta contra o vírus mortal, o decreto de admissão de nomes no monumento estabelecia o suporte garantido às suas famílias pelo Estado.

- A República Democrática dos Jardins tem um preito de gratidão a cada um daqueles cujo nome está inscrito no Panteão dos Heróis e, em demonstração material deste reconhecimento, não deixará que nada falte às suas

famílias. Se hoje estamos aqui é porque os Heróis da Guerra sacrificaram as próprias vidas em nome de uma causa maior, possibilitando a sobrevivência do país.

A festança, que espocava por toda a parte, colocava um ponto final numa época marcada pelo risco de extinção da vida humana no Jardins e sorria um novo recomeço para todos. Constituía, portanto, o melhor momento para o registro da gratidão do país àqueles que contribuíram para a vitória sobre o vírus.

O governo dos Jardins não poupou pompa a essas homenagens.

Por designação do Ato Comando da República, o poder executivo do país criou a Ordem de Mérito dos Heróis da Salvação - uma seleta confraria honorífica formada por personalidades homenageadas em função da sua atividade no enfrentamento ao VDFM-1, em patentes variáveis segundo um gradiente de importância da contribuição oferecida ao esforço, desde o Grande Colar reservado ao comandante Penalva até a distinção oferecida aos Cavaleiros, passando pelos Oficiais, Comendadores e detentores das insígnias de Grande Oficial e Grã Cruz - e o Diploma dos Essenciais - distinção destinada àqueles que

estiveram na linha de frente do combate aos terroristas responsáveis pelos atentados biológicos que deram origem à epidemia e àqueles que se empenharam nas pesquisas e estudos que levaram ao desenvolvimento da vacina contra o vírus e dos medicamentos para curar as doenças por eles provocadas, uma honraria que, automaticamente, introduzia o agraciado na Ordem de Mérito dos Heróis da Salvação, no grau de Cavaleiro.

As distinções às personalidades de papel importante na vitória sobre o vírus foram agraciadas ainda no primeiro dia das festas, na sequência das homenagens prestadas às vítimas do VDFM-1. De fato, no embalo da inauguração do Panteão dos Heróis da Guerra no cemitério de Florville, o governo dos Jardins instalou a Ordem de Mérito dos Heróis da Salvação.

Num primeiro momento, em solenidade ocorrida no Pétit Auditório do Coliseum, o Alto Comando da República assinou os documentos de criação e de investidura da presidente do poder executivo Érika César na honrosa curadoria executiva da Ordem de Mérito dos Heróis da Salvação, dando, assim, o caráter de Assembleia Geral àquele encontro. Na sequência, após se auto investir com o medalhão da Grã Cruz da Confraria, a presidente do poder executivo e curadora-executiva Érika César agradeceu os

presidentes dos poderes legislativo e Judiciário com igual honraria. Em seguida, já ostentando o medalhão da Grã-Cruz da Confraria, o trio formado pelos presidentes dos poderes executivo, legislativo e judiciário fez a admissão do presidente SantaClara Penalva na Ordem de Mérito dos Heróis da Salvação em seu grau mais elevado, atribuindo-lhe o Grande Colar. A Ordem estava, então, instalada e, além da curadora-executiva, contava com uma Curadoria de alto nível para fazer as distinções para as quais fora criada.

A Assembleia geral foi, então, transferida para o Salão Nobre do Coliseum, onde, diante de centenas de convidados - inclusive o presidente do PontoUm, o marquês Neostavis MontBlanc Strauss, que viera do país vizinho especialmente para a solenidade -, dando sequência à primeira reunião da Ordem de Mérito dos Heróis da Salvação.

Após anunciar o ingresso de todos os agraciados com o Diploma dos Essenciais na Ordem de Mérito dos Heróis da Salvação no grau de Cavaleiro, a curadora-executiva e administradora-geral Érika César passou à chamada dos novos membros da Confraria. No grau de Oficial, foi admitido Aarão Simplício, coordenador do movimento Paraíso Global, que tivera importância decisiva nas investigações que levaram ao grupo terrorista responsável

pela disseminação do PhatsGou. No grau de Comendador, foi admitido o Mestre das Chaves dos Jardins Carlos Junqueira Castro, que liderou a investigação da invasão aos Jardins e os ataques terroristas. No grau de Grande Oficial foram admitidos o general Luccas Zuccherro, comandante das Forças de Defesa da República, o general Theo Pinto Fragoso, comandante do Batalhão Base Coliseum e membro do triunvirato líder das FDR; a professora Elena Rúbio, presidente do Conselho Geral de Inteligência, igualmente membro do triunvirato e coordenadora-geral do Gabinete de Cris e, e o doutor Eurípedes Peixe, infectologista-chefe do Instituto de Infectologia da Universidade de Florville, responsável pelos estudos e pesquisas que levaram ao isolamento do glóbulo SDM e consequente produção de vacinas contra o VDFM-1.

Concluindo a relação dos agraciados, a curadora-executiva e administradora-geral Érika César anunciou a homenagem da República Democrática dos Jardins ao marquês Neostavis MontBlanc Strauss, presidente da Federação das Terras do PontoUm, com a Grã-Cruz da Ordem de Mérito dos Heróis da Salvação. Até aquele momento, pouquíssimas pessoas sabiam da decisiva contribuição dada pelo presidente do PontoUm ao processo que descobrira a razão da imunidade dos seus conterrâneos ao VDFM-1, um mistério só desvendado graças ao sangue

humano por ele doado ao Instituto de Infectologia e, que, na sequência da descoberta, possibilitara a produção da vacina e dos medicamentos.

- A admissão do presidente Neostavis MontBlanc Strauss, presidente das Terras do PontoUm, na Ordem de Mérito dos Heróis da Salvação significa o reconhecimento da República Democrática dos Jardins da sua decisiva participação nos esforços que levaram ao isolamento e descoberta do glóbulo que recebeu o nome de Fator SDM, a partir do qual foram desenvolvidas a vacina contra o vírus VDFM-1 e os medicamentos contra as doenças dele decorrentes. Sem a ajuda do presidente Neostavis MontBlanc Strauss talvez não estivéssemos vivendo este momento tão especial - discursou o presidente SantaClara ao colocar a Grã-Cruz no homenageado.

Na realidade, além de constituir um devido e merecido gesto de justiça e gratidão, a homenagem prestada ao líder maior do PontoUm trazia à baila questões dadas como certas - colocando interrogações em temas como a inutilidade objetiva das práticas negacionistas e sobre a eventual ineficácia da superioridade científica e tecnológica - e reafirmava a possibilidade de todos, rigorosamente todos, independentemente do estágio de desenvolvimento, poderem se ajudar uns aos outros. De

fato, em certos círculos, realimentado discussões inconclusas, o avanço da epidemia sobre a população indefesa dos Jardins questionara se a prática negacionista do PontoUm era, de fato, inútil e prejudicial, pois, afinal contas, o seu negacionismo fora responsável pelo desenvolvimento da natural imunidade dos habitantes do PontoUm ao VDFM-1. Por outro lado, o avanço descontrolado da epidemia revelou claramente a necessidade de mais e maiores investimentos no desenvolvimento científico e tecnológico, pois o estágio atravessado pelo país fora incapaz de produzir vacinas e medicamentos contra a vírus e, se não fosse a ajuda providencial do presidente Neostavis MontBlac Strauss, a contaminação teria se espreado sem controle até a extinção da vida humana nos Jardins. Finalmente, o fato de a ajuda decisiva à rica e poderosa República Democrática dos Jardins ter vindo da pobre e atrasada Federação das Terras do PontoUm confirmou a possibilidade de todos, rigorosamente todos, independentemente do estágio de desenvolvimento, poderem se ajudar uns aos outros, sendo prova insofismável da pertinência do velho adágio segundo o qual 'ninguém é tão despossuído que não possa ajudar alguém e, por outro lado, ninguém é tão autossuficiente que não venha um dia a precisar da ajuda de outros'.

Ainda naquele encontro, por ocasião do coquetel servido ao recém admitidos na Ordem, devidamente orientada pelo presidente SantaClara Penalva, a administradora-geral Érika César se juntou ao general Luccas Zuccherro, nos jardins externos da cobertura do Coliseum, para manifestar ao presidente Neostavis MontBlac Strauss o desejo dos Jardins ampliarem a cooperação com o PontoUm, reduzindo as barreiras que dificultavam o intercâmbio cultural, científico e econômico

- Nossos povos têm a mesma origem e não faz sentido os Jardins não oferecerem ao PontoUm toda a ajuda que lhe for possível. Falando em nome do presidente SantaClara Penalva, transmito a Vossa Excelência a disposição do nosso governo em contribuir com o sucesso da sua gestão naquilo que estiver ao nosso alcance.

Estava pavimentada a estrada que poderia levar à progressiva redução dos desníveis entre as duas bandas do planeta.

Desde as primeiras horas do longo feriado, começaram as festas que converteram aqueles dias em carnaval rasgado, enchendo as praças de alegria, em nítido contraste com o pavor mórbido vivido há poucas semanas.

De fato, convencidas de que, finalmente, a vida voltaria ao normal, as pessoas foram às ruas, animadas pelo espírito do reencontro, da concórdia e da harmonia.

Abraços, sorrisos, cantorias, shows, brincadeiras, recitais, serenatas.

O adeus ao medo do vírus e as boas-vindas aos novos tempos foram as regras seguidas por completo.

Contornando as restrições remanescentes do longo período da estagnação econômica provocada pela epidemia, as pessoas descobriram formas de burlar a escassez e produzir cardápios igualmente deliciosos com produtos da época, desenvolvendo receitas caseiras de pratos e bebidas capazes de seduzir os glutões mais exigentes.

Em cada lugar, segundo os costumes locais, as ruas foram transformadas em passarelas decoradas por bandeirolas e adereços coloridos por onde passaram blocos, escolas de samba, pessoas fantasiadas, quadrilhas juninas, bonecos gigantes, Bois, mariachis, catirinas, La Ursas e paradas, tudo animado por bandas, baterias, retretas, trios elétricos, orquestras, pés-de-serra, fanfarras e tudo o mais, fazendo ecoar o som animado de ritmos festivos. Tímpanos vibraram e corpos embalaram sambas,

boleros, axés, rumbas, cuduros, frevos, merengues, carimbós, bachatas, maracatus, salsas, cabocolinhos, baiões, rocks, reggaes, maxixes. Em muitas cidades, sem qualquer ensaio prévio e animando repertórios improvisados, blocos foliões invadiram as ruas ao som de clarins, flautas, balalaicas, tamborins, sanfonas, cuícas, violinos, cornetas, rabecas, violões, oboés, harpas, reco-recos, trombones e tambores cuja harmonia ou cacofonia empurrava e puxava desfiles de fantasias.

Onde havia calor, as pessoas curtiam as águas e os parques, onde havia frio, as pessoas curtiam a neve. Nada conseguiu arrefecer o entusiasmo e a alegria das pessoas, as quais, soltas e leves, promoveram, desde shows e festivais ao ar livre até concursos de bonecos de neve e passeios de trenó.

A regra era festejar a vida e a chegada dos novos tempos.

Muita música, muita comida, muita bebida, muita dança, muita poesia, muito tudo. Viva a vida!

OUTRA GUERRA DO FIM DOS TEMPOS

guia de leitura

A voz de São Cristóbal. Principal jornal de São Cristóbal. Usado pelo conde Balthazar Dante Gaudêncio para reunir os mercenários espalhados pela cidade, através da publicação do anúncio ‘Circo famoso contrata acrobatas corajosos’, a mensagem cifrada usada como uma senha pré-determinada para localizar e reunir os mercenários.

Aarão Simplício. Principal líder do movimento Paraíso Global (PG). Nos tempos em que fora oficial subalterno das forças de segurança dos Jardins ganhara notoriedade pelo enfrentamento ao MLPL e fizera história na mobilização de multidões em atos públicos por todo o país, cobrando do governo central providências capazes de descentralizar o poder político e econômico concentrado nas províncias mais ricas. Por ter tido importante participação na operação que desbaratou o movimento terrorista responsável pelos atentados biológicos que deram origem a epidemia, foi admitido na Ordem do Mérito

Alto Comando da República Democrática dos Jardins. Órgão máximo da gestão pública dos Jardins, com sede no Coliseum. Círculo decisório coordenado pelo presidente da república. Aparato integrado pelo presidente da República e chefe do poder planificador SantaClara Penalva, pela chefe do poder e

executivo e administradora-geral Erika César, pelo chefe do poder legislativo e deputado-presidente Jonas Fabrício e pelo chefe do poder judiciário juiz-ministro Pôncio Veríssimo.

Armênio Xisto. Mercenário contratado no PontoUm para integrar a coluna que, sob o comando do conde Balthazar DanteGaudêncio, invadiu os Jardins. Atuou sob o comando direto do baronete SouzaRicardo na condição de seu guarda-costas, participando ativamente no ataque inaugural na região dos ancoradouros, em Florville, dando início à epidemia de VDFM-1. Sobreviveu e, com outros poucos, permaneceu à solta nos Jardins após a epidemia.

Arnoldo Escobar. Mercenário capturado por afrontar o lockdown, em ProppaMáxima, quando seguia para espalhar o PhatsGou no aeroporto da cidade.

Balthazar Pentecostes DanteGaudêncio. Mais conhecido como Balthazar DanteGaudêncio. Filho do visconde Péricles DanteGaudêncio. Conde da aristocracia do PontoUm que urdiu plano para assumir o controle República dos Jardins, a partir da disseminação de uma epidemia. Comandou a invasão dos Jardins através da Floresta Negra, no Enclave Ultramarino do Cachimbo, com apenas vinte veículos leves, armamento obtido em assalto paiol central do PontoUm e 80 mercenários, levando algum valor e suprimento da substância PhatsGou, com a qual provocou grande epidemia. Aproveitando a manobra diversionista conduzida pelo baronete SouzaRicardo em direção à capital Florville, desviou suas tropas para o sul,

alcançando São Cristóbal, onde com o concurso do MLPL e participação de 12 mercenários trazidos do PontoUm, desfechou a segunda onda de ataques com o PhatsGou. Sobreviveu e, com outros poucos, permaneceu à solta nos Jardins após a epidemia.

Bambino Loco. Bar em São Cristóbal. Funcionava como ponto de encontro do MLPL. Local onde o Conde Balthazar DanteGaudêncio teve seu primeiro encontro com o líder Jonas Stone e onde foi assassinado o vereador CidBoy.

Batalhão Base Coliseum. Unidade militar de elite, sediada no Coliseum. Era comandada pelo general Theo Pinto Fragoso.

Brazzacezza. Capital da Federação das Terras do PontoUm. Cidade marcada pelo crescimento desordenado, fruto da ausência de planejamento urbano e de disputas assimétricas responsáveis pela existência de favelas, ocupações irregulares e graves problemas ambientais.

Canal Aprígio. Curso d'água artificial usado no processo de drenagem da área e que, atravessando o tecido urbano de lado a lado, escorria para o Rio das Águas Lindas.

Carlos Junqueira Castro. Antigo 'Guardião das Chaves do Enclave Ultramarino do Cachimbo'. Foi o primeiro a detectar a inversão dos Jardins pelas tropas do conde Balthazar DanteGaudêncio. Promovido ao cargo de 'Mestre das Chaves dos Jardins', passou a ter escritório na Floresta das Antenas e

assumiu o comando da equipe que investigou os ataques terroristas em São Cristóbal.

Casa do Povo. Edifício localizado na principal praça de FlorvilleZeta, abrigava a sede do poder legislativo dos Jardins, cujo presidente era o deputado-presidente Jonas Fabrício.

Casa do Povo. Sede do Parlamento, o poder legislativo, localizada no Praça maior, ao lado do Coliseum. Um conjunto caracterizado por uma grande abóbada dourada (que cobria o anfiteatro onde se realizava a Assembleia Nacional) - e edifício pontiagudo chamado Torre Leste (que abrigava os gabinetes parlamentares) ligados por uma passarela suspensa (a chamada 'Ponte da Esperança' usada exclusivamente pelos deputados).

CidBoy. Vereador de São Cristóbal. Antigo líder do Movimento Los Pardos Livre (MLPL). Depois de longa temporada encarcerado, renunciou aos sonhos secessionistas e aderiu ao Paraíso Global (PG). Foi assassinado pelo Conde Balthazar DanteGaudêncio no Bambino Loco.

Coliseum. Sede do poder planificador, localizado na Praça Maior, em FlorvilleZeta. Um arranha-céu colossal fincado na posição extrema do tronco sul da cidade. Além do Poder Planificador, incluindo ministérios e organizações da administração, também abrigava um pequeno hotel usado para hospedar funcionários graduados em viagem de trabalho à capital e, no subsolo, além do QG do Batalhão Base Coliseum

dedicado exclusivamente à proteção do distrito administrativo sob o comando do general Theo Pinto Fragoso, [estava] o acesso à rede de túneis que interligava os edifícios públicos, garantindo-lhes uma eventual saída de emergência em caso de necessidade.

Conselho Geral de Inteligência. Órgão máximo do sistema de planejamento e de inteligência dos Jardins. Era presidido pela professora Elena Rúbia.

Conselho Superior de Defesa da República. Órgão máximo do sistema de defesa dos Jardins. Sediado no Coliseum, era presidido por SantaClara Penalva e contava com a participação do general Luccas Zuccherro, comandante das Forças de Defesa da República, e da professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência

Constelação Águia. Sistema remoto de satélites para espionagem e macro observação dos territórios de interesse dos Jardins.

Cordilheira do Grito Eterno. Cadeia de montanhas escarpadas e altiplanos suaves, cujo nome provavelmente se referia ao eco multiplicado que refratava das suas encostas íngremes

Diploma dos Essenciais. Honraria entregue àqueles que estiveram na linha de frente do combate aos atentados biológicos que disseminaram a epidemia e àqueles que se empenharam na pesquisa do vírus e nos estudos que levaram

ao desenvolvimento da vacina e dos medicamentos salvadores da vida no país.

Elena Rúbia. Professora. Presidente do Conselho Geral de Inteligência e membro do triunvirato-chefe das Forças de Defesa da República. Coordenou o Gabinete de Crise criado pelo Alto Comando da República para centralizar as ações de enfrentamento à epidemia provocada pelo PhatsGou.

Enclave Ultramarino do Cachimbo. Único distrito que fazia fronteira direta com o PontoUm. De 'ultramarino', o Enclave Ultramarino do Cachimbo nada tinha e seu nome decorria do fato de, um dia, suas terras terem pertencido ao PontoUm e, na perspectiva política, eram 'distantes', como se houvesse um mar entre eles. Região muito próxima da capital Florville.

Erika César. Com o título de Administradora-Geral da República, era a presidente do poder executivo dos Jardins.

Estado de Comoção Social. Regime especial de convivência decretado pelo governo para dificultar a propagação da epidemia.

Eurípedes Peixe. Cientista. Infectologista-chefe do Instituto de Infectologia da Universidade de Florville e membro da equipe mobilizada pelo Gabinete de Crise para estudar formas de enfrentamento à epidemia de VDFM-1. Liderou a equipe que - a partir de estudos realizados no PhatsGou, em amostras de sangue contaminado recolhido de doentes nos Jardins e do sangue sadio trazido do PontoUm pelo general Luccas

Zuccherò -, descobriu o SDM E desenvolveu a vacina salvadora e medicamentos aplicáveis a infecção.

Floresta de Antenas. Central do sistema de comunicações das Forças de Defesa da República. , instalada na

Floresta Negra. Denso maciço vegetal de árvores milenares e arbustos de todas as espécies que sobrevivera à sanha das madeiras e das mineradoras graças à preservação estabelecida nos acordos diplomáticos firmados pelas duas bandas para a zona fronteira. Floresta limítrofe do PontoUm no Enclave Ultramarino do Cachimbo, na província da Nova Bulgária, através da qual a coluna comandada pelo conde Balthazar DanteGaudêncio invadiu os Jardins.

Florville. Pérola da província Nova Bulgária, era a capital dos Jardins. Cidade nascida à beira mar, na foz do Rio das Águas Lindas, um dos muitos braços multifurcados pelo caudaloso Rio das Almas ao se esparramar pela planície Esmeralda. Florville era vizinha do Enclave Ultramarino do Cachimbo

FlorvillePrime. Nome como era conhecida a área não administrativa de Florville, a capital dos Jardins. Cortada pelo Canal Aprígio, parecia uma rosa cujo caule ligava o bulbo a uma espécie de casulo (FlorvilleZeta).

FlorvilleZeta. Distrito administrativo de Florville construído na extremidade sul do tronco transversal da cidade, segundo um projeto concebido especificamente para abrigar com funcionalidade a alta gestão pública do país, sendo o local

onde, obedecendo a cadência dos despachos e das audiências, as decisões eram tomadas para impor o *modus vivendi* seguido pela banda oriental - no lado oposto, FlorvillePrime, a localidade que dava alma à cidade, fervilhava vida por toda a parte.

Forças de Defesa da República. Órgão que operava o sistema de defesa dos Jardins. Era comandado por um triunvirato exercido pelos generais Luccas Zucchero, comandante das Forças de Defesa da República, Theo Pinto Fragoso, comandante do Batalhão Base Coliseum, e a professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência.

Gabinete de Crise. Órgão criado pelo Alto Comando da República Democrática dos Jardins para centralizar as informações e orientar o enfrentamento à epidemia.

Grande Central de Florville. Principal estação ferroviária de Florville, localizada na Praça dos Trens.

Grande Farol. Antiga torre do farol reformada para abrigar algumas das principais unidades do sistema de informações e defesa do país, incluindo o QG das Forças de Defesa da República (comandado pelo general Luccas Zuchero), o escritório-central do Conselho Geral de Inteligência (presidido pela professora Elena Rúbia) e a Floresta de Antenas.

Grande Hecatombe. Desastre sanitário decorrente da pandemia de coronavírus. Nos livros de história adotados nos Jardins, o termo Grande Hecatombe se referia a barbárie

instalada na banda ocidental do planeta pela Pandemia que dizimara a quase totalidade da população remanescente do Velho Tempo, dando origem ao período pós apocalíptico no qual viviam, chamado genericamente de Novos Tempos.

Grande Mastro. Palácio Domenic Carmello. Sede do poder executivo dos Jardins, localizada na praça maior, ao lado do Coliseum.

Hospital Geral das Águas Lindas. Hospital localizado na região dos ancoradouros, em Florville, que acolheu os primeiros casos de infecção pelo VDFM-1.

Hotel PlazaPark. Hotel de ProppaMáxima, localizado nas proximidades de Pousada Estrela. Palco da captura dos seis terroristas procurados pelo pelotão operacional a serviço da professora Elena Rúbia.

Jardins. República Democrática dos Jardins. Ocupava a banda oriental do Planeta. País surgido da Grande Hecatombe, a partir da vitória da ciência contra a pandemia de coronavírus, marcado pelo avanço e prosperidade.

JujuCity. Cidade moderna, de aparência futurista, capital da província. Foi alvo de ataques terroristas para disseminação do vírus causador da epidemia.

Jonas Stone. Líder da nova geração do MLPL. Celebrou acordo com o conde Balthazar DanteGaudêncio.

Josias Silvério. Militante do MLPL. Principal assistente do líder Jonas Stone. Participou das primeiras reuniões com o conde Balthazar DanteGaudêncio, de quem passou a ser acompanhante após a celebração do acordo.

Los Pardos. Província dos Jardins, ao sul de Florville. Ambiente no qual surgiu e cresceu o Movimento Los Pardos Livre (MLPL)

Luccas Zuccherio. General-comandante das Forças de Defesa da República. Membro do triunvirato líder das Forças de Defesa da República. Principal interlocutor dos Jardins junto ao presidente Neostavis MontBlanc Strauss, do PontoUm.

Marcondes Jjúlio. Médico desempregado, formado pela Universidade Multicultural de Los Pardos. Militante do MLPL, capturado por afrontar o lockdown, em ProppaMáxima, quando seguia para espalhar o PhatsGou no aeroporto da idade.

Marcus Serzerburg. Estudante de engenharia. Militante do Movimento Los Pardos Livre. Morreu aos 19 anos de idade, em decorrência de contaminação pelo PhatsGou no ataque a usina de tratamento e abastecimento d'água de São Cristóbal.

Mastro Maior. Palácio Domenic Carmello. Sede do poder executivo dos Jardins, localizada na praça maior, ao lado do Coliseum.

Matheus Relicário. Militante do MLPL. Barman do bar Bambino Loco que, acolhendo recomendação do vereador

CidBoy, protagonizou o primeiro contato do conde Balthazar DanteGaudêncio com o MLPL.

Mendo Eustáchio. Estudante de filosofia. Militante do Movimento Los Pardos Livre. Morreu aos 22 anos de idade em decorrência de contaminação pelo PhatsGou no ataque a usina de tratamento e abastecimento d'água de São Cristóbal.

MontBlanc Strauss. Arquiduque. Senhor plenipotenciário da província SemFim, região cujas terras se estendiam desde a margem ocidental do Rio das Almas até o outro lado do altiplano central. Arqui-inimigo do visconde Péricles DanteGaudêncio, com o qual, por muito tempo, compartilhou o poder do PontoUm, alternando a liderança de muitos morgados e a presidência do país. Pai do marquês Neostavis.

Movimento Los Pardos Livre (MLPL). Grupo baseado na província de Los Pardos, originalmente engajado na luta pela secessão da região Leste do país. Proscrito em função de acordo de rendição com o governo e, já sob a presidência de Jonas Stone, firmou acordo com o conde Balthazar DanteGaudêncio, tendo grande participação na disseminação do PhatsGou.

Neostavis MontBlanc Strauss. Marquês. Presidente do PontoUm. Filho do arquiduque MontBlanc Strauss, senhor plenipotenciário da província SemFim, uma região cujas terras se estendiam desde a margem ocidental do Rio das Almas até o outro lado do altiplano central. Teve participação decisiva no

processo que redundou no desenvolvimento da vacina contra o VDFM-1 e dos medicamentos contra as doenças dele decorrentes.

Nova Bulgária. Província que abrigava as cidades de Florville, capital dos Jardins, e Pétit Nova Bulgária

Novos Tempos. Época vivida pelo planeta marcada pelo caos advindo da Grande Hecatombe.

Ordem de Mérito dos Heróis da Salvação. Distinção honorífica criada para condecorar pessoas cuja atividade tivesse tido muita relevância no enfrentamento ao VDFM-1.

Palácio da Justiça. Chamada Torre de Cristal, um monólito delgado, sem janelas aparentes, com fachadas em vidros escuros espelhados, cercado de esculturas -, que sediava os tribunais superiores, inclusive a Corte Suprema de Justiça e os escritórios dos ministros e dos juízes seniores.

Panteão dos Heróis da Guerra. Monumento erguido no cemitério de Florville para registrar os nomes dos profissionais que, arriscando e perdendo a própria vida, trabalharam no atendimento aos contaminados, no estudo do vírus para o desenvolvimento de vacinas e medicamentos e nos serviços de campo para evitar os ataques bacteriológicas responsáveis pela epidemia. Idealizada pelos professores da Escola de Belas Artes da Universidade de Florville, a escultura que dava forma ao Panteão representava a barreira que suportou e conteve o avanço do vírus mortal no país, sendo constituída por uma

grande parede em mármore negro, na qual estavam esculpidos os nomes de todos os mártires do esforço de combate à epidemia.

Paraíso Global (PG). Movimento político de amplitude nacional que propunha a universalização do bem-estar em todas as províncias dos Jardins, em esquema sócio-político-econômico articulado de modo a eliminar todo e qualquer desnível entre as províncias e, ao mesmo tempo, reconhecesse, respeitasse e valorizasse as diferenças culturais. Assim como o Movimento Los Pardos Livre (MLPL), o movimento do Paraíso Global também adotava princípios da guerra assimétrica, seguindo velhos manuais de guerrilha, mas era contra a secessão de qualquer das províncias do país.

Paz Eterna. Cemitério de Florville. Lugar que unia sobriedade com o certo tom de alegria transcendental para produzir um tipo *sui generis* de encanto, apresentado nos mapas turísticos como 'parque artístico guardado por anjos e gárgulas esculpidas por grandes mestres'.

Péricles DanteGaudêncio. Visconde da aristocracia do PontoUm. Pai do conde Balthazar DanteGudêncio.

Pétit Nova Bulgária. Cidade moderna, de aparência futurista, na província Nova Bulgária, próxima à Florville. Foi alvo de ataques terroristas para disseminação do vírus causador da epidemia.

PhatsGou. Agente patogênico trazido pelo conde Balthazar DanteGaudêncio do PontoUm na invasão aos Jardinsp, usado como arma bacteriológica nos ataques terroristas que provocaram a epidemia.

Planície Esmeralda. Região na qual o Rio das Almas se convertia num delta manhoso espalhado através de centenas de rios e riachos antes de se lançar ao mar.

Poder Planificador. Órgão responsável pela formulação do planejamento económico e social dos Jardins. Responsável pela formulação de políticas públicas para o desenvolvimento territorial, investimentos públicos e cooperação internacional. Era presidido pelo comandante Penalva.

Pôncio Veríssimo. Juiz-presidente do poder judiciário dos Jardins. Tinha escritório na Torre de Cristal.

PontoUm. Federação das Terras do PontoUm. Também chamado de Federação. Ocupava a banda ocidental do Planeta. País remanescente da Grande Hecatombe, surgido do negacionismo científico ao coronavírus, marcado pelo atraso, sendo um polo de miséria, quase selvagem

Pousada Estrela. Hospedaria localizada na região central de ProppaMáxima, nas proximidades dos terminais de transportes e do centro comercial e administrativo da cidade. Local onde o mercenário Armênio Xisto e o baronete SouzaRicardo instalaram o QG para os ataques à cidade.

Praça dos Trens. Local onde se localizava a Grande Central de Florville.

Praça Maior. Amplo espaço cívico localizada no coração de FlorvilleZeta, coroando a extremidade sul da linha tronco vinda de FlorvillePrime. Em seu entorno estavam os edifícios sede dos principais organismos da administração pública dos Jardins., inclusive o Coliseum, o Palácio Domenic Carmello, a Casa do Povo e a Torre de Cristal. Nas comemorações da vitória dos Jardins na Outra Guerra do Fim do Mundo foi renomeada e passou a se chamar Praça da Vitória.

Principais alvos dos ataques terroristas: estação de trens, o aeroporto, o hospital regional de São Cristóbal, as estações de conexão das linhas do metrô, os principais centros comerciais, o vertiporto para dirigíveis e veículos aéreos de transporte público, o centro de convenções, feiras e exposições, o parque metropolitano de ócio, a usina de tratamento e a rede de abastecimento de água.

ProppaAstral. Província dos Jardins, cuja capital era a cidade de ProppaMáxima. Foi alvo de ataques terroristas para disseminação do vírus causador da epidemia.

ProppaMáxima. Capital da província de ProppaAstral. Foi alvo de ataques terroristas para disseminação do vírus causador da epidemia.

Rede Teo. Mecanismo de comunicação imediata com todos os endereços eletrônicos dos Jardins, gerado e impulsionado a partir da Floresta de Antenas.

Região dos Acoradouros. Localizada na confluência do Rio das Águas Lindas com o Canal Aprígio, em Florville. Região onde foram detectados os primeiros casos de contaminação nos Jardins.

Rio das Almas. Estabelecia a fronteira entre os Jardins e o PontoUm. Extenso curso d'água que, de simples regato na região do nascedouro, ganhava caudal ao descer a Cordilheira do Grito Eterno, através da Floresta Negra e se convertia num delta manhoso espalhado através de centenas de rios e riachos pela planície Esmeralda antes de se lançar ao mar.

Rio das Almas. Estabelecia a fronteira entre os Jardins e o PontoUm. Extenso curso d'água que, de simples regato na região do nascedouro, ganhava caudal ao descer a Cordilheira do Grito Eterno, através da Floresta Negra e se convertia num delta manhoso espalhado através de centenas de rios e riachos pela planície Esmeralda antes de se lançar ao mar.

Salão da República. Localizado no último andar do Coliseum, era o ambiente onde a presidência dos Jardins realizava as reuniões mais importantes, inclusive com o Alto Comando e o Conselho

SantaClara Penalva ou 'comandante Penalva' ou, ainda, 'presidente SantaClara'. Líder máximo dos Jardins.

Considerado uma lenda viva nos Jardins pelo seu envolvimento na luta contra a pandemia, a Grande Hecatombe, da qual surgira o país.

São Cristóbal. Cidade moderna, de aparência futurista, capital da província de Los Pardos. Palco aos principais ataques terroristas comandado pelo conde Balthazar DanteGaudêncio para disseminação do PhatsGou

SDM. Salvação do Mundo. Glóbulo presente no sangue da população do PontoUm resistente ao VDFM-1 a partir do qual foram desenvolvidos as vacinas e os medicamentos contra o vírus, levando à superação da epidemia nos Jardins.

SouzaRicardo. Baronete do PontoUm. Lugar tenente do conde Balthazar DanteGaudêncio. À frente de uma coluna com 12 veículos e 50 homens, comandou a coluna 'suicida' dirigida em direção ao norte, rumo a Florville, para facilitar a progressão da coluna de conde Balthazar DanteGaudêncio à São Cristóbal, capital da província Los Pardos. Junto com o mercenário Armênio Xisto, realizou os ataques na região dos ancoradouros que deram início a outra guerra do fim do mundo. Sobreviveu e, com outros poucos, permaneceu à solta nos Jardins após a epidemia.

Theo Pinto Fragoso. General-comandante do Batalhão Base Coliseum e membro do triunvirato líder das Forças de Defesa da República.

Torre de Cristal. Edifício localizado na principal praça de FlorvilleZeta, abrigando a sede do poder judiciário dos Jardins, cujo presidente era o juiz-ministro Pôncio Veríssimo.

Turmalina. Cidade moderna, de aparência futurista. Foi alvo de ataques terroristas para disseminação do vírus causador da epidemia.

Universidade Multicultural de Los Pardos. Universidade onde Marcondes Jjúlio cursara o curso de Medicina e fora cooptado para o Movimento Los Pardos Livre (MLPL).

VDFM-1: Vírus do fim do mundo. Nome dado pelos pesquisadores ao vírus trazido pela substância PhastGou, cuja infecção podia ser percebida por um conjunto de sintomas desconhecidos nos Jardins - tontura, confusão mental, alucinações, falta de ar, dores generalizadas pelo corpo, arritmia cardíaca, dificuldade para respirar, tremores, insensibilidade nas mãos, diarreia, vômitos, contínuas alterações na pressão sanguínea com picos excessivamente altos ou baixos, taxas de vários indicadores repentinamente modificadas.

VelaBranca Hostel. Hotel localizado a 800 metros da Grande Central de ProppaMáxima, no qual quatro terroristas foram capturados na casa-de-máquinas dos elevadores pelas tropas comandadas pela professora Elena Rúbia.

